HOMEM DE FERRO



VÍRUS

MARVEL

ALEX IRVINE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

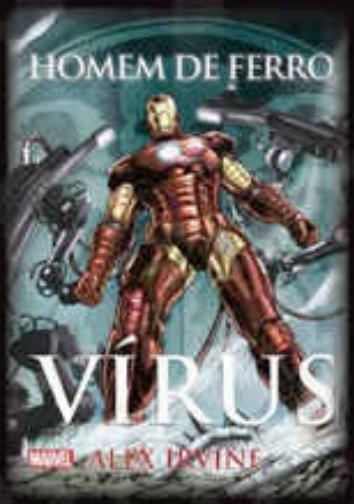

OS HERÓIS DA MARVEL INVADIRAM AS PÁGINAS DOS LIVROS...
... EM INCRÍVEIS ROMANCES PARA QUEM SEMPRE AMOU ESSE UNIVERSO (E TAMBÉM PRA QUEM NUNCA ABRIU UMA HQ NA VIDA...)
SÉRIE
MARVEL
MARVEL COMO VOCÊ NUNCA ~~VIU~~ LEU!
MARVEL
marvel.com
© 2015 Marvel
novo século
www.novoseculo.com.br

JÁ DISPONÍVEIS NAS LIVRARIAS
E EM E-BOOK











MARVEL
marvel.com
© 2015 Marvel

novo século
www.novoseculo.com.br

HOMEM DE FERRO

VÍRUS

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL

ALEX IRVINE

MARVEL
marvel.com
© 2015 MARVEL

novo século®
São Paulo, 2015

Iron Man: Virus
Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment, LLC.



marvel.com
© 2015 MARVEL

GERENTE EDITORIAL
Lindsay Gois

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES
Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO
Luís Pereira

TRADUÇÃO
Caio Pereira

PREPARAÇÃO
Jonathan Busato
Paulo Ferro Junior

DIAGRAMAÇÃO
Equipe Novo Século

REVISÃO
Samuel Vidilli

CAPA
Equipe Novo Século

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Will Conrad

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irvine, Alex
Homem de Ferro: Vírus
Alex Irvine; [tradução Caio Pereira].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

Título original: Iron Man: virus

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-01928 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

novo século®

E-ISBN: 978-85-428-0540-6

PRÓLOGO



LOADING...

PELAS JANELAS RELUZENTES de uma limusine similar a qualquer outra das dez mil limusines que apinhavam as rodovias de Long Island, Madame Hidra observava a paisagem que passava e pensava sobre o novo dia que estava para nascer para a Hidra. À sua frente, Arnim Zola estava perdido em seus pensamentos... ou, até onde ela sabia, nos dela.

Ela o aceitara com a mistura de ambição e trepidação que se sente quando se lida com uma arma perigosa. Ele tinha muito a oferecer à Hidra, especialmente devido à perda de tantos durante o último episódio infeliz com Tony Stark e a S.H.I.E.L.D.; entretanto, estava relutante em admitir que a Hidra – ou seja, que ela – precisasse dessa monstruosidade saltadora de corpos, que emergia do ardiloso anonimato somente quando sentia que tinha algo a ganhar. Madame Hidra não desejava ser alguém de quem se ganhavam coisas.

– Este é um novo tempo para a Hidra – disse Zola. Madame Hidra olhou para ele, tendo que desviar o olhar para baixo. Ela o conhecia havia anos, mas ainda olhava, por reflexo, para onde deveria estar o rosto dele, sempre que ele falava. Deitar olhos na caixa de Percepção Extrassensorial era muito inquietante. Como teria sido esse corpo quando ainda pertencia a um homem? Era possível ver que tinha sido forte, robusto. Ombros largos, tronco cheio, bem desenvolvido a ponto da tela de televisão acoplada na frente do peito de Zola não deformar os contornos do corpo. Que eram belos... até que o olhar chegasse à cabeça. Ou, mais precisamente, onde devia haver uma. Em vez disso, via-se um aparato retangular de metal brilhante, ancorado aos ombros por uma coluna de aço que se conectava – ela supunha – à espinha dorsal. Uma antena brotava do topo da caixa. A caixa de PES recebia e decifrava qualquer sinal eletromagnético, de ondas neurais a transmissões de micro-ondas, e com ela Zola podia emitir seus próprios sinais. Madame Hidra conhecera muitos

homens que afirmavam ter a habilidade de controlar mentes. Mas nunca havia visto alguém fazer isso como Zola.

Nem sabia, inclusive, se ele estava manipulando os pensamentos dela naquele exato momento.

Na tela do peito, o rosto de Zola estava sorridente.

– Um novo tempo – ele repetiu. – Vamos dar passos grandiosos juntos.

– A Hidra já deu muitos passos grandiosos – Madame Hidra retrucou com frieza.

Zola inclinou a cabeça.

– Minhas profundas desculpas se a ofendi. Não foi minha intenção. Sou uma criatura de ambição, sabe? Olho para o futuro. É difícil para mim, às vezes, lembrar que, ao olhar para o futuro, não devemos ignorar as realizações do passado.

A limusine passou pelo portão que levava à Avenida da Chegada – nome deveras floreado –, que circundava os terminais do aeroporto.

– Espero que você retorne de Washington a tempo de ver as mais recentes criações – disse Zola.

– E eu espero que você aguarde minha volta para colocar nossas novas iniciativas em ação.

A limusine parou. Madame Hidra esperou que o motorista abrisse a porta. Ela saiu para a calçada, ciente das pessoas que se viravam para olhar. Vestida de preto e esmeralda, possuía o tipo de aparência que fazia as pessoas pensarem que se tratava de uma atriz cujo nome não lhes vinha à mente. Era uma ilusão útil e inofensiva, que oferecia vantagem tanto para os enganados como para a enganadora.

De dentro do automóvel, Zola disse:

– Todos nós, às vezes, devemos esconder nossa verdadeira natureza do mundo.

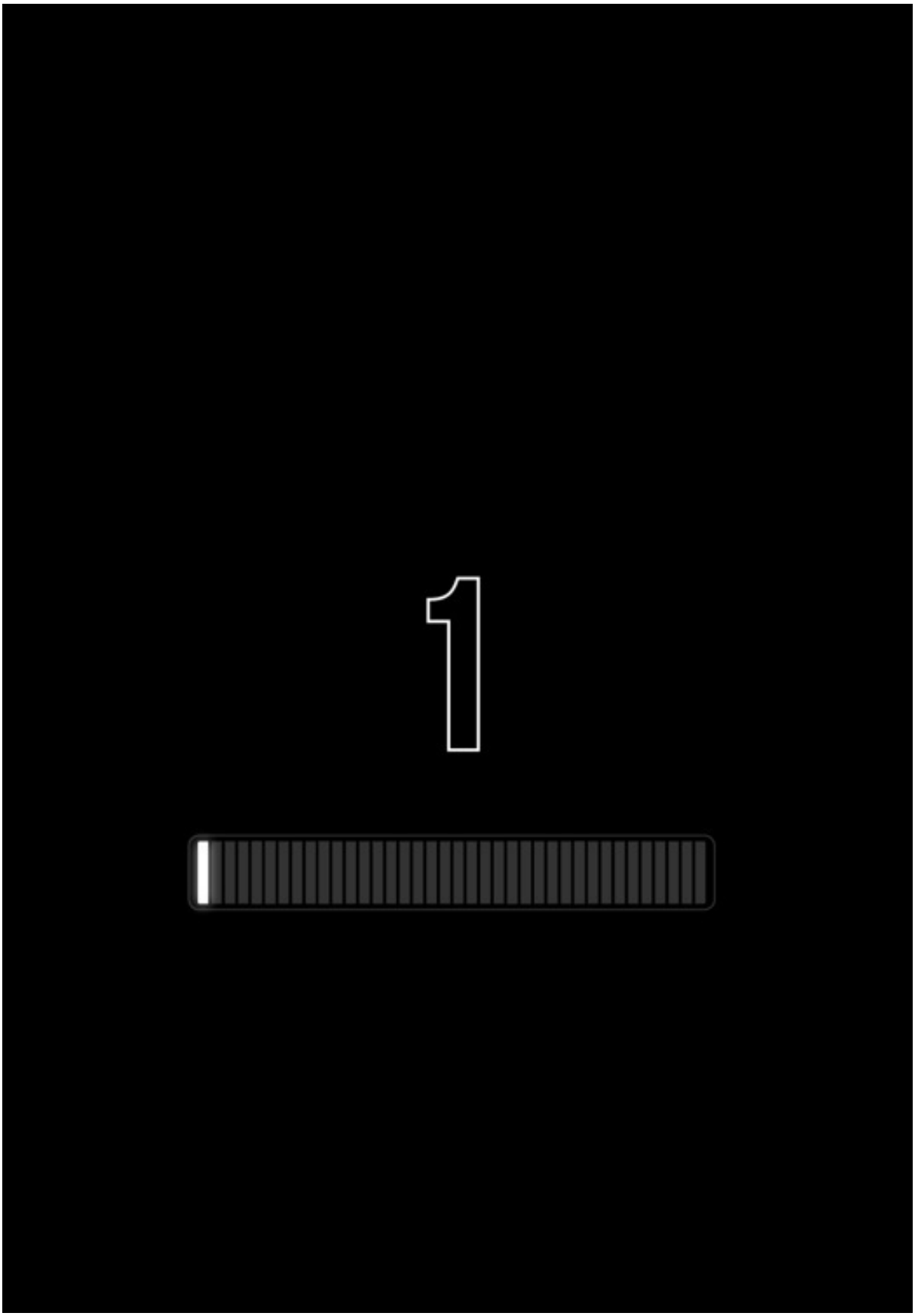
Madame Hidra suspirou.

– Estou muito ciente de suas habilidades, *Monsieur* Zola, e acho essa sua necessidade de demonstrá-las constantemente bastante cansativa.

– Mil perdões – ela ouviu, de dentro da limusine. Então, o motorista fechou a porta e Madame Hidra seguiu para o terminal, acompanhada por um funcionário que carregava sua única mala. Deu-lhe uma gorjeta de cem dólares e em seguida mostrou suas credenciais diplomáticas da Latvéria para um dos seguranças. Uma vez sentada na ponte-aérea para Washington, DC, ponderou sobre as palavras de Zola. O que estaria escondendo dela? Foi ele quem sugeriu que ela viajasse num voo regular. A S.H.I.E.L.D. andava monitorando aviões particulares de modo mais intenso. Talvez fosse mesmo boa ideia. As pessoas que ela estava para encontrar preferiam chamar o mínimo de atenção possível. Eram da Hidra, assim como ela. Muitas pessoas, algumas escondidas, outras simplesmente disfarçadas.

Zola, ela supunha, também era da Hidra. Não o apreciava, mas sua presença era necessária. Assim que ele tivesse cumprido com sua função, ela pretendia cortar-lhe a cabeça e ver se algo cresceria no lugar.

Até lá, sim. Verdadeiras naturezas deviam manter-se escondidas do mundo.


1

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Sistema de armamento de disparo de pulso, acoplado.

DESCRIÇÃO

Um sistema de geração e disparo para a produção de estouros concentrados de energia cinética que ganham força conforme viajam, adquirindo potência devido ao deslocamento de ar. Pensado para uso em conjunção com armadura pessoal como as patentes [editado], [editado] e [editado], das Indústrias Stark. A capacidade aperfeiçoada de projetar pulsos é um multiplicador de força crucial quando em campo de batalha; a tecnologia possui também aplicações industriais, como mineração, sistemas de propulsão e construção/demolição.

ARGUMENTO

Aperfeiçoa e amplia inovações tecnológicas prévias nas patentes [editado], [editado] e [editado] das Indústrias Stark. Melhoramentos específicos incluem: maior energia cinética por unidade de poder gerado, refinamento no disparo e nas lentes para reduzir a necessidade de sistemas de resfriamento no ponto de geração. Esses aperfeiçoamentos aumentam a utilidade da tecnologia de disparo de pulso em aplicações que demandam portabilidade e facilidade de uso, incluindo as áreas de controle de civis e combates de infantaria leve.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das

Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Ao longo da via expressa de Long Island, a caminho do novo laboratório, Tony Stark recebeu uma ligação de Nick Fury.

– Atender – ele disse ao telefone, e depois cumprimentou Nick. – Sargento – disse. – Como vai a guerra?

– Engraçadinho – Fury retrucou. – Aonde você vai? Estou recebendo recados de senadores preocupados achando que você não vai entregar certos itens de interesse do governo dos Estados Unidos.

– Poupe-me da dor de barriga dos senadores.

Tony observava os arredores pelos vidros filmados, à prova de balas, enquanto seu motorista descia uma rampa de acesso à estrada que levava ao laboratório. Sentia-se mais animado para voltar ao trabalho do que estivera em meses.

– Talvez eu te poupe da próxima rodada de contratos também – Fury resmungou.

Tony riu.

– Nick, por favor. Acho que as Indústrias Stark conseguem sobreviver sem receber esmolas do governo.

– Não, não se o DOD analisar tudo o que você já fez com as esmolas do governo. E só pra ser claro, não se trata de ameaça direta, mas ouvi isso sendo discutido numa reunião de comitê ontem à tarde.

– A única coisa que vai acontecer é que meus advogados vão ficar ainda mais ricos – disse Tony.

– Muitos dos senadores são advogados – disse Fury. – Lembre-se disso.

Tony suspirou. Quantas vezes já conduzira esse mesmo joguinho com Fury, com a S.H.I.E.L.D., com assessores dos senadores e dos escritórios do Departamento de Defesa?

– Quer saber? Venha até o novo laboratório. Vou lhe mostrar no que estou trabalhando, depois você pode voltar ao Congresso e dizer àqueles chorões que

seu suprimento de produtos das Indústrias Stark vai continuar sem interrupções. Talvez eles só não recebam aquilo que achavam que receberiam.

O carro parou em um portão. Os sistemas reconheceram o carro, mas o guarda da cabine fez contato visual, segundo o protocolo de permissão de Tony. Este piscou para o rapaz, e o portão foi aberto.

– Esperava que dissesse isso – disse Nick, no ouvido de Tony. – Deixe o portão aberto; estamos logo atrás de você.

• • • •

Tony estava um pouquinho furioso ao levar Nick e Rhodey para conhecer o Laboratório de Interface em Tempo Real das Indústrias Stark.*Espertão*, pensou ele.*Fury tem sempre que jogar esse joguinho pra me mostrar quem manda de verdade*. Estava triste consigo mesmo também. Foi mancada de alguém não ter notado Fury e Rhodey na cola dele a caminho do portão do complexo, e Tony estava disposto a assumir a culpa. Visualizou esquemas para um sistema de câmeras ligado por satélite que identificaria todo carro nas redondezas. Seria fácil identificar a quem pertencia cada carro, e onde estivera. A ideia cabia perfeitamente no Projeto de Controle Imediato, motivo pelo qual ele construíra o laboratório novo, na verdade.

Controle imediato.

Adorava repetir as palavras em sua mente. Também adorava a ideia de que, de qualquer lugar, ele poderia se conectar imediatamente e controlar qualquer aplicativo ligado às Indústrias Stark – através da central da armadura do Homem de Ferro. A última querela com a Hidra fizera Tony se lembrar de quão importantes eram os sistemas de comando e controle. Ele sempre soube disso teoricamente, mas o Homem de Ferro sempre fora capaz de vestir a armadura e detonar tudo, resolvendo todos os problemas. E se ele pudesse acrescentar sistemas de controle de interface múltipla, em tempo real, que empregassem mais aplicativos do que somente a armadura?

Primeiro o mais importante, Tony disse a si mesmo.*Existem muitos obstáculos técnicos para superar nas novas neurointerfaces*.

Ele deu meia-volta, pondo um fim proposital à sua irritação; deu um tapinha nos ombros de Rhodey e Fury e ergueu os braços feito um homem de negócios, apresentando as reluzentes novas instalações.

– Não aceitei nem um centavo de isenção de impostos aqui, desde que a questão das parcerias público-privadas foi mencionada. Agora deixe-me explicar do que se trata.

O prédio principal do laboratório era em formato de L, com uma área de testes exterior acoplada ao canto interno do L. A perna mais curta era ocupada por laboratórios menores e mais simples, para a confecção dos componentes individuais do sistema de neurointerface. A perna mais longa era um único piso de produção e testes, cobrindo quase 150 metros ao longo da margem de um lago que delineava o limite ao norte da propriedade.

– Gastei cem milhões de dólares neste laboratório – Tony disse, com certo orgulho –, e levamos dez semanas para passar das fundações ao funcionamento on-line. Toma essa, governo.

– Muito engraçado – disse Rhodey. – Tem mais alguma piadinha pra contar, ou podemos passar para o que você anda fazendo aqui de fato?

– Sou cheio das piadas, Rhodey, meu chapa – disse Tony. Ele deixou que um painel conectado a uma porta de ferro deslizante examinasse sua retina. Quando ela se abriu, ele acrescentou: – Mas vou mantê-las guardadas por ora.

Entraram na área de testes. Sob um teto de doze metros de altura, a instalação era dividida verticalmente em duas áreas. À esquerda, uma fileira de mesas de trabalho e miniestruturas de montagem. À direita – que ficava ao lado da área de testes exterior –, um corredor comprido e aberto, permeado aos intervalos por conjuntos de sensores e instrumentos feitos para medir de tudo, desde o fluxo laminar até a consistência química do suor do ocupante da armadura.

– Tenho uma estrutura completa de montagem lá embaixo, em outro espaço vazio – disse Tony, apontando para um conjunto de elevadores localizados na metade da parede à esquerda. – Componentes aqui em cima,

montagem lá embaixo, testes aqui e lá fora. Não vão acreditar nos resultados que já estou tendo.

– Acreditaríamos, se você nos contasse – disse Rhodey. Nick Fury assimilava as instalações com seu típico olhar calculista e reservado.*Cedo ou tarde*, pensou Tony,*ele vai me dizer o que acha. Sinto que, mesmo que ele tente ser legal, por mais estranho que isso soe, não vou gostar do que ele tem a dizer*.

– Estou falando em termos de história – disse Tony, e continuou, encobrindo um murmúrio grave de Fury. – Quando a guerra era somente dois caras com espadas, não importava o que acontecia ao redor deles. Tudo o que precisavam saber era o que o outro cara estava fazendo. Daí, quanto mais avanços tecnológicos são envolvidos na guerra, mais você precisa saber, e de uma só vez, numa área ampla, pra terminar o serviço. Na Segunda Guerra Mundial, você tinha que sincronizar o radar, o rádio, as comunicações visuais. Se não fizesse isso, e a artilharia entrasse na hora errada ou os bombardeiros atirassem no lugar errado do mapa, você tinha um "Market Garden" em vez de um "Dia D".* Tempo. Você tem que diminuir o tempo que leva pra tomar decisões de comando, usando um número grande de itens espalhados sobre uma grande área.

Ele os levou até uma tela plana de dois metros de altura, acima de uma mesa de trabalho, perto da porta. Ela mostrava um conjunto de equações e histogramas.

– Então – Tony prosseguiu –, e se você pudesse construir um sistema de batalha independente que soubesse tudo de todo fator que influenciasse nas circunstâncias do combate? E se pudesse não somente saber tudo sobre esses fatores, mas exercitar controle imediato sobre cada aplicativo a mão? Essa é a ideia. Está muito distante ainda, mas tenho feito um progresso interessante.

– Não preciso citar o velho ditado sobre planos que sobrevivem ao contato com o inimigo, preciso? – Rhodey perguntou.

– Não. Tem razão. Mas e se os planos pudessem ser refeitos imediatamente, repito, imediatamente, conforme o contato com o inimigo evolui?

– Aqui entra o complexo de Deus, Tony – Fury observou. – Ninguém pode parar o tempo, e sistema nenhum pode lidar com tantos itens diferentes de

uma só vez em tempo real.

– Ainda não – disse Tony. – Mas se você der uma olhada nisso aqui...

Fury o interrompeu:

– Tony. Você já tentou isso, lembra? Fazer essa coisa de ciborgue com a armadura? Quanto tempo levou pra consertar seu sistema nervoso?

– Nick, estou disposto a admitir por livre e espontânea vontade que aquela não foi uma boa ideia, considerando-se quão pouco eu sabia sobre o que estava fazendo na época. Mas agora, com a tecnologia que desenvolvo neste laboratório, estou descobrindo como posso diminuir o atraso entre minha resposta nervosa e a ação correspondente na armadura quase a zero, como permite a velocidade da luz. Esse é o primeiro passo em direção ao controle imediato. Totalmente exterior, por ora.

– Por ora? – disse Rhodey. Essa parte pareceu ter chamado a atenção de Fury também.

– Nunca digam nunca, cavalheiros – disse Tony. – Só porque já tive uma experiência negativa com interfaces neuromusculares não quer dizer que são uma má ideia, em princípio. Mas não vou me transformar num ciborgue. Não se preocupem.

– Transforme-se no que quiser, Tony, contanto que continue entregando o que assinou contratos pra entregar – disse Fury.

– Fica frio, Nick Fury da S.H.I.E.L.D. – Tony sorriu. – A ligação entre as Indústrias Stark e seus melhores clientes jamais será desfeita.

Mas, por trás do sorriso, ele os queria longe dali. Queria mergulhar dentro do laboratório, cercar-se de medidores de força de tensão, polímeros experimentais, canais de comunicação em nanoescala de alto volume.

Controle imediato.

Com verdadeiro controle imediato, não importaria o lugar do mundo em que estivesse; ele seria capaz de controlar a armadura como se estivesse dentro dela, e comandar um bando de drones ou infantaria mecânica, ou mesmo satélites como se fossem um cardume de peixes, todos disparados na mesma direção de uma só vez, sem receber ordem ou indicação visível. Ele estaria em todo lugar e ao mesmo tempo, independente de onde estivesse realmente. E

quando desligasse tudo, voltaria à tranquilidade de seus estudos. Sem ninguém por perto. Quanto mais aprendia sobre o potencial inerente à ideia, mais gostava dessa parte. Ação à distância, e ninguém lá para incomodá-lo quando terminasse. Esse seria o passo seguinte no controle imediato. O passo final.

– Então, senhores, se não há mais o que dizer... – Ele começou a caminhar de volta à porta. – Não consigo fazer nada com vocês por perto – disse, quando chegaram ao lado de fora, como se estivesse brincando, mas notando um tom irritadiço na própria voz.

– Se é isso que anda fazendo quando não estamos por perto – disse Rhodey –, vamos fazer mais visitas.

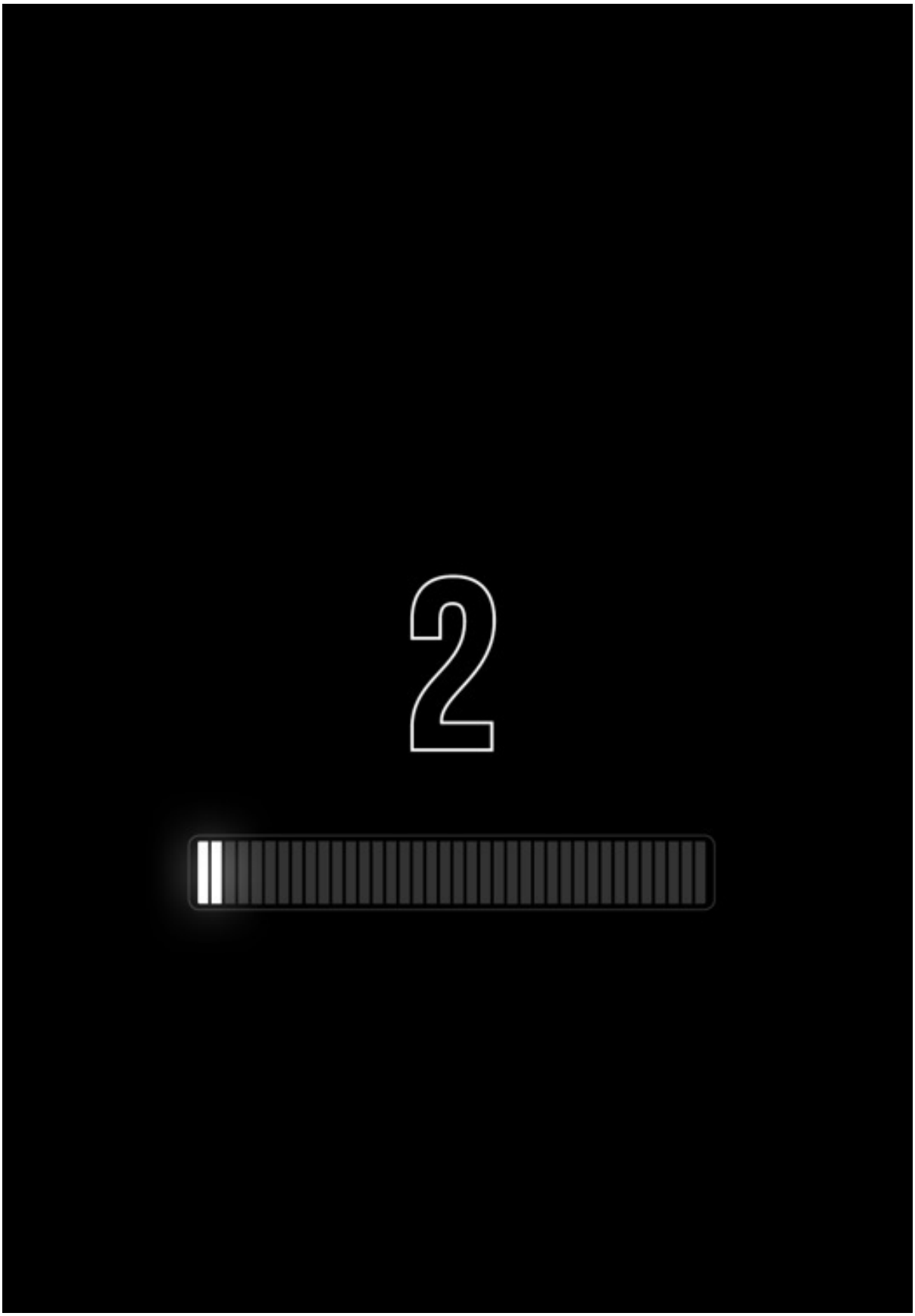
Fury foi ainda mais duro.

– Você tem obrigações, Tony. Quando não cumpre, as pessoas ficam em perigo. – Ele começou a se afastar, e Rhodey o seguiu. – Hora de pensar em alguém além de si mesmo, sr. Stark – Fury acrescentou, sem olhar para trás.

Um lampejo no céu chamou a atenção de todos. Tony viu tudo de uma só vez: a bola de fogo negra, a trilha de fumaça que ia dela até a terra, o brilho da luz solar no metal que caía. Uma colisão entre aviões, perto de Islip. O rumor da explosão os alcançou quando estavam parados e vendo tudo do estacionamento. Rhodey já havia sacado o telefone quando os ecos cessaram na atmosfera. Tony viu a fumaça se espalhando para o sul, acima do aeroporto. Perguntou-se se estavam perto o bastante para ouvir sirenes, e pensou em quantas pessoas deviam haver naquelas duas aeronaves. A voz de Rhodey, baixa e autoritária, foi o único som ouvido no estacionamento, até que Tony virou-se para Nick Fury e disse:

– Controle imediato, sargento. Se aqueles aviões ou mesmo a torre tivessem controle imediato, não teríamos visto essa cena. Agora me diga quem está pensando só em si mesmo.

* Market Garden e Dia D são os nomes de duas operações realizadas na Segunda Guerra Mundial. (N.T.)


2

> Trago notícias que valem uma comemoração: Madame Hidra morreu! Madame Hidra morreu! Madame Hidra morreu! A Hidra não mais trabalha segundo a cegueira tirânica dela; nem vocês, soldados da Hidra, marcham para suas mortes para satisfazer seus caprichos. Madame Hidra morreu! Mas a Hidra vive. A Hidra cresce. Sua cabeça foi cortada, mas outra cresce em seu lugar, mais forte e melhor do que a última. Eu sou essa cabeça. Eu sou seu guia. Vou recriar vocês à minha imagem, a imagem à qual a Hidra sempre aspirou. Juntos, seremos o colosso de muitas cabeças que finalmente alcançará os objetivos que aqueles líderes mais fracos visualizaram. Eles não conseguiram levar suas visões a cabo; nós conseguiremos. A Hidra conseguirá. Um novo tempo começou, nascido do fogo e das cinzas do fim do antigo. Uma nova Hidra ergue-se, resoluta e indomável, graças ao corte das cabeças mais fracas, que por tanto tempo os desencaminharam. Agora, vamos nos erguer para reivindicar o que é nosso, reivindicar à força o que por tanto tempo foi visado, mas falho devido à fraqueza. Vocês são a Hidra! Eu sou a Hidra! Nós somos a Hidra!

Sobre o teto cheio de lixo e fuligem de uma fábrica de chocolate abandonada, Arnim Zola observava a bola de fumaça no limpo céu azul.

– Excelente – disse ao seu clone, que, num acesso de capricho literário, batizou de Maheu. – Assim termina a vida irritante de Madame Hidra.

– A não ser que ela tenha chegado atrasada ao aeroporto – disse Maheu.

Na tela de televisão que dominava a fronte do tronco de Zola, seu rosto franziu o cenho.

– Não chegou. Fui informado.

– Esse informe confirmou que ela pegou o avião? – perguntou o clone. – Você ouviu exatamente que todos a bordo dos dois aviões morreram?

– Seres humanos não sobrevivem a colisões em pleno ar entre aviões que viajam a centenas de quilômetros por hora – disse Zola.

– Geralmente não – Maheu concordou. – Mas mesmo assim.

Zola reconsiderou, por um instante, a ideia de clonar a si mesmo. O intento seria de ter um clone que fosse um bom conselheiro, igual em intelecto, mas socializado de modo a se crer subordinado a ele. O que parecia ter acontecido, infelizmente, foi que o clone interpretara seu papel diferentemente do planejado. A criatura era meticulosamente crítica, contrária e frequentemente desrespeitosa. Zola sustentava uma teoria secreta de que algo dera errado com o clone durante sua infância acelerada, e que ele se ressentia das modificações feitas em sua forma humana original. Sua caixa de PES era muito menos poderosa que a de seu criador.*Talvez*, pensou Zola – e não pela primeira vez –,*o clone teria preferido ser um humano normal*.

Mas isso era impossível. Até uma segunda iteração de Arnim Zola não poderia ser normal. Muito pelo contrário. Zola criara milhares de clones normais – e muitos milhares de acidentes subnormais. Eram diferentes das tentativas mais focadas de recriar uma versão de si mesmo que lhe fosse útil. Maheu era o melhor, até então, de todos.

Apesar de seu irritante pessimismo.

– É bom demais para ser verdade, de fato – disse Maheu. – Infiltrar e usurpar uma organização tão nebulosa quanto a Hidra em questão de meses? Certamente existe algo que não notamos.

– Certamente? – Zola repetiu. – Se tem tanta certeza assim, talvez possa me dizer o que é.

– Tem certeza de que subornou todos os funcionários da Hidra?

– Dentre os funcionários que faltaram não há nenhum com capacidade de iniciativa. Muito menos o tipo e brio necessários para resistir ao nosso domínio. Tente discordar.

– Não posso discordar – disse Maheu. – Mas nem confirmar que você está certo. É isso mesmo que estou tentando dizer.

Zola pensou que, se havia uma única coisa de que sentia falta em trabalhar com o Führer, era o espírito prático. Não havia nada dessa enrolação filosófica

durante o Reich. Via-se o que era necessário e fazia-se o que era necessário. Foi uma pena que as opiniões irracionais do Führer nas questões do *front* russo e dos judeus acabassem por desfazer o que poderia ter sido um ambiente dos mais propícios para a busca da ciência da dominação.

Os eventos se desdobraram de modo diverso, contudo, e Zola aprendera a trabalhar com os materiais que tinha em mãos. Quando a oportunidade na Hidra se apresentou, ele enxergou seu potencial e tomou decisões com base nessa apreciação... com – era preciso admitir – os valorosos, embora obscuros, conselhos de Maheu.

Como este emergia do processo de clonagem com uma personalidade tão diferente da de Zola era um problema científico de deliciosa complexidade. Se estivesse em posição de fazê-lo, Zola teria publicado os resultados e recebido aplausos justificados. Considerara brevemente clonar-se mais uma vez no intuito de instalar o produto numa universidade onde ele poderia tornar conhecidos os resultados mais instigantes de sua pesquisa. O tempo e as circunstâncias, porém, não permitiram tal luxo, o que estimulara ainda mais o apetite de Zola para a conclusão de seus planos com a Hidra. Assim que atingisse o pináculo de seu poder, nenhuma instituição de saber ou fundação acadêmica poderia dar-se ao luxo de ignorá-lo – não importando o que dissesse.

Este era um objetivo pelo qual valia a pena lutar. Uma coisa era reconhecer e aceitar a megalomania de alguém, e Zola era certamente megalomaníaco; mas canalizar a megalomania de alguém num projeto que beneficiaria a humanidade... seria maravilhoso! E qual seria a mais elevada expressão da humanidade senão o avanço da ciência? E qual seria o maior avanço da ciência senão a criação de uma raça melhor de seres humanos, que, por sua vez, criariam outra ainda melhor?

Mas como todos os planos, este dependia de uma progressão cuidadosamente construída de passos. Zola tinha o *know-how* científico. Criara seu primeiro clone em 1940, e refinara o processo continuamente desde então. O segundo estágio, tomar o poder onde ele não lhe era concedido – isso o desiludira. Em retrospecto, ele até ria de alguns dos equívocos anteriores, por mais dolorosos e vergonhosos que tenham sido. Aprendera lições valorosas, e

estava empolgado para empregá-las. Assim que a Hidra estivesse sob seu controle total, passaria para o estágio seguinte do plano: a eliminação de oponentes conhecidos e a prevenção para evitar que surgissem novos.

Um pio baixinho que emanou de dentro da caixa de PES, inaudível para qualquer um a não ser Zola, notificou a chegada de um comunicado.

– Verificamos que o alvo adentrou o avião, Mestre – disse o operativo que Zola instalara no aeroporto de Islip para controlar os funcionários da torre. Desconectou antes que Zola pudesse responder, exatamente como fora instruído.

– E essa foi sua confirmação, Maheu – disse Zola. – Ela estava no avião. Acha que devemos esperar que o corpo dela seja encontrado aos pedaços antes de comemorar?

• • • •

Dentro da fábrica abandonada, caminhando do lado de fora do centro de comando cuja construção supervisionara pessoalmente, Zola assistia seus clones trabalhando. Onde antes eram produzidas trufas e bombons, ele guiava a recriação de seu grande projeto, o empreendimento que cimentaria de uma vez por todas o domínio da Hidra sobre a oposição, valorosa, porém condenada. Assistira e aprendera com o duelo travado pela Hidra com a S.H.I.E.L.D. e o Homem de Ferro um ano antes. Quando a poeira do confronto começara a assentar, ele agiu do modo que se espera de um executivo predador quando vê um ativo problemático, porém de valor: rápida e impiedosamente. A estrutura de comando remanescente da Hidra foi habilmente derrubada, seus ranques esvaziados, reabastecidos por operativos de sua própria criação. Com a confirmação da morte de Madame Hidra, para sua satisfação, o controle sobre a Hidra estava completo.

A caixa de PES sussurrava e respirava os comunicados e pensamentos de seus subalternos. Em diferentes tons, Zola ouvia as vozes de policiais, DJs,

pilotos, motoristas de táxi... as ondas sonoras compunham uma sinfonia à qual ele estava sintonizado em toda a sua glória.

– Você – disse a um dos clones que estavam ali por perto, esperando instruções.

– Mestre – respondeu o clone.

Você sabe a identidade de nosso operativo no aeroporto, disse Zola, passando para a comunicação sem voz através da caixa de PES.

Sim, Mestre.

Tem um Plymouth Sundance 1990 azul estacionado na rua da área de carregamento, do outro lado da rua.

Sim, Mestre.

No porta-luvas, você vai encontrar uma arma e instruções.

Sim, Mestre.

Tenho mais uma instrução: quando sua operação no aeroporto for concluída, você usará essa arma para se eliminar.

Sim, Mestre.

Vá, agora.

O clone saiu, andando às pressas ao longo do corredor; ele desceu por uma escada no canto do prédio. Era de um modelo que servira muito bem a Zola, e ele tinha certeza de que o clone completaria a missão.

– Você está assumindo um risco enorme – disse Maheu.

– Acho que não.

– Obviamente, ou teria feito outro conjunto de escolhas – disse Maheu.

Zola ignorou o clone. Considerara o risco, e o julgara aceitável. Muito mais arriscado seria ter a identidade do operativo descoberta durante a caça às bruxas burocrática que certamente aconteceria como consequência da colisão aérea. Um assassinato seguido de suicídio em Long Island? Muito recorrente.

– É sempre um erro crítico subestimar o adversário – disse Maheu.

– Não há como discordar. Para nossa grande felicidade, não estou subestimando.

– Talvez seja nossa grande infelicidade você acreditar que não está.

Zola suspirou.

– Maheu. Se eu soubesse que você ficaria esbanjando a inteligência que lhe dei com joguinhos de palavras, teria feito um conjunto diferente de escolhas nesse sentido. Madame Hidra morreu. Nossas ligações com o aeroporto logo serão desfeitas. O plano segue com vigor.

– Como todos os planos fazem, até que desabam.

– Você parece estar confundindo o papel de conselheiro com as palhaçadas de um bobo da corte shakespeariano. Se eu quisesse um *memento mori*,* bastaria pensar em todos os corpos que habitei antes deste aqui.

– E cujas mortes parecem ter falhado em lhe ensinar suas lições. Você atua com pressa demais – disse Maheu.

– Quão lentamente gostaria que eu agisse? Agora é a hora. Hesitar perante a oportunidade é tão desastroso quanto agir com imprudência. Você deu conselhos. Eu ouvi. Seja amável e evite oferecer mais até que eu peça novamente.

Maheu se afastou, e Zola embebedou-se com o sabor do sucesso. Certamente, sábio era aquele que tinha cautela quando ela se fazia necessária. Mas era bobagem retirar-se de campo com a batalha já ganha. *Meus seguidores, meus guerreiros, meu exército*, ele disse através da caixa de PES, *a Hidra é nossa*.

Toda a atividade no chão de fábrica parou, e, de uma vez, os trabalhadores viraram-se e saudaram-no.

– A Hidra é nossa! – bradaram.

Zola sentiu o calor do compromisso unificado deles em sua mente, conforme em seus ouvidos reverberou o eco daquelas palavras.

E agora devemos redobrar nossos esforços para levar nosso plano adiante. A Hidra é apenas uma parte dele. Vamos trabalhar, meus seguidores, e levar nosso projeto à sua gloriosa realização!

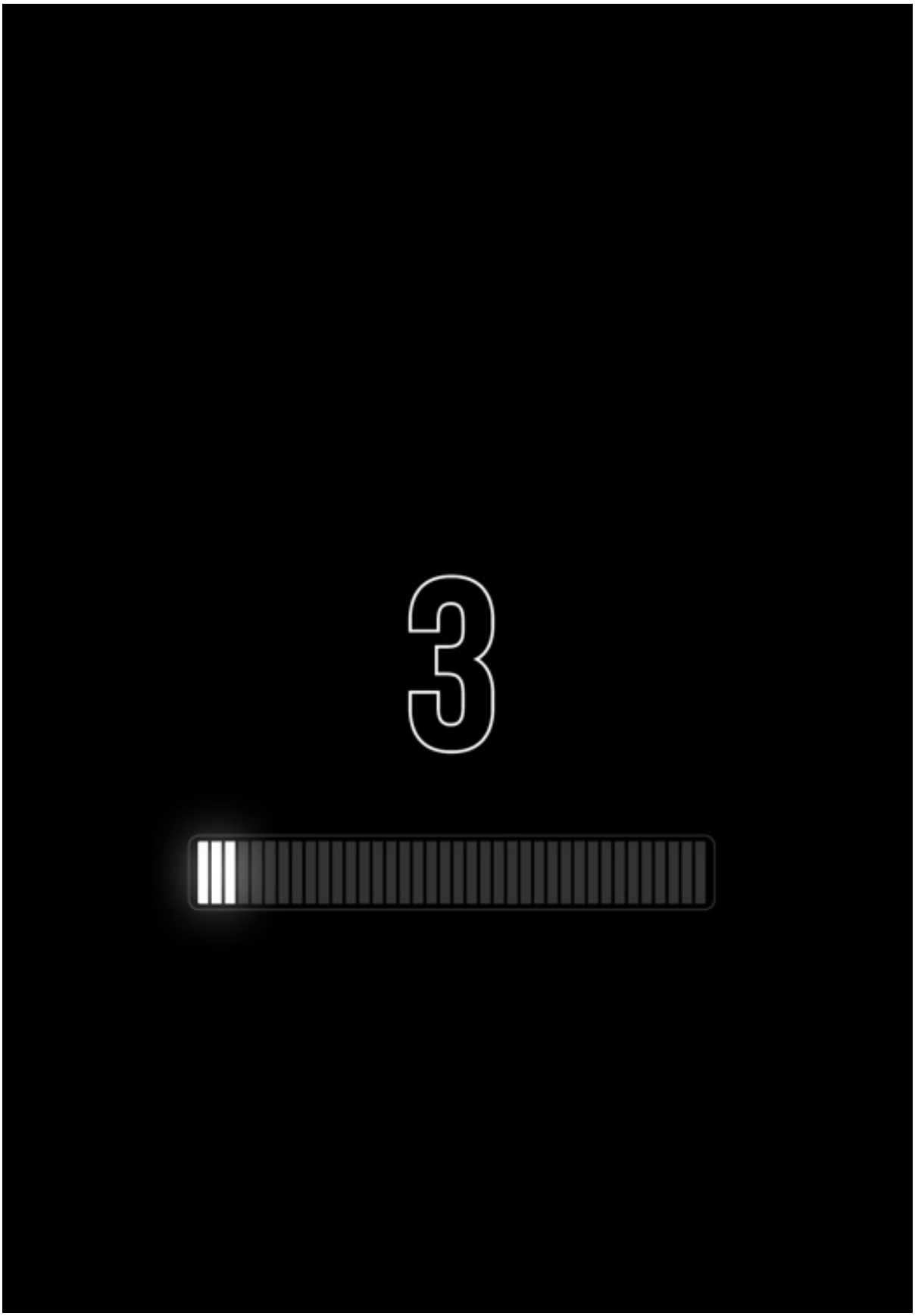
Novamente em perfeito uníssono, os operários e técnicos abaixo dele retornaram a suas funções. Havia materiais a sintetizar, temperaturas e pressões a monitorar, processos de treinamento e aceleração cognitiva a administrar. O chão de fábrica retomou a ação, e em questão de segundos estava exatamente como estivera antes que Zola o pausasse para transmitir sua rápida fala. Maheu apareceu no local, desviando do maquinário e tirando corpos

do caminho, a caminho das instalações de treinamento subterrâneas, cuja eficiência operacional permanecia inaceitavelmente baixa.

A fase seguinte do projeto se desdobrava. *Até mesmo o executivo predador sabia quando agir e quando esperar o momento propício para a ação*, pensou Zola. Tudo se resumia a negócios.

Mas não seriam os negócios somente uma metáfora para a guerra?

* Expressão latina que significa algo como “lembre-se de que você é mortal” ou, traduzido literalmente, “lembre-se da morte”. (N.E.)


3

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Projetor raio-uni e peças de calibração, acoplado.

DESCRIÇÃO

Derivado da mesma tecnologia que o raio repulsor integrado a versões anteriores da armadura corporal pessoal das Indústrias Stark (ver lista de patentes existentes, anexada), o raio-uni combina energia eletromagnética e de calor com uma frequência de luz altamente variável que pode ser automaticamente ajustada para aumentar sua potência. Frequências disponíveis vão do infravermelho ao ultravioleta, criando uma arma única, que apresenta desafios múltiplos para as defesas de qualquer inimigo.

ARGUMENTO

Ao integrar as funções de diversos sistemas de arma individuais anteriores, o raio-uni cria uma nova categoria de capacidade ofensiva. Nenhum sistema de armas existente, com exceção de armamento nuclear tático e estratégico, ataca um alvo simultaneamente com energia de calor, cinética e eletromagnética. Este modelo tem, ademais, a virtude de integrar-se perfeitamente aos sistemas existentes de armadura corporal pessoal das Indústrias Stark, incrementando suas capacidades e criando novas possibilidades potencialmente transformadoras para infantaria de campo de batalha e unidades de armadura leve.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das

Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Após passar uma semana tentando apaziguar Fury ou quem mais o estava segurando pela coleira em Washington, Tony percebeu que se encontrava com o tipo de fissura que só poderia ser resolvido com uma noitada na cidade. Precisava ouvir música, ter uma garota nos braços, precisava passar um tempo fazendo coisas boas. Pepper Potts, assistente extraordinária e a melhor garota que Tony conhecera na vida, entrou no escritório enquanto ele passava o dedo para cima e para baixo sobre uma tela *touch screen*, resolvendo para quem ligar.

– Que ligação mais difícil de fazer – ela disse, ironicamente.

– A tirania da escolha – Tony retrucou.

– Escolha alguém que não vai querer necessariamente ver de novo depois – Pepper aconselhou. – É o que funciona melhor quando você só vai sair porque não aguenta mais ficar olhando pras paredes do laboratório.

Tony sorteou um número na tela.

– Do que está falando?

– Tony, por favor. Às vezes parece que você espera que eu entenda a sua personalidade tanto quanto tudo mais. Quando você entra nessa fase estranha em que tem andado no trabalho, toda vez que tenta resolver marcando um encontro, acaba sendo o maior idiota. – Tony a fitou com cara de bobo; ela imitou a expressão e exagerou um pouco mais. – Não se lembra mesmo das conversas que já tivemos sobre esse assunto?

– Sinceramente, não – disse Tony. – Mas vou confiar no que diz, já que você me conhece. Hum – ele continuou, voltando sua atenção para a tela –, alguém que não vou querer ver de novo. Que tal... Serena Borland? Pep, quem é Serena Borland?

– Tem horas que dá vontade de te matar – ela disse, saindo do escritório sem dizer o motivo pelo qual entrara ali.

• • • •

Tony buscou Serena Borland às dez, após refrescar a memória com uma pesquisa na internet sobre quem ela era. Conheceram-se numa exposição de arte, dois anos antes, no Whitney, e Tony ligara para ela algumas vezes desde então, mas aquela foi a primeira vez em que suas agendas não entraram em conflito. Era a garota ideal para ser vista ao lado de Tony Stark: um avião com o tipo certo de perfil (família politicamente ativa cujo trabalho consistia em cuidar da pilha de dinheiro das gerações anteriores) e interesses (arte, bem-estar infantil, causas nobres de toda espécie), além de não se levar muito a sério. Essa última qualidade era a única da qual ele se recordava genuinamente do encontro inicial, e o único motivo para isso era que ela tinha conseguido tirar sarro de um trabalho de Alexander Calder em frente às câmeras. E ela o fez não por ser burra e não entender arte, muito pelo contrário: por entender arte e não gostar de Calder, não se importava que soubessem sua verdadeira opinião.

Boa escolha, Tony disse a si mesmo ao vê-la sair, assistida por um polido porteiro, de um prédio em frente ao Gramercy Park.

– Jazz – disse quando ela entrou no carro, assistida por Happy Hogan, no carro. – O que me diz?

– Fechado – ela respondeu. – Jazz. Quem?

– Quem quer que esteja no Vanguard – Tony disse. – Estou numa pegada *vintage*.

Quando chegaram, a tempo de pegar o segundo *set*, Tony não sabia quem estava tocando e não se importava. Estava lá para encontrar os fantasmas do antigo Vanguard que ele jamais conhecera. O conjunto tinha à frente um multi-instrumentista que ocasionalmente se colocava a tocar dois ou mais instrumentos de uma só vez, à *la* Rahsaan Roland Kirk. No começo, parecia enrolação pura, mas escutando-o tocar, Tony percebeu que só quem não conseguia acompanhar pensaria tratar-se de enganação. O celular dele vibrou cinco minutos depois que chegaram com uma mensagem de texto de Pepper: *Dois martínis, e nada mais*.

Sim, sim, ele respondeu, e desligou o telefone.

Depois foi só conversa com Serena – que, ao contrário das expectativas, chegou a encantar Tony – e jazz, e os dois martínis que ele se permitiu pedir.

Mas apesar dos encantadores atributos da moça e a tonalidade envolvente da banda, sua mente vagava. Para o laboratório, para o problema da vez. Para a armadura. Estava na hora, ele percebeu. Certa vez, ele tinha acoplado a armadura ao próprio corpo e quase morrera por isso.

Mas e se a acoplasse à sua mente?

– No que está pensando? – Serena perguntou, no intervalo seguinte do *set*.

– Tem razão – Tony disse. – Desculpe. Pensei que pudesse fugir do trabalho, mas ele me persegue. – Ele colocou os cotovelos na mesa e o queixo sobre os dedos. – No que você está pensando?

– Em como tirar sua mente do trabalho. – Serena virou o que restava de seu cosmo. Antes mesmo de tentar chamar o garçom, ele apareceu com outro drinque. Ela sorriu para o rapaz e voltou sua atenção para Tony. – Então, do que se trata? Ou você não quer falar sobre isso?

– Quero – disse Tony. – Mas não posso falar de tudo. Então, aqui vai o que posso falar. Estou bem na beirada. Sou Moisés olhando para Canaã. A revelação está logo ali, e acho que sei como alcançar. O fato é que não é exatamente o que o cliente quer.

– O cliente? – Serena caprichava no cosmo. Tony podia estar se restringindo a dois, mas ela, pelo visto, não tinha o mesmo escrúpulo. – Quem é esse cliente que pode mandar em Tony Stark?

Boa pergunta, pensou Tony. *E se eu mandasse o Fury pro inferno, curto e grosso? AS.H.I.E.L.D. precisa de mim mais do que eu preciso dela. O mesmo vale pro Departamento de Defesa*.

Ah, mas havia a questão da lealdade. O Homem de Ferro não fugia das obrigações. Tony Stark também não. Pelo menos era esse o seu eu ideal. Seu eu verdadeiro era um pouco mais obscuro.

– É uma grande chatice ter que fazer jus à sua imagem pública, sabia?

– Sei muito bem – disse Serena.

– Será que quero cortar todas essas relações profissionais? Creio que não. – A verdadeira questão, não dita, era: será que quero me livrar do peso de ser o Homem de Ferro, a responsabilidade de estar pronto sempre que algum problema ficar grande demais para a S.H.I.E.L.D. resolver? Será que quero

trazer as Indústrias Stark de volta à pesquisa pura e à ambição pura, e me livrar do peso de fornecer ao Departamento de Defesa todos os brinquedinhos que ele pode imaginar, mas não sabe como produzir? – A pressão me pega de jeito, às vezes.

– Imagino. – Serena talvez fosse prosseguir no assunto, mas a banda entrou novamente no palco, e quando encerraram a apresentação com uma apaixonada, embora um tanto superficial, homenagem a Ornette Coleman, a conversa havia seguido para outra direção. Lá fora, Tony encontrou Happy roncando dentro do carro, na Sétima Avenida.

– Hap – disse ele. – Hora de ir pra casa. Se eu fosse ladrão de carro, teria roubado você junto com o veículo.

– Tony, oi, desculpa. – Hap se recompôs e saltou do carro, deixando cair do colo uma edição do *Daily Racing Form*, dobrada e cheia de anotações. Ele deixou Tony e Serena entrarem no carro e os levou pelo Village e pela Union Square, a caminho do apartamento de Serena.

– Tony – ela disse, quando estavam a três semáforos do seu quarteirão. – Nunca vi as Indústrias Stark por dentro.

Eram duas e meia da manhã, e Tony notava que podia cada vez menos manter sua atenção voltada para ela, enquanto cada vez mais ela vagava para Long Island, para brincar entre os monitores e simulações das coisas que ele desejava construir.*O peso*, pensou ele. Tony Stark tinha que ter jogo de cintura.

– Hap – disse ele. – Vamos voltar pro escritório.

Entraram pela porta da frente, que abriu quando o sensor detectou e reconheceu a assinatura genética de Tony.

– Não faz muito tempo gastei um monte de dinheiro no saguão. O outro era legal, mas esse aqui representa mais o que estou fazendo, eu acho.

Não era a austeridade de mármore e vidro de tantos outros escritórios do centro. O que Tony queria com a reforma era criar a sensação do indomável em busca do inconcebível. Ele queria que quem visitasse as Indústrias Stark – sem falar nos possíveis clientes – entrasse e ficasse estarrecido pela impressão de que aquele era um lugar onde o impossível acontecia. O piso era de aço polido, e o saguão se estendia vinte andares acima, com as torres de elevadores

formando uma coluna bem no centro. Passarelas de polímero translúcido circulavam o saguão em cada andar, e cada sala era fronteada por janelas que iam do piso ao teto, através das quais o visitante poderia acompanhar as atividades de escritório, laboratório e sala de reuniões. Conhecimento! Inovação! Era isso que Tony desejara que aquele espaço expressasse.

Essas coisas, e, claro, poder!

– Meu Deus – disse Serena.

– Na verdade, não é tão impressionante de dia, quando todos os funcionários ficam zanzando pra todo lado, estragando o panorama. – Tony observou o saguão, e a reação de Serena ao vê-lo, com certo orgulho.

– Você falou da pressão – disse Serena. – Quando chega ao trabalho toda manhã e vê isso aqui, não há como não colocar pressão em si mesmo.

Ela tinha razão, Tony pensou.

– São expectativas que temos que cumprir. Não posso simplesmente alugar um andar do Empire State.

Então ela deu uma cutucada:

– Ouvi dizer que você vive no último andar.

– Ouvi dizer a mesma coisa.

– Que tal irmos lá pra cima e aliviar o resto da pressão? – ela perguntou, aproximando-se dele.

– Querida – disse Tony. Aquilo vinha contra cada instinto dele, mas ele a segurou com firmeza pelos braços e reestabeleceu o pequeno espaço que os separava. – Embora você seja o maior avião e motivo de inveja para todas as mulheres do mundo, hoje não é o dia. – Por cima do ombro dela, ele encontrou o olhar de Happy. – Se importa de dar uma carona à srta. Borland até a casa dela, Hap?

– É pra isso que estou aqui, chefe.

Happy foi até a porta e esperou, segurando-a aberta, até que Serena compreendeu que não conseguiria convencê-lo.

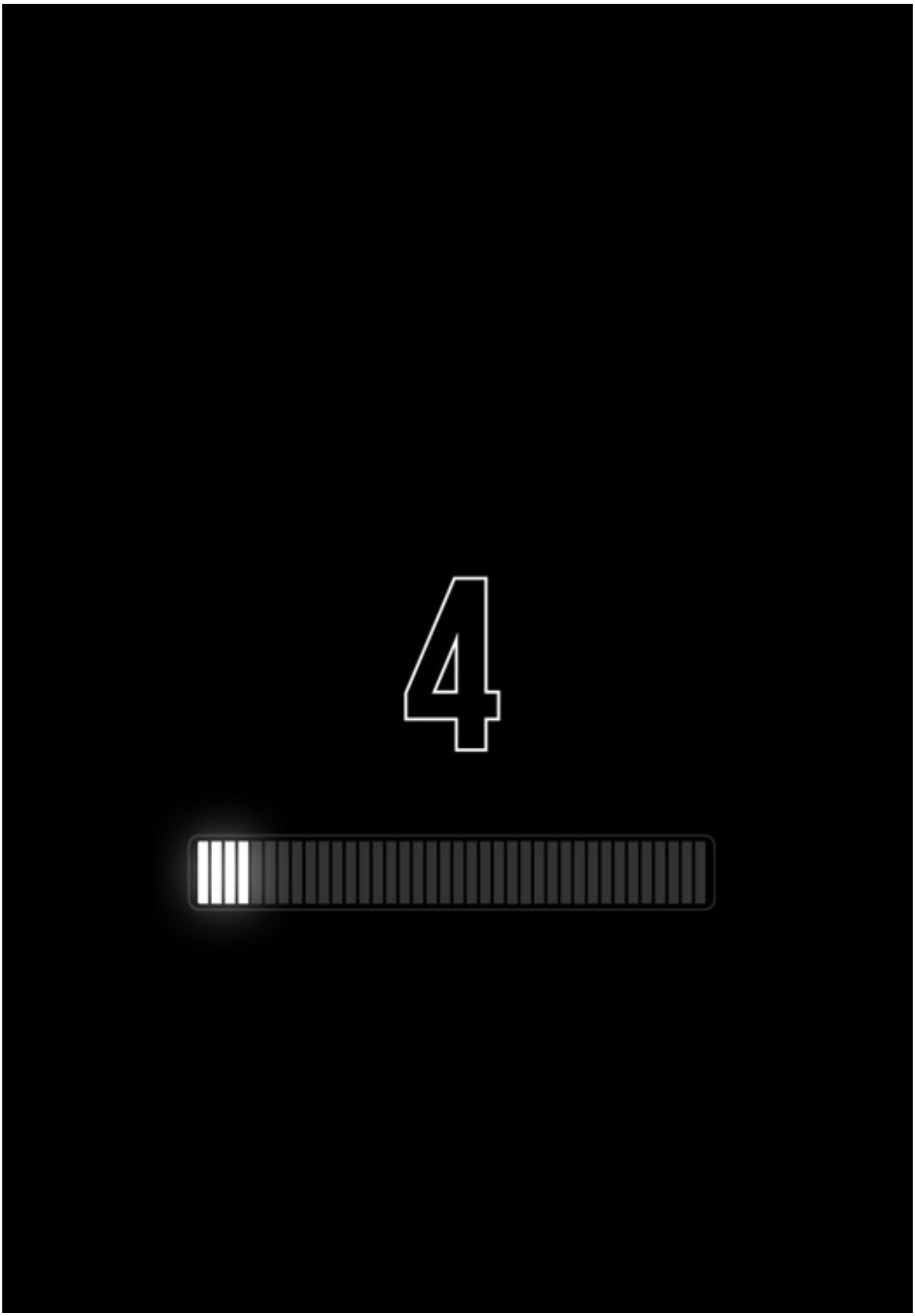
Repeliu as mãos dele que seguravam seus braços e disse:

– Tony Stark. O que será que te aconteceu?

Então, sem dizer mais nada, saiu do magnífico saguão, entrou no carro e ficou sentada, olhando para a frente, enquanto Happy fechava a porta.

Tony mal podia esperar para chegar ao laboratório. Foi no próprio carro, saindo com tudo da garagem subterrânea, costurando o trânsito que levava ao túnel do centro. Assim que chegou ao Queens, acionou um brinquedinho especial que inventara para afugentar os agentes de tráfego quando precisava chegar rápido em algum lugar. Ele fazia correr uma carga pela pintura do carro (um preto brilhante, também criado por Tony) que transformava o veículo num automóvel furtivo. Radares não tinham uma imagem clara dele, nem fixavam sua velocidade – e mesmo que pudessem, o carro poderia deixar comendo poeira qualquer coisa que os departamentos de polícia de Nova York e de Long Island tinham a oferecer. Acelerou até 160 km/h, não querendo ser imprudente, e chegou ao laboratório em meia hora.

Lá dentro, respirou fundo e se sentou no console de controle que tentara mostrar a Rhodey e Fury na semana anterior. Tony estava cansado de pegar leve. Ficara preso à ideia da armadura como algo separado dele, quando na verdade o que precisava fazer era recriar a interface como se a armadura fosse parte de seu cérebro, e suas interações com ela tão rápidas e intuitivas quanto a interação entre a parte do cérebro que recebe a luz e a parte do cérebro que pensa "vermelho". Tão rápida quanto a parte do cérebro que faz a pessoa piscar quando o oftalmologista atira ar em seu olho. Não, mais rápida ainda. A armadura seria uma parte dele. Não acoplada, não. Ele aprendera a lição. Seria uma parte dele mesmo no sentido de que, quando a vestisse, seria como devolver a visão a um homem cego.


4

> Você possui, brilhando em algum lugar entre axônio e dendrito, uma memória de seu eu anterior? Não. Você não possui um eu anterior. De um monte de proteínas, eu a criei. Só você. Outros eu crio de novo, e de novo, até que posso visualizar um mundo dominado por um único rosto. Você é diferente. Tão raramente digo isto a uma das minhas criações: você é diferente. Escute, entenda. Existe apenas uma de você, assim como existe apenas uma de seu modelo. Você é melhor do que ela – mais inteligente, mais forte, mais bela e mais comprometida. Ela é um desperdício, como a cidade que a idolatra. Você é energia e motivação, potencial para a grandiosidade. Você é uma parte indispensável da Hidra. Eu a criei para ser assim. Eu a criei para ser um elemento da Hidra sem o qual nosso plano não possa sobreviver. Peço-lhe que se mova pelo mundo usando a máscara de seu modelo, e retorne a mim com um presente. Um presente dos menores eu lhe peço: quatro aminoácidos, arranjados de modo particular. Pode fazer isso por mim? Sim, porque você é Hidra. Da Hidra você nasceu, e pela Hidra vai seguir adiante e trazer esse presentinho, a partir do qual muito vai ser criado.

No carro a caminho do apartamento de Serena, Happy estava incomodado. Não gostava do jeito com o qual ela falava com ele, e não sabia se conseguiria comentar sobre isso com Tony.

– Sei que não devia dizer isto – ela disse, lá pela quinta vez desde que deixaram Tony no escritório –, mas ele parecia estranho. Não era o Tony que eu conheço.

Você não o conhece assim tão bem, pensou Happy. Todos pensavam conhecer o chefe, mas o que eles viam era uma imagem numa tela de televisão e nas páginas dos tabloides. Como qualquer outro de sua posição, o chefe tinha uma *persona* pública que nem sempre batia com sua personalidade real.

– Você não precisa ser rude – disse Serena.

– Desculpe – disse Happy, embora não estivesse sendo. – Só estou pensativo.

Estava também torcendo para que o chefe nunca mais quisesse ver essa tal de Serena.

Ele parou o carro na calçada do prédio dela e saiu para lhe abrir a porta. Ela roçou o braço nele ao sair – de propósito. Happy dera espaço suficiente para ela passar.

– Fico surpresa por Tony deixá-lo levar as mulheres para casa.

– Quer que eu a acompanhe até a porta? – Happy perguntou. De jeito nenhum ele se aproveitaria do sinal que ela estava mandando para ele.

– Pode ser? Seria ótimo. – Ela o pegou pelo braço e eles cruzaram a ampla calçada juntos. Na base da escadaria que levava à entrada do prédio, ela parou e se voltou para ele. – Obrigada, Happy – disse e, mantendo os olhos fixos nos dele, segurou-o ali por um incômodo instante. *Não faça isso*, pensou ele. A mão que ela deixara descansando no braço dele ergueu-se até o rosto do motorista, que não pôde mais se conter. Ele se afastou, e uma das unhas dela acabou raspando sua pele, bem abaixo do queixo.

– Ah! – ele disse, pegando-a pelo punho.

Logo em seguida ela se desculpou.

– Ah, Happy, me desculpe – disse, puxando a mão, de punho fechado, que manteve ao lado do quadril. – Desculpe. Não foi minha intenção.

– Nossa, obrigado.

– Não, não é que eu não gostaria disso. Eu... Happy, será que podemos esquecer que isso aconteceu? Você é um homem bonito, mas eu não devia ter feito isso. Sinto muito.

– Deixa pra lá.

– Sim – disse Serena. – Deixa pra lá. Não aconteceu nada.

– Por mim, tudo bem.

Ela subiu as escadas e cruzou a porta de entrada. Happy voltou para o centro, passando pela ponte Williamsburg e pelas ruas sujas entre a ponte e sua casa, na Ten Eyck, perto do canal English Kills. Era um condomínio novo, a menos de um quilômetro da parte de Bushwick em que ele crescera. A casa nova

e o carro, um Mustang esportivo com uns incrementos da pesada saídos das Indústrias Stark, eram seus dois prazeres na vida. Happy sentou-se no sofá, ligou a TV e pegou um jogo dos Yankees no meio. *Tony e sua mulherada maluca*. Ficou feliz por estar em casa.

• • • •

Zola esperava, na fábrica de chocolate, pela confirmação de que a missão da noite fora cumprida. A caixa de PES cutucava os cérebros de seus clones, revezando entre seus pensamentos para criar uma impressão multifacetada de tudo o que acontecia naquele andar… e no porão. Seu olhar perpassou as fileiras de câmaras de crescimento que ocupavam mais da metade do chão de fábrica. Cada uma era uma maravilha que somente ele poderia ter criado. Cilíndricas, dois metros de altura, um de raio, cada câmara continha oitocentos galões de meio de crescimento. Nanoprocessos autorreplicantes no meio construíam uma estrutura similar ao esqueleto humano. Os nanoprocessos, então, consumiam a estrutura para construir o verdadeiro esqueleto da medula para fora, e o restante do clone do esqueleto para fora. O meio em si era uma solução química composta dos elementos necessários para a construção de um corpo humano – basicamente oxigênio, hidrogênio, carbono e nitrogênio. Desses quatro elementos, apenas, 96% do corpo humano era produzido, e eram fáceis de encontrar em quantidade grande. O restante – cálcio, potássio, fósforo, todos os elementos necessários para as funções biológicas mais refinadas –, Zola comprava aos montes por meio de uma empresa fantasma que fazia pedidos para aulas de química em escolas não existentes.

Era tudo tão fácil! Bastava pegar água, ar e carvão e, se houvesse um modo de rearranjar as moléculas, vida humana poderia ser criada. Os primeiros experimentos de clonagem feitos por Zola foram crus, até bestiais. Somente cinco anos antes ele finalmente delineara um nanoprocesso de trabalho que pudesse produzir resultados confiáveis. Com a descoberta em mãos, ele seria como Cortez contra os astecas, trazendo armas de fogo e aço moldado para uma

batalha na qual o inimigo possuía somente tacos e facas de pedra. A tecnologia era a grande força multiplicadora.

Ele chamou Maheu. Tinha necessidade de jogar conversa fora.

– A amostra é viável? – ele perguntou, quando Maheu apareceu.

– Parece que sim. A extração mal começou, então um prognóstico definitivo seria uma irresponsabilidade.

– Maheu, ninguém falou em prognósticos definitivos. O que peço de você é bom senso, e seu melhor palpite quanto a futuros prováveis. Considerando que concedi a você um intelecto geneticamente igual ao meu, imagino que esse pedido não esteja aquém de suas capacidades.

Maheu ficou amuado, e Zola, pensativo. Sua primeira fornada de soldados, retrabalhados a partir daquilo que a Hidra tinha de melhor a oferecer, estava quase pronta para a batalha. Os frutos da missão daquela noite garantiriam uma segunda fornada de soldados cuja composição básica seria superior. Depois disso, o desenvolvimento de projetos de clonagem individual correria de vento em popa.

Quando estivessem completos, ele estaria pronto.

– Parece provável que o projeto atual seja bem-sucedido.

– Pronto – disse Zola. – Não foi tão difícil, foi? – Maheu nada disse, então Zola deixou a questão ficar como estava. – Junto à tecnologia, Maheu, é necessário ter tática, estratégia e maestria logística.

– De fato.

– O sarcasmo é o recurso dos emocionalmente deficientes. Pedirei que não mais o empregue.

– Quando pedirá?

– E uma literalidade que confunde deliberadamente é a marca dos coniventes. Está tramando contra mim, Maheu?

– Claro que não. Sua caixa de PES lhe diria se eu estivesse, não?

Tudo sempre girava em torno da caixa de PES para Maheu. Ele queria uma tão poderosa quanto a de Zola, mas isso foi a coisa que ele menos quis fazer ao construir seu clone conselheiro. Sabia muito bem que, ao fazê-lo, uma pessoa se tornaria dispensável assim que o clone aprendesse tudo que precisava saber

para assumir o lugar dela. Construir exércitos de soldados clonados era uma coisa; criar uma cópia fidedigna de alguém, contudo, seria insensatez.

Os clones soldados recebiam capacidade cognitiva básica por meio de neurolinks enquanto ainda estavam nos tanques. Do contrário, quando o meio era drenado e eles abriam os olhos pela primeira vez e respiravam, muitos deles sofriam choques psicológicos e levavam bastante tempo para ser consertados. Depois da implantação do neurolink, cuja função era climatizar cada clone ao próprio corpo antes de emergir da câmara, um treinamento posterior ocorria numa instalação subterrânea que Zola construíra assim que comprara a fábrica. Para manter Maheu ocupado, colocou-o para cuidar dela. Não possuía uma caixa de PES totalmente funcional, mas teria que bastar – e ele trabalharia no subterrâneo, o que combinava muito com o nome com o qual Zola batizara seu primeiro clone ao terminá-lo.

– Talvez sim – disse Zola. Não tinha intenção alguma de revelar para Maheu as capacidades da caixa de PES. – As instalações lá embaixo estão totalmente operacionais?

Sabia a resposta, mas perguntou mesmo assim para avaliar a reação de Maheu.

– Quase. Os técnicos ainda estão construindo o último dos treinadores de imersão virtual.

Sem os quais, Zola pensou com azedume,*os soldados não estariam prontos para a batalha*. Reparou também na franqueza de Maheu.

– Quanto tempo falta para acabar?

– Setenta e duas horas. Depois disso, estaremos em total capacidade de treinamento. Completamos a transferência de todos os armamentos da Hidra dos locais comprometidos para um local seguro.

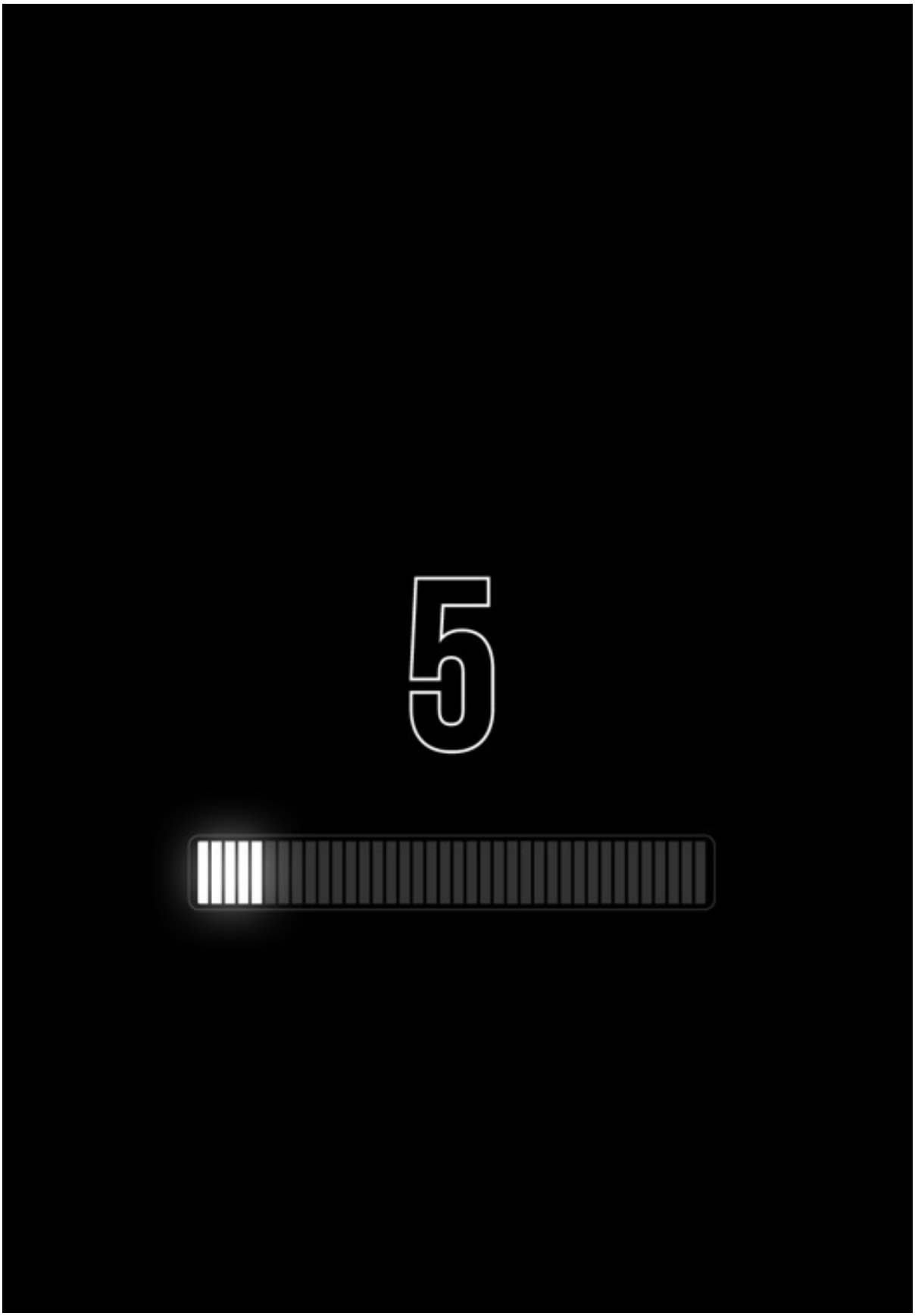
– Refere-se ao porão?

– Você parece preferir uma abordagem mais prolixa quando estou fazendo um relatório. Pelo menos foi o que inferi de interações similares que já tivemos.

– Que atencioso da sua parte incorporar preferências minhas – disse Zola. – Se ao menos fizesse isso também ao atuar como conselheiro…

– Não preciso apontar que eu possa estar fazendo isso e talvez você não perceba... preciso?

– Não. Não precisa apontar isso. – Levava aproximadamente essa quantidade de tempo para que as câmaras compusessem um clone. O treinamento consistia em 36 horas de imersão em ondas alfa. – É hora de começar a primeira fase. A fase quieta. Em questão de cinco dias, mais ou menos, começaremos a fazer barulho.


5

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Malha de nanotubos de carbono.

DESCRIÇÃO

Um tecido construído com nanotubos de carbono com densidade de aproximadamente 25 milhões de tubos por centímetro linear de tecido, com profundidade média de 2 milhões e grossura de aproximadamente dois milímetros. O tecido exibe enorme força e resistência a rasgos e estrago por impacto, mantendo a flexibilidade similar de um tecido encharcado. A força de tensão dos nanotubos conforme produzidos para o protótipo teve média entre 75 e 95 GPa, o que geralmente impediria a flexibilidade; contudo, a malha, como foi confeccionada, incorpora um padrão complexo de espirais e fibras cruzadas modelado segundo a arquitetura da musculatura humana (ver figura 1, anexada).

ARGUMENTO

Observou-se, em experimentos, que a malha de nanotubos de carbono das Indústrias Stark absorve impacto de balas sem deformação permanente. Ela suportou extremos de temperatura e pressão sem perder força e flexibilidade, e foi sujeita a testes de disparos de pressão de até 45 psi sem prejuízo estrutural.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das

Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Um terceiro Arnim Zola, chamado Lantier, jamais saíra de uma única sala encerrada por uma porta de ferro no final de um corredor que circundava o perímetro das instalações de treinamento subterrâneas. Ele não tinha caixa de PES. Tinha somente conduítes inseridos na base do crânio. Eles serpenteavam sobre seus ombros, adentrando portas de um computador quântico com mais poder de processamento do que os do Departamento de Defesa. Os olhos de Lantier viviam fechados. Seus dedos varriam e digitavam sobre um painel negro sem imagens configurado para receber os comandos de suas mãos quando ele se infiltrava em um sistema primitivo demais para responder às seduções mais sofisticadas que percorriam os conduítes quando ele brincava com segurança de ponta.

Arnim Zola entrou nessa cela e fechou a porta. *Lantier*, disse ele, usando sua caixa de PES. Lantier não gostava do som de vozes humanas, a não ser da própria.

– Todos a bordo – disse Lantier. Era obcecado por trens, uma obsessão tão vigorosa que reformulava cada estímulo, cada pensamento, cada objetivo como algo relacionado a trens. Zola tivera a intenção de fazer uma piada com esse comando, durante o primeiro processo de climatização de Lantier. Logo fora forçado a admitir que a piada fugira ao controle. Enquanto Arnim Zola era um gênio, Lantier era um erudito; mas não falava de nada além de trens, e a única coisa que sabia fazer com sua mente, pelo visto, ou a única coisa que queria fazer com ela, em todo caso, era entrar através dela no mundo virtual. Graças a um feliz acidente, Zola criara um perfeito hacker infiltrador de sistemas de computador. O que era mais uma lição valorosa no que tangia às variações que poderiam surgir mesmo dentro de uma população de clones. Fatores ambientais jamais podiam ser ignorados.

Assim que notara as predileções e habilidades de Lantier, Zola acoplara-o nessa estação de trabalho e o deixara lá. Uma equipe dedicada o mantinha

limpo e nutrido, mas, além disso, o único contato que Lantier tinha com outros humanos ocorria somente com o próprio Zola.

Gentilmente, Zola indicou a Lantier o que queria que ele fizesse.

– Puxe a alavanca – disse Lantier. – A caldeira esquentou.

Ataque só para testar. Não nos revele ainda. Mostre incerteza. Faça-os suspeitar. Atormente-os um pouco.

– Partindo na Pista Seis.

• • • •

Lantier desacelerou sua locomotiva lentamente. À sua frente, os trilhos se espalhavam num emaranhado de desvios e conjuntos de placas. A informação vinda deles era conflitante, e ele compreendeu que isso significava que estavam operando segundo um código que ele jamais vira na vida. Na estação, alguém estava tentando deixar passar outros motores, enquanto o mantinha de fora. Lantier resolveu não permitir. Mandou seus fogueiros à frente do motor para puxar a primeira agulha. Ela clicou, e uma cascata de outras agulhas mudou de posição em todas as demais junções que ele enxergava. Os semáforos também mudaram, mas segundo outro padrão.

– Volte aquela agulha lá atrás, Fred – Lantier disse ao fogueiro. Fred obedeceu. Algumas das outras agulhas se moveram, em resposta, mas outras ficaram onde estavam. Os semáforos executaram uma coreografia complicada.

Um, dois, três... ele podia ver 64 trilhos. Supôs que havia mais além de seu campo de visão. Acima dos trilhos, perto dos trilhos, no chão entre os trilhos, ele contou 4096 arranjos de sinais, cada um com três luzes. Lantier pensou um pouco no que viu.

– Tente a agulha de novo, Fred. – Aos poucos viu um padrão emergir.

• • • •

Foram quase 48 horas, mas Zola achou que estava muito bom. Precisava de tempo para outros preparativos.

– Você abusa demais do trabalho do Lantier – Maheu o repreendeu, quando fazia já 24 horas que Lantier trabalhava.

– Tudo indica que não aproveito você o suficiente. Talvez o que precise é de um pouco de perspectiva.

Maheu entortou os olhos. Tinha apenas quatro anos de idade, e apesar de intensivos condicionamento e aceleração de desenvolvimento cognitivo, tinha o hábito de repetir a mesma expressão muito frequentemente. Naqueles dias, começara a entortar os olhos. Zola pensou no custo de fazer um novo clone em relação ao alívio de não ter mais que lidar com Maheu.

– Muito engraçado.

– O sarcasmo de novo. Não sei muito bem se você é um clone meu, afinal. Um erro deve ter influenciado o processo.

– Que processo ocorre sem erro? – Maheu saiu andando para supervisionar os preparativos finais no porão, deixando sua pergunta idiota reverberando dentro da mente de Zola. *Os processos que eu crio*. *Esses ocorrem sem erro*. A prova estava diante dele, marchando pelas telas de sua sala de controle, trabalhando em ritmo impecável no chão de fábrica entre as câmaras e fileiras complexas de aparelhos que mantinham os materiais fluindo para dentro e os clones para fora. *Fábrica ou refinaria?* Tinha aspectos de ambas, ele supôs. Seu corpo físico começou a ficar cansado. Afinando a caixa de PES para captar e responder informações importantes, acalmou sua mente. Fazia muitos anos que Arnim Zola não adormecia completamente. Imaginava que isso jamais fosse acontecer de novo. Mas, ocasionalmente, ele fechava os olhos e entrava num estado meditativo, que achava restaurador. Foi o que fez ali, e permaneceu assim até receber notificação de Lantier de que o objetivo estava à vista.

Imediatamente desceu as escadas, notando, ao passar pelo chão de fábrica, as ondas de admiração e respeito vindas dos operários e técnicos. Lá no porão, sua mente tilintou quando a caixa de PES recebeu a informação que inundava a nova geração de clones. Em pouco tempo eles seriam climatizados e estariam prontos.

Era um dos princípios fundamentais de Zola jamais apressar uma etapa de um plano simplesmente porque os preparativos para isso foram concluídos antes do fim da etapa anterior. Os clones esperariam até que ele colocasse tudo em seu lugar. Maheu esperava por ele na porta do sacrário de Lantier. Entraram juntos.

Lantier estava sentado, pálido e distante, dentro do exoesqueleto que Zola construía para treinar os músculos dele e impedir que seu corpo morresse de apatia. Os olhos estavam fechados, e os dedos de ambas as mãos descansavam sobre a mesa. Se estava engajado em alguma atividade, sua aparência não dava sinal algum disso.

Zola alertou-o da presença dos dois.

– Adentrando a estação, senhoras e senhores – disse Lantier.

Pela caixa de PES, Zola sentiu Maheu batalhando para conter um comentário crítico. Ambos esperaram. Lantier sabia que estavam lá, e lhes mostraria o que quer que tivesse para mostrar assim que estivesse pronto.

Ergueu as mãos e esticou os dedos. Zola e Maheu encostaram uma das mãos contra as duas mãos idênticas do outro. As três versões de Zola conectaram-se numa interface possibilitada pelo poder da caixa de PES e o poder obsessivo dominante da mente fraturada de Lantier.

Cinzas e cascalho faziam um barulho triturado sob os pés. Ao longe, os apitos dos trens gemiam feito o idioma noturno das baleias. Zola olhou ao redor. Um único trilho de trem, muito reto, brilhando devido a uma luz que vinha de uma fonte não identificada, esticado à frente dele até perder-se no horizonte. Num poste próximo, uma placa reluzia um verde muito destacado. Zola olhou para trás e viu a locomotiva, esperando, soltando fumaça preta para cima e vapor branco para baixo. De cada lado, o panorama era vazio. Havia uma sensação de aclives e declives, talvez um horizonte, mas nada possível de enxergar. Atrás da locomotiva, os mesmos trilhos seguiam, terminando num brilho distante de vermelho e verde.

– Eles não sinalizam do mesmo jeito por aqui – disse Lantier. Seu avatar naquela realidade era esguio, bronzeado, vestia macacão com buracos de

queimadura sobre uma camisa de lona dobrada até os cotovelos. Um boné listrado despontava sobre a testa, o bico muito dobrado no meio.

Zola assentiu. Mesmo ali, ele não tinha certeza se falar seria uma boa ideia.

Lantier ergueu o braço e apontou.

– Mas se você olhar ali para a frente, vai ver que eu entendi tudo.

Ele cuspiu o que Zola supôs ser saliva de tabaco nos trilhos.

Seguindo o olhar do outro, ele viu uma placa distante, longe demais para ser lida claramente – mas aquele era o mundo de Lantier, e Zola conseguiu ler.

VILA STARK, POP. 1

– A todo vapor – disse Lantier. – Estamos atrasados.

Zola e Maheu voltaram juntos à sala de controle.

– Ele não vai viver por muito tempo – disse Maheu. – Você sabe disso, é claro.

– Não acho que ele já teve interesse em viver, se por viver você se refere a interagir com o mundo sensível.

Ele convocou uma supervisora do chão de fábrica, um dos poucos operativos remanescentes da Hidra que não foram usados como base para clones ou eliminados numa das diversas purgações que Zola achou necessário fazer durante a consolidação de seu controle. O nome da mulher era Olivia Toynbee. Ela fora uma assistente de valor para Madame Hidra, o que Zola considerara, inicialmente, um bom motivo para eliminá-la; mas assim que observou a facilidade da moça em manusear a logística dos materiais e operários clonados, mudou de ideia. O líder inteligente não desperdiçava recursos.

– Mestre – ela disse, apresentando-se à porta da sala de controle.

– Olivia, relatório do H2. Números, a missão está pronta?

Ela hesitou por um momento, enquanto organizava o pensamento.

– Temos 61 do modelo H2 totalmente construídos, e mais 23 nos tanques. Dos 61, 40 estão nos estágios finais da climatização por ondas alfa. Os outros 21 estão em treinamento separado. Tivemos que fazer algo com eles porque havia muitos para as instalações de ondas alfa que temos.

Zola lançou um olhar para Maheu, que o evitou, não olhando para a tela de vídeo em seu peito.

– Muito bom – disse Zola. – Talvez eu devesse construir uma caixa de PES de uso limitado para fazer o treinamento por ondas alfa com uma quantidade de clones por vez. Maheu, se encontrar tempo, seria possível preparar as demais instalações de ondas alfa para que possamos fazer o que estamos aqui para fazer?

Maheu pareceu refletir sobre a fala.

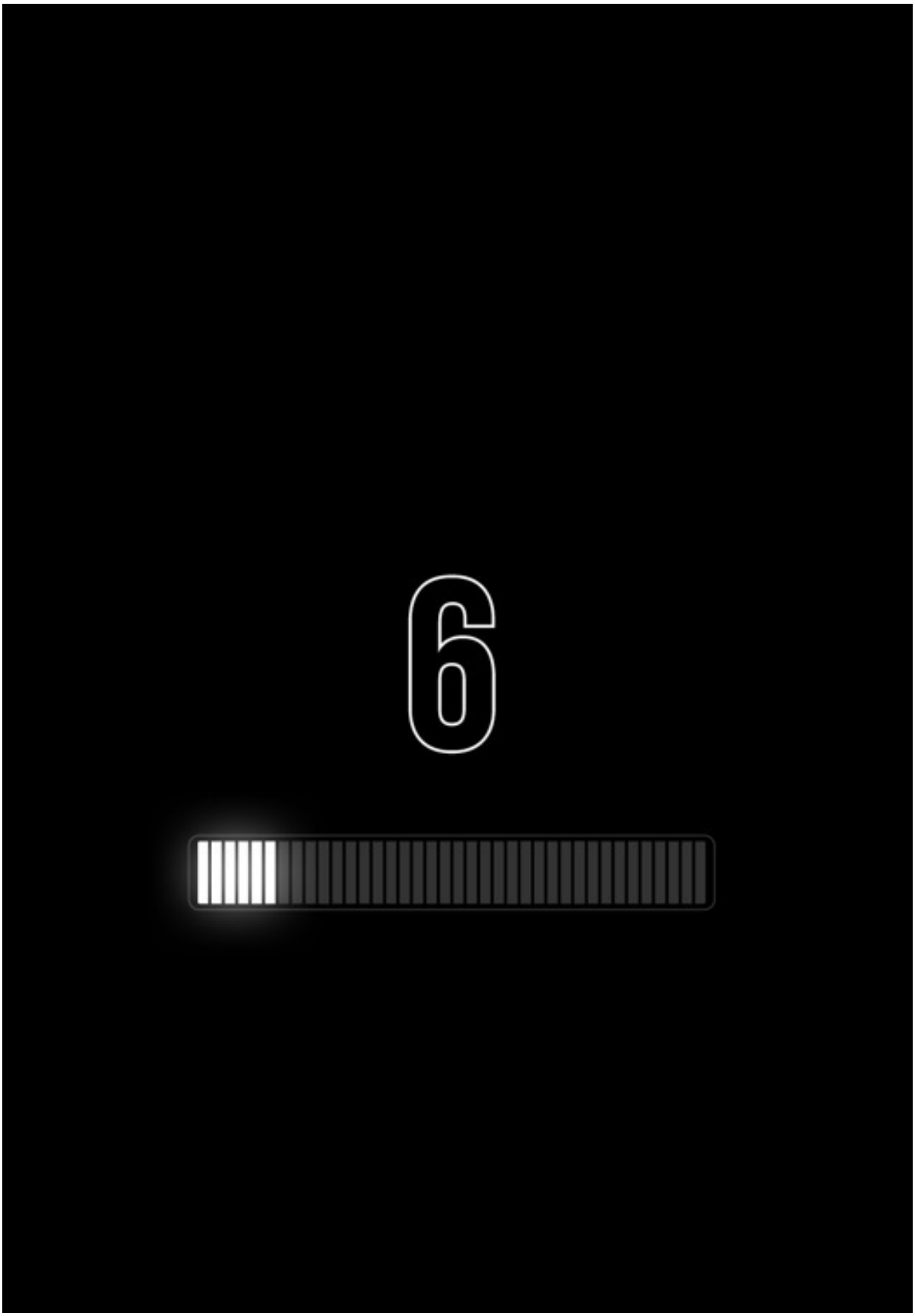
– Posso estar equivocado – disse, após uma pausa deliberadamente teatral –, mas isso não foi sarcasmo?

O silêncio dominou a sala de controle.

Olivia, Zola ordenou, *você não ouviu esse último diálogo. Retorne ao térreo e continue preparando os H2*. Quando a moça se foi, ele se voltou para Maheu.

– Estou aquém de sua humilhação, Maheu. Mas você não está aquém da minha raiva. Não se esqueça. Eu o criei. Quando você deixar de ser útil, farei outro.

– Nunca tive dúvida disso. Acho que agora vou terminar os testes operativos finais nos sistemas de ondas alfa.


6

> Há um homem chamado Happy Hogan. Ele é leal e forte. A partir dele, eu criei vocês, e vocês também são leais e fortes. Mas são ainda mais leais, e mais fortes, do que Happy Hogan. Por quê? Porque a lealdade dele é devotada a um vagabundo prolixo, um pretenso plutocrata cujo coração falha e cujo poder reside numa armadura de brinquedo. Sua lealdade vocês oferecem a Zola, e à Hidra! Vocês são as cem cabeças da nova Hidra. Happy Hogan, o modelo inferior usado em sua magnífica criação, é um soldado. Vocês também são soldados, mas lutam por uma causa mais gloriosa, não pela glória doentia e gratificação de Tony Stark. Falo dentro de suas mentes, e os fortaleço. Torno-os mais resolutos. E mais incomodados com a sujeira abundante do mundo no qual somos todos forçados a viver… e, graças à minha voz, que lhes dou igualmente, serão capazes de ouvir falar de um mundo melhor. Um mundo pelo qual podem lutar. Um mundo no qual poderei falar para as mentes de todos os homens, mulheres e crianças! Um mundo no qual seguiremos todos na mesma direção, com os mesmos objetivos e a mesma visão! Um mundo no qual todos serão Hidra!

Três dias após o encontro anticlimático com Serena Borland, Tony ainda estava no Laboratório de ITR. Ele tirou os olhos de um molde de injeção de nanotubos de carbono e viu Pepper ali parada.

– É aquele troço invisível, Pep. É daqui que vai sair a próxima inovação. Tudo isso, os raios e a levitação, posso melhorar tudo. Mas é aqui no microscópico, é aqui que posso transformar as coisas. É isso que preciso fazer.

– O que precisa fazer é tomar um banho e ligar pro Rhodey – disse Pepper.

Ocorreu a Tony que ele dormira apenas 8 das últimas 72 horas, e que não voltara ao escritório desde que saíra voando da garagem, enquanto Happy esperava abrir o primeiro semáforo do trajeto ao apartamento de Serena. Sentia-se confuso, mas acelerado pelo trabalho que concluíra. O laboratório. Era

ali que se sentia mais confortável. Não precisava encenar para as máquinas, não tinha que lhes fazer pose e sorrir. Elas não ligavam para as entregas da última rodada de contratos de aquisição com o governo nem para os dividendos das ações preferenciais das Indústrias Stark.

Sentira-se mais contente – pura e simplesmente contente – durante as 72 horas anteriores do que em anos.

Pepper ficou parada, esperando uma resposta. Tony quis que ela fosse embora. Mas era um adulto, diretor-presidente de uma das maiores firmas de P & D do mundo. Relutantemente, começou a reassumir a *persona* de Tony Stark.

– Só se o Rhodey tomar um banho também. Certo, Pep. Me dê uma hora. Imagino que você já marcou a reunião.

– Daqui a uma hora e meia.

– Boa garota.

Tony já estava a caminho do chuveiro, mas sua mente continuava elaborando diagnósticos, imersa em histogramas de transferência de energia e propagação de resposta em nanoescala.

• • • •

Pepper saiu para o estacionamento, onde estava Rhodey, encostado no para-choque de seu Taurus preto oficial.

– Estou preocupada com ele – ela disse.

– Pelo visto, todos nós deveríamos estar.

– Não pode contar pro Nick, Rhodey. Ele precisa terminar esse trabalho, e se o Fury ficar sabendo, você sabe como ele é. Vai chegar aqui furioso, querendo que o Tony desligue tudo até que cumpra todos os contratos federais. Vai dar tudo errado.

Rhodey olhou para o céu, na direção do aeroporto de Islip.

– Sabia que Madame Hidra estava naquele avião? Estava viajando disfarçada. Aparentemente, encheu tanto o saco que uma das comissárias reclamou para o piloto pouco antes de decolarem. Está tudo na caixa preta.

– Não espera que eu chore pela Madame Hidra, né?

– Não. Não espero isso de ninguém. Mas estou contando porque alguém foi responsável por isso. Ainda não sabemos, ao certo, quem. Mas foi um ataque, com certeza. Alguém derrubou aquele avião porque ela estava nele. Duas horas após o acidente, um dos funcionários da companhia aérea foi baleado no estacionamento. O cara que o matou suicidou-se em seguida. Ainda estamos procurando pistas pra saber se eles se conheciam, mas sabe o que eu acho? Acho que alguém estava aparando arestas.

Pepper percorreu o que lhe fora dito, revendo para ter certeza de que assimilara todas as implicações.

– Aparando arestas – ela repetiu. – Fazendo o assassino se matar? Isso demanda muita lavagem cerebral.

– Se for lavagem cerebral. Escute, eu sei que você só veio aqui pra ganhar tempo pro Tony. Deixei rolar um pouquinho. Agora que tal pararmos de brincar e eu ir lá falar com ele?

– Ele está no chuveiro. Bom, espero que esteja. – Após uma pausa, acrescentou: – Estou preocupada com ele.

– Já disse isso um minuto atrás.

– Bom, e não mudei de ideia, Rhodey – ela ralhou. – Ele está com essa ideia de controle imediato na cabeça, e não sabe falar de outra coisa. Às vezes acho que ele vai usar isso pra não ter que lidar com as pessoas.

– O Tony? Não lidar com as pessoas? Quem é que vai massagear o ego dele, então? – Rhodey abriu um sorriso.

– É esse o problema, mais ou menos. Acho que ele não tem mais tido aquela injeção de ânimo quando as pessoas o idolatram. – Ela começou a dizer outra coisa, mas parou e deu de ombros. – Pelo menos não anda bebendo.

– É, isso é uma coisa boa. Será que ele já terminou o banho?

Ela fez que sim.

– Creio que sim. Mas duvido que tenha saído do mundo da cabeça dele.

• • • •

No escritório situado ao lado do canto do Laboratório de ITR, Tony recebeu Rhodey com um grande sorriso.

– Meu velho amigo, espere só até ver o que tenho feito. Tem tudo a ver com interface. Quando você acerta na interface, é como ter um radar enquanto o outro cara ainda está lendo miúdos de frango pra prever o clima. – Ele fez um gesto convidando Rhodey a se sentar e lhe serviu uma xícara de café, sem perguntar se ele queria. Então, você veio aqui me dizer que a S.H.I.E.L.D. anda superpreocupada ou só pra fazer social?

– Você sabe muito bem por que eu vim – disse Rhodey. Deitou a xícara na mesa ao lado.

Tony sentou-se à mesa e colocou uma expressão séria no rosto.

– Certo. Estou pronto pra tomar meu remédio.

– Brinque quanto quiser, mas tem sorte pelo Nick não estar aqui – disse Rhodey. – Ele é o fim da linha. Você está violando todos os prazos de entrega imagináveis, e pode ser o sr. Tony Stark das incríveis Indústrias Stark, mas isso não significa grande coisa quando tem um monte de senadores querendo se reeleger que assinaram um decreto de autorização de defesa e estão agora sendo detonados na imprensa por terem gasto todo esse dinheiro sem ter nada de tecnológico pra mostrar.

– Diga a todos que é confidencial – Tony disse, dando de ombros. – A maioria é mesmo.

Rhodey balançou a cabeça.

– Não importa. O que importa é que a imprensa está começando a perguntar o que você está fazendo com todo esse dinheiro. Logo o Congresso vai começar a pegar no seu pé; já começou, na verdade, por baixo do pano.

– Deixa eles – disse Tony.

– Deixa eles? Não é Tony Stark quem disse isso. Você precisa pegar o touro pelos chifres ou algo assim. Ir lá fora, dizer alguma coisa, produzir alguma coisa que fique bem na TV. Exploda alguma coisa pra que eles possam voltar a se preocupar com seguridade social.

Pepper apareceu à porta.

– Fury está no telefone.

– Você planejou isso? – Tony olhava para Rhodey. Depois passou para Pepper. – Ou foi você? Ou isso é algum tipo de intervenção?

– Precisamos que nos dê alguma coisa, Tony. Você quer se dedicar um pouco ao controle imediato, tudo bem, eu entendo. É uma tecnologia promissora. Mas também tem responsabilidades para com as pessoas que financiaram este laboratório.

– Eu financiei este laboratório. Eu.

– O que, com seus próprios recursos? De onde veio esse dinheiro?

– Não preciso de sermão sobre responsabilidade, Rhodey, e não preciso que faça a minha contabilidade também. O que preciso é que me deixe em paz para que eu volte ao trabalho.

– O fato é que, ultimamente, quando eu o deixo em paz, você não faz o trabalho que devia estar fazendo. Você é uma pessoa pública, goste ou não. Esqueça o Congresso; como você acha que o norte-americano comum se sente quando de repente Tony Stark, gênio playboy, queridinho das câmeras, não sai do laboratório? Fica esquisito. Não queremos que achem nada esquisito. E você pode dar um jeito nisso.

Ele pegou o café e deu um gole, olhando para Tony por cima da borda da caneca. Da porta, Pepper disse:

– Meninos. Aguardo instruções quanto ao que fazer com o impaciente líder da S.H.I.E.L.D.

Rhodey e Tony mantiveram o olhar fixo um no outro por um longo momento. Então Tony disse:

– Que tal você dizer ao Nick que Rhodey vai ligar pra ele daqui meia hora? – Pepper desapareceu, e Tony se levantou. – Beleza, Rhodey. Deixa eu mostrar o que estou fazendo. Depois você pode voltar e contar pro Fury, pra ele se sentir melhor.

• • • •

O protótipo da nova armadura estava suspenso num quadro perto da mesa de controle principal.

– Ainda estou trabalhando em alguns detalhes da interface – Tony explicou, enquanto apresentava a Rhodey as inovações recentes. – Mas tenho conseguido tempos de resposta quase nulos, o que acredito ser possível com a interface que posso construir. Além disso, tem uns brinquedos novos muito legais na armadura; um deles – acrescentou, dando uma piscadinha – tem um pouco da tecnologia de controle de massas por som de baixa frequência que talvez seja parte de um contrato governamental. Lembre-se de comentar isso com o Fury.

Ele se moveu na direção das três armaduras mais velhas, que permaneciam enfileiradas na extremidade mais distante.

– Consertei algumas partes, e qualquer uma delas seria útil se necessário. Também diga a Fury para não ficar noites sem dormir, com medo de que o fim do mundo esteja próximo e eu tenha de encontrar o apocalipse em um protótipo.

Rhodey parou ao lado de um dos protótipos.

– Parece legal.

Pareciam ser legais mesmo, se era isso que Tony dizia. Ele criara um tecido de dupla camada de nanotubos de carbono prensadas feito sanduíche com um gel que absorvia choque no recheio, capaz de dispersar a energia cinética gerada por qualquer coisa menor que um míssil. Estava desenvolvendo um sistema supercondutor de controle e interface que crescia dentro de cada tubo individual, criando, essencialmente, um sistema nervoso dentro da armadura. Interfaces dérmicas a dirigiriam com impulsos do cérebro dele, com tempos de resposta iguais – ou às vezes menores – ao tempo que os mesmos impulsos levavam para gerar resposta nos próprios músculos de Tony.

– Na última vez em que tentei isso, quando liguei a armadura internamente ao meu sistema nervoso, não contei com os efeitos colaterais. O grande lance agora é que fiz ao contrário e construí um sistema nervoso para a armadura. Assim que tiver praticado um pouco, ela vai se mover junto comigo. Não vou precisar de mecanismos, nem dos *delays* que acompanham. Vai ser quase senciente.

– Senciente, é? – disse Rhodey. – Parece-me que isso não deu muito certo no passado.

– Escolhi mal os termos. O software de comando e controle acoplado nela vai atuar como um sistema nervoso em vez de um conjunto de subcomandos. Tem toda uma qualidade integrada à coisa que passaria até por uma espécie de teste de Turing de estímulo-resposta. Se houvesse algo assim.

Ele olhou para Rhodey, e apenas por um momento este viu o antigo Tony. A fanfarronice e o prazer quase infantil gerado por uma tecnologia nova. Sentiu-se melhor.*Todo muito passa por fases ruins*, ele pensou. Talvez Tony estivesse finalmente saindo de uma.

– Que tal eu ligar pra você vê-la ronronando? – disse Tony.

– Mal posso esperar.

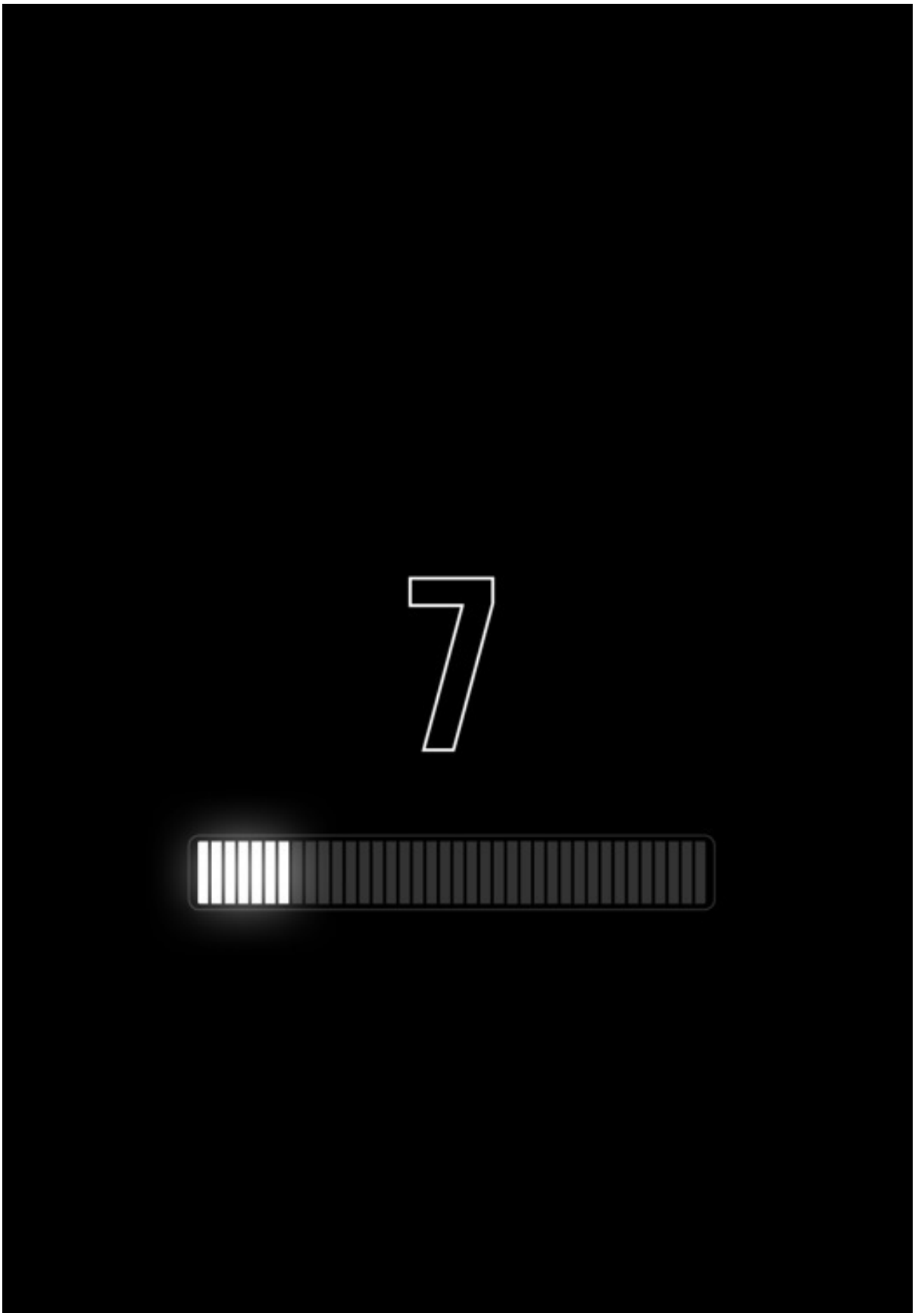
Ele viu Tony checando diversos programas, depois inicializando os subcomandos que ativavam as respostas motoras da armadura.

– Desse jeito, ela se abre e espera que eu entre – disse Tony, os olhos ainda fixos na tela. – Funciona muito melhor do que ter todas aquelas partes mecânicas que precisam se conectar. Eu desenhei de modo que a rede de nanotubos se divida ao longo de costuras, para se reconectar quando me detectar lá dentro. – Ele fez uma pausa e arqueou a sobrancelha, fitando a tela do terminal. – Hum. Que estranho.

– O quê?

– Parece que ela acha que eu já entrei – disse Tony. Ele olhou para Rhodey. – Interessante acontecer isso justamente agora, quando estou lhe mostrando.

Então ele escancarou os olhos, e Rhodey viu a boca dele tentando pronunciar seu nome, mas antes que o som pudesse chegar aos seus ouvidos o mundo explodiu em chamas feito uma lâmpada estourando na cabeça dele.


7

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Interface neuromuscular embutida na armadura (INEA).

DESCRIÇÃO

Interface direta entre o sistema nervoso humano e o mecanismo robótico externo, estabelecida sem intrusão abaixo da camada epidérmica. 116 junções de interface localizadas em áreas da pele perto de neurônios motores importantes criam capacidade de emitir sinais quase instantâneos do cérebro humano para o exoesqueleto mecânico (ver patentes [editado], [editado], [editado] e [editado] das Indústrias Stark).

ARGUMENTO

A presente tecnologia de controle à distância se baseia em aproximações brutas por simulação espacial ou interfaces que penetram o sistema nervoso humano gerando efeitos colaterais indesejados. A INEA, por sua vez, cria um sistema nervoso estendido dentro do aparato exoesquelético, com eliminação quase total da demora entre estímulo e resposta relativa a transmissão e controle quase imediato de qualquer função da armadura sem ação física da parte do operador do equipamento. A INEA deriva da, e por sua vez contribui para, a tecnologia de controle imediato de propriedade das Indústrias Stark.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das

Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Rhodey está vivo, Tony disse a si mesmo. *Está vivo*. Só foi atingido uma vez, e é um marinheiro dos bons. Logo depois disso, ocorreu-lhe que ele mesmo não era um marinheiro dos bons, e que precisava entrar em uma armadura, e rápido, se quisesse ter chance de passar pelos dez minutos seguintes com o corpo minimamente intacto.

Acontecera um pouco mais rapidamente do que ele pôde acompanhar. O que apareceu escrito na tela, e que ele viu, o protótipo em movimento atrás de Rhodey, o raio de pulso arremessando Rhodey para longe e demolindo boa parte da plataforma que sustentava os terminais de controle de testes. Tony desatou a correr, falando códigos de emergência para a armadura mais nova, encostada na parede. Ela se abriu, e ele entrou assim que outro raio passou raspando pelo capacete, fazendo-o girar. Tony foi ao chão, as presilhas ainda se fechando e sua cabeça martelando. A visão da armadura se estabilizou a tempo de ele olhar para a frente e ver o protótipo vindo em sua direção, paralelo ao chão, movendo-se a quase cem quilômetros por hora.

Um erro, ele pensou. *Ele não tem massa suficiente*. Tony se encaracolou e recebeu o impacto num dos ombros, como faria um zagueiro para absorver um golpe daqueles. O concreto reforçado do piso rachou, mas Tony manteve-se firme, e a outra armadura quicou de volta feito uma bola de tênis. *Que diabos está acontecendo aqui?* Ela não devia funcionar sem ele, devia ser um reforço do sistema nervoso ao qual estava ligada.

O protótipo deslizou pelo piso e colidiu contra um caríssimo conjunto de sensores designados para detectar falhas na própria armadura. Tony foi atrás dela, sabendo que os sistemas de armas eram um pouco melhores que os dele, mas pensando que, se ele pudesse se aproximar o suficiente, poderia botar a física para funcionar. Bastava um abraço de urso, deixando que a massa fizesse o resto. E ficar segurando até descobrir como fazer para desligá-la.

Ele arrancou os sensores do protótipo e levou uma rajada de pulso eletromagnético em cheio no rosto que lhe confundiu os sistemas por um momento. A armadura tornou-se um caixão de duzentos quilos, e o protótipo disparou para o ar, metralhando todo o lado esquerdo do laboratório com raios de pulso das duas palmas. Dezenas de milhões de dólares de maquinário personalizado desintegraram numa nuvem de fragmentos que destruiu a parede logo atrás. Tony conseguiu reativar seus sistemas e voou atrás do protótipo, colidiu contra ele e o empurrou para cima, por entre as vigas do teto. Abriu um canal de comunicação com Pepper e a chamou.

– Preciso de uma mão com o brinquedo novo, Pep!

– Já estou indo. Estou te vendo. Como posso ajudar?

– Códigos de desligamento – disse Tony. Ele segurou o protótipo pelo braço. – Num dos servidores herméticos.

O protótipo deu um giro e virou um soco na lateral do capacete de Tony. A armadura absorveu boa parte do impacto, mas as provisões cinéticas do protótipo mais do que compensaram sua falta de massa; os ouvidos de Tony zumbiram com a força da pancada.

– Quanto antes, melhor.

Levou outro golpe, mas dessa vez conseguiu pegá-lo pelo braço e segurá-lo contra sua cintura. O protótipo disparou raios de pulso contra o solo. Tony ouviu os impactos no Laboratório de ITR. Uma ideia lhe ocorreu: ele estava tentando destruir o laboratório.

Ele não fora apenas hackeado, mas hackeado por alguém que sabia que ele estava fazendo algum tipo de P & D ali.

Mas ninguém sabia disso.

– Agora, Pep. Pra ontem.

O protótipo ativou sua versão do raio-uni, e Tony sentiu o fluxo de calor perpassar sua armadura. Prendera o protótipo no abraço de urso, como queria, mas a desvantagem era que a máquina não se importava de se destruir. Já ele sim, e era isso que ia acontecer caso o raio-uni cozinhasse por muito tempo nos milímetros de espaço que havia entre eles.

Nos monitores do visor da armadura, avisos de perigo começaram a aparecer. Na mente de Tony apareceram mais avisos. Ele não gostava de ser hackeado, e não gostava de ver suas invenções sendo usadas contra ele. Gostava menos ainda de ter que escolher entre cozinhar dentro da armadura e soltar o protótipo. Não sabia ao certo se conseguiria alcançá-lo, e não podia deixá-lo escapar de modo algum.

Ele se debatia, tentando acelerar mais e fincando os dedos nas juntas da armadura, até que Tony ouviu alguns dos lacres se soltando. *Dessa vez eu me superei*, ele pensou, segurando o protótipo com todo o empuxo que seu peso e os propulsores angulares podiam exercer. *Esses nanotubos de carbono são o máximo*. Os dois giraram no ar, dando cambalhotas, em manobras caóticas, até que os ouvidos de Tony começaram a sangrar.

– Sério, Pep. Agora.

Como se esperasse a deixa, o protótipo ficou imóvel. Tony disparou para baixo com dez vezes mais velocidade graças à gravidade, cobrindo a distância entre a posição inicial e o teto do Laboratório de Interface em Tempo Real antes de ter a chance de se orientar. Atravessou o telhado no saguão social do edifício e cavou um buraco de um metro no piso e no cimento embaixo. Por um instante, não disse nada nem se mexeu.

– Tony? Você está bem? Deu certo?

– Deu – ele disse, ofegante. – Deu certo. – Com o protótipo nos ombros, Tony saltou fora da cratera e seguiu para o laboratório. – Como está o Rhodey?

– Rhodey? Ah, meu Deus. O que aconteceu com o Rhodey?

A porta da frente do laboratório se abriu. Tony virou-se e viu Happy Hogan.

– Hap. Bem na hora.

– Vim o mais rápido que pude. O que foi que aconteceu aqui?

– Momento meio Frankenstein. Rhodey está mal. Vem cá.

Quando chegaram à área de testes, Pepper já havia alcançado Rhodey, que estava largado numa parede, aos fundos. O raio de pulso o arremessara contra uma das portas da plataforma de carregamento, mas ele teve sorte: as portas, feitas de segmentos ocos de alumínio, absorveram boa parte do impacto. Tony largou o protótipo desativado e tirou o capacete. Ele, Pepper e Happy viraram

Rhodey assim que ele começou a movimentar os olhos. Havia sangue no rosto e um corte profundo na testa; Happy passou as mãos pelos braços e pernas dele e disse:

– Parece que não quebrou nada. Nada muito feio.

– Rhodey – disse Tony.

– Vamos esperar um pouco – sugeriu Pepper. Esperaram, até que Rhodey fez um barulho, que foi:

– Aaaaai.

– Estamos aqui – disse Tony. – Tudo bem, caubói?

Rhodey fez que sim.

– Sim. Um baita de um tiro, mas eu estou legal.

Pepper não pareceu convencida.

– Chamei um médico.

– Ligue pra ele – disse Rhodey – e fale pra não vir mais.

– Deixa disso, Rhodey – disse Hap. – Como você disse, foi um baita de um tiro. Não vai fazer doer deixar alguém dar uma olhada.

– Ah, vai doer de qualquer jeito.

Rhodey se sentou e apertou as têmporas com as palmas das mãos. Pepper limpou, com um lenço, o sangue que pingava do seu nariz. Era a única mulher com menos de quarenta anos que Tony via usando lenços.

– Foi bom você estar bem perto – disse Tony. – O raio não teve espaço pra ganhar muita energia.

Rhodey olhou para ele. Um dos olhos se fechara, de tão inchado.

– Ganhou o suficiente.

– Bom. Agora começa o trabalho de investigação. Ninguém hackeia as Indústrias Stark. Pelo menos não duas vezes.

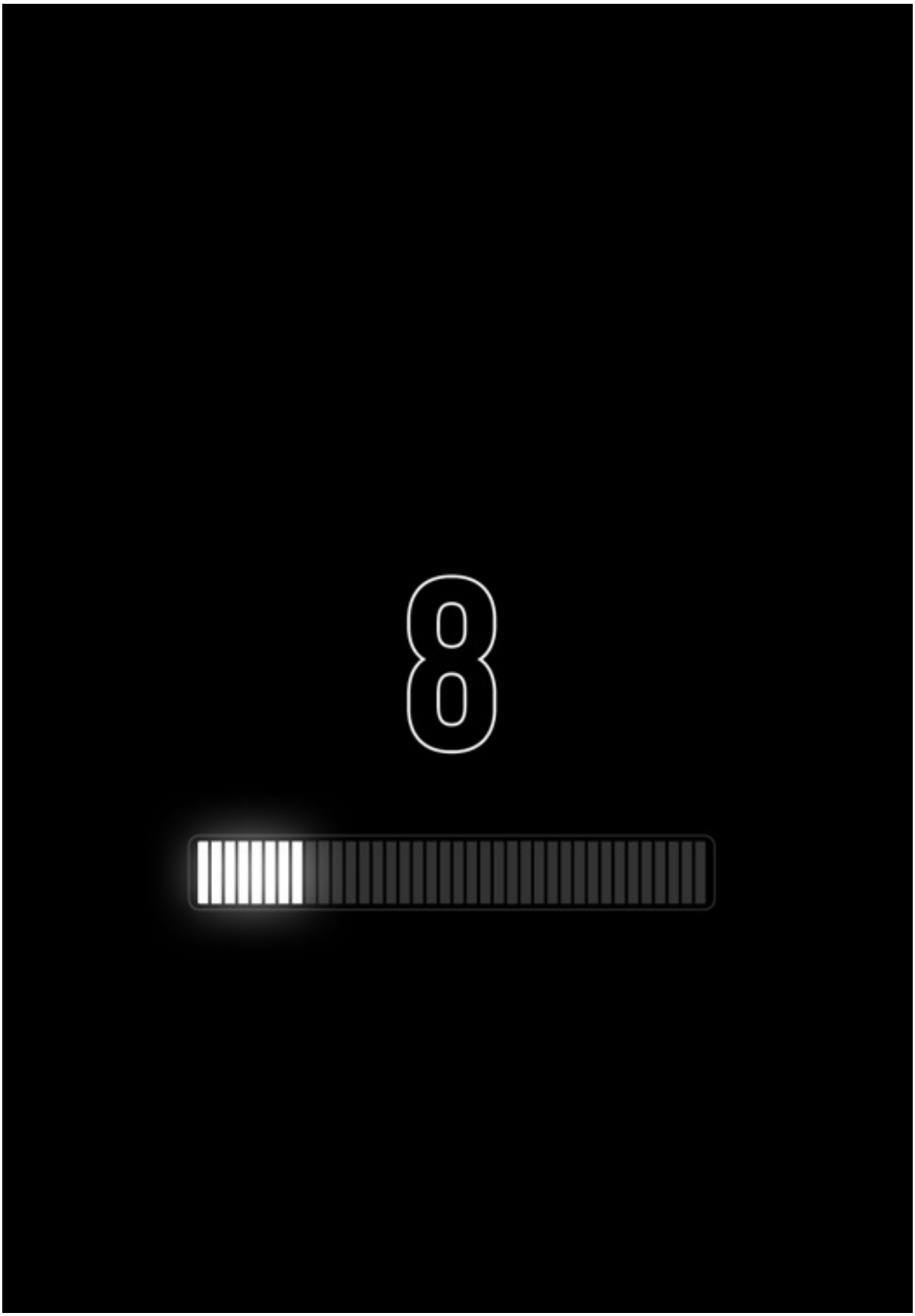
Ele olhou para o terminal de controle, que estava arruinado. Mas havia um notebook que ele usava para testes em ambiente hostil. Encontrou-o em meio aos destroços e o abriu. O aparelho acordou do sono e esperou pela senha.

– Nada como o trabalho manual – disse, e começou a mexer no computador.

Primeiro ele o conectou à armadura inativa e procurou por anomalias no código que governava as habilidades motoras e os protocolos de autonomia. Lá

estava ele, enfiado num pedaço aparentemente inofensivo de linguagem de máquina que gerenciava o controle de volume da entrada de áudio. Ele o separou, colocou sob uma série de *firewalls* e isolou uma parte facilmente rastreável, mas que não oferecia perigo. Então começou a vasculhar os registros dos servidores das Indústrias Stark, para ver onde e quando esse pedaço em particular de zeros e uns conseguira penetrar os servidores, sob qualquer protocolo de codificação que a armadura pudesse entender. Noventa segundos depois, os servidores mostraram uma resposta, e trinta segundos após isso, um satélite do Departamento de Defesa em órbita geoestacionária acima de Long Island enviou uma resposta vinda da central de rastreamento de informações da DOD. Tony soube, então, de onde viera o código, mas não podia acreditar.

– Brooklyn? – disse ele, em voz alta. Happy e Pepper olharam para ele, agachados ao lado de Rhodey. – Alguém do *Brooklyn* hackeou meu protótipo?


8

> Atacamos o inimigo onde ele não espera – onde ele se considera invulnerável, ou onde acha que jamais ousaríamos. Atacamos o inimigo com tanta ousadia e destreza, que ele nem percebe que o golpe foi desferido até ser tarde demais, e sua cidadela desaba ao seu redor. Somos o golpe de espada rápido demais para o olhar acompanhar, o ferimento letal infligido antes que os nervos tenham chance de reclamar da dor. Somos a Hidra! Construímos, crescemos, e o inimigo sabe que estamos chegando, mas não pode nos impedir. Somos a Hidra! O inimigo nos teme porque sabe que, caso corte um, dez tomam o seu lugar. Somos a Hidra! O inimigo se chama S.H.I.E.L.D., o escudo, mas nenhum escudo pode se defender de cem espadas. Cairemos sobre o inimigo para destruí-lo sem misericórdia. Somos a Hidra! Vão – reúnam suas armas, vistam suas armaduras e se lembrem de que não lutam por si mesmos, mas pelo homem à esquerda e pelo homem à direita, com o homem de trás esperando para tomar seu lugar caso você caia, e o homem que está aos seus pés. Vocês lutam como um. Vocês são a Hidra!

Nick Fury teve milhões de relatórios para preencher após o surto psicótico do brinquedinho de Tony no Laboratório de ITR. Cada item dos equipamentos do laboratório possuía um status de segurança demandando que sua disposição fosse sempre anatomizada, e já que os contatos federais de Tony eram mediados pela S.H.I.E.L.D., foi Fury quem assinou todos os relatórios. O homem não tinha um temperamento adequado para lidar com papelada, e após um dia inteiro fazendo isso, estava pronto para ir a campo e encontrar alguém que merecesse uma ou duas pancadas.

O único aspecto positivo da situação toda foi ter aparentemente arrancado Tony de sua fuga. Enquanto o Laboratório de ITR era reconstruído, Tony passou a ficar mais nas instalações principais das Indústrias Stark, o que

significava mais coisas sendo concluídas lá. Ele estava interagindo mais com o restante da humanidade. E isso era bom.

Se Tony Stark alguma vez perdesse completamente a cabeça e enlouquecesse, pensou Fury,*teríamos sérios problemas*.

Ele chamou a major Hailey Donner, sua assessora designada especificamente para aturar as críticas do Congresso. Era também especialista em demolições aquáticas, treinada em infiltrações e líder do time de resgate de reféns, mas seus instintos políticos costumavam ser tão úteis para Fury quanto o restante de seus atributos.

– As coisas estão melhorando? – ele perguntou, quando Donna entrou.

– Uma pitada – ela disse. – E sim, esse é um termo profissional. Usamos quando não existe grande diferença na quantidade de crítica, mas nossa atitude perante ela está, até certo ponto, mais suave.

– Não fazia ideia – disse Fury. – O que você acha que causou essa atitude mais suave?

– Tony voltou a trabalhar. – disse a Major Donner. – Agora, quando recebo uma ligação de algum assessor, é isso que eu respondo. "Tony voltou a trabalhar." Não os faz desistir, mas significa que voltamos ao universo dos problemas principais de sapatear nas bobagens do Congresso.

– Saquei. – Fury assinou um relatório e disse: – Tenho um sapateado aqui também, que precisa chegar ao escritório da contabilidade no máximo até amanhã de manhã.

Donner deu um passo adiante para pegar os arquivos, e foi quando começaram todas as explosões.

• • • •

Tony recebeu uma ligação perfurante da S.H.I.E.L.D. bem quando terminava a instalação dos sistemas de controle do protótipo, o que envolvia reconstruir e substituir toda a rede neural que perpassava a camada interior da rede de nanotubos de carbono. Teve de fazer desse jeito porque não tinha

certeza se, em algum ponto, um pedaço solto de código malicioso ainda flutuava em torno de um dos nós artificiais. Ele isolara e destruíra todos eles, para depois gravar por cima, por garantia.

A mensagem da S.H.I.E.L.D. era um aviso pré-gravado de urgência: RESPONDA IMEDIATAMENTE – QG DA S.H.I.E.L.D. SOB ATAQUE DE FORÇAS DESCONHECIDAS – TODAS AS FORÇAS, ACIONAR PRIORIDADE ALFA.

Tony fitou a mensagem por um longo momento. Depois acionou a comunicação com a S.H.I.E.L.D. e ligou para Nick Fury.

Sem resposta.

Então ligou para Rhodey.

– Tony, cadê você? – Rhodey estava quase gritando, e Tony fez uma careta, antes que o aparelho ajustasse o volume.

– No Laboratório de ITR. – O tom urgente da voz de Rhodey o fez dar dois passos, refletindo, na direção da mais nova armadura operacional.

– Venha já pra cá. Tem agentes da Hidra em todo lugar.

Tony parou.

– Hidra? O que da Hidra?

– Um tipo de força de infantaria leve. Estamos segurando, acabando com eles, na verdade, mas não sabemos mais o que eles planejaram. Precisamos de toda ajuda possível. – Rhodey parou de falar, e o barulho dos disparos de um rifle da S.H.I.E.L.D. dominou a comunicação. – Tony?

– Estou aqui. Rhodey, você consegue resolver tudo isso, né? Nunca foi costume da S.H.I.E.L.D. mandar pedidos de ajuda quando uns capangas da Hidra aparecem caindo de aviões.

Mais disparos, seguido do som de Rhodey raspando o comunicador no queixo. Para Tony, soou como uma lufada de vento.

– Tony – disse Rhodey. – O chamado é válido.

– Eu ouvi. – disse Tony. – Mas você acabou de dizer que tem tudo sob controle.

Outra vez, silêncio. Atrás, Tony ouvia tiros, explosões abafadas, a batida ritmada das pás de um helicóptero. Então Rhodey cortou a comunicação sem

dizer palavra, deixando Tony sozinho ali no laboratório.

– Ele disse que estava tudo sob controle – disse ele, dando de ombros. – Não precisam de mim.

Tony voltou para o terminal de controle e começou a fase final da reinstalação dos sistemas do protótipo.

• • • •

No fim da batalha, Rhodey compreendeu por que tudo acontecera.

Primeiro, um pulso eletromagnético confundira os sensores defensivos de perímetro da S.H.I.E.L.D. Somente depois de uns dez segundos, conseguiram fazê-los voltar a funcionar; a empresa se preparava para lidar com rompimento nas comunicações causado por PEM desde que o fenômeno fora batizado cinquenta anos antes. Durante esses dez segundos, oito aeronaves de companhias aéreas comerciais conhecidas saíram de suas rotas de voo habituais e aceleraram para soltar quase cem paraquedistas sobre o QG da Ilha do Governador – que ninguém devia saber que existia, mas isso apenas mostra como vale a pena manter o segredo quando o inimigo resolve mesmo descobrir alguma coisa.

Ao mesmo tempo, outras dúzias de agentes da Hidra viajavam disfarçados de turistas, aproveitando-se da balsa que levava à ilha. Largaram suas cestas de piquenique, armas carregadas, e dominaram o perímetro físico da base, construído abaixo do nível do mar com uma entrada acoplada à saída de ventilação do túnel Brooklyn-Battery.

Eram, portanto, cerca de duzentos comandos razoavelmente treinados e bem armados, num ataque aéreo e terrestre coordenado.

A S.H.I.E.L.D., tomada totalmente de surpresa, repelira-o em menos de trinta minutos – sem causar nem um acidente com civis. Já quanto à força invasora, a taxa de unidades derrubadas resultou num redondo 100%.

A última balsa voltou soltando fumaça em direção à rua Whitehall, na ilha de Manhattan, carregando um grupo de turistas confusos que não sabiam dizer

exatamente o que tinham presenciado. Psicólogos e relações públicas da S.H.I.E.L.D. estavam entre eles, massageando suas mentes, garantindo que, quando fossem aos jornais – o que alguns fariam, com certeza –, entregariam uma história que a S.H.I.E.L.D. poderia terminar de contar quando os repórteres viessem pedindo um comentário.

Rhodey conduzia sua retrospectiva das táticas do inimigo, arquivando-a e comparando-a com ações prévias da Hidra, tudo para ignorar o fato de que Tony Stark os deixara na mão quando mais precisaram.

Ou não. Não precisaram, porque no fim das contas eles tinham tudo sob controle desde o momento em que soaram os primeiros alarmes. Quando podiam ter precisado.

Ele tentou afastar a ideia da cabeça. Haveria tempo para lidar com ela mais tarde. Fury certamente ia querer lidar com ela, e então Rhodey não saberia como poderia defender Tony. A situação ficava muito complicada quando a amizade entrava em conflito com a responsabilidade.

Com os turistas despejados na ilha agora, as equipes de recuperação da S.H.I.E.L.D. reuniam os corpos dos atacantes da Hidra. Comparando seus números com os registros de radar e vídeo, certificaram-se de ter coletado todos. Não poderiam permitir que a limpeza fosse concluída para depois ver um bando de presuntos aparecendo no banheiro masculino da loja de *souvenires*. Os corpos foram depositados em fileiras alinhadas, com misturadores de frequência afinados no local para evitar que as sempre presentes garras da imprensa conseguissem imagens do que realmente ocorrera. Rhodey andava ao lado de uma dessas fileiras. Havia 27 corpos, cada um vestindo o uniforme padrão, armadura preta e capacete, com o logo da Hidra destacado no peito, à esquerda. Tentou não pensar nas pessoas que deviam ter sido deixadas para trás. Após uma batalha, o prazer atávico da vitória sempre colidia com a tristeza referente ao modo com que alguns homens estavam dispostos a morrer. Deixar para trás esposa e filhos pela Hidra? Ele não compreendia.

Assim como não compreendia Tony Stark respondendo ao chamado apenas para dizer a Rhodey que, na verdade, não o responderia.

Você acreditava na pessoa. Lutava ao lado dela, via-a triunfar sobre os próprios demônios porque assim enxergava um bem maior... e então acontecia isso. Não havia como defender.

Mas o defenderia mesmo assim, porque a amizade significava muito para ele. Tony tinha razão; a S.H.I.E.L.D. não corria perigo, de fato.

Como ele faria Fury entender isso?

Na ponta da fileira de corpos, o homem em questão estava agachado num dos joelhos, com um capacete da Hidra na mão. Diante dele, o corpo do qual ele removera o equipamento. A armadura mostrava os três tiros técnicos contra o centro da massa. Fosse quem fosse aquele comando, sentira um soco no estômago e morrera antes de ter tempo de sentir dor. *Pequenas misericórdias da guerra*, pensou Rhodey.

– Acho que pegamos todos eles, senhor – disse. Acabara de receber a informação de que os números batiam do rapaz da central. A não ser que a Hidra tivesse descoberto como tornar seus agentes invisíveis, sua força de ataque havia sido eliminada até o último homem.

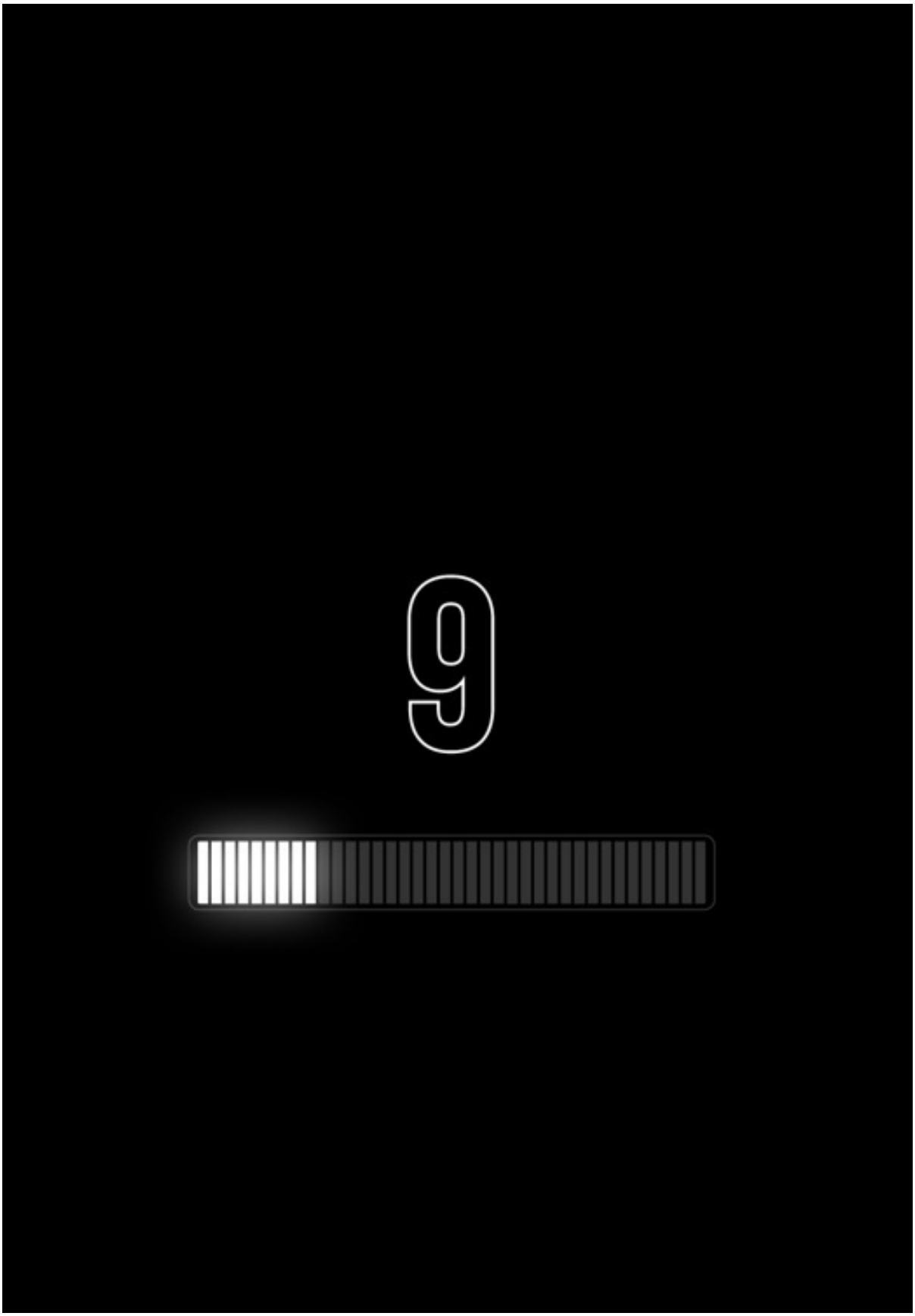
– Bom saber, Rhodey – disse Fury. – Bom saber. Onde estava o sr. Tony Stark?

– Ele recebeu o chamado, senhor. – Rhodey não pretendia dizer mais nada com outras pessoas por perto. Não era do tipo que lavava roupa suja em público.

– Então, seria bom se ele tivesse vindo até aqui. Pelo menos a tempo de nos ajudar a resolver os problemas – disse Fury. Ele levantou-se, o capacete da Hidra ainda na mão, e apontou o corpo aos seus pés. – Reconhece esse cara? – perguntou.

Rhodey olhou para baixo. Tentou controlar a reação no rosto, mas soube que não conseguiu. Podia ver aonde aquilo levaria, todas as consequências à frente, e não quis fazer parte daquilo. Mas se havia uma coisa que James Rhodes sabia sobre si mesmo era que não conseguia mentir. Não para um superior, e não com a situação encarando-o de frente. Não quis responder, mas respondeu.

– Sim, senhor. Reconheço.


9

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Malha de nanotubos de carbono de camada dupla.

DESCRIÇÃO

Ver malha de nanotubos de carbono, Petição Provisória para Patente das Indústrias Stark [editado] para descrição da malha de camada simples. A malha da nanotubos de carbono de camada dupla incrementa a capacidade protetora e é construída com o propósito de preencher o vazio entre as camadas com um gel que absorve choques ou outro material que atenua impactos.

ARGUMENTO

Com um material interpolado, espera-se que a capacidade protetora da malha de nanotubos de carbono de camada dupla exceda a da malha de camada simples numa proporção de oito para dez. (Ver tabela anexada de resultados experimentais preliminares.) Experimentação futura encontra-se em andamento para investigar a possibilidade de usar o espaço intercalar para a instalação de sistemas de energia e sensores, usando nanomodularidades distribuídas sem depender de estruturas de transmissão unificadas como fios e circuitos, que seriam facilmente prejudicados ou quebrados por impactos contra as camadas superiores da armadura.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das

Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Você vai pegar um desses e levar ao Laboratório de ITR de Tony, vai mostrar para elee vai esfregar a cara dele ali o *quanto for necessário.Até extrair as respostas que expliquem suas ações*.

Essas foram as ordens que Rhodey ouviu de dentro de um turbocóptero, saído da Ilha do Governador para o tranquilo subúrbio de Long Island, onde o laboratório de Tony repousava num amontoado de instalações da indústria leve. Um estacionamento de caminhões aqui, um distribuidor de cerveja acolá, um depósito de autoarmazenagem do outro lado da rua com anúncio de promoção dos espaços subterrâneos. O turbocóptero pousou no estacionamento do laboratório, ignorando as leis aéreas, e Rhodey saiu enquanto as pás ainda executavam seu girar invisível sob o céu ensolarado. Caminhou, abaixado, recebendo o jato de ar, e entrou com tudo pela porta da frente. Pepper estava lá, para encontrá-lo, no saguão.

– Rhodey – disse. – Vai com calma.

– Sei por que está dizendo isso – disse Rhodey –, mas não dá mais pra ir com calma.

Encontrou Tony fazendo algo ao protótipo com um sensor cujos fios finos levavam de volta ao terminal central de controle. O terminal, Rhodey reparou, fora completamente reconstruído após o surto do protótipo na semana anterior, quando ele ganhou um monte de inchaços e hematomas, cortesia de um raio de pulso e um encontro íntimo com uma das portas da plataforma de carregamento.

O que Rhodey não gostava de todo aquele cenário era o fato de saber que Fury chegaria em exatamente dezenove minutos. Vinte desde o pouso do turbocóptero, como registrado na Ilha do Governador. Fury ordenara isso também, e Rhodey aceitara por ser um soldado. Ganhara capital pessoal suficiente para questionar Fury, mas não para começar uma guerra absoluta na hierarquia de comando, então quando Fury mostrou o plano, ele registrou suas

objeções, mas abandonou-as quando o outro lhe disse que a situação não comportava negociações.

– Por favor – disse Pepper. – Sei como ele é babaca. Mas vai estar lá quando você precisar dele.

– E se tivéssemos precisado dele ontem? – Rhodey perguntou. Ele deixou a pergunta pairando no ar, odiando-se por fazer isso porque sabia que estava esfregando algo na cara da moça, descontando nela o que sentia por conta de algo que ela não podia controlar. Mas a S.H.I.E.L.D. precisava de Tony Stark. A América precisava de Tony Stark. Isso era muito maior do que os sentimentos.

Pepper virou-se e foi até Tony, que não dera sinal algum de ter registrado a presença dela, nem a chegada de Rhodey. Mas quando os dois chegaram mais perto dele, ele disse:

– Rhodey, meu velho chapa. Veio aqui acabar comigo, e eu mereço. Não discordo. Vou tomar meu remédio feito um menino crescido. Pode despejar em mim qualquer coisa que Fury tenha decretado.

Bom, pensou Rhodey. *Então vai ser assim*.

– Vou te dar o remédio do Fury sim. Mas primeiro vou dar o meu, só meu, pra você. Nada a ver com a S.H.I.E.L.D. – Ele subiu na plataforma de controle central. – Você nos deixou na mão, Tony. Poderíamos ter dito que o Hulk estava comendo a droga do Empire State montado nas costas do Godzilla e você teria ficado aqui no laboratório, trabalhando na sua armadura. Você nos deixou. Aconteceu que você estava certo. Demos conta dessa vez. Mas você nos deixou.

Tony fitava-o nos olhos o tempo todo. Quando Rhodey terminou de falar, ele disse:

– Não deixei, Rhodey. Escolhi uma prioridade. É melhor eu ir correndo ajudar você a varrer um monte de fuligem de canhão da Hidra ou aproveitar esse tempo pra aperfeiçoar a armadura que vai fazer diferença na próxima vez que algo ruim de verdade aparecer? Como gastar melhor o meu tempo?

– Não sei. Mas sei que você se comprometeu a responder um chamado, e quando o chamado veio você não apareceu.

– Não. Só reconheci as falhas na estrutura. É o que venho fazendo aqui também. A S.H.I.E.L.D. tem falhas. Minhas outras armaduras tinham falhas.

Essa vai ser perfeita, e então quando a S.H.I.E.L.D. ligar, vou estar lá. Mas uma dúzia de agentes da Hidra com M-16s? Precisam de mim pra isso?

Rhodey ficou furioso. Possesso. Ficou tão irritado que foi a maior dificuldade do mundo não meter um direto de esquerda na cara de Tony ali mesmo.

– Você é quem decide quais são essas falhas? Deixa eu te mostrar uma coisa. Se importa de ir lá fora?

Uma incerteza estranha pairou sobre o rosto de Tony.*Como se ele soubesse que teria que ver algo que não gostaria de ver*, pensou Rhodey, o que era verdade.

– Estou um pouco ocupado – Tony respondeu.

– Um pouco? – Rhodey retrucou. – Matei nove pessoas hoje. Não foi a primeira vez que aconteceu, provavelmente não será a última. Mas teve uma coisa interessante dessa vez. Um deles está lá fora, e acho que você precisa ver quem é. Isso, claro, se você conseguir se afastar pelo menos *um pouco* desse computador.

Ele levantou-se, os olhos ainda grudados em Tony. Este ficou muito tempo sem fitar o amigo, e quando o fez, Rhodey teve a sensação de que ele tinha ficado em dívida, ainda que, se alguém devia alguma coisa a alguém, era Tony quem estava do lado errado da história.

– Tá, vamos lá – disse Tony, passando por Rhodey e Pepper em direção ao saguão que levava à porta de entrada. Ela fitou Rhodey nos olhos depois que ele passou, e ele pôde ler a mensagem: *Vai com calma*.

Mas não dava mais para ir com calma.

– Parece que a Hidra andou conseguindo avançar na área da clonagem – disse Rhodey conforme cruzavam o estacionamento, na direção da aeronave da S.H.I.E.L.D. – Isso não fazia parte do *modus operandi* deles.

Tony não dizia nada. Apenas acompanhava o passo de Rhodey, mas este sabia que a mente do amigo estava em outro lugar.

– Então, aqueles nove caras que eu matei hoje? Eram todos o mesmo. Muito curioso ficar imaginando qual deles seria o original. Ou se o original esteve lá, ou se ainda está vivo. Esse tipo de ideia acaba passando pela cabeça da gente.

– Se você diz... – disse Tony.

Rhodey acenou com a cabeça conforme os dois se aproximaram da porta traseira do helicóptero. Era um modelo de ataque leve, feito para carregar de seis a oito agentes além de dois na tripulação, na frente. A porta que ele abriu era grande o bastante para três homens pularem juntos. Encontraram a traseira da aeronave vazia, exceto por um saco deitado ao comprido logo atrás da porta.

– Você começa até a achar que deve ter um clone seu por aí, e o que ele tem feito, e se sabe que é um clone seu – disse Rhodey. Ele parou, segurando entre os dedos o zíper do saco preto. – Tony. Preste atenção. Isso é importante.

– Não me trate como criança, Rhodey. – disse Tony. – Pode estar bravinho porque não fui no seu bangue-bangue, mas não me trate como criança.

– Você não sabia que era um bangue-bangue – Rhodey retrucou. Ele meteu o dedo no peito de Tony para certificar-se de ter sua total atenção. – Até onde você sabia, o mundo podia estar acabando e mesmo assim você teria ficado no seu laboratório até que a própria morte entrasse valsando pela porta. É este o problema. Não é que você estava certo; é que você *supôs* que estava certo, porque você é o Tony Stark e não pode nunca estar errado.

Rhodey puxou o zíper, abrindo o saco preto.

– Olhe, Tony. Olhe com bastante calma.

O rosto do cadáver ainda não havia perdido toda a cor devido à lividez *post mortem*. A boca estava ligeiramente aberta, assim com um dos olhos. O maxilar era forte e bem barbeado, o cabelo, castanho claro, raspado bem curtinho. Tony o fitou por um bom tempo.

– O nariz não está quebrado – disse, finalmente.

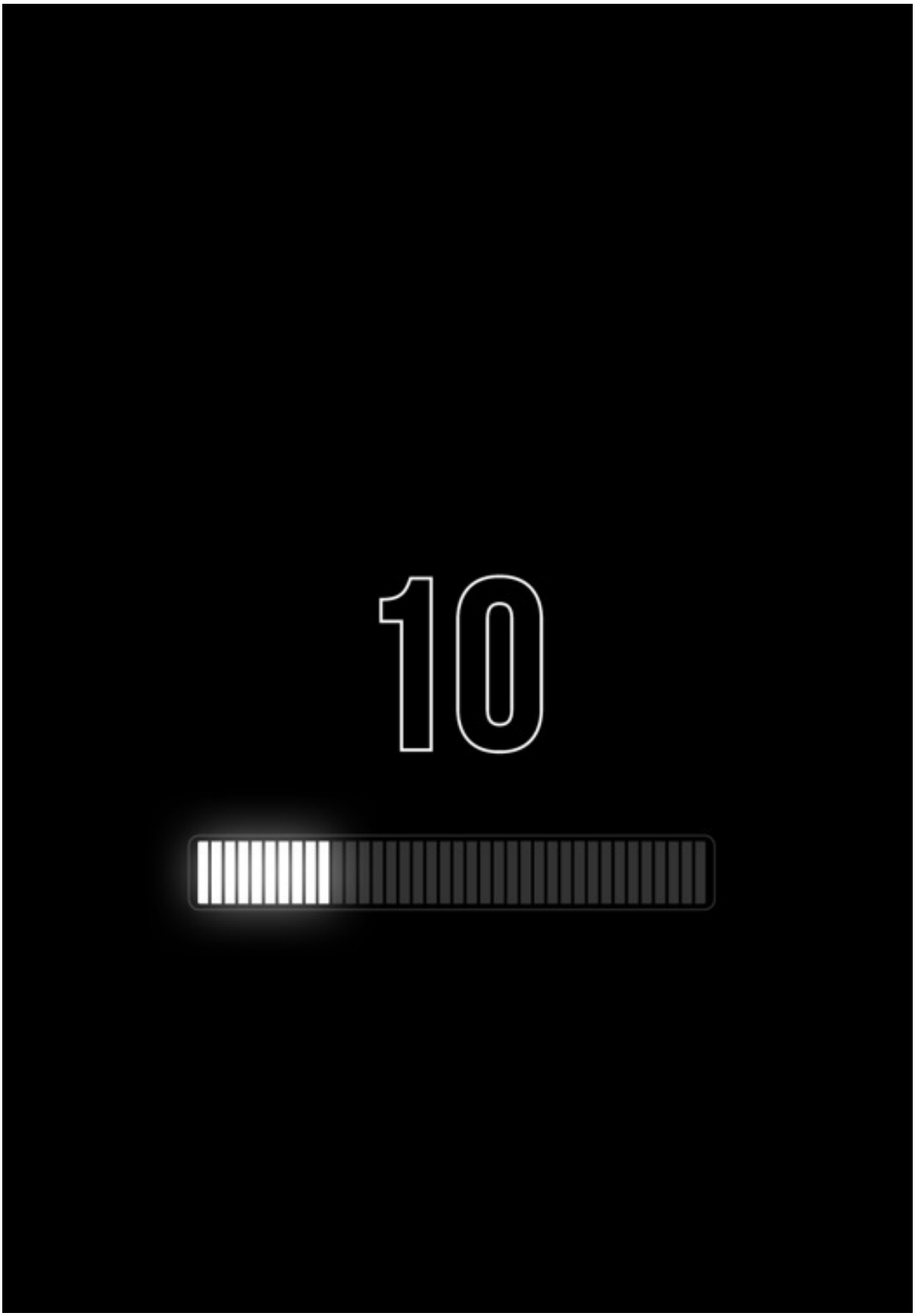
– Clones, Tony. Eles não deviam mandá-los pra campeonatos de boxe pra ganhar todas as cicatrizes de Happy. Agora por que será que a Hidra resolveu fazer cem clones de Happy Hogan? – Rhodey esperou Tony olhar para ele, mas o homem não conseguia tirar os olhos do rosto do clone morto.

– Happy mora no Brooklyn – disse, finalmente. Rhodey não entendeu nada, e teve a sensação, pelo tom de voz, que não era mais com ele que Tony estava falando, afinal.

– Fale comigo – Rhodey pediu. – Tem alguma coisa acontecendo aqui. Isso foi uma mensagem. A Hidra sabia que não havia como fazer muito estrago com

esses caras. O que está por trás disso?

– Brooklyn – Tony repetiu. Ele voltou ao laboratório, e quando Rhodey o seguiu, Tony parou na entrada, bloqueando-a, e não saiu enquanto o amigo não voltou para o turbocóptero, para voar de volta à Ilha do Governador. Este ligou para Nick Fury no meio do trajeto, dizendo que não se desse ao trabalho de ir até lá. Teve a sensação de que algo havia saído terrivelmente do controle, mas não sabia o quê.


10

> Não há ciência cujos mistérios eu, seu líder, não possa penetrar. Busquei as verdades mais profundas da genética, e trouxe-as à existência. Vocês, meu exército, meus braços, a alavanca com a qual moverei o mundo. Jamais houve algo parecido com vocês – até os próximos, que serão ainda mais magnificentes. Não podem visualizar o que visualizo, motivo pelo qual cabe a mim ser seu líder. Ergam seus braços direitos. Sim. Sintam o poder de sua unidade, sintam o poder de sua resposta aos meus comandos. O que quero é o que é melhor para vocês, porque o que eu quero é o melhor para a Hidra, e nós somos a Hidra. Posso tocar toda e qualquer uma de suas mentes e encontrar seus recessos mais íntimos. Vocês não têm medo. Não têm dúvidas. São a Hidra. Comem e respiram e lutam pela Hidra. Falem comigo, baixinho: somos a Hidra. Sim. Agora mais alto! Somos a Hidra! Quando lutamos com nossos braços e corpos, nossos inimigos tremem. Quando lutamos com nossas mentes e nossa vontade, o próprio universo não sabe para onde correr. Eu sou Zola. Eu faço, guio, ensino, e juntos faremos, guiaremos e ensinaremos um novo mundo. Nós somos a Hidra!

Tony não atendeu o telefone nem recebeu visitas durante 24 horas. Precisava de tempo para pensar, e sabia que Pepper resolveria qualquer coisa que precisasse ser resolvida no dia. Fechou o Laboratório de ITR naquele dia e deu folga a todos os funcionários; era uma sexta-feira, e ninguém achou chato ter um inesperado fim de semana de três dias. Com o laboratório em silêncio, Tony vagou pelos saguões e andares de testes, tentando descobrir o que estava acontecendo, quem estava fazendo aquilo e como ele deveria responder.

O ataque contra a S.H.I.E.L.D., para Tony, não fora intentado contra a superintendência, mas contra ele.

As Indústrias Stark estavam sendo ameaçadas em pelo menos dois *fronts*. Três, dependendo de como fossem pensados. O código malicioso que se

insinuara dentro do protótipo de armadura, além do uso de clones de Happy Hogan no incidente na S.H.I.E.L.D. – mais o impacto psicológico de usarem Happy daquele jeito. *Isso tem tudo a ver com Sun Tzu*, Tony pensou.*Se você entra na cabeça do seu inimigo, pode ganhar a batalha antes mesmo de dar o primeiro tiro*. Bom, tiros haviam sido dados naquela batalha, mas ele sentia que quem estava manipulando os fantoches do outro lado do campo de batalha tinha planos que culminariam num confronto cara a cara. Homem de Ferro *versus* esse alguém. O adversário estava tentando amolecê-lo demonstrando que ele podia ser enfraquecido. Sua segurança não andava boa o bastante, e – e era isso que doía muito admitir – ele não sabia ao certo em quem podia confiar.

O Brooklyn era um grande bairro. Se não fosse parte de Nova York, seria a quarta maior cidade do país, com mais de dois milhões de habitantes. Então por que Tony não conseguia parar de lembrar que o protótipo fora hackeado de algum lugar do Brooklyn, e que Happy Hogan morava lá? Essa ideia era como uma minhoca; cavava fundo na mente dele, forçando-o a lutar contra o impulso de conectar os dois fatos. Não havia motivo para acreditar que Happy era qualquer coisa se não um amigo leal. Qualquer pessoa poderia, e de fato deixava pedaços de DNA por aí; bastava estar vivo no mundo. Um gênio maluco com uma instalação de clonagem poderia fazer mil cópias de qualquer um após segui-lo por uma hora, subtraindo de tudo, de um guardanapo a uma bituca de cigarro a... bem, de tudo.

Ele tinha que falar sobre isso com Happy, mas não sabia como abordar o assunto sem fazê-lo sentir que Tony suspeitava de alguma coisa.

E o fato era que Tony realmente suspeitava de alguma coisa. Ele conseguia afastar-se de seus pensamentos para ver que eles não possuíam razão de ser, mas isso não alterava a suspeita insinuante que ocupava um cantinho de sua mente. Havia algo acontecendo, e ele não compreendia, e ele tentava juntar as peças do único jeito que elas pareciam querer se juntar.

– Uau – ele disse, em voz alta. – Momento paranoia.

O modo racional de abordar a história toda seria supor que Happy estava sendo usado para gerar uma sensação de incerteza relativa a tudo em que Tony

confiava. Psicologia operacional pura. Mas uma coisa era reconhecer um trabalho desses; outra coisa era não cair nele.

– Brooklyn. O que tem no Brooklyn?

E o que havia nele que o tornava suscetível a tão transparente estratagema? Como dizia o antigo ditado irlandês: quando três pessoas lhe disserem que você está bêbado, deite-se no chão. De todos os lados, Tony ouvira que andava agindo de modo estranho. Por dentro, ele não se sentia agindo de modo estranho. Queria o que queria, e o que queria era que as pessoas o deixassem em paz para poder trabalhar. Havia coisas incríveis à beira do possível; ele seria capaz de criá-las somente se as pessoas o deixassem em paz. A S.H.I.E.L.D. ligando, toda em pânico, por conta de um bando de clones armados do Happy apenas o mantinha afastado do trabalho que poderia salvar o traseiro da superintendência na próxima vez em que uma verdadeira ameaça aparecesse. Era isso que ninguém entendia. Fury, Rhodey, nem mesmo a Pepper.

Que ficou ligando para ele sem parar, apesar do fato de ele ter lhe dito que não atenderia a ligação alguma durante o dia seguinte, talvez mais. Tony olhou para o telefone, considerando brevemente ligar para ela, para que não se preocupasse. Mas logo pensou que não faria diferença. Ela continuaria preocupada, não importava o que ele fizesse.

Era esse o problema. As pessoas tinham um conceito sobre Tony Stark. E, de algum modo, ele ultrapassara o ponto em que suas ações exerciam algum efeito sobre esse conceito.

A solução, então, era não se preocupar mais com esse conceito. Fazer o que ele sabia que precisava ser feito.

E isso, naquele momento, era o estágio seguinte do desenvolvimento do protótipo. O telefone tocou. Ele não atendeu.

• • • •

– Agora começa o trabalho de verdade, Maheu – Zola anunciou. – Podemos certamente supor que a S.H.I.E.L.D. já comunicou ao deveras incomunicável

Tony Stark que foram atacados por clones de seu grande amigo Happy Hogan. Stark, é claro, perceberá imediatamente que era ele o verdadeiro alvo da operação, mas ao percebê-lo, ao considerar os motivos da operação, ele será forçado a legitimá-los. Ou seja, começará a suspeitar de seu amigo, ainda que tente convencer-se de que a suspeita é uma tolice.

– Considerando sua certeza, poder-se-ia pensar que a caixa de PES possui um alcance deveras extraordinário – foi a réplica azeda de Maheu.

Zola ergueu uma sobrancelha e virou-se para que Maheu pudesse ver seu rosto na tela de TV.

– Com inveja outra vez? – cutucou. – Você não precisa ter uma caixa de PES como a minha. Ela é única, artigo distinto de qualquer coisa já criada pela mente humana. Caso eu implantasse uma em você, ela destruiria sua individualidade e a minha. Enquanto clone, você deveria agradecer pela mínima individualidade que possui.

– Acredito que tenha razão – disse Maheu.

Zola não gostou do tom da voz do clone. Por um instante, considerou tomar controle da mente dele, mas jurara a si mesmo não fazer isso jamais quando criou Maheu. Que bem poderia proporcionar um conselheiro sem vontade própria?

Ainda que tal dom costumasse ser exercido de modo tão incômodo.

– Maheu, tudo parece estar correndo conforme o planejado, até agora, não acha? Colhemos o DNA de Hogan. Livramo-nos de centenas de clones inúteis de primeira geração que ocupavam nossa capacidade de armazenamento, e ao fazê-lo criamos diversas desorientações que comprometerão a habilidade de nossos inimigos de antecipar e reagir a aos nossos verdadeiros planos. E – disse ele – nossa viagem de trem à Vila Stark concedeu-nos uma recompensa inesperada.

– Conte-me. – disse Maheu.

– Não, já que você vai continuar reclamando por conta da caixa de PES.

– Não estou reclamando. – disse Maheu. – Isso é apenas uma deflação sardônica de seu invulnerável autoconceito de perfeição.

Zola riu de puro deleite.

– Esplêndido. Então eu contarei, sim, que quando Lantier teve seu momento de diversão com o mais novo protótipo de carapaça do sr. Stark, ele trouxe de volta umas informações interessantes sobre as habilidades do protótipo… e suas suscetibilidades. Acredito que ele encontrou um modo de extrair, por entre os dentes da formidável rede de protocolos de segurança do sr. Stark, os rascunhos da interface neural do protótipo.

– Passaremos a projetar carapaças também, agora? – Maheu perguntou. – Poder-se-ia pensar que a construção de um exército de clones seria suficiente para manter a pessoa ocupada.

– Dessa vez, Maheu, sua farpa errou o alvo. – Zola bateu uma palma da mão na outra. – Quando a natureza de um sistema é conhecida, pode-se explorar sua natureza. Às vezes, é possível até controlá-lo. O que faremos será, tendo aprendido sobre a natureza da interface do protótipo, começar a cutucar o calcanhar de Aquiles que, certamente, se esconde lá dentro. Todo homem, e aqui incluo até a mim mesmo, tem falhas. Aquele que encontrar primeiro a falha do adversário, enquanto mantém a sua escondida, será o vencedor da batalha.

– Sempre? – perguntou Maheu.

– Talvez não. Mas esta vez é a única que conta.

Ele levantou-se.

– Sei que considera o ambiente de Lantier desagradável, mas devemos consultá-lo sobre os detalhes desse novo estágio de nosso plano.

– Nosso plano? – Maheu repetiu. – Eu tinha a impressão de que você estava perfeitamente contente com o plano anterior, que não incluía essa interface neural nem qualquer participação minha que concederia o mérito do pronome possessivo no plural, “nosso”.

Zola saiu pela porta e adentrou a passarela.

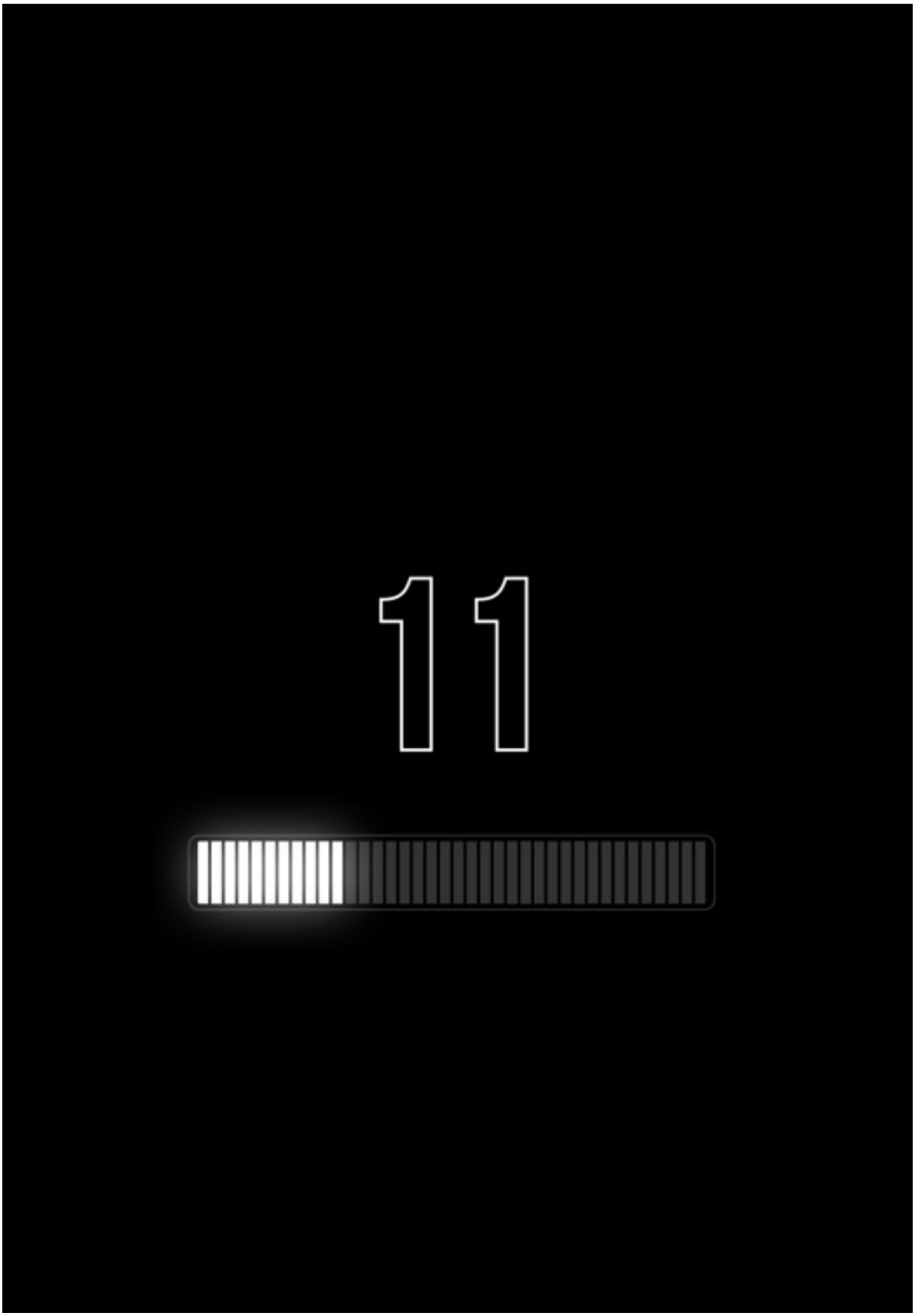
– Maheu – disse, sabendo que o clone vinha logo atrás –, remendar é quase tão repreensível quanto ter inveja. Preciso de conselhos! Como devemos cronometrar nossa próxima manobra? – Descendo pelos degraus da passarela, Zola saboreou o tilintar na caixa de PES vindo dos operários, que notaram sua presença.

– Parece-me – disse Maheu – que deveríamos agir assim que for prudente. Quanto mais esperarmos, mais provavelmente Stark, quais sejam as flutuações de seu estado mental, de fato alcançará um avanço que comprometerá nossos objetivos.

– Concordo! – Zola ficou satisfeito por ter lembrado Maheu de sua posição. Chegaram ao elevador. A porta se abriu quando eles se aproximaram, para que não tivessem que apertar o passo para entrar. A descida ao andar de treinamento, onde ficava o sacrário de Lantier, levava quinze segundos. Zola registrou a mudança na expressão de Maheu durante esse pequeno espaço de tempo. – O que há em Lantier que você acha tão detestável?

Por um momento, não apareceu nada da zombaria subalterna típica no olhar do clone, nem em seu tom de voz.

– Porque ele poderia ter sido eu. Ou, mais precisamente, eu poderia ter sido ele.


11

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Gel de atenuação cinética.

DESCRIÇÃO

Polímero viscoso capaz de absorver e dispersar energia cinética em altas concentrações, com superaquecimento mínimo de sistemas e estruturas críticas adjacentes. Projetado para uso em conjunto com a malha de nanotubos de carbono de camada dupla das Indústrias Stark (cf. Petição Provisória para Patente [editado], cópia anexada).

ARGUMENTO

Derivado de trabalho originalmente contido nas patentes [editado] e [editado] das Indústrias Stark, essa versão do polímero tira proveito dos avanços na manipulação do carbono, e de avanços recentes na ciência de materiais, como citado no argumento pendente [editado] das Indústrias Stark. Energia de impacto de até 1 MJ/kg será dispersada com 12 mm de grossura de gel AC em conjunção com a armadura de camada dupla como a presente na patente [editado] das Indústrias Stark. Grossura de 25 mm de gel CA dispersou energia de impacto de mais de 3 MJ/kg em circunstâncias controladas. Esses valores excederam amplamente os limites existentes de performance de materiais dispersadores de energia.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas

as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

– A hora é zero três quatro quatro de sábado – disse Tony. – Começando inicialização do protótipo para primeiro teste de voo e checagem operacional em capacidade total.

Havia muitos aspectos de bom procedimento para gravar um registro de voz de um teste de protótipo, mas Tony descobriu que também clareava sua mente falar enquanto tentava resolver os *bugs* de um sistema novo. Quando escutava as gravações depois, conseguia reparar em detalhes de seu tom de voz que às vezes não notara conscientemente durante o teste. A armadura nova era uma criatura diferente de suas versões anteriores, até mesmo a Extremis. O que ele estava buscando era algo como uma versão melhor de si mesmo, e não somente uma armadura pessoal superpoderosa. Havia muitos motivos para ficar apreensivo.

– Ligando a armadura. – O microfone preso com fita no maxilar levava sua voz até o servidor que também mantinha todos os sistemas de controle da armadura conversando um com o outro. Controle imediato. A união perfeita de criador e criatura. Era isso que ele buscava, e naquela noite – bom, naquela madrugada – ele descobriria até que ponto chegara.

No compartimento em que dormia a armadura, uma série de luzes no painel de status mudou de cor.

– Ativa e pronta para partir – disse Tony. Ele se aproximou da armadura, virou-se, dando-lhe as costas, e deu um passo atrás para colocar os pés nas marcas que fizera no chão com fita fluorescente. Igualzinho na peça da escola. Entrar na marca, dizer as falas, e o *show* começa.

Sentindo a presença de um corpo humano, protocolos da armadura farejaram o DNA de Tony, das muitas células que seu corpo desprendia. O perfil foi comparado com a sub-rotina administrativa do servidor. Encontrando o que procurava, a sub-rotina disparou as três primeiras notas da famosa música

“Assim falou Zaratustra”. Desse detalhe Tony não se orgulhava muito, mas não resistiu.

A música dava a deixa para que ele falasse uma senha de voz.

– Pelo futuro da humanidade – ele disse, resistindo à vontade de cantar.

A armadura se abriu ao longo de linhas que percorriam o comprimento de cada membro e dividiam o tronco. Com um suave gemido, servomotores moveram a armadura cindida para a frente, até que Tony sentiu-a tocando-lhe a nuca e as pontas dos ombros. Uma série de cliques e sibilos soaram conforme ela selou-se em torno de seu corpo, e 116 adesivos de neurointerface se grudaram em sua pele.

– Inserção da armadura bem-sucedida. – Ele saiu da moldura e testou os reflexos da armadura. Antes de acioná-la, escreveu uma lista de ações físicas básicas que queria executar para que o software dos sistemas pudesse analisar tempos de resposta e ver quão bem a interface estava funcionando – para ver, em outras palavras, quão perto ele estava de alcançar o controle imediato.

Era impossível, não? Nada podia ser imediato. A velocidade da luz era a velocidade da luz. Nem mesmo Tony Stark poderia superar esse limite.

Mas ele poderia chegar mais perto do que qualquer outro homem. Era esse o objetivo. Ele não se contentaria com menos. Havia possibilidades excitantes além do que ele considerava possível, também. Ações a distância, manipulação quântica... tantos caminhos para explorar.

Naquele dia, contudo, ele queria certificar-se de que sua armadura funcionaria do jeito que deveria funcionar.

Ele ergueu o braço esquerdo, depois o direito. Flexionou os dedos. Girou os braços, virou a cabeça, agachou e deu um pulo, com cuidado para não se empolgar muito, visto que acabara de consertar o teto após a querela do outro dia. Tudo funcionava com tamanha fluência, que ele teve de estender as mãos e olhá-las bem para lembrar-se de que estava dentro da armadura. Todas as outras armaduras tinham certo peso. Mesmo quando amplificavam sua força, mostrando-lhe modos de sobrepujar e esquecer a avaria de seu coração, Tony tinha ciência de estar dentro delas. Tinha de mandar a armadura fazer algo para então sentir um processo mecânico responder que fazia isso acontecer.

Mas daquela vez, não. Daquela vez, sua mente formulava um pensamento e conforme seu cérebro o traduzia num impulso nervoso, a armadura respondia. Se ele não pudesse vê-la embrulhando seu corpo, se não houvesse uma dúzia de leituras superimpostas no interior do visor do capacete, Tony não acreditaria de todo que estava usando uma armadura. A não ser pelo fato de estar somente de cueca e poder isolar a sensação de cada adesivo neural onde tocavam sua pele.

– Comandos físicos e respostas iniciais bem-sucedidos – disse ele. Então ele deixou de lado o tom apático de pesquisador. – Cara, essa belezinha é o máximo.

O passo seguinte seria alçar voo. Tony foi até a porta da plataforma de carregamento e tocou o botão para abri-la. Novamente, teve de lembrar-se de que estava usando um equipamento ímpar e escandalosamente caro. A porta abriu-se, e ele saiu para a plataforma.

– Agora vou voar – disse, e partiu.

Segundo as simulações que fizera, a armadura era capaz de 37 g de aceleração em linha reta. Mecanismos amortecedores de força-g deveriam, teoricamente, impedir que tal aceleração o matasse, mas ele jamais saberia se não se arriscasse. Então, após alcançar três mil pés de altura num ritmo entre 3 e 4 g constantes, checando o espaço aéreo ao redor, em busca de tráfego aéreo civil, ele resolveu ver do que a armadura era capaz.

– Aceleração inicial até três mil pés segundo especificações. Agora, vou me soltar um pouquinho.

Ele sentiu o impulso até 10 g do mesmo modo que sentiria um elevador passando de um andar para o seguinte. Aos 9 g, pilotos de elite começavam a perder a consciência.

– Chegando aos vinte – ele disse, acelerando ainda mais. *Vuuuush*, mais uma vez, aquela sensação do elevador, mas não foi nada ruim, e em dez segundos Tony havia alcançado a altitude de um voo comercial de distância média. – Legal. Aumentando para onze.

Mesmo em exposições breves, 37 vezes a força da gravidade era o suficiente para matar algumas pessoas, dependendo de diversas circunstâncias pessoais. Para Tony, dentro do protótipo de armadura, era como o último segundo após

saltar de um trampolim de três metros de altura, no momento exato antes de atingir a água, quando dá para sentir que você começa a se mover mais rápido. Ele foi subindo, e parou, depois de dez segundos, a cerca de dez mil quilômetros por hora.

– Ultrapassando jatos – ele disse, e sentiu a sensação gloriosa da queda livre conforme a gravidade impôs-se novamente sobre seu corpo solto. – Impressionante.

Tony caiu. Deixou-se cair, conforme a física natural dos corpos e da atração dominava onde sua feitiçaria tecnológica permitia.

– Checando desaceleração – ele disse, e quando sua altitude caiu para cinquenta mil pés, ele pisou nos freios, um jorro de 37 g.

Foi perfeito. Ele parou imediatamente, e teve a sensação de descer dois degraus em vez de um, numa escada.

– Nota mental. Tenho algo especial aqui. – Ele ficou ali parado, suspenso nove quilômetros acima da superfície da Terra. – A única coisa que poderia melhorar isso aqui agora seria um meteoro descer e me atingir. Preciso testar as CFNs e a força de tensão da armadura.

Esse seria o estágio seguinte. *Amanhã*, pensou Tony. Ele ergueu as duas mãos e atirou um par de raios de pulso na direção de Castor e Pólux.

– A ASN vai entrar em contato amanhã. Lembre-os dos acordos de testes.

Havia outro jeito de testar os sistemas de distribuição de impacto.

– Hum – disse Tony, olhando para baixo. Long Island era uma mistura efervescente de luzes amarelas e alaranjadas. O visor capturou o Laboratório de ITR; o jato o empurrara muitos quilômetros para o leste. Logo abaixo dele havia um bairro cheio de ruas sem saída e moradores que dormiam.

– São vocês que estou defendendo – disse Tony. Ele quis poder cortar a energia e simplesmente cair, ver o que aconteceria quando colidisse com o que quer que fosse. Mas sempre havia pessoas com as quais se preocupar. Ele se propagou de volta para cima até que, por navegação estimada, considerando a velocidade do vento e a aceleração da gravidade, ele pensou que, se cortasse a energia, pousaria no campo vazio entre o laboratório e o lago.

Então ele fez isso e deixou-se cair.

Foi como saltar de paraquedas, só que melhor. Havia a excitação de não ter um paraquedas, mas também a certeza de que ele poderia cair até da lua se quisesse, que nada o machucaria. Construíra uma imortalidade que poderia usar sobre a pele. Alcançara velocidade limite, e teria desmaiado muito antes, não fosse pela armadura.

– Ah, pode vir – disse. Tudo bem, ele tinha um problema de coração, e talvez todo mundo ao seu redor estivesse pensando que estava enlouquecendo, mas nenhum deles podia fazer aquilo. Ele esticou os membros, e viu a terra passar voando à sua frente, até que terra foi tudo o que ele pôde ver.

Colidiu contra o solo a 246 quilômetros por hora, segundo o leitor do visor. Pouco antes do impacto, Tony cruzou os antebraços à frente do corpo, querendo testar os CFNs. A força de sua reunião com a terra firma gerou uma cratera de quase trinta metros cúbicos, e toda uma energia de impacto para os CFNs converterem. Enquanto descansava, cabeça abaixada, com uma chuva de poeira de pedra sobre o corpo, Tony notou que os CFNs distribuíram uma porcentagem admirável de joules relevantes. Tudo estava funcionando. Ele saltou fora da cratera, e sacudiu a terra e pedaços de grama.

– O teste de impacto foi improvisado, mas com certeza bem-sucedido.

Terminado o teste de voo, Tony odiou a sensação do solo sob seus pés. Não, não odiou; mas deixou-o inquieto, ansioso para acionar novamente a armadura e decolar, só para ver o que ela podia fazer. Voltou andando para o laboratório e largou o capacete sobre o piso da área de testes, ao lado da moldura onde a armadura se recarregaria e transmitiria todo um relatório de sua performance para o servidor, onde várias sub-rotinas esmagariam as informações e lançariam seus próprios relatórios sobre modificações futuras desejáveis.

– Tony – ecoou uma voz contra os contornos quadrados do local.

– Não quero falar com ninguém, Pep. Estou trabalhando.

– Não ligo se está trabalhando, nem se quer ou não. – Ela foi até ele e plantou as mãos na cintura. Na linguagem corporal de Pepper, aquilo era como o texugo mostrando os dentes na entrada da toca. – Happy está pensando se vai pedir demissão.

– Ah, por favor. – Tony subvocalizou um comando, e a armadura se desprendeu, abrindo as camadas e ajustando-se na moldura de suspensão. Tony foi até onde deixara suas roupas. – Happy não vai se demitir. – E preferiu mudar de assunto. – Você devia ter visto essa gracinha em ação. Sabe que odeio me vangloriar, Pep, mas me superei. Isso aqui é outra coisa.

– Tony, cale a boca só por um segundo e me escute.

Ainda preso no barato do teste do protótipo, Tony enfrentou o foco resoluto de Pepper em tudo aquilo com que ele não queria se preocupar.

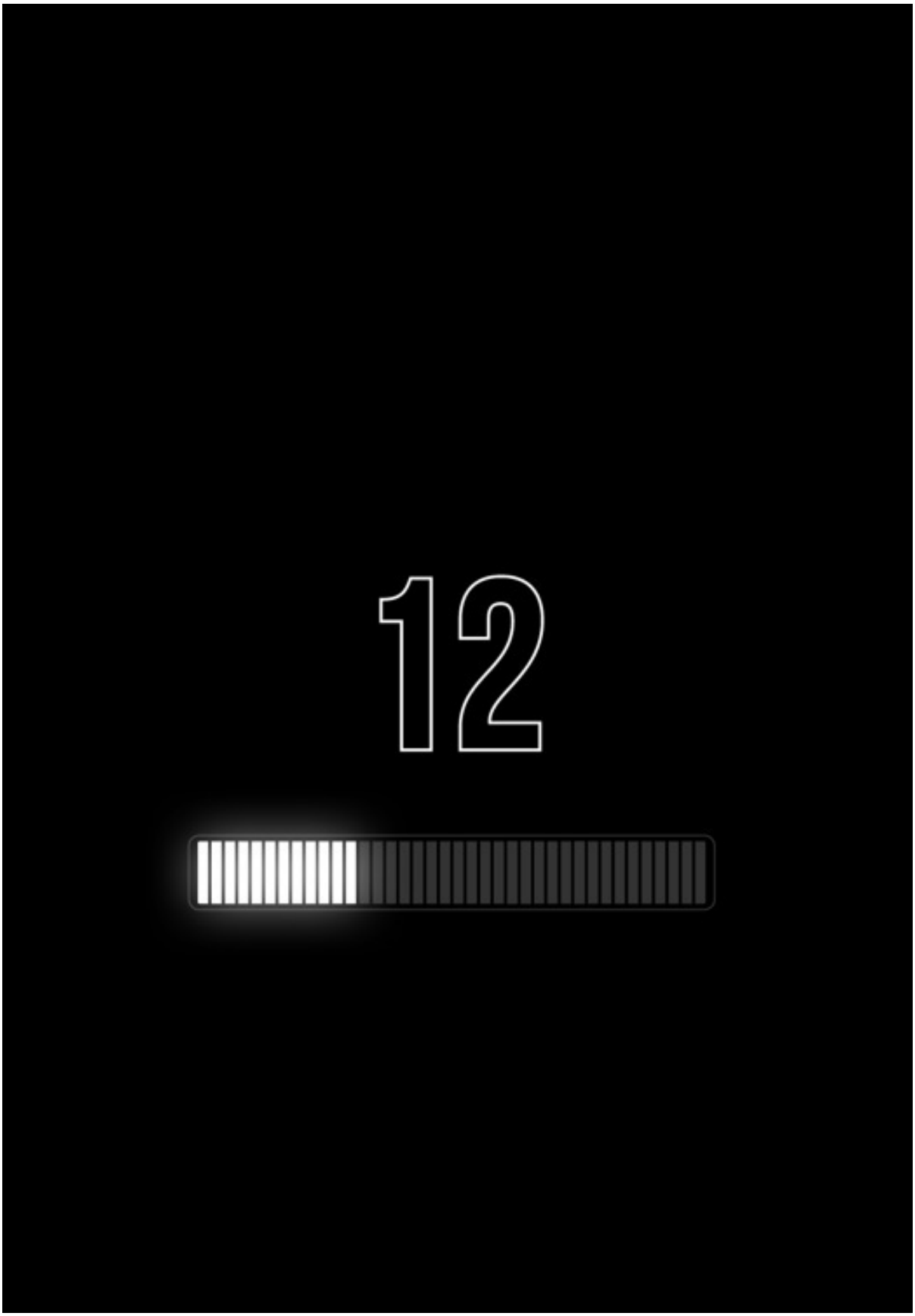
– Não vou calar a boca – disse –, e não tenho que te escutar. – Ele acenou para a armadura, em sua maravilhosa moldura. – Isso acaba de funcionar. Melhor do que eu esperava. Foi uma ótima noite. Você pode entrar e vir com uma história triste sobre o Hap, ou o Fury, mas o que eles querem mesmo são resultados. Que eu dê resultado. Sou como uma fornalha pra eles, uma espécie de fábrica que engole possibilidades e cospe trabalhos e tecnologia. E hoje aconteceu. Então ligue pra eles amanhã e peça pra ficarem na deles.

Pepper manteve as mãos na cintura, e não ficou na dela. Se havia algo que Tony conhecia e amava em Pepper Potts era o fato de ela nunca ficar na dela.

– Não se trata só de tecnologia, Tony. Tem o Happy. E todas as pessoas que se relacionaram com você. Talvez você não ache que precisa delas, mas precisa sim. E elas precisam de você. Não me importa o que diz sobre quem você vai atender se ligar, nem quem pode visitar o laboratório. As pessoas precisam de você. Talvez você não aguente, mas é verdade.

Era verdade. Tony sabia que era verdade. Entretanto, ele não conseguia realmente se importar. Havia relatórios pós-voo para gerar, resultados para analisar e incorporar. Trabalho a fazer.

– Me deixa em paz, Pep. É isso que quero que diga a todos. Cada um vai ter o que quer de mim. Só me deixem em paz.


12

A Hidra é como Prometeu roubando a chama dos deuses. Trazemos uma nova era à humanidade, e a antiga ordem deve ser destruída durante a transformação. A Hidra anuncia a grande criação de um novo universo humano. Força através da uniformidade. Realização do potencial humano através do refinamento e aperfeiçoamento do material humano. Vocês representam a melhor e mais recente geração da humanidade, melhor do que a que veio antes, entretanto, inevitavelmente superadas pelo que criarei em seguida. É assim que deve ser. O universo macha em direção à perfeição, em direção à perfeita simplicidade expressa por meio de mecanismos de complexidade incalculável. Vocês são um estágio dessa marcha. São a expressão perfeita da humanidade neste momento, e para vocês não existe outro momento. Não vivem para o futuro; vivem para que o presente possa criar o futuro que visionamos. São as cabeças que o progresso e o tempo e os inimigos cortarão fora, mas outras – mais novas, melhores, mais fortes – tomarão seu lugar, porque vocês são a Hidra! Nunca houve exército como vocês, e nunca haverá outro. Vivemos e lutamos para que a próxima geração, tomando forma lentamente em minha mente, por sua vez, viva e lute até que o mundo todo seja a Hidra. Assumam sua história e dirijam a visão da Hidra à frente, para o futuro que nos espera!

Fury odiava reuniões. Odiava principalmente aquelas em que tinha que tratar amigos próximos de maneira mais formal, ou seja, do modo como se trata pessoas em reuniões. Gostava de Pepper e Happy. Infelizmente, não importava se ele gostava de pessoas quando elas entravam no escritório da S.H.I.E.L.D., onde ele era o general Fury. Nesse escritório, ele era guardião do povo norte-americano contra qualquer inimigo, estrangeiro ou nacional – por mais exagerada ou espalhafatosa que soasse a frase. Era a verdade.

– Pedi que viessem aqui juntos porque isso que está acontecendo com Tony, seja lá o que for, não será resolvido em uma única conversa – disse Fury. – O fato é esse.

Ele decidira focar-se em Happy primeiro, baseando-se na ideia geral de que, visto que era Pepper quem resolveria o que precisava ser resolvido, resolver a questão com Happy faria com que ela tivesse uma noção geral do que estava por vir.

– Hap – disse Fury. – Sabemos que você não teve nada a ver com os clones. Quero deixar isso bem claro, logo de cara.

– Obrigado, Nick – disse Happy. O homem parecia não dormir há dias, o que devia ter mesmo acontecido. Fury apenas imaginava o que a revelação dos clones fizera a alguém que valorizava tanto a lealdade quanto Happy Hogan.

– Acho que Tony sabe disso também. – disse Fury. – O problema é que é difícil dizer o que Tony sabe e o que não sabe, porque ele se encontra no processo de se tornar um ermitão. A última coisa de que a S.H.I.E.L.D. precisa, a última coisa de que esse país precisa, é Tony Stark dando uma de Howard Hughes.

– Não acho que ele lave tanto as mãos, Nick – disse Pepper. Ela também parecia ter tido péssimas noites de sono. Ambos estavam ali sentados nas cadeiras da sala de Fury como se tivessem sido atropelados por um caminhão, quando ele precisava vê-los em sua melhor forma, porque a qualidade de uma das mais poderosas fontes de recursos da América estava em questão. E se alguém poderia fazer algo a respeito, eram os dois.

E Fury resolveu dizer-lhes isso.

– Não posso ajudar o Tony. Fiz o que sei fazer, e Tony e eu temos um tipo particular de relacionamento. Então vai depender de vocês. Pepper, pondo de lado sua admirável piada, Tony *está* se tornando Howard Hughes. Não fala com ninguém, ignora as responsabilidades, remenda máquinas o dia inteiro, às vezes mais. Isso não pode continuar. Ele vai surtar. Sabe que as coisas vão mal quando ele não arranja tempo pra um evento beneficente num sábado à noite, onde ele pode receber atenção de mulheres solteiras. Quantas vezes nas últimas duas

semanas ele cancelou participações? – Fury aguardou. – Pepper? E aí? Quantas vezes?

– Não precisa desse número, Nick. – disse ela. – Nós dois sabemos aonde você quer chegar.

– Então vocês sabem o que precisa ser feito. – Fury levantou-se, teve vontade de acender um charuto, mas contentou-se em olhar para a vista da janela. – Tony Stark é recurso de segurança nacional. Acontece que também é meu amigo, ou pelos menos sobrevivemos a umas batalhas juntos. Quero o melhor pra ele, mas isso não significa necessariamente que quero o mesmo que ele. Então, o que vamos fazer?

Mais uma vez, Fury aguardou. Mais uma vez, nem Happy nem Pepper disseram nada.

– Organizamos um evento de caridade que nem mesmo Tony Stark, em seu estado atual, poderia recusar – disse Fury. – Foi isso que eu fiz. É essa a importância que atribuo a Tony; acabei me reduzindo a produtor de eventos só pra tirar o traseiro dele do Laboratório de ITR, que, pra ser honesto com vocês, eu preferia ver queimar até as cinzas, mesmo com tudo que seria perdido. – Ele fez uma pausa. Fazia meses, talvez anos, que não falava tanto de uma só vez.

Da gaveta da mesa, ele retirou uma folha de papel translúcido. Material feito para um projeto novo que vinha esperando dinheiro da S.H.I.E.L.D. nos meses anteriores.

– O que temos aqui é uma proposta pra uma festinha beneficente que o Tony não vai poder recusar. É para soldados feridos, e metade dos lucros vai financiar transplantes de coração e pesquisa sobre coração artificial.

Ele deitou a folha na mesa.

– O que preciso de vocês é que não tentem. *Tentar* não vai resolver nada. O que preciso de vocês é que tirem o Tony daquele maldito laboratório e o levem a esse evento, onde ele vai poder se divertir do jeito que costumava fazer até recentemente. Fui claro?

– General, tenho que ser honesto – disse Happy. – A verdade é que acho que o Tony precisa que alguém vá até ele e lhe dê um soco na boca.

Isso foi tão inesperado, vindo de Happy, que por um breve momento Fury perguntou-se se o homem sentado do outro lado de sua mesa era mesmo o motorista de Tony Stark. Quem sabe? Podia ser um clone, e o Happy verdadeiro poderia estar amarrado em algum porão por aí.

Não. Que bobagem. Lá estava ele, Happy Hogan, nariz ferrado, orgulho ferido, dizendo a Fury e Pepper o que todos os três sabiam que ele jamais seria capaz de dizer na cara de Tony.

– Hap – disse Fury –, eu concordo. Na mais ideal das realidades, é exatamente isso o que faríamos. Mas, nesta realidade, acho que primeiro precisamos tirar Tony do laboratório e devolvê-lo ao mundo. Lembrá-lo do que ele realmente gosta. – Fury levantou-se. Captando o sinal, Pepper e Happy fizeram o mesmo. – Mais tarde – ele acrescentou –, quando tudo isso tiver acabado, você pode socá-lo na boca depois de mim.

– Acho justo – disse Happy.

– Nick – disse Pepper. Fury freou. Ninguém o chamava de Nick na sala dele quando haviam sido convocados por motivo de segurança nacional. Mas Pepper havia ganho certo privilégio, então ele não a censurou.

– Pepper – disse ele.

– Essa armadura nova é um grande avanço. Não estou dizendo isso pra defendê-lo, mas você precisa saber. Está anos à frente das outras. Estou com um pouco de medo, pra ser sincera. Ele... é como se seu cérebro estivesse ultrapassando os limites. Tem mais ideias saindo dali do que ele consegue dar conta. Então ele fica o tempo todo no laboratório, e ninguém consegue falar com ele. – Ela parou de falar, do jeito que as pessoas fazem quando resolvem dizer algo que não querem, que ninguém deseja ouvir. – Se você se preocupa com ele como um recurso – disse, finalmente –, acho que essa parte não vai dar problema. Ele vai produzir. Não vai entregar nada de acordo com a sua agenda, e provavelmente não vai entregar o que havia prometido. Mas quando você receber o que ele tem para entregar, talvez agradeça por ter dado um tempo a ele.

Durante a última frase, ela fitou Fury bem nos olhos. Até mesmo seu coração enrugado de guerreiro foi tocado pela lealdade de uma mulher a um

homem que não a merecia.

– Pepper – disse Fury –, sei que você acredita nisso. Mas eu não tenho o luxo de acreditar. Preciso saber. E, para saber, preciso tirar Tony do laboratório. Não posso deixar que viva no mundinho dele.

– Você nunca teve controle sobre ele. Ele o deixou pensar que teve, às vezes, mas você nunca teve – disse Pepper.

– Não a chamei aqui pra defendê-lo – disse Fury. – Entendo de lealdade. Minha lealdade eu presto àquela bandeira ali do canto. Acho que Tony também. Mas agora ele precisa que alguém o lembre disso. Agora. Algum de vocês tem uma ideia melhor do que a minha?

Happy e Pepper ficaram em silêncio. Fury ficou grato por isso.

– Excelente – disse. – Agora talvez vocês possam voltar ao laboratório e ver se conseguem coagi-lo o suficiente para que pelo menos leia o convite.

– O dinheiro vai mesmo pra onde diz que vai? – Pepper perguntou.

– Pepper, querida – disse Fury –, o dinheiro pode ir aonde quiser contanto que tire Tony da barricada dele.

• • • •

Um turbocóptero da S.H.I.E.L.D. os levou de volta ao estaleiro do Brooklyn, onde Happy deixara o carro que os trouxera do Laboratório de ITR.

– Então – disse ele, depois que entraram, quando ele passava pelo apocalipse perpétuo de construções na avenida Flushing. – O que achou disso tudo?

Pepper olhava pela janela, vendo os cones de construção e famílias judaicas num passeio de sabá. *Sábado*, pensava ela. *Pessoas normais ficam em casa, com suas famílias, no sábado. Já eu estava numa reunião ultrassecreta para tratar da saúde mental do meu chefe, que por sinal é o Invencível Homem de Ferro*. Lera a expressão em alguma matéria de revista.

– Happy, nem sei o que pensar.

– Sei lá, temos que fazer alguma coisa, né? – Happy pegou a rampa de acesso à via expressa Brooklyn-Queens. Em questão de quarenta minutos, dependendo do trânsito, estariam de volta ao laboratório.

Pepper fez que sim, ainda olhando pela janela.

– Claro. Temos que fazer alguma coisa.

Estava surpresa com quão magoada ficara com a mudança de Tony. Quando ele assumia sua *persona* pomposa, brincalhona, ela sabia como lidar com ele. Sabia como pegar sua afeição e guardá-la num lugar onde ele jamais a veria. Sabia como ignorá-lo quando ele precisava ser ignorado, e resolver tudo que ele nunca se preocupava em resolver.

Sabe o que você é?, ela disse a si mesma, em pensamento, *você é uma esposa*. *A esposa de Tony Stark*. Todas as namoradas dele ficariam surpresas.

– Não quero falar sobre isso agora.

– Tudo bem – disse Happy. Preferiu não pressionar. Ela ficou calada, ali, sentada, conforme eles passaram da BQ para a via expressa de Long Island. Happy era melhor do que Tony merecia, às vezes. Ela também.

Então por que faziam isso? O que havia nele que atraía as pessoas, gerando lealdade?

Ele era o Tony. Pepper não conseguia explicar de outro modo, nem para si mesma. Ele era o Tony.

E Tony estava com problemas, e cabia-lhes fazer algo a respeito.

– Happy. O que acha desse evento do qual o Fury falou?

– Um evento como outro qualquer, pra mim – disse Happy.

Pepper riu, apesar do mau humor.

– Nem me fale. Às vezes parece que o destino do mundo livre está pendendo numa balança, e Tony está dançando uma valsa numa galeria no MoMA, e às vezes parece que se ele não estiver, aí é que o destino do mundo livre pende na balança. Sabe, tem gente que tem empregos normais.

– Nós, não – Happy disse.

Ela concordou, fitando a janela.

– É verdade. Nós, não.

– Mas, caramba – disse Happy. – Você queria um?

• • • •

Quando chegaram ao laboratório, o portão automático não abria. Happy saiu do carro e encostou a palma da mão no leitor. ENTRADA PROIBIDA apareceu na tela.

– Hein? – disse ele.

Ele digitou o código no teclado abaixo do leitor. ENTRADA PROIBIDA.

Será que Tony havia cortado o seu acesso devido à história dos clones? Happy sentiu um enjoo no estômago. Ficou ali parado olhando para as duas palavras que apareciam na tela, sem saber o que fazer. Ouviu a porta de Pepper abrir e se fechar. Ela viu o que ele estava vendo e disse:

– Deixe-me tentar.

Happy abriu caminho e viu Pepper fazer exatamente o mesmo que ele fizera, obtendo exatamente os mesmos resultados. ENTRADA PROIBIDA. ENTRADA PROIBIDA.

– Ah – disse Happy. – Pelo menos não é só comigo.

Pepper xingou baixinho, sacando o celular para ligar para Tony. Ele não atendeu. Ela guardou o aparelho. Ficaram os dois ali parados por um instante perante a luz dos faróis do carro.

– Isso não acontece em empregos normais – ela disse, pouco depois.

– Não, pode ter certeza.

Um *pop* agudo saiu do alto-falante abaixo do leitor.

– Pep, Hap, está tudo bem por aqui. Vão pra casa. – Era a voz de Tony.

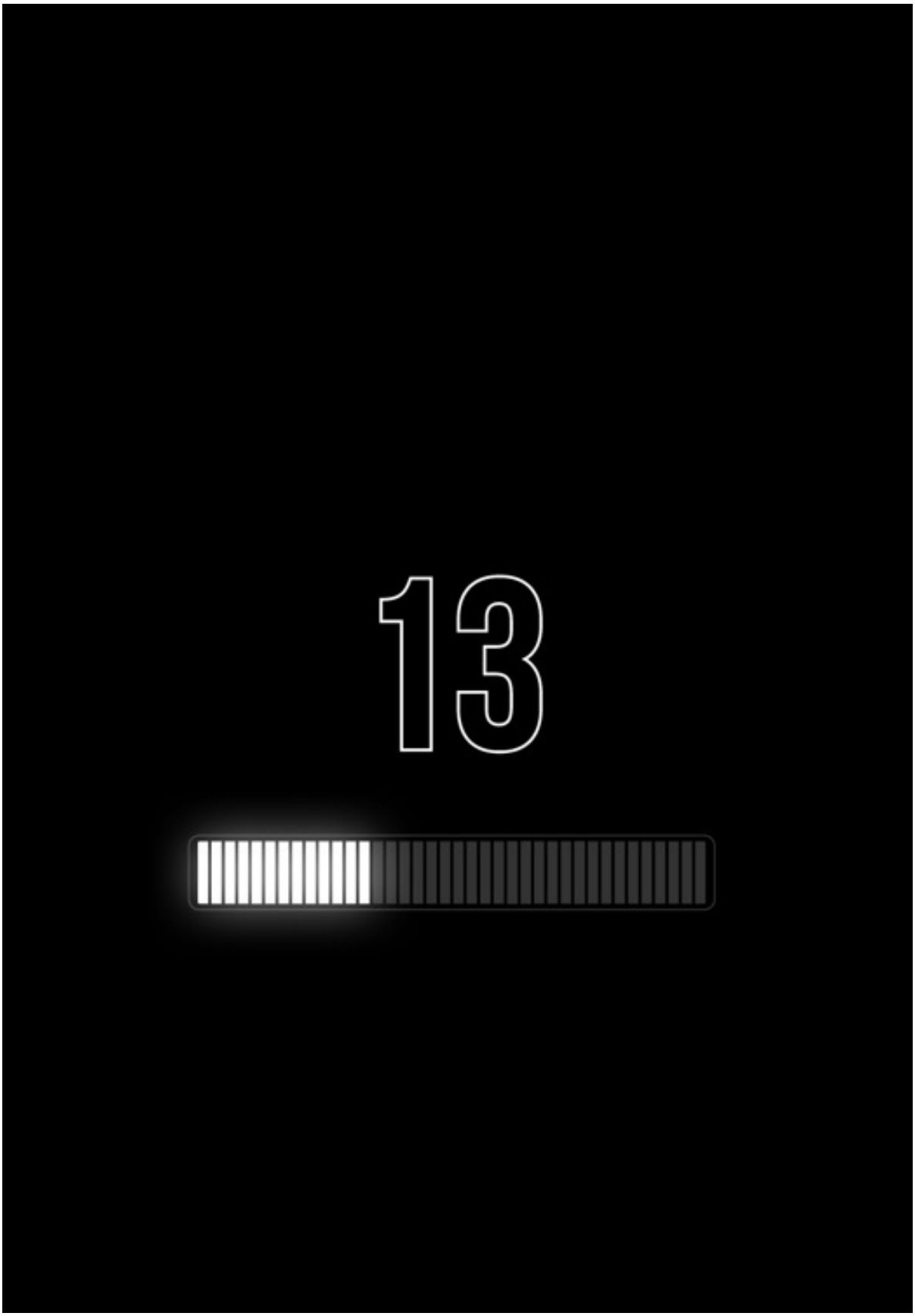
– Não está nada bem, Tony – disse Pepper. – Está longe de estar bem.

– Vão pra casa. Sério. – O alto-falante pipocou de novo. – Estou trabalhando.

O escaneador de segurança ficou escuro.

– Tony? – disse Pepper.

Não houve resposta.


13

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Sistema integrado de nanotubos de carbono para armazenamento e descarga de energia.

DESCRIÇÃO

Um sistema de armazenamento de energia que usa as propriedades inerentes da estrutura de nanotubos de carbono para reunir e canalizar um plasma dentro das fibras da malha de nanotubos de carbono das Indústrias Stark, já existente (cf. Petição Provisória para Patente [editado], anexada). Usando sistemas de comando e controle integrados, padrão dos produtos da armadura corporal pessoal das Indústrias Stark, a energia armazenada pode ser direcionada e usada conforme necessário com pouco ou nenhum espaço adicional necessário para baterias ou unidades reatoras portáteis.

ARGUMENTO

Limite de armazenamento de energia foi sempre um sério obstáculo no desenvolvimento de armaduras corporais pessoais movidas a energia que fossem viáveis. As Indústrias Stark lideram o desenvolvimento de microrreatores e tecnologia de bateria de wafer de camada múltipla, mas o peso e o espaço necessários ainda representam problema quando se pensa nas capacidades almejadas de voo e combate. O Sistema Integrado de Energia de Nanotubos de Carbono cria um novo modo de usar energia num contexto de espaço neutro, usando a malha de nanotubos de carbono tanto em suas propriedades de blindagem quanto em sua composição adequada para armazenamento de energia. Ao basicamente energizar o próprio tecido da roupa, o usuário usufrui de amplo suprimento de energia sem ter que lidar com peso ou flexibilidade reduzida.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sem qualquer assistência ou cooperação das agências do governo dos Estados Unidos. Nenhuma restrição de segurança se aplica.

– Sabe – Maheu disse a Zola –, esse impulso hermético da parte de Stark é uma séria complicação.

– Séria? – Estática tremelicou a tela no tronco de Zola, obscurecendo seu rosto por um instante. Isso acontecia nas raras ocasiões em que suas emoções o dominavam. Tinha algo a ver com o feedback da caixa de PES. No chão de fábrica, ele imaginou, os operários e técnicos deviam ter parado por um instante ao perceber a estática, olhando para os lados, incomodados, como se tivessem ouvido um barulho irritante, sem conseguir localizar a fonte. – Sério – disse Zola – é o que planejo para o próprio Stark. Os caprichos de sua personalidade são um tempero. Dão à minha ambição exatamente a provocação de que ela precisa.

Ele não conseguia explicar esse ânimo, ou talvez ele não achasse que precisava explicá-lo para seus subalternos – entre os quais ele incluía Maheu e Lantier, apesar de sua utilidade excepcional. Zola orgulhava-se da pura racionalidade de seu intelecto, mas até mesmo ele tinha que admitir que havia momentos em que as fontes de suas emoções eram obscuras. A razão não encerrava uma compreensão perfeita.

Embora, para ser mais honesto, havia muito que ele compreendia perfeitamente.

– E qual é esse seu plano para Stark, exatamente? – perguntou Maheu. – Acho difícil dar conselhos sobre essa questão dada a minha total ignorância dos detalhes.

– Se ao menos sua ignorância com relação a outras coisas o impedisse de me dar conselhos sobre elas – disse Zola. Ele olhou para o grupo de monitores nos quais exibia imagens enviadas pela caixa de PES. Desse modo, podia manter contato visual com o que certos seguidores andavam fazendo. O monitor de interesse, naquele momento, mostrava Happy Hogan e Pepper Potts voltando para dentro do carro e indo embora. O observador era uma versão falha de um clone de Zola – incomodava-o demais admiti-lo, mas a ciência demandava franqueza quanto aos erros. Zola o batizara Oculo, de pirraça, e acoplara nele um emissor psíquico que lhe permitia receber as impressões sensoriais do clone num raio de cerca de trinta quilômetros, dependendo do clima.

O isolamento de Stark era, de fato, um problema, mas não insuperável. A Hidra tinha muitas cabeças, e Zola não as cortara todas durante seu levante. Algumas das remanescentes continuavam proeminentemente conectadas a instituições civis, e algumas dessas instituições civis realizavam eventos filantrópicos para trabalhos de caridade.

– Maheu, preparei-me também para essa eventualidade. Deve-se conhecer o inimigo, e passei meses observando Stark. Com base em minha observação, desenvolvi a habilidade de prever seus comportamentos mais prováveis. Com base nessas previsões, desenvolvi métodos de canalizar tais comportamentos de modo que sejam úteis para os meus objetivos. Resumindo, estou deixando que Stark faça parte do meu trabalho para mim.

– Entendo. Permitir que Stark desenvolva uma armadura de próxima geração, imensamente poderosa, e escondê-la junto a si por trás de paredes impenetráveis de segurança física e virtual é exatamente o que você queria. Impressionante a sua esperteza.

Zola riu.

– Você quis ser sarcástico, mas acabou dizendo a verdade! Quando ele emergir, e emergir ele irá, será numa circunstância de nossa preferência!

• • • •

Tony era obscenamente rico fazia tanto tempo que o fato raramente lhe ocorria, mas uma coisa que sempre o fazia lembrar-se de seus recursos financeiros era quando os usava para fazer algo genuinamente inusitado. Como pedir três pizzas grandes da Di Fara às onze da manhã e vê-las chegar de helicóptero. A aeronave acabava de tocar o solo do estacionamento quando ele saiu pela porta para encontrá-la. Ele deu uma gorjeta de cem pratas para o piloto e trouxe as pizzas para dentro.

Fazia quase 24 horas que não comia nada, e tivera que se forçar a comer. O trabalho não parava. Ele estava à beira de uma tecnologia de controle imediato que não apenas incorporaria a armadura, mas ligaria os sistemas de controle da

armadura a redes e satélites militares que, essencialmente, contar-lhe-iam tudo o que estava acontecendo no mundo, de uma só vez.

A última grande barreira que ele tinha que ultrapassar era descobrir um modo de filtrar e priorizar a informação que chegava. Isso demandava uma quantidade extraordinária de poder de processamento, e tempo, que ele não queria redirecionar dos sistemas operacionais da armadura. Então era preciso criar um sistema separado com habilidades inteligentes e flexíveis para decidir o que a armadura precisava saber e o que era desnecessário. Em seguida, tinha que integrá-lo ao projeto já existente.

Com isso, ele teria o controle imediato.

Mas, antes, a pizza. Enquanto comia, Tony checou os registros dos sensores externos de segurança. Um conjunto complexo de câmeras, sensores de movimento e escutas eletromagnéticas criavam uma figura multiespectral do espaço físico que cercava o Laboratório de ITR e os diferentes sinais que passavam pelo local. Após cerca de um mês, Tony ouvira cliques denunciando ratos, esquilos, diversos tipos de pássaros, cães e gatos de rua, uns dois guaxinins e um morador de rua ocasional que zanzava pela cerca dos fundos, perto do lago. Tony deixava-o em paz graças a um sentimento de compaixão, do tipo poderia-ser-eu-no-lugar-dele, mesmo sabendo que Fury, caso soubesse que Tony deixara um membro da raça humana deitar olhos no laboratório por mais de noventa segundos...

Esqueça o Fury, Tony pensou. *Não trabalho pra ele.*

Então ele notou a assinatura eletrônica inconfundível de uma transmissão limitada, datada de dezenove horas antes, com duração de três minutos, originada atrás do portão principal.

Foi quando Happy e Pepper voltaram da reunião com Fury.

– Filho da mãe – disse Tony. – Eu tinha razão.

Ele largou uma fatia de pizza pela metade e ligou para Pepper. Ela atendeu antes mesmo do telefone tocar.

– Você tem muita coisa pra explicar.

– Agora, não, Pep. Cadê o Happy?

– Em casa, até onde eu sei. Pode encontrá-lo sozinho se só pretende acusá-lo de alguma outra coisa.

– Engraçado você mencionar isso. Olha, Pep, quando você esteve aqui ontem à noite, a segurança externa captou uma transmissão codificada bem ao lado do portão. Não acho que era você mandando mensagem pra alguém, mas não sei se foi o Happy. Se era outro clone, quem sabe que tipo de transmissor podia ter? Estou trabalhando pra quebrar a codificação agora, mas isso pode levar alguns minutos.

Pepper ficou em silêncio. Quanto mais tempo passava, mais Tony tinha a impressão de que, se ela estivesse ali com ele, seu olhar o teria queimado até as cinzas.

– Pep – ele disse. – Estou vendo o registro. O registro não mente.

– Não – ela disse –, mas o observador do registro, às vezes, é um idiota de cabeça quadrada que podia, quem sabe, comparar o registro com a representação visual do local em questão, não acha? Um pouco de contexto poderia ajudá-lo a não dar uma de bobo.

Quando ele não respondeu, ela insistiu.

– Você só está teimoso. Eu sei que o sistema pode te dizer de onde veio o sinal com muito detalhe. Agora, cheque isso antes de declarar Happy culpado de alguma coisa.

– Certo. Está bem.

Tony abriu o vídeo da câmera do portão e de outra, instalada num poste de luz, do outro lado da entrada. Congelou ambos no momento em que o sinal misterioso começara a ser enviado. Ao mesmo tempo, o programa de decodificação terminou o trabalho. Informava que conseguira quebrar o código do sinal, mas que a informação sendo enviada não podia ser organizada em nenhum padrão conhecido. Em outras palavras, o indivíduo que andara espiando o portão frontal do laboratório teve o trabalho de mandar um monte de bobagens.

Na câmera do portão, ele não via nada além de Happy, Pepper e o carro. Mas na outra, do outro lado da rua, no ponto onde, segundo a segurança eletrônica, o sinal fora originado, era possível ver uma figura humana em meio

aos arbustos que cresciam entre a calçada e a cerca. Tony aumentou, ajustou o foco, passou por diferentes frequências e confirmou que era um ser humano com algum tipo de tecnologia implantada quem enviara o sinal. Ele passou o vídeo para a frente. Pouco depois do carro de Happy deixar a entrada, saindo do enquadre, o observador saltou dos arbustos e desceu a rua.

– Suponho, pelo seu silêncio, que você está tentando encontrar um jeito de me dizer que não estava errado – disse Pepper.

– Eu estava errado – disse Tony.

– Quem era? O que estava enviando?

– Não sei quem era. E enviou só ruído, pelo menos segundo todos os programas decodificadores que eu tenho aqui.

– Acha que foi a Hidra?

– Como disse, não sei quem era, Pep.

– Talvez você pudesse dar um tempo de mexer na armadura, pelo menos até descobrir. E deve um pedido de desculpas ao Happy.

– Vocês andam saindo de novo?

– Não vou deixá-lo mudar de assunto, Tony. Da próxima vez que vir o Happy, ou você pede desculpas pra ele ou eu peço demissão.

– Demissão? – disse Tony. – Você não vai pedir demissão.

– Tem certeza de que quer apostar?

Tony pensou um pouco.*Não valia a pena*.

– Está bem. Na próxima vez que vir o Happy, pedirei desculpas.

A voz de Pepper ao telefone transformou-se no mesmo instante.

– Ótimo – ela disse. – Escute, aproveitando que estamos na linha, dá uma olhada nisso.

Um barulhinho agudo no ouvido de Tony anunciou a chegada de um *e-mail*.

– Que furtiva. O que é?

– Dá uma olhada. Eu espero.

Ele abriu a mensagem e encontrou um convite para um evento de caridade em prol de agentes feridos da S.H.I.E.L.D., financiado por uma lista de civis ricaços bem como uma organização que transportava corações doados para transplante e pesquisava sobre corações artificiais.

– Ah, não – disse Tony.

– Você tem que ir. – Pepper falou baixinho, mas foi ouvida.

Tony devolveu o telefone ao ouvido.

– Não posso – disse, sem poder se conter. – Muito trabalho – acrescentou, mas sabia, e sabia que Pepper sabia, que o trabalho não era o motivo real. Algo, ao falar com ela, tornava difícil manter as aparências. – Não posso – ele repetiu.

– Vai, sim. É amanhã à noite. Eles trocaram a data por causa do que aconteceu com a Hidra na Ilha do Governador, naquele dia. Do nada, tem muito mais funcionários da S.H.I.E.L.D. inválidos. Você ficou devendo, Tony. Diga que vai.

Ele tentou dizer não. Pensou em dezenas de desculpas. Nenhuma delas colaria com Pepper.

– Está bem. Eu vou. Ficarei duas horas.

– Veremos sobre isso. Quer que eu lhe arranje companhia?

– Não, acho que posso cuidar disso sozinho. – *Companhia*, pensou Tony. *A última vez que saí, foi com a Serena. Ela de novo? Talvez. Por que não?* – Tenho que ir, Pep. Minha pizza está esfriando.

– Prometa.

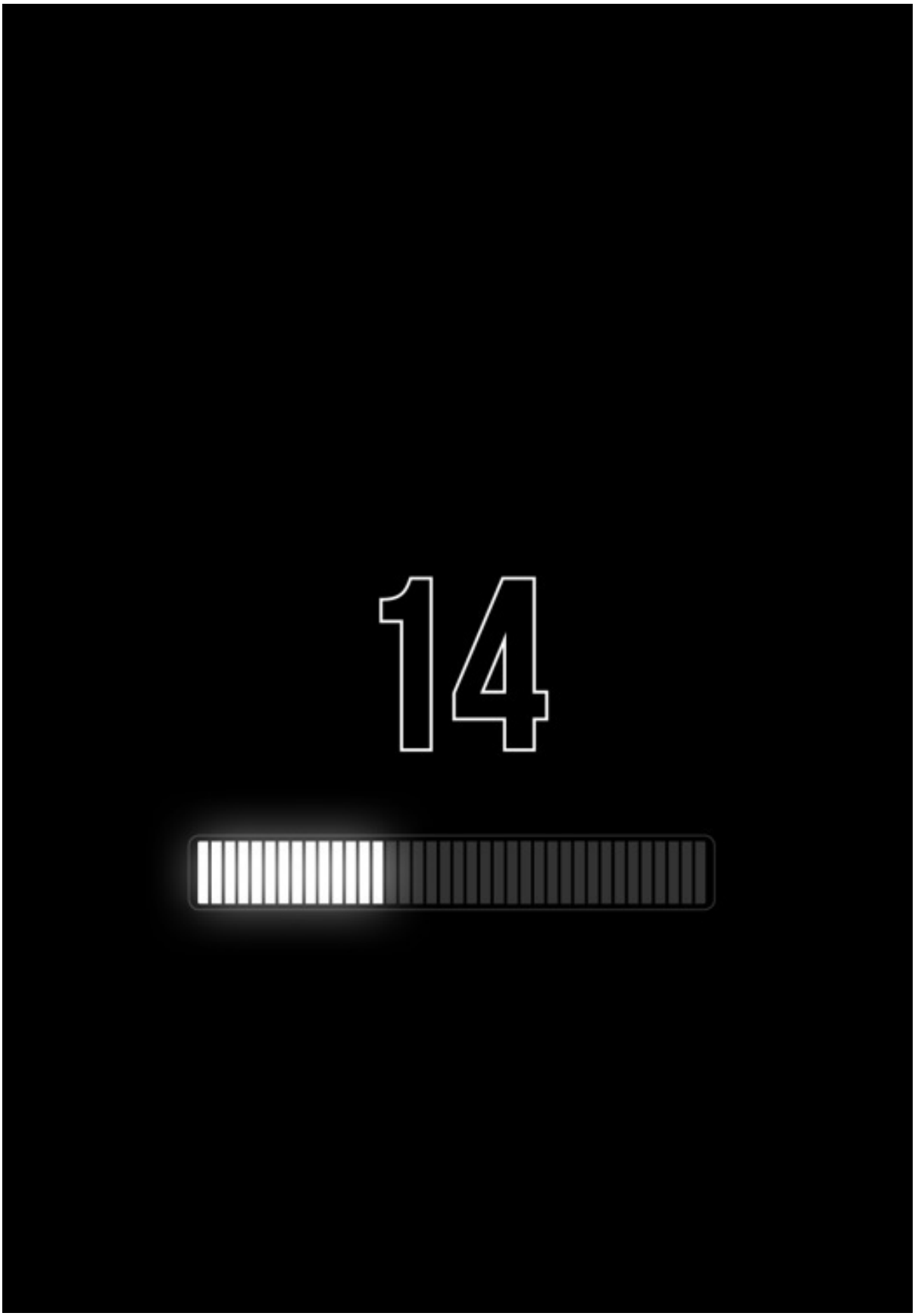
– Eu prometo. – Tony desligou e voltou para a pizza. O silêncio no laboratório ajustou-se em torno dele novamente. De certo modo, ele até apreciou conversar com alguém. Não foi uma sensação ruim.

Mas vendo-se ali, sozinho de novo, a sensação foi igualmente boa. Talvez até melhor.

Ele precisava rastrear a pessoa que enviara o sinal, e precisava projetar a sub-rotina que priorizaria o fluxo de informação do sistema de controle imediato. A imagem na tela prendeu sua atenção. Quem seria? O sinal era ruído. Seria distração, como fora o ataque à S.H.I.E.L.D.?

Variáveis demais, Tony concluiu. Deixaria essa questão cozinhar por um tempo. Começou uma busca em todas as ferramentas de segurança, procurando por horas e lugares de outras intrusões de humanos e outros sinais não identificáveis. Enquanto faria isso, pensaria, e teria que ligar para Serena, em

algum momento. Por ora, entretanto, ele precisava de duas coisas. Pegar outra fatia e entrar de novo na armadura.


14

> Certa vez, você se engajou numa missão para me trazer um presentinho. Agora, deve fazê-lo novamente. Seu prêmio será infinitamente mais valioso, e o risco, infinitamente maior, caso você falhe. Mas não falhará, minha criação única. Não falhará. Você se mostrou digno da criação, digno de ser uma joia unicamente destacada da imensidão uniforme da Hidra. Em nenhum outro lugar do mundo existe alguém como você. Em nenhum outro lugar do mundo existe alguém em quem eu poderia confiar para uma missão de tamanha importância e perigo. Todos os seus recursos serão requisitados, todo o seu treinamento e a intuição que diariamente se aperfeiçoa, transformando-se em perspicácia admirável. E sim, sua beleza, pois por que os poderosos haveriam de não ser belos? Por que a admiração não pode ser também desejo? O vermelho é a cor do amor e da guerra. Deve lutar com grande paixão, e amar aquilo pelo que luta. E deve lembrar isso ao mundo, a cidade suja efervescente e o mundo sujo efervescente. Você é uma imagem dispensável, forragem para fofoca e cobrança… mas, para mim, é algo único. Fiz apenas um de sua espécie, e não farei mais. Você é Hidra!

Pepper não tardou a pegar o telefone para falar a Fury sobre o sinal e o observador do Laboratório de ITR.

– Então a Hidra está de olho no laboratório. – disse ele. – Grande coisa. O que quero saber é se Tony vai àquela festa.

– Sim, Nick. Ele disse que vai. Cheguei até a dar dica a uma das suas namoradas de que talvez ele precise de companhia. Então, pode contar com isso.

– Ótimo. Quanto à Hidra, temos uma saturação de vigilância em todas as áreas industriais do Brooklyn, e não estamos encontrando nada que não pertença ao lugar. Vamos continuar procurando, mas aposto que teremos que esperar que eles se mostrem antes que possamos contra-atacar.

– Apenas prepare-se – disse Pepper, depois se conteve. – Desculpe, Nick. Sei que não preciso te dizer isso. Ando um pouco agitada.

– Eu também. Agora, quem vai com você ao evento?

– Bom – disse Pepper, falando arrastado –, acho que Happy vai comigo.

– Que bom. Vocês formam um belo casal. – A observação, vinda de Nick Fury, soou tão surpreendente, sendo ele o ser humano menos romântico que Pepper já conhecera, que ela nem soube como reagir. Felizmente, Nick poupou-a do trabalho, dizendo: – Agora preciso dar uma passada de helicóptero por cima de Greenpoint, caso um dos depósitos lá tenha um logo da Hidra pintado no telhado. Vejo você amanhã à noite – disse ele, e desligou o telefone.

Ela ficou um pouco no escritório, até que reparou que não havia nada que precisasse fazer ali. Uma vez que 95% de seu trabalho era cuidar das coisas do Tony, e ele estava enfiado no laboratório, não deixando ninguém fazer nada, para Pepper, dadas as circunstâncias, aquele era um dia de folga. Ela decidiu ir almoçar e esquecer-se de voltar, e decidiu que Happy a acompanharia.

Só que quando ela lhe ligou para comunicar sua decisão, ele estava em casa e não queria ir a lugar algum.

– Não estou a fim, Pep. Principalmente porque temos essa parada amanhã... – Ele não prosseguiu, e ela logo notou que havia algo que não queria lhe contar.

– Então posso ir à sua casa. O que devo levar? Escolha o que quiser.

Uma hora mais tarde, Pepper saltou de um táxi em frente ao prédio de Happy portando uma sacola gigante de comida chinesa. Happy comia por três homens. Isso representava uma vantagem para ela – como ele comia quatro ou cinco pratos diferentes, ela acabava provando um pouco de todos. Tocou a campainha e entrou. No elevador, ficou pensando se ela e Happy estavam voltando a ficar. Ou se isso estava prestes a acontecer. Ou se esse era um daqueles períodos em que ambos consideravam a hipótese e resolviam que não era boa ideia. Ela não tinha certeza de qual das três possibilidades preferiria, caso pudesse escolher.

Em geral, era Tony quem os unia. Pepper nunca sabia ao certo o que sentiam um pelo outro, porque a lealdade que compartilhavam pelo irritante

chefe definia muito do relacionamento dos dois. Aquele dia não parecia que seria diferente. Happy abriu a porta, e disse:

– Humm, comida chinesa.

Ele levou a sacola para a sala de estar, que continha um sofá, uma cadeira, uma mesa de centro e a TV. A mobília toda não era de marca. A TV mostrava destaques de um jogo de beisebol.

– Quase parece que você tem um emprego comum quando tira o dia de folga.

Happy concordou.

– Tive tanto tempo livre semana passada que nem sei o que fazer da vida. Fury me fez trabalhar mais ainda que o Tony.

– Bom, talvez isso mude agora que vamos explodir o Tony pra fora do laboratório – disse Pepper. – Talvez ele acorde.

– Pode ser. Mas eu ando sentindo que vai ser preciso mais do que isso. Às vezes, as pessoas só precisam entender algumas coisas. Ele vai acordar quando estiver pronto pra acordar.

– Ou não vai. Às vezes as pessoas precisam que os amigos as tirem do buraco.

Happy demoliu meio pacote de frango General Tso antes de responder.

– Você fala como se fôssemos amigos mesmo do Tony.

– Ah, vai, Happy.

Ele levantou-se e andou pela sala.

– Não gostei de saber que existem todos esses clones meus. Até onde eu sei, devia haver só um de mim.

Então é disso que se trata, pensou Pepper.*É claro*. Ela deitou os palitinhos e cruzou a sala, indo até a janela, onde ele estava, e tocou-lhe o rosto com a palma da mão:

– Só existe um de você, Happy. – Então ela lhe deu um tapinha, de brincadeira. – Graças a Deus.

Ele não conseguia esquecer. Observando o canal pela janela, começou a pensar em voz alta:

– Imagino como deve ser um deles. Quanto da minha personalidade eles têm? Gostam da mesma música que eu gosto? É estranho, Pepper. E sabe qual é a pior parte? Nunca vou ter certeza de que morreram todos. – Ele olhou para ela com uma expressão de pavor. – Para o resto da minha vida, vou sempre achar que tem outro de mim por aí. Isso é a pior parte.

– Happy, você é único. Vou continuar dizendo isso enquanto precisar que eu diga.

• • • •

Sem que se desse conta, o sol estava se pondo, e Tony reparou que ignorara o telefone tocando o dia todo. O evento. Devia ser Pepper enchendo-o por conta disso. Ele abriu as ligações perdidas e viu que, embora ela fosse responsável por quase metade, a maioria das outras era de Rhodey. Tony apagou todas as mensagens de voz que apareceram. Não queria ouvir a voz de Rhodey, nem a de Pepper. Tinha que entrar, e não sair. Tinha que pensar microscopicamente, em nanoescala. As pessoas eram grandes demais para ele lidar. Os amigos, principalmente. Ele devia certas coisas aos amigos e não as tinha para dar naquele momento. E não teria enquanto a armadura não estivesse pronta.

O que Rhodey acharia disso? Lutaram juntos, salvaram a vida um do outro. Rhodey andava achando que Tony estava com problemas, o que o deixava irritado e preocupado. Natural, pensava Tony. É assim que se reage quando um amigo está com problemas. Surpreendia-o a frieza com a qual pensava na situação. *Se eu fosse um amigo normal*, pensou, *ligaria para Rhodey e tentaríamos entender as coisas, como todo mundo faz.* Mas naquele momento ele não era uma pessoa comum. Era o incubador da armadura. Seu cérebro era um replicador de ideias que, por sua vez, criavam novas ideias, gerando bilhões de maquininhas que rastejavam ao redor do laboratório e criavam algo que ninguém jamais vira. Rhodey teria que esperar. Se fosse mesmo um amigo, compreenderia.

As últimas três chamadas foram de Serena Borland.

– Hum – disse Tony. Ele ficou ali parado com o telefone na mão, sem querer ligar porque, se ligasse, teria que cumprir o que prometera a Pepper. Prometer, que palavra mais irritante. *Ninguém devia nunca prometer nada a ninguém*, Tony pensou. Ele prometera, no entanto, e não era muito dele mentir descaradamente. Principalmente para Pepper. Era irritante também o modo com o qual ela o fazia, constantemente, querer ser uma pessoa melhor do que de fato era.

Enquanto pensava nisso, o telefone tocou. Era Serena.

– Não resisto – disse Tony, e atendeu.

– Tony, oi. Escuta, queria pedir desculpas pelo meu comportamento naquele dia.

Tony nem sabia do que ela estava falando.

– Não vi nada de errado. Na verdade, eu estava quase pra te ligar. O que vai fazer amanhã à noite?

– Ah – ela disse. E fez uma pausa. – Amanhã à noite? Bom, se não for alguma coisa com você, vou ficar à toa querendo que fosse.

– Te busco às sete. Só que nada de jazz, dessa vez. Ou, se tiver, vai ser do tipo que chamam de jazz quando toca numa recepção de caridade.

– Gente, vou ser sua companhia num evento de caridade? – disse Serena, rindo. – Mal posso esperar.

– Talvez, depois que dermos uma passada, podemos sair e ver um *show*. – Ao dizer isso, Tony percebeu que queria mesmo fazer aquilo. Sair pela cidade, ver alguma coisa, ouvir uma música...

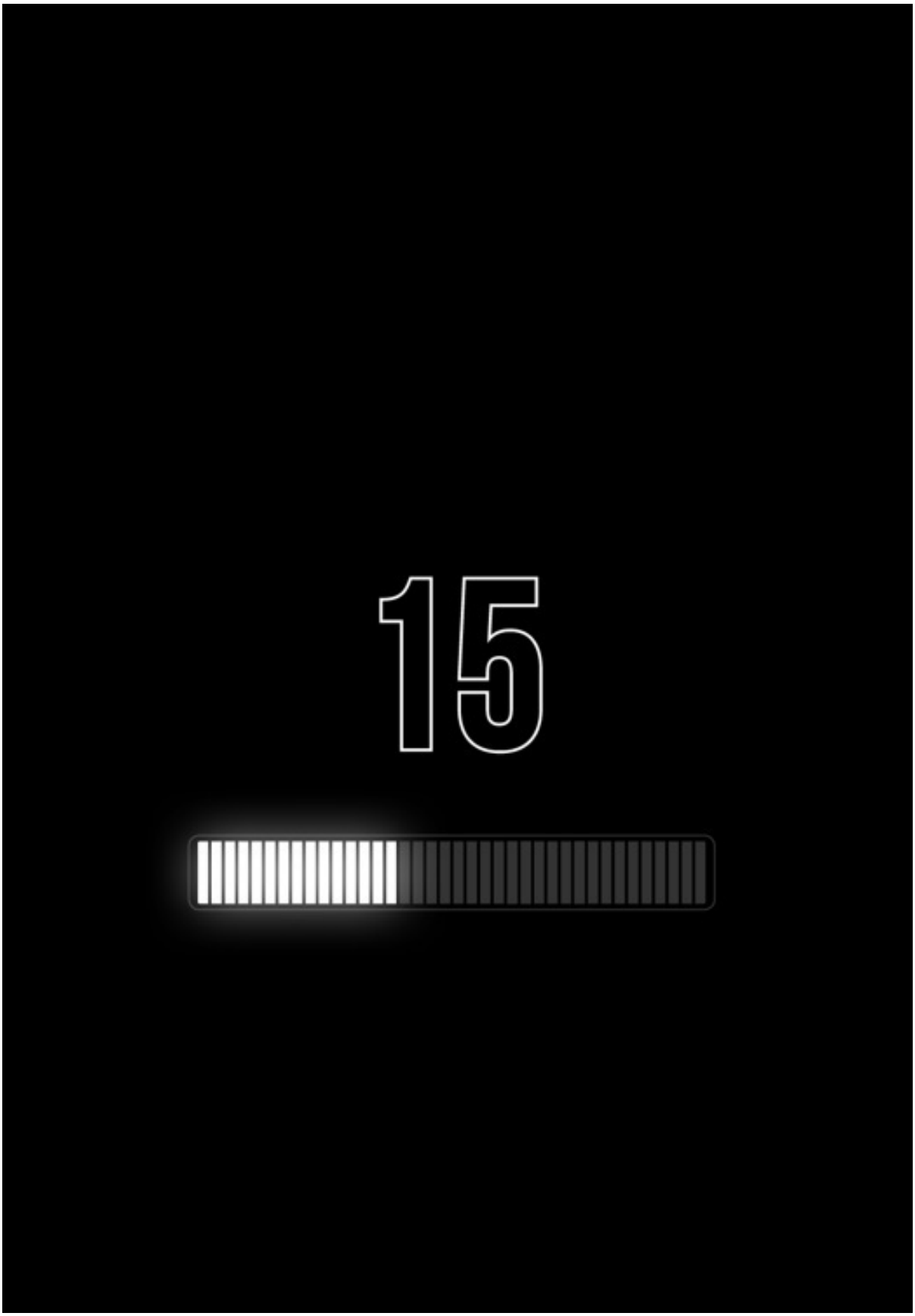
Serena estava falando.

– Desculpe, me perdi – disse Tony.

– Ah, eu só estava dizendo que Pepper já havia me mandado informações sobre o evento, então vou usar vermelho.

– Ela mandou, é? – Tony teve a sensação de que até as pessoas que amava estavam tramando contra ele. – Vermelho, então. Escuta, tenho que resolver umas coisas aqui. Amanhã às sete?

– Fechado – disse Serena, e desligou.


15

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Raio repulsor.

DESCRIÇÃO

Uma arma de energia e sistema de propulsão projetada em torno de um sistema de lentes e superfícies refratárias que canalizam e focam uma onda de exaustão altamente carregada, capaz de (como arma) liberar grandes quantidades de força com um alto grau de precisão e mínima perda de energia, ou (como sistema de propulsão) mover grandes quantidades de massa em alta velocidade com turbulência e/ou oscilação mínima.

ARGUMENTO

Esta mais recente iteração de uma tecnologia pioneira das Indústrias Stark (ver lista de patentes relevantes, anexada) aumenta a força de transmissão em 15% e o foco ótimo em 12%, como expresso pela área aumentada da intersecção de um cone com o vértice no ponto de origem do raio (ver diagrama anexado). O raio foi reprojetado depois para integrar completamente os aperfeiçoamentos do protótipo no sistema de armas raio-uni, das Indústrias Stark (como patenteado em [editado], [editado], et al.).

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas

as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

– Devíamos nos livrar de Borland – disse Maheu.

– Acho que ainda não – disse Zola. – Ela pode se mostrar útil de diversas maneiras assim que Stark perceber a natureza dessa ilusão específica.

Após considerar por um momento, Maheu disse:

– Como uma donzela indefesa? Espera que Stark caia nesse truque velho?

– Espero. Se fosse de apostar, apostaria qualquer coisa que você quisesse que quando Stark descobrir que Borland está viva, fará de tudo para reavê-la.

– Se eu fosse de apostar, sugeriria que, se Stark não o fizer, você me deve uma caixa de PES.

– Por que se atormenta tanto, Maheu? – Zola ergueu-se para inspecionar as forças reunidas conforme elas preparavam-se para sair. Emergiu na passarela e olhou para elas, organizadas em posições, invencíveis em sua uniformidade, com a geração seguinte lindamente congelada atrás de si. Happy Hogan era grande. De corpo troncudo, do tipo certo para intimidar. Teria sido um bom membro da Death's Head setenta anos antes. Na verdade, a própria Death's Head teria sido imensamente incrementada, além de mais fácil de comandar, se tivesse sido composta de clones como esse em vez do grupo sortido de capangas e criminosos.

Ocorreu a Zola que, para controlar uma massa de indivíduos, era preciso ter uma massa de clones. Somente através da uniformidade podia-se conseguir força ideal, e somente com clones alcançava-se uniformidade ideal. Isso explicava a queda dos impérios.

Entretanto, entre todos, era preciso escolher um.

– Maheu, que critérios deveriam ser usados para a escolha de um único soldado para uma missão crítica, sendo todos os soldados clones?

Maheu pensou um pouco. Os clones olhavam diretamente para a frente, como se estivessem sozinhos.

– Eu sugeriria – disse Maheu, finalmente –, que o único critério correto para fazer tal escolha entre objetos idênticos seria o abandono dos critérios.

– Muito útil.

Maheu apontou.

– Que tal esse aqui?

– Agora sim você foi útil. – Ele tocou o clone no ombro. – Você. Venha comigo.

Ele entrou no sacrário de Lantier com o clone atrás de si.

– Lantier, você terminou a tarefa que lhe prescrevi?

– Todos a bordo. Estamos no horário.

Zola via Lantier trabalhando, fascinado, como sempre, pelo fato de que a capacidade do clone repousava silenciosamente dentro dele. E poderia ser de outro jeito? Seus genomas eram idênticos. E em qual outra sequência de causas e efeitos poderia ele, Arnim Zola, ter favorecido um zelo erudito pelos espaços virtuais? Isso era mais do que mera especulação; tratava-se diretamente da questão do que criava uma personalidade, uma mente. Era tão amplamente complexa que até mesmo Zola não compreendia a extensão de seus limites. Considerava a existência de Lantier e Maheu – e até de Oculo – extremamente instrutiva, até revigorante. Sem eles, ele entenderia muito menos sobre a construção de seres humanos, e infinitamente menos sobre a construção de si mesmo.

Maheu estava ausente, trabalhando nos sistemas de treinamento. Se estivesse presente, Zola teria dito a mesma coisa. Sem dúvida, Maheu teria respondido, implicando que Zola não conhecia a si mesmo e aos outros tão bem quanto pensava. Por saborosa ironia, contudo, era em parte graças ao pessimismo incapacitante de Maheu que Zola chegara à compreensão do verdadeiro significado de seu trabalho. Até mesmo quando tentava debilitar Zola, Maheu o fortalecia.

E conforme Lantier ficava cada vez mais impenetrável, tornava-se mais útil como o laboratório dentro do qual Zola podia enxergar-se.

Quatro barulhinhos pipocaram conforme Lantier destacou os dedos do sistema conduíte. Ele estendeu a mão para o clone de Hogan, que se retraiu.

Zola tomou controle completo da mente dele, esmagando sua personalidade e vontade ao mínimo, uma partícula vibrando sem sair do lugar dentro da matriz expandida da mente de Zola.

– Chacoalha o funil – disse Lantier.

– O que isso quer dizer? – As gírias de ferrovia ficavam cada vez mais cansativas. Periodicamente, Zola ponderava sobre algum jeito de intervir, uma renovação nas centrais de linguagem de Lantier que o fizesse falar de modo compreensivo. Ele se conteve pelo receio de que tal atitude pudesse comprometer as habilidades incomparáveis do clone.

– Somos o expresso. Segura o principal – disse Lantier.

Sentado, rígido, olhos escancarados e sem foco, Lantier lhe apontou a nuca. Encontrando o ponto que desejava, sobre o transceptor que Zola instalara em todos os elementos de sua geração de Hogans, ele retirou um instrumento do bolso. Era similar a uma agulha de tatuagem. Zola nunca tinha visto aquilo. Sem dúvida, Lantier requisitara que fosse produzido por um dos técnicos; eles não incomodavam Zola com detalhes.

Lantier encostou o instrumento na pele do clone, depois o pressionou gentilmente até que uma gota de sangue apareceu em torno da área de contato.

– Junte tudo e encurrale – ele disse. Um filamento de fumaça desprendeu-se, e Zola sentiu cheiro de pele e cabelo queimado.

– Por que precisa fazer isso? – ele perguntou. Pura curiosidade provocou a questão. Seria a intensidade do fluxo de informações gerando calor ou algum outro processo em andamento? Lantier não respondeu. Após cinco segundos, removeu o instrumento.

– Pega mais leve – disse.

– Isso quer dizer que terminou? – Zola perguntou, irritado. Os seres que o cercavam…

Lantier devolveu o instrumento ao bolso, reconectou os dedos aos conduítes e ignorou Zola e o clone.

Então. Tudo feito. Zola soltou o controle do clone, que sibilou de dor, levando a mão à nuca.

– Vá à enfermaria – disse Zola.

Geralmente, ele se livrava de clones que precisavam de cuidados médicos, mas havia ocasiões em que cuidar deles era mais eficiente, então ele mantinha uma equipe médica à disposição. Aquela era uma dessas ocasiões. Em 36 horas, o clone morreria independentemente do que fizessem os médicos, mas durante esse tempo era imperativo que toda a força de luta – principalmente daquele – estivesse em capacidade máxima.

O clone saiu para passar o código viral para o restante de sua equipe. A redundância seria crítica. Zola permaneceu junto a Lantier, novamente deixando sua mente passar pelas diversas possibilidades que pudessem explicar como um genoma idêntico poderia dar vazão a dois seres tão incrivelmente diferentes. A questão certamente merecia investigação. Que sujeito experimental fascinante Lantier seria, caso em algum momento se tornasse operacionalmente dispensável.

Antes de voltar ao andar superior, ele resolveu dar uma olhada em Serena Borland. Ela era mantida numa sala muito similar à ocupada por técnicos e operários, exceto pelo fato de não ter que dividi-la. Os demais dormiam às dezenas num quarto só, em camas cuidadosamente organizadas que maximizavam a eficiência, mas não tão apinhadas a ponto de provocar respostas psicológicas adversas. Zola era extremamente cuidadoso com relação a esses detalhes.

– Srta. Borland – disse ele, ao entrar no cômodo. A caixa de PES tilintou em resposta à intensidade das emoções dela. Era uma moça bela e forte, desacostumada a ter seu destino removido de seu controle.

Estava sentada numa cadeira, uma bela cadeira de couro, importada originalmente para o próprio Zola, depois passada para ela num gesto de boa vontade apropriado à importância da moça. Ao vê-lo entrar, ela levantou-se.

– Mate-me ou deixe-me ir.

– Receio que nada disso seja possível no momento – disse Zola. Permaneceu perto da porta. Seria capaz de impedir que ela tentasse escapar tão facilmente quanto poderia mandar um cachorro bem treinado se sentar, mas era infinitamente menos dramático eliminar tal possibilidade pelo posicionamento adequado do corpo. A solução mais simples era, geralmente, a melhor.

– Você vai se arrepender muito quando Tony vir me procurar – disse a srta. Borland. – Monstro. Ele vai arrancar essa caixa da sua cabeça e quebrar a tela com ela.

– Verdade? Espero que tente.

– Não vai mais esperar quando acontecer. – Ela se sentou e fingiu que o ignorava. Que criatura mais deliciosamente espirituosa ela era.

– Srta. Borland. Você não faz ideia da persuasão que um refém pode ter. Assim que Tony Stark perceber que você está viva, e ele vai, porque vou garantir que isso aconteça, ele terá que vir. E sabendo que terá que vir, eu tenho a vantagem, porque posso planejar o encontro, enquanto ele não saberá o que o espera. Tudo faz parte do jogo.

– Pode falar. Não estou ouvindo.

– Então como soube quando me mandar falar? Por favor, não insulte minha inteligência nem a sua maturidade. – Zola abriu novamente a porta. – Quer que eu traga alguma coisa?

– Uma arma seria legal, se me deixar dar um tiro em você.

Zola aplaudiu, lenta e deliberadamente.

– Que divertido. Já atirou alguma vez na vida?

Ela o fitou, e a caixa de PES brilhou com um tipo diferente de intensidade emocional. Ela estava ofendida! Que interessante!

– Quando era criança, morei no Maine. Lá no norte, onde ninguém mora se não precisar. Nós precisávamos porque meu pai dava aula numa escola especial de ciência e matemática, numa antiga base militar. Bom, senhor Arnim Zola, uma das coisas que as pessoas fazem lá é biatlo. Vou supor que, já que você sabe de tudo, sabe o que significa biatlo, e vou dizer somente que, quando eu tinha quinze anos, era a campeã feminina de biatlo do estado. Acha que não sei atirar? Coloque uma arma nas minhas mãos e vamos descobrir.

A interação com Serena Borland subitamente perdeu muito do interesse para Zola.

– Por mais esclarecedor que pudesse ser esse momento – disse ele –, receio que será muito improvável que ocorra. Você existirá enquanto eu julgar que será do interesse de Tony Stark. Isso faz de você um item de valor extremo no

momento. Mas, como sabemos – Zola continuou, abrindo a porta –, não se pode jamais prever o valor de um item. Pense nisso enquanto se diverte em suas fantasias com sua boa pontaria.

Ele fechou a porta e voltou para o elevador, sentindo-se inquieto e irritado consigo por estar inquieto. Para um homem de gosto refinado, a proximidade das emoções mais atávicas era um incômodo. Estranhamente, naquele momento, Zola preferiria os comentários acerbos de Maheu; tanto que foi procurá-lo no centro de comando.

– Um coração selvagem bate dentro do peito admirável da srta. Serena Borland – informou ao clone.

– Jamais imaginaria – disse Maheu.

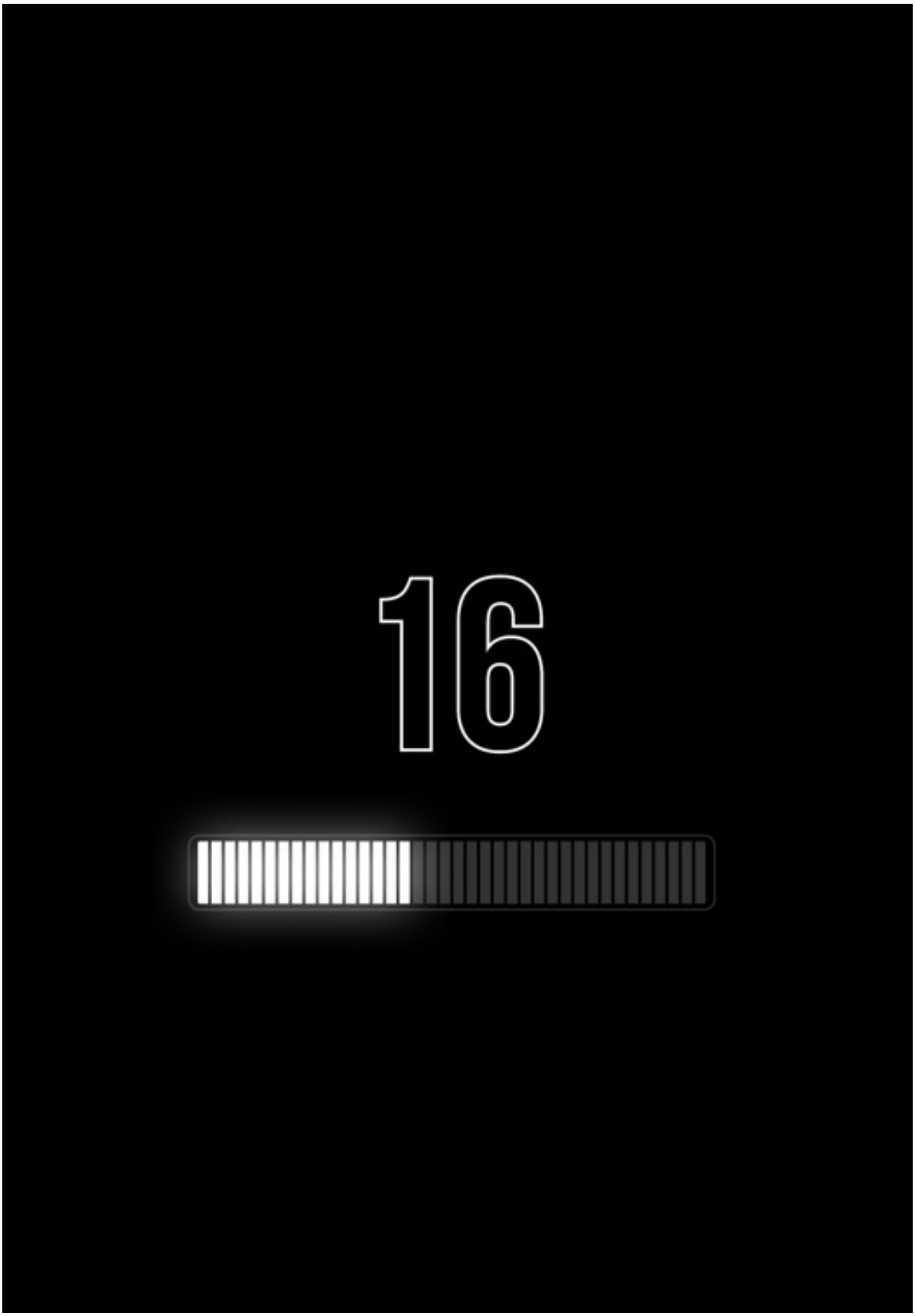
– Não é comum. Geralmente, os refinamentos da vida na alta sociedade extinguem todas as paixões genuínas e as trocam por entusiasmos artificiais e impulsos sem valor. No caso dela, isso não parece ter ocorrido.

– Então Tony Stark encontrou para si uma amante – disse Maheu. – Aplausos para ele.

– Terrivelmente triste para ele, que jamais vai descobrir isso, a não ser quando for tarde demais. – disse Zola. – Para ambos.

Maheu assentiu, pensativo.

– É desnecessário afirmar que este mundo é um vale de lágrimas.


16

> Vocês enfrentarão super-heróis, mas também são super-heróis. Foram feitos para serem super-heróis. Eu os fiz, e os considero fortes. Invencíveis. Alguns de vocês morrerão, mas morrerão para que os outros possam viver. Cada um de vocês que morrer, morrerá como uma das inúmeras cabeças da Hidra, que, quando cortadas, crescem novamente, mais fortes e em maior número. Esse é o seu destino; sua vocação; é aquilo para o que foram feitos e que justifica serem desfeitos. Chamo-os para erguer os braços contra aqueles que os confinariam ao anonimato. Deixem sua marca! Ergam-se comigo, lutem ao meu lado, vejam o novo mundo que espera para nascer, com as inúmeras cabeças da Hidra e os inúmeros olhos da Hidra tomando conta dele e o guiando para um novo amanhecer. Serão vocês quem farão isso acontecer. Lutarão juntos como um, porque foram criados de um, e cada um de vocês sabe que vive nos outros que sobreviverão. Serão vitoriosos como um, porque somente a vitória pode esperar aqueles que se comprometem totalmente com o destino que os aguarda. Vocês são a Hidra! Vocês, e somente vocês, são a Hidra!

Serena Borland estava mesmo de vermelho quando Tony chegou para buscá-la, dos sapatos brilhantes até a cor do cabelo.

– Uau. Você não se conteve.

– Sempre amei vermelho – ela disse, e deu uma beliscadinha na bochecha dele quando entrou na limusine.

Por motivo de visibilidade de entrada e praticidade de sapatos, foram de carro, ainda que estivessem cinco minutos a pé do apartamento dela até o evento, que estava acontecendo numa das áreas mais populares do Met, o Templo de Dendur. Por quê, Tony não fazia ideia, mas imaginava que descobriria. Geralmente, o tipo de pessoa que organizava esses eventos tinha embasamento lógico preparado para explicar como artefatos egípcios criavam

exatamente o ambiente correto para uma recepção em prol da pesquisa sobre o coração e soldados aleijados. O Templo fora uma das atrações favoritas de Tony desde a primeira vez em que fora ao Met, e ele não estava chateado de retornar ao local. Entrou de braço dado com Serena, recebendo acenos e *flashes*. Happy e Pepper já estavam lá.

O Templo de Dendur fora resgatado – ou roubado, dependendo da perspectiva – da encosta de um morro que estava prestes a submergir devido à construção da represa Aswan High, nos anos 1960. O templo e seu portal encontravam-se separados por cerca de dez metros no centro de um grande saguão, cercados por um fosso artificial. Perto do templo principal havia uma pequena esfinge. A parede dos fundos do espaçoso átrio era de vidro, construída num ângulo que criava a sensação de que o templo estava instalado dentro de outro templo. As outras três paredes eram cobertas de fotografias do sítio original, assim como de artefatos relativos do mesmo período.

– A primeira coisa a fazer é um carinho no crocodilo – disse Tony.

Isso era um ritual que ele cumpria fazia muito tempo. Um crocodilo de pedra descansava na beirada de uma ponte que cruzava o fosso. Uma das primeiras coisas que Tony se lembrava de ler sozinho era parte da pequena placa que descrevia a origem do crocodilo e seu significado. Ele deu um tapinha na cabeça do animal e foi encontrar-se com Happy e Pepper. No caminho, ele e Serena sofreram com uma breve entrevista conduzida por um *freelancer* de um dos *sites* de fofoca da cidade. Tudo o que dissesse seria picado e reunido numa série de vinhetas o mais irônicas e insultantes possível, mas tudo bem. Ele entrou na brincadeira porque, caso não o fizesse, o *site* escreveria algo sobre ele de qualquer modo, criando uma história da cabeça deles. Participando, pelo menos ele ganhava a sua parte na jogada.

– Odeio essa gente – Serena sussurrou ao seu ouvido, quando escaparam do entrevistador e seguiram para a mesa onde Happy e Pepper tinham reservado lugares para eles. O espaço de fora da atração estava cheio de pequenas mesas, com lugares para quatro e seis, e um pódio do qual discursos elevados emanariam periodicamente ao longo da noite.

Tony deu de ombros.

– É o trabalho deles. Não me magoam.

Ele encontrou a mesa e indicou para ela o lugar ao lado de Pepper, para que esta fosse forçada a conversar com ela e quem sabe desistisse da antipatia padrão que sentia por toda mulher com a qual Tony decidia sair. Esse posicionamento também o permitia sentar-se ao lado de Happy, de frente para Pepper, minimizando a possibilidade de que ela fizesse algo como cutucar-lhe o pé sob a mesa caso ele soltasse um comentário inapropriado. Conversaram durante os discursos de abertura sobre os sacrifícios nobres feitos pelos soldados da S.H.I.E.L.D. e a necessidade desesperada de pesquisas acerca do transplante de coração. Durante um intervalo, Nick Fury e Rhodey pararam antes de serem arrastados para fazer politicagem com um doador. Tudo pelos números... Mas Tony, para sua surpresa, não se importou muito. Havia se esquecido de como gostava de estar cercado de gente.

Mas continuava querendo sair dali e voltar para a armadura. Era seu trabalho e sua vocação. As pessoas eram legais, contanto que tomadas em pequenas doses.

O jantar foi atum grelhado com diversas guarnições. Serena, Tony notara, mandava ver no vinho, ficando mais animada e expansiva quanto mais conversava com Pepper. Ele encostou perto de Happy:

– Está vendo isso? – murmurou. – Pepper está conversando com uma garota com a qual estou tendo um encontro.

– Cavalo dado – disse Happy. Tony concordou. Resolvera que teria que confiar em Happy, e tendo tomado essa decisão, estava contente com ela. Traições viriam como sempre vinham: das direções que você jamais pensara em defender.

– Argh – disse Tony, quando algo pinicou as costas de sua mão direita. Ele derrubou o garfo, fazendo um estardalhaço, e foi pegá-lo do chão por reflexo. Ao erguer a mão, tudo parte do mesmo movimento reflexo, para pedir a um garçom que lhe trouxesse um novo garfo, notou um filete de sangue entre os nós dos dedos.

Ouviu-se de novo o barulho de talher caindo, quando Serena derrubou a faca de carne.

– Ai, meu Deus, Tony, eu te furei – ela disse. A hipérbole e a expressão de espanto no rosto dela o fizeram rir. Um garçom abordou a mesa com um garfo limpo. Serena apalpou o corte com seu guardanapo.

– Um dos menores ferimentos que já sofri num encontro – disse Tony, e logo em seguida a parede de vidro explodiu e o barulho de tiros sobrepujou o do estilhaços de vidro caindo. Agentes da Hidra vestidos de preto, com o logo vermelho proeminente sobre o preto fosco da armadura, desceram por cordas, atirando em plena descida. Guardas da S.H.I.E.L.D. revidaram o ataque. O Templo de Dendur ecoou gritos, o impacto de balas nas pedras antigas, o quebrar contínuo de vidro.

Um corpo caiu sobre a mesa deles, tombando-a e jogando Tony ao chão. O capacete de homem caído saiu por conta do impacto, deixando Tony de cara com o rosto de Happy Hogan.

O verdadeiro Happy correu pegar a arma, mas Tony o segurou pelo cotovelo.

– Hap! – gritou no ouvido do amigo. – Você tem que sair daqui! Vão acabar matando você!

A expressão de Happy era de desespero. Tony mal podia imaginar a sensação de ver um exército de soldados clonados usando o rosto dele. Tentando formar palavras, Happy apenas soltava grunhidos.

– Vai, Happy! – Tony gritou. – Vai agora!

Alguma coisa mudou a expressão de Happy, como se ele tivesse compreendido algo. Girou a arma, apontando-a para além de Tony, os olhos procurando um alvo que não conseguiam localizar. Tony bateu no braço do amigo e tomou-lhe a arma da mão.

– Happy, cacete, vai embora antes que alguém te mate!

Ele empurrou Happy para o canto do saguão, acompanhando-o até metade do caminho, até ter certeza de que ele ia mesmo sair. Depois voltou correndo, à procura de Serena, mas ela e Pepper haviam sumido. *Tudo bem*, ele pensou. *Serena está em boas mãos. Hora de conseguir umas respostas*.

Com um baque, algo envolveu os tornozelos dele e o derrubou. Tony sentiu-se içado do solo. Olhou para cima e viu que uma espécie de laço prendia suas

pernas. No ponto onde a parede de vidro encontrava o teto de pedra, três silhuetas destacavam-se contra a luz vinda do centro da cidade. Tony ergueu o tronco e agarrou, com uma das mãos, a corda. Firmando-se e procurando calcular o movimento pendular que seu corpo fazia, esvaziou a arma de Happy na direção dos sequestradores. As condições de tiro eram duras, para dizer o mínimo, e Tony jamais investira muito tempo em armas pequenas. Acertou apenas um deles, mas os outros dois pelo menos abaixaram-se tempo suficiente para que Tony olhasse para baixo – acompanhando a descida do sequestrador que acertara – e percebesse que estava alto demais para simplesmente cortar a corda e torcer pelo melhor. Os outros dois sequestradores da Hidra reapareceram, e Tony voltou a ser erguido. Abaixo dele, o tiroteio se intensificou – a Hidra começara a cobrir sua retirada. O piso do Templo de Dendur estava coberto de corpos, pelos menos metade deles vestida segundo o requinte do evento.

Tony estava quase no teto quando viu Rhodey abrir caminho por entre os últimos dos civis que fugiam até um local onde teria como apontar a arma para os dois homens – clones – que manuseavam o guincho que levava Tony para o alto. Ao contrário dele, Rhodey estava ereto, os pés plantados no chão, e devotara centenas de horas ao treinamento com armas pequenas. Derrubou os dois sequestradores do telhado com quatro disparos.

Um deles caiu para trás, fora do campo de vista. O outro tombou para a frente, caindo sobre uma das vigas de metal que reforçavam a parede de vidro. Escorregou parte do caminho até a primeira viga paralela, onde ficou preso, tentando erguer a perna. Tony começou a balançar, aumentando o movimento, até que alcançou e agarrou a viga, perto do clone ferido. Prendendo um dos pés sobre a viga, machucou muito a perna, mas grudou-se na armadura do clone.

– Descendo – disse ele, e empurrou o mais forte que pôde, ao mesmo tempo dando impulso para trás com a perna. Abraçado com firmeza ao clone, ele girou para trás, vendo o portal do templo, do teto falso, sentindo o clone debater-se um pouco. Ele quase não lutava para se libertar, Tony notou.

– Não vá morrer agora – disse. – Temos que conversar.

Abaixo, os barulhos do caos iam diminuindo. O ar fedia a tiroteio – e, estranhamente, atum queimado.

– Rhodey! – Tony gritou.

– Aqui!

– Tenho alguém aqui pra gente entrevistar. Será que consegue um jeito de me descer daqui?

– Me dê um segundo. Estou chegando.

– E você sabe onde foram parar Pepper e Serena?

– Eu estava ocupado atirando nos clones da Hidra, sabe? – Rhodey respondeu.

– Claro, eu entendo. Eu mesmo ligaria pra ela, mas deixei o celular na mesa.

Algo passou voando pela orelha de Tony e grudou, com um clique, numa das barras da parede de vidro. Um arpão magnético, ele viu. Com um barulhinho de motor, Rhodey ergueu-se à altura de Tony.

– Vamos ver. Primeiro levamos seu prisioneiro, e depois volto pra te buscar. Que acha disso?

– Por mim, tudo bem. Cuide bem dele, e leve-o direto ao laboratório. Precisamos ter uma conversinha, eu e ele.

– Laboratório? – Rhodey parecia em dúvida. – Você sabe tanto quanto eu que o Fury vai...

– Rhodey, por favor, faça isso por mim. É lá que tem que ser. Por que acha que a Hidra tentou me capturar aqui? Sabemos que eles andavam de olho no laboratório. Se pudessem me pegar lá, já teriam pegado. Já que não pegaram, e tentaram aqui, isso significa que estaremos mais seguros lá. Entende?

Tony sentiu-se ridículo tendo essa discussão pendurado doze metros acima do piso de pedra coberto de corpos de clones de um de seus melhores amigos. Tentou ter paciência, mas a necessidade de arrancar umas respostas daquele clone era como uma pressão física dentro de sua cabeça.

– Rhodey, por favor.

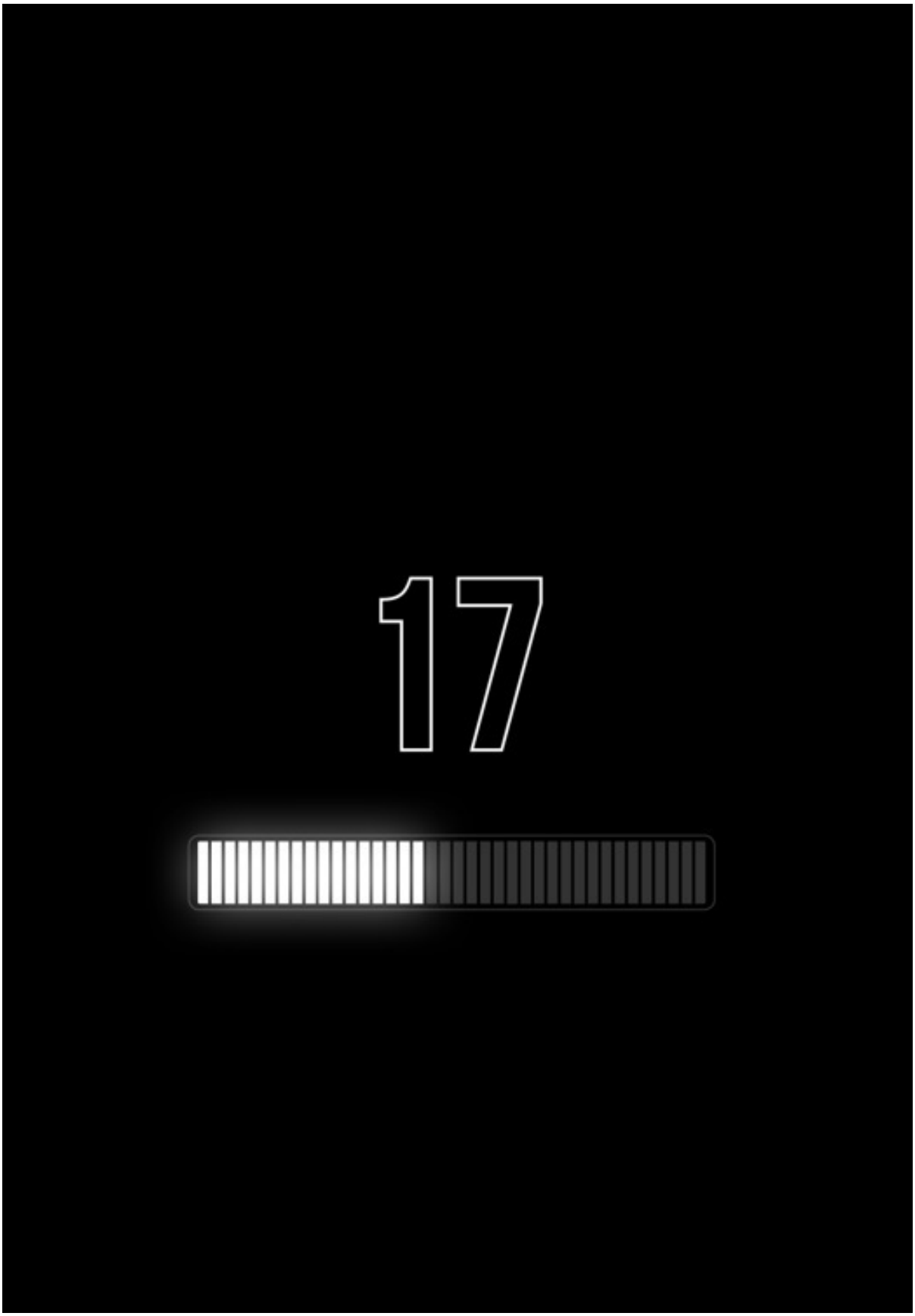
Rhodey pisoteou a beirada do teto falso até que ficou à distância de um braço.

– Entregue ele pra mim. – disse. – Vou levá-lo ao laboratório, mas você fica me devendo essa. Fury vai me encher o saco.

Enquanto transferia o clone semiconsciente da Hidra para o amigo, Tony disse:

– Não sei por que você continua me fazendo o que eu peço.

– Nem eu – disse Rhodey. Ele foi descendo para o chão, e disse: – Melhor você torcer pra que eu não pense muito nisso.


17

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Manipulador de campo magnético.

DESCRIÇÃO

Um conjunto de eletromagnetos super-resfriados que, com seletividade e um alto grau de controle do usuário, amplifica e molda campos eletromagnéticos ambientes via comando e controle inteligente orientado pelo operador da armadura corporal pessoal das Indústrias Stark. Estruturas de amortecimento e isolamento impedem vazamento de energia eletromagnética que poderia interferir em outros sistemas.

ARGUMENTO

A manipulação de campos magnéticos é uma tecnologia com amplo espectro de aplicações potenciais, inclusive, embora não limitado a: manipulação física de objetos contendo materiais magnéticos; interrupção de sinalização e sistemas de comunicação; incapacitação de redes de computadores e outras tecnologias que dependem de estoque de informações ou sistemas de controle magnéticos. O manipulador de campo magnético das Indústrias Stark foi projetado para integrar totalmente o sistema de super-resfriamento e condutividade que ativa o Aparato de Transmissão Haloalcano acoplado à armadura (Petição Provisória para Patente por vir, chamada por hora [editado]).

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A

tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Happy Hogan jamais fugira de uma briga na vida. E jamais se perdoaria por ter fugido daquela, ainda que Tony o tivesse mandado fugir. Tony era seu chefe, e, naquele caso, devia ter razão. Qualquer um no Templo de Dendur que tivesse a fuça feiosa de Happy corria risco de levar uma bala da S.H.I.E.L.D. na boca. Mas, mesmo assim...

Ele fez o melhor que pôde. Se não podia participar do tiroteio, poderia trabalhar na investigação. Qual era a de Serena Borland? Primeiro ela acidentalmente arranhou Happy, depois acidentalmente cortou Tony. Tem gente que é dada a acidentes, nada de estranho nisso – mas, pensando bem, Happy tinha a sensação de que havia uma conexão entre o dia em que ela o arranhara e um exército de clones de Happy Hogan invadindo a Ilha do Governador. Se ele estivesse certo, isso significava que a S.H.I.E.L.D. e Tony estavam lidando com um inimigo que podia usar um floco de pele para criar centenas de clones em menos de uma semana. Não era o tipo de inimigo com o qual podiam bobear. Era do tipo que se arrancava as raízes e esmagava antes que houvesse tantos clones no mundo que ninguém mais soubesse quem era quem de verdade.

Então, quando o tiroteio começou no Templo de Dendur, tudo isso se organizou na mente de Happy, e ele chegou muito perto de puxar o gatilho contra Serena ali mesmo. Explicaria tudo depois, caso vivesse para explicar. Inadvertidamente, o chefe o colocara em outra tática, no entanto, quando o empurrara saguão afora. Para Happy, custara-lhe a dignidade, mas ele podia então seguir a tal de Serena e ver o que estava acontecendo.

E, se fosse preciso, matá-la.

Nas galerias perto do Templo de Dendur, as pessoas corriam para todas as direções. Alarmes guinchavam. Os seguranças do museu tentavam equilibrar o pânico das pessoas com sua função, que era proteger as obras de arte. Ocorreu a

Happy que ele podia sair dali com qualquer item que pudesse carregar e ninguém jamais notaria. Para sorte da coleção do museu, Happy não ligava muito para arte. O que importava para ele era encontrar uma mulher de vestido vermelho, que, se ele estivesse certo, estaria fugindo às pressas torcendo para não ser seguida. Pela entrada principal? Ele achou que não. Com todos os alarmes já desligados, ela teria seguido para uma das portas laterais. A que ficava mais perto do Templo de Dendur encontrava-se no canto sul do prédio. Happy foi para lá, olhando para todos os lados ao passar por galerias menores e corredores de serviço. Em algum lugar à frente, ouviu uma porta sendo aberta. Apertando o passo, fez uma curva assim que uma das portas de incêndio se fechava. Pegou-a em pleno movimento, antes de fechar, e viu Serena correndo pela calçada – não para a Quinta Avenida, mas para o parque.

Uma das vias transversas, pensou Happy. Ela estava indo rápido demais para aqueles sapatos.

Ele a seguiu, e dito e feito, ela escolheu um local no qual as trilhas do Central Park cruzavam a 79ª Rua, uma via transversa. Largou os sapatos e pulou a grade de uma ponte de pedestres. Um táxi apareceu ali, e ela o pegou. Happy memorizou a placa do táxi e o número na placa de serviço. Assim que ela entrou e o veículo pôs-se em movimento, ele voltou para o estacionamento VIP, em frente ao museu, num trotar que não fazia nada bem aos seus pés, envoltos pelos sapatos finos.

Quando chegou ao carro, os policiais já estavam bloqueando tudo. Happy mostrou a credencial das Indústrias Stark e prendeu a respiração, até que o guarda o deixou passar. Na rua, colocou os dados do táxi no computador de bordo, que fuçou nos registros da companhia de táxi, somou-os à reposta de um satélite e informou-o de que o veículo seguia para o sul pela Central Park West.

Happy desceu a Quinta Avenida, paralela à outra, mantendo os olhos na movimentação em tempo real do computador.*Graças a Deus Tony havia alargado as restrições impostas pelo Departamento de Defesa*, pensou Happy. E graças a Deus ele estava no próprio carro. Ninguém notaria mais um Chrysler 300 se ele tivesse que seguir Serena em algum lugar onde as pessoas ligassem para quem estava seguindo quem.

Os dois carros seguiram em paralelo ao longo do parque. O táxi virou para o leste, e Happy o deixou cruzar a Quinta antes de dar a volta e retomar a via, duas quadras atrás. Ligou para o chefe. Ninguém atendeu, então ele tentou a Pepper. Também não atendeu. Por um instante, pensou se isso não significaria que eles haviam morrido, mas tal ideia não cabia na mente de Happy. De jeito nenhum aqueles dois virariam presunto por causa de um bando de clones enviados por amadores como os da Hidra.

– Pepper – disse ele para a caixa de mensagens. – Estou indo para a ponte Queensboro. Pelo menos acho que estou. Pode ser que eu esteja perto de descobrir onde mora o cara que hackeou a armadura do Tony. Me ligue pra dizer se está tudo bem.

Em seguida, ligou para Rhodey. Não atendeu. Depois Fury, com o mesmo resultado. Onde estava todo mundo?

Fazia sentido, de certo modo. Todos os diretores e generais ficavam zanzando daqui para lá, garantindo que as coisas estavam nos seus devidos lugares. Caras como Happy Hogan tinham que se virar sozinhos.

Então anda logo com isso, Hogan, ele disse a si mesmo. *Se vira*. Algumas pessoas ainda achavam que havia algo de estranho com ele por causa da história toda dos clones. Essas pessoas, embora fossem umas malditas ingratas e desdenhosas, eram também velhos amigos, então se seguir aquela mulher em particular levasse à localização da operação de clonagem em questão, tudo daria certo. *E é isso que eu quero*, pensou Happy. Tudo como era antes. Todos do mesmo lado, e sabendo que estavam no mesmo lado. Confiança.

E fosse quem fosse o filho da puta que o clonara, os dois teriam uma bela de uma conversa.

O táxi seguiu para a passagem inferior da ponte Queensboro, então Happy foi pela de cima. Parou alguns semáforos atrás do táxi, e pegou uma rua paralela, num ponto onde não havia muito tráfego entre os dois veículos. Era mesmo muito fácil seguir alguém quando se trabalhava com dados de satélite enviados em tempo real e GPS. De olho na tela, ele manteve-se razoavelmente perto do táxi, que desceu pela 21ª Rua e depois pegou a ponte Pulaski, adentrando o bairro do Brooklyn. *Acho que estamos chegando*, ele pensou. Se

morassem na porção sul do Brooklyn, teriam pegado outra ponte. Chegou mais perto, ficando a um quarteirão de distância, mantendo o táxi à vista, que entrou na avenida Metropolitan e depois na rua Grand. Happy quase podia ver seu prédio de onde estavam, mas o táxi continuou até que saiu da Grand, adentrando um amplo complexo de depósitos, fábricas abandonadas e desvios de trilhos de trem. Happy pegou a lateral da pista, vendo que havia somente duas coisas que o táxi podia fazer – descer a rua até o fim, sem saída, ou pegar a direita e voltar pela avenida Maspeth.

O táxi seguiu reto e foi até o fim da rua. Happy pegou binóculos e viu Serena Borland sair do carro e pagar o motorista. Dois homens vieram encontrá-la. Um deles era alto, magro, com barba desgrenhada, obviamente autoritário. Ela falou com ele enquanto o outro esperava. Depois os três viraram-se, e Happy conseguiu ver direito o outro homem. Era como olhar-se no espelho.

– Aí está você, desgraçado.

• • • •

Levaram o clone do Met ao Laboratório de ITR em menos de uma hora, cortesia de um turbocóptero da S.H.I.E.L.D. que pousou bem no meio da Quinta Avenida para buscar todos eles. Havia algo de errado com o clone. Estava semiconsciente, e a médica da S.H.I.E.L.D. a bordo disse que não captava seus sinais vitais; não significava que ia morrer, mas que algo não estava funcionando como deveria.

Tony ficou um pouco desconfortável com o jeito de a médica tratar o clone, como se fosse um boneco. Rhodey dera dois tiros nele, mas a armadura contivera ambos. Havia hematomas espalhados pelo tronco, e as costelas deviam estar quebradas, mas esse não era o problema. Tony imaginou se a Hidra sabia que seu programa de produção de clones tinha defeitos para resolver.

Ele tentou ligar para Serena.

– Tony – ela atendeu logo no primeiro toque. – Meu Deus, você está bem?

– Eu estava pra te perguntar a mesma coisa. Onde está?

– Indo pra casa. Saí antes da polícia chegar, e fiquei com tanto medo que só quis vir pra casa me trancar.

– Foi uma boa ideia. Escuta, tenho muito a fazer aqui. Ligo pra você depois.

– Você está bem mesmo?

– Estou legal. Vou precisar de uma soneca mais tarde, mas agora me sinto ótimo.

Ele desligou e olhou pela janela, para o Brooklyn. A Hidra estava ali, em algum lugar do bairro. E assim que ele ajustasse o controle imediato, poderia descobrir onde. Ninguém poderia mais se esconder dele. Moraria num mundo de cinco dimensões, e a quinta seria a da informação. Todo o espaço e o tempo seriam resumidos à informação.

De volta ao laboratório, acordaram o clone e começaram um interrogatório básico. Nome?

– Não tenho nome – disse o clone.

– Mas do que as pessoas te chamam? – perguntou Fury. Era o mais assustador de todos, carranca com tapa-olho, então ele gostava de ser contraintuitivo e pegar leve... pelo menos, no começo. Isso deixava para Rhodey e Tony, nenhum dos dois com temperamento adequado para o papel, bancar os cães de ataque. Deixaram que Fury conduzisse o procedimento.

– Ninguém nunca fala só comigo. Quase nunca. Quando falam, dizem só algo como "ei, você".

A criatura exibia um comportamento quieto e estável que tornava difícil notar a o tipo de sensação de contrariedade que se espera obter num interrogatório pós-combate, pensou Tony. *Estranho, já que uma hora e meia atrás ele estava tentando me sequestrar e matar todo mundo*.

– Por que tentou me sequestrar? Resgate?

– Não sei. Eu...

Começou a piscar os olhos. A médica adiantou-se e mediu sua pulsação.

– O-oh – disse. – Rápido e fraco. Ele não está bem. – Ela pôs a mão na testa do clone, depois na nuca. – Quente demais, também.

O clone deu um pulo para a frente, desequilibrando a médica. Rhodey o pegou e amparou a queda. Após ser deitado no chão, a médica começou a trabalhar. Removeu sua camiseta, checou o coração novamente e iniciou uma massagem cardíaca.

– Ele precisa ir pro hospital.

– Ligue pra alguém, Rhodey – disse Fury.

Rhodey pegou o celular e ligou para a equipe médica da S.H.I.E.L.D.

– Cinco minutos, general – disse, quando desligou o aparelho.

O clone começou a tremer. Corria suor por seu rosto, e os olhos enrolaram para dentro.

– Casey Jones, melhor ficar de olho nesse trem – falou, com bastante clareza, e depois continuou dizendo bobagens. Tony entendia uma palavra aqui e ali, mas nada fazia sentido.

Em algum lugar do edifício, um alarme soou, mas não era o sinal dos sistemas de perímetro, então Tony nem deu bola. Parecia o terminal de controle do andar de testes. Outro hacker? Podia ser, mas todo equipamento que valia a pena hackear estava programado para responder somente a ele. Escâner de retina, marca de voz, leitura de frequência elétrica... ninguém podia fazer nada ali se comportar de modo que Tony Stark não desejasse. Então naquele momento ele não se importou de deixar o hacker vagar um pouco pelo sistema, deixando pequenos rastros que Tony poderia seguir para encontrar sua casa depois, quando tivesse chance de cuidar disso direito.

Os tremores do clone cessaram, e o fluxo constante de verborreia passou para resmungos, depois gemidos longos e finalmente silêncio. A médica da S.H.I.E.L.D. não arredou pé, checou suas pupilas e continuou com os tratamentos. Uma seringa de adrenalina não fez nada. Outra seringa, contendo sabe Deus o quê, não fez nada. Fazia três minutos que Rhodey havia ligado para a equipe médica.

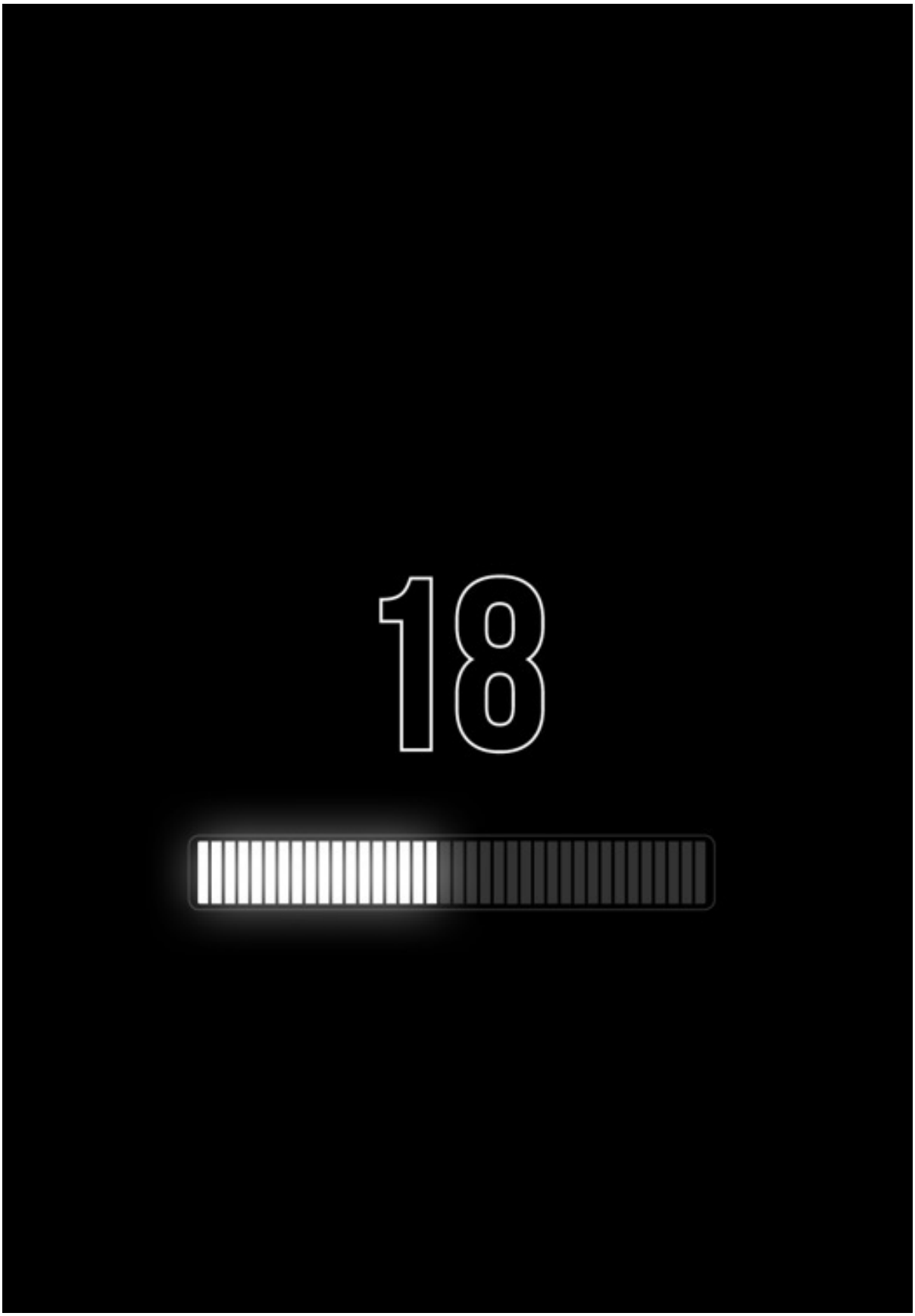
– Pupilas sem reflexo. Sem pulso. Temperatura, 42. Ele está morto, general. Não posso fazer nada. Talvez no hospital...

– Tudo bem, soldado – disse Fury. Ele se agachou ao lado dela e pegou-a firme pelo cotovelo para levantá-la. No laboratório de testes, o alarme

continuava esperneando.

– Tony, esse barulho vai me deixar maluco. Importa-se de dar um jeito nele?

Ninguém fala só comigo, o clone dissera. Tony imaginou que tipo de vida devia ser aquela, e se a Hidra tinha esse tipo de existência em mente para todos eles.


18

Agora é que você será testado. Agora sua força de vontade será questionada, e você deve estar pronto para responder. Agora não deve simplesmente acreditar que sua vida pertence à Hidra; deve acreditar que, ao ser aniquilado, uma nova cabeça da Hidra crescerá para esmagar o inimigo em suas mandíbulas. Somente você pode fazer isso. Somente você recebeu o dom de Lantier, que é o meu dom, que é o dom da Hidra. Existem muitos como você, mas nenhum tem tanto poder para atacar no cerne das defesas do inimigo, implantar minas sob suas fundações, cavar fora o coração de seu grande campeão. Só você! Sua mão é a Hidra. Sua mente é a Hidra. A Hidra flui em suas veias e brilha ao longo dos caminhos de seus nervos. Eu o criei, eu o refiz, assim como refiz a Hidra. Não existe dor que você venha a sofrer que eu já não tenha sofrido, nem incerteza que possa anuviar sua mente, porque eu a enfrentei e coloquei minha força em você. Vá, agora, e saiba que mil cabeças da Hidra cantarão sobre o que você fizer. Vá direto ao coração do inimigo, e lá você verá a fraqueza dele, e lá vai derrubá-lo. Você é a Hidra!

– E lá vamos nós, dentro do horário – disse Lantier, sozinho em seu sacrário. – Agenda checada duas vezes.

O código carregado pelo clone quicou pelo transmissor e entrou na área onde as sub-rotinas da segurança das Indústrias Stark mantinham pedaços de código suspeitos. A carga declarou sua inocência, piscou os olhinhos, produziu cartas da pobre sogra e do pastor da igreja. Nós dois trabalhamos para o sr. Stark, ela disse. Você e eu. Somos iguais. Ele me pediu para entrar aqui e pegar uma coisinha para ele.

Ah, bem, certo, disse o sistema de segurança. O que é que você está procurando?

Aquilo ali, disse a carga.

Ninguém pode ter acesso a isso além do sr. Stark, disse o sistema de segurança.

Eu sei. Melhor acreditar que sei disso, falou a carga. Mas, como eu disse, ele me pediu para vir aqui buscar. E, de todo modo, não serve para ninguém além dele, então por que eu ia querer, sendo que foi ele quem me mandou vir aqui buscar?

É melhor me deixar fazer uma cópia, disse o sistema de segurança. Vou mandá-la junto com você.

Maravilha, disse a carga. Vou esperar aqui.

– Este trem vai ser um sucesso, este trem – Lantier cantou. – Este trem vai ser um sucesso, não carrega nada além dos bons e certos, este trem vai ser um sucesso, este trem...

• • • •

Rhodey viu Tony e Fury encarando-se feito dois gorilas de costas prateadas que sabiam que haveria uma luta, mas não quando, nem o que causaria. *Era só o que faltava*, ele pensou. Mas não lhe cabia pedir que não brigassem se ambos o quisessem. Que seja, talvez fosse melhor para todos que as questões S.H.I.E.L.D./Stark fossem resolvidas de uma vez. E talvez somente uma briga resolvesse tudo.

– Não tenho tempo pra isso agora, Nick – Tony dizia. Tinha a atenção voltada para os terminais de controle. O clone morto havia sido removido pela equipe médica da S.H.I.E.L.D. fazia quinze minutos, e a pressão no local vinha crescendo desde então.

– Ah, é? Que engraçado. Geralmente, quando as coisas começam a te afetar pessoalmente, do nada você tem tempo pra elas. E hoje você foi alvo de uma tentativa de sequestro da Hidra. Como é que não está pronto pra ir atrás deles?

Tony fez algo numa tela *touch screen*, e linhas de código espirraram pela tela.

– Eu estou. Acredite, eu estou – ele disse.

– Estou vendo. Rhodey, veja só a animação do Tony. Nossos inimigos estão tremendo de medo dele. Tudo era muito mais fácil quando o Homem de Ferro estava por perto. Agora que é Tony Stark correndo atrás do controle imediato, todos os vilões estão prontos pra desistir de tudo e arranjar emprego na Gristedes.

– Gristedes? – disse Rhodey. – Tem vaga lá?

– Todos os ex-supervilões querem trabalhar lá. É porque sabem que Tony Stark é tão esnobe pra comida que não entra de jeito nenhum numa daquelas lojas, junto com a gentalha.

– Ei, peraí – disse Tony. – Pedi uma pizza esses dias. Assumo a culpa de vários defeitos, mas ser esnobe pra comer não é um deles.

Ele se levantou do terminal.

– Aquele clone trouxe um vírus.

– Não diga – disse Fury.

– Estou falando de um vírus de computador. Está logado em meu sistema de segurança. – Ele olhou de Rhodey para Fury. – Não entenderam? – disse. – A coisa toda foi armação. A Hidra enganou a todos nós.

– Do que está falando? – perguntou Rhodey. – Muita gente morreu hoje. Armaram pra quê, exatamente?

– Pro que aconteceu – disse Tony. – A Hidra precisava colocar um dos clones deles dentro deste prédio. – Houve um breve silêncio. Rhodey tentou descobrir se Tony ultrapassara a barreira da paranoia completa ou se tivera um *insight* do tipo que poderia salvar milhares de vidas. Com Tony, especialmente durante o último mês, era difícil dizer.

Fury começou a falar. Rhodey notou que preferiu usar a voz de interrogador.

– Certo. Então o que você acha que aconteceu foi que a Hidra encenou um ataque maciço contra o Museu de Arte Metropolitano, matando dezenas de civis e agentes da S.H.I.E.L.D. e perdendo dezenas dos capangas deles. Todo esse evento foi uma encenação para incluir uma tentativa de sequestro que fizesse você correr um sério risco de se machucar. Durante o curso desse *show*, um dos agentes da Hidra seria capturado, contando-se com a possibilidade de

sobreviver ao encontro, e contando-se ainda com a possibilidade de que o traríamos para cá em vez da Ilha do Governador ou outro lugar. Era pra acontecer tudo isso para que esse clone pudesse infectar com um vírus seu sistema... – Ele parou. – Você não disse qual seria a função do vírus.

– Roubar os projetos da nova armadura – disse Tony.

Fury assentiu.

– E você fala com toda essa tranquilidade. Importa-se de dizer por que não devemos nos preocupar com isso?

– Porque a armadura está presa a mim. Como eu já disse: todo sistema dentro dela vai se recusar a responder a qualquer comando que não tenha saído de mim. Então, ainda que construam uma, precisam de mim pra fazê-la funcionar.

– Tem certeza de que era isso que eles queriam? – Rhodey perguntou.

– É isso que os registros afirmam que o vírus extraiu. E segui pela mesma rota pela qual ocorreu a última invasão. Os rastros estão muito bem cobertos pra que eu possa descobrir o caminho que leva a um local físico, mas aposto que é o mesmo local no Brooklyn.

– Essa parte faz muito mais sentido do que seu raciocínio para explicar como o vírus chegou aqui – disse Fury. – Tem certeza de que quer nos convencer que é nisso que você acredita?

– Na verdade, eu acredito mesmo nisso. Pode provar o contrário?

– Nenhum de nós sabe o que realmente aconteceu – disse Rhodey. – Então ninguém pode provar nada.

– Exato, Rhodey, velho amigo. É isso que eu estava tentando explicar ao general aqui. Se algum de nós soubesse mesmo o que aconteceu, não estaríamos nessa saia justa. E se eu conseguisse botar pra funcionar o esquema de controle imediato, um de nós, no caso, eu, saberia o que aconteceu, e poderia contar para os demais. – Tony virou-se para Fury com um estranho brilho fanático no rosto. – Então o que estou tentando dizer aqui é: pelo amor de Deus, me deixa voltar ao trabalho, Nick. É assim que posso ajudar. Quando eu concluir o controle imediato e colocar pra funcionar na nova armadura... você não viu nada igual, eu garanto.

– Talvez não – disse Fury. Rhodey torceu para que ele não dissesse mais nada, mas ele disse. – O que você não entende é que talvez não vivamos para ver *desta* vez a não ser que você *arranje* um tempo para lidar com o problema que está acontecendo *agora* em vez do problema que *pode* acontecer depois.

Foi então que a briga que vinha borbulhando fazia um mês chegou muito perto de acontecer.

– E se eu arranjar esse tempo, e perdermos a briga porque não tenho o melhor equipamento que poderia construir? – Tony deu a volta no terminal de controle e ficou cara a cara com Fury. – E daí, Nick? Onde vai estar a S.H.I.E.L.D., então, se você não tiver a mim por perto pra entrar em cena e te tirar da fogueira?

Rhodey colocou-se entre os outros dois.

– Pessoal. Calma lá.

– A S.H.I.E.L.D. seria um buraco no chão se não fosse por mim. O general aqui não gosta de ouvir isso, mas é verdade.

– Pode ser – disse Fury. – Ou então você poderia ser um criador de armas mongol que vivesse de bombardear criancinhas caso não tivéssemos te oferecido algo em que acreditar.

Rhodey colocou uma mão no ombro de cada um dos colegas.

– É isso que chamamos de um relacionamento de benefício mútuo.

– Ah, por favor, Rhodey – disse Tony.

– Bom, olhem só pra vocês dois. Prestes a sair na porrada pra resolver quem precisa mais de quem, e quem deveria estar mandando em quem, quando tem um exército de clones lá fora tentando dominar o mundo. Qualquer homem com bom senso faria piada disso.

– Piada do quê?

Os três viraram-se e viram Happy Hogan parado, à porta.

– Estou falando sério – disse ele. – Que piada? Se for sobre mim…

– Por que seria sobre você, Hap? – perguntou Rhodey.

– Ouvi alguma coisa sobre clones, e depois você disse que alguém faria piada disso – disse Happy. – E tenho que falar, essa coisa de clone tá mexendo comigo. Se for engraçado pra você, não quero mais papo.

Os três notaram algo de estranho no tom de voz de Happy, o jeito. Ele parecia prestes a explodir em pedaços.

– Deve ter sido difícil pra você hoje – disse Fury, após um momento. Rhodey notou que ele usou novamente a voz de interrogador. Imaginou se Happy o notaria.

– A minha vida toda, nunca fugi de uma briga. Hoje... sabe como é olhar na sua própria cara e te ver morto? E então você vai porque o chefe te manda ir, e ninguém atende o telefone, então você nem sabe se estão vivos? Meu dia foi assim. Todo mundo, pelo visto, tinha algo melhor pra fazer. Então talvez seja melhor eu arranjar algo pra mim também.

– Calma, Hap, calma. – Rhodey foi até ele, gesticulando pelas costas, pedindo que Tony e Fury ficassem onde estavam. – Você não me ligou, velho. Eu teria atendido. Tony e o general voaram um pouco de helicóptero. Podem não ter ouvido.

– Cadê a Pepper? – Happy perguntou.

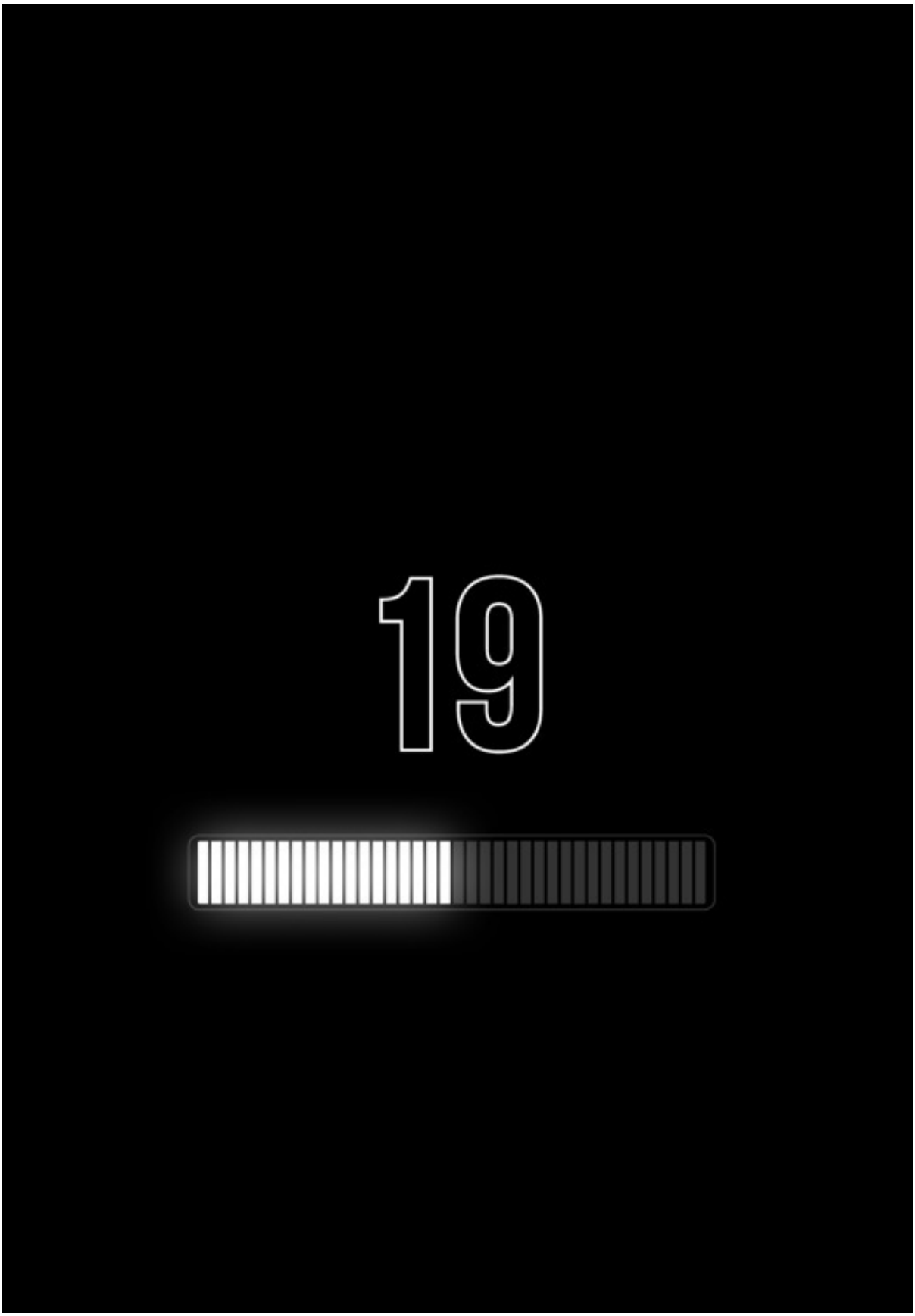
– A salvo, Hap – disse Tony. – Está em casa. Talvez seja legal você ir até lá.

– Ela também não atendeu quando eu liguei. Talvez não seja legal eu ir até lá.

Rhodey olhou para Nick e Tony. *E agora?*, ele quis perguntar. O rapaz tinha razão. Haviam se esquecido totalmente dele. O que fariam para remediar, então?

– Hap, escuta – disse Tony. – Desculpe. Peço desculpas pelo general Fury, também, porque ele é orgulhoso demais pra fazer isso por si mesmo. Nem olhei pro telefone, e a verdade é que me envolvi em algo que aconteceu aqui. Algo a ver com a Hidra.

– Hidra – Happy repetiu. – É, eu também me envolvi em algo com a Hidra, sabia? – Ele riu amargamente. – Bom, escutem só. É por isso que eu vim. Sei onde estão fazendo os clones. E Tony, sei que vai me odiar por dizer isso, mas vi Serena entrando no lugar.


19

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Interface neural epidérmica.

DESCRIÇÃO

Cria canais sistêmicos de comando e controle entre a mente humana e equipamentos mecânicos externos por meio de sensores epidérmicos que redirecionam nervos dérmicos selecionados como canais de comunicação para nervos e gânglios dos membros e espinha. A interface neural epidérmica (INE) não exerce efeito permanente sobre os nervos dérmicos, que retornam a suas áreas normais de função quando o INE é desligado e fica inoperante.

ARGUMENTO

Refina a interface neuromuscular prévia por ser não invasiva. A interface epidérmica remove problemas de sobrecarga neural e degeneração vivenciada em aplicações das patentes [editado] e [editado] das Indústrias Stark, enquanto preserva melhoramentos desejáveis em tempo de reação e habilidade de sintetizar e reagir a estímulos simultâneos múltiplos. Aplicações múltiplas dessa tecnologia são visualizadas nas ciências biológicas e médicas, assim como desenvolvimentos secundários aplicados em computação e projetos de rede.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sem qualquer assistência ou cooperação das agências do governo dos Estados Unidos. Nenhuma restrição de segurança se aplica.

– Você parece estranhamente despreocupado pelo clone Borland ter sido seguido até aqui – disse Maheu. – Não deveríamos fazer alguma coisa?

– Estamos fazendo alguma coisa. – Estática crepitou na tela do tronco de Zola quando uma tempestade de sinais explodiu vinda de um jato que passou por cima deles a caminho do Aeroporto de LaGuardia. – A ação que tomaremos não é necessariamente a ação que você aconselharia ou preferiria, mas será uma ação. Interessa-me, contudo, quais ações você sugere.

Maheu cruzou as longas pernas e recostou-se na cadeira, adotando a atitude professoral que Zola havia aprendido significar que ele estava prestes a se tornar pedante.

– Dado que nossa operação até agora pressupôs os objetivos irmãos de permanecermos escondidos e desestabilizar as dinâmicas internas da S.H.I.E.L.D. e das Indústrias Stark, e dado que nossa localização não é mais desconhecida, e dado que possuímos os esquemas da interface do protótipo da armadura do laboratório de Stark, parece-me claro que agora é a hora de uma ação direta.

Zola foi concordando, encorajador, enquanto o outro falava. A caixa de PES chegou a balançar no ritmo do discurso de Maheu.

– Entendo. E quão arriscado você considera escolher um plano de ação totalmente diferente?

– É inteiramente possível, não, que mísseis guiados por satélite ou algum armamento do mesmo tipo já estejam voando para cá para aniquilar esta instalação e todos que estão nela?

– É aí que falha a sua avaliação do cenário – disse Zola. – Pense no caráter de Tony Stark. Ele é vaidoso, arrogante, ocasionalmente monomaníaco, mas acredita em certo tipo de cavalheirismo. A descoberta de que Borland foi clonada vai forçá-lo a acreditar que a original pode ainda estar sob nossa posse. Se ele crer nisso, vai impedir qualquer ação que possa resultar em efeitos colaterais contra a vida dela.

– As atitudes dele para com as mulheres pareceram bastante variáveis para mim. Esse traço de sentimentalismo que você diagnostica… eu não o vejo.

– É o corolário dessa variabilidade. Os mais passíveis de ficar trocando de mulheres são também os mais passíveis de ancorar sentimentalismo idealizado sobre as mulheres que lhes resistem. Até onde eu sei, Stark e Borland têm afeto

genuíno um pelo outro, embora, para ser mais certo, nosso uso do clone de Borland guiou essa afeição por caminhos que ele talvez não tivesse trilhado.

– E se a S.H.I.E.L.D. agir de modo independente dos desejos de Stark?

– Considero isso extremamente improvável. – disse Zola. – A força de batalha da S.H.I.E.L.D. depende da assistência de Stark. Se o general Fury resolvesse sacrificar Borland para não ter esta instalação destruída, correria o sério risco de perder a cooperação de Stark para missões futuras. – Na tela, no rosto de Zola, surgiu um amplo sorriso. – Entende agora por que valeu a pena manter Borland viva?

– Se você estiver certo, vai acabar tendo razão – disse Maheu. – Se estiver errado antes, nenhum de nós terá chance de apontá-lo.

Zola voltou a monitorar um processo crucial em um dos tanques de clonagem.

– Se seus mísseis de crítica não nos incinerarem nas próximas 48 horas, teremos chance de descobrir quem tinha razão. Quer apostar?

– Se meus mísseis de crítica nos aniquilarem, não teremos chance de ganhar o prêmio – disse Maheu.

– Mais motivo ainda para apostar na casa – disse Zola. No tanque de clonagem, uma estrutura esquelética já estava começando a tomar forma. – Seja como for, a supervisão do retorno do clone de Borland demanda uma modificação em nossos planos. – Ele tocou a tela duas vezes e se levantou. – Precisamos visitar Lantier.

– Prefiro não fazê-lo – disse Maheu, desviando os olhos.

– São essas pequenas evasivas e frescuras que tornam sua perspectiva tão interessante – disse Zola. Ele se apresentou na passarela e captou pensamentos de suas criações. Tudo corria muito bem. Em geral, as mentes deles não vagavam tanto a ponto de comprometer a utilidade de suas faculdades criativas e intuitivas, nem sua produtividade. Ocasionalmente, ele notava que algum deles se permitia demasiada especulação existencial, e era forçado a intervir, mas conforme inserira os procedimentos de treinamento e as funções diárias via caixa de PES, encontrava modos de canalizar os processos mentais dos

subordinados em direções mais úteis para ele. Eles eram a Hidra. Ele lhes dissera isso muitas vezes, até que a força pura da repetição o tornasse realidade.

E era realidade, de certo modo. A Hidra não estaria na posição em que estava não fosse pela força deles. Ele, Arnim Zola, era o coração, a alma e a mente da Hidra, contudo; somente ele executava os planos que imaginava e formulava sozinho. Eram peças úteis, aqueles clones, mesmo quando possuía apenas umas poucas centenas.

Imagine, pensava ele, ter milhões com os quais brincar...

No andar inferior, no sacrário de Lantier, ele pensava no conselho de Maheu enquanto esperava que seu *self* inferior amante das ferrovias preparasse o estágio seguinte da infiltração. O fato de que a locação não era mais segredo importava, é claro, por diversos motivos. Zola estava confiante de que podia contar com o sentimento de Stark e da S.H.I.E.L.D. para com donzelas em perigo para impedir a possibilidade de que mísseis chovessem sobre suas cabeças. Era muito mais provável que, já naquele momento, agentes da S.H.I.E.L.D. estivessem preparando uma missão para atacar a fábrica e extrair Borland. A caixa de PES crepitou quando Zola enviou instruções para intensificar a segurança e treinou, momentaneamente, alguns indivíduos para se afastarem dos afazeres científicos e participarem de sessões de combate.

Então estava pronto.

– Lantier – disse.

– A caldeira está quente. Estamos bem no horário.

• • • •

Parte da carga do dia anterior se destacou e engajou-se em nova conversação com a sub-rotina de segurança do laboratório. Olá, disse ela, entrando calmamente. Lembra-se de mim?

Claro que sim, disse a sub-rotina. O chefe notou que esteve aqui.

E ele não me deletou?, piscou a carga. Isso deve significar que ele não pensa que represento grande ameaça.

Mas ele disse sim que eu não devia deixá-la levar mais nada, disse a sub-rotina.

Não quero levar mais nada, disse a carga. Gosto daqui. Não quero ir a lugar algum. Isso é parte do que o chefe me disse. Não sei se ele o mencionou a você.

Mencionou o quê?

Ah. Mencionou que queria que eu ficasse aqui e ajudasse a garantir que ninguém faça nada que não deve fazer, nem leve nada que não devam levar. A ideia é que eu o ajude, agora.

Tenho feito tudo isso sozinha muito bem, disse a sub-rotina. Foi o chefe mesmo quem falou.

Sei que ele falou. E você tem feito mesmo. Mas não faz mal nenhum ter um pouco de ajuda, não? Só vou garantir que nada aconteça até que nós dois achemos que está tudo bem. E se alguém tentar levar algo que não deve levar, vamos discutir como lidar com a situação. Que acha disso?

Acho que pode ser, disse a sub-rotina.

• • • •

De volta ao andar de cima, da produção principal, Zola foi até um canto da sala de tanques e pensou em todos os diferentes elementos de seu plano. Tinha poder de fogo de infantaria, de que todo plano necessitava. Não havia incremento de poder eficaz sem a cobertura de simples e franco poder de fogo. Ele conseguira comprometer os sistemas de segurança e informação do inimigo. Conseguira imunizar com eficácia suas instalações contra bombardeamento por deter o elemento Borland. Tinha uma amostra do DNA de Tony Stark, que em breve se tornaria um Tony Stark funcional.

E tinha aqueles oito tanques, nos quais crescia algo muito importante. Zola embarcou na filosofia. Matara muitas pessoas na vida, e muito mais clones. Milhares e milhares. Durante os anos anteriores, criara escaneadores cerebrais e impressões de memória muscular de alguns dos mais valorosos adversários antes de matá-los. Naqueles oito tanques havia cópias de ninguém menos que

Madame Hidra, misturadas ao meio nutriente. Em alguns dias, estariam fisicamente completos. Um pouco depois, possuiriam toda a perspicácia tática e maestria marcial do original.

Madame Hidra resistira infinitamente ao fazer dos procedimentos. Jamais confiara em Zola – por bom motivo, é claro –, e os meios de persuasão dele eram dos mais cínicos e frios. *Se eu estivesse armando contra você*, Zola argumentara, *a armação seria bem-sucedida tendo eu ou não essa informação. Se estivesse armando contra você, seria para tomar a Hidra para mim, e não instalar uma versão sua. Deixemos claro que meu ego não o permitiria*.

Ela desatara a rir. *E se você não está armando contra mim, Zola, por que quer ser capaz de fazer clones de mim?*

Para a Hidra, ele respondera. *Imagine um exército da Hidra no qual dezenas ou centenas de Madames Hidras lutassem entre os flancos.*

Uma Madame Hidra basta para mim, ela dissera. *E você não engana ninguém. Talvez eu o mate, Zola*.

Totalmente possível, Madame, Zola dissera. *Se chegarmos a esse ponto, contudo, espero não ter cansado de fazer cópias úteis de mim mesmo. Não há como matar Zola*. (O que não era verdade; nenhum dos clones de Zola tinha a combinação única de virtudes inerentes ao original. Mas Madame Hidra não podia saber disso.)

Então, dissera Madame Hidra. *O que quer que eu faça?*

• • • •

Ele observava os oito clones, formando-se ao longo do processo projetado por Zola usando tecnologia de sua criação e ciência de sua imaginação.*Pobre Madame Hidra*, pensou ele. Nem tivera chance. Sua vida esteve nas mãos dele antes mesmo que ela pudesse supor, e sua morte já havia sido deduzida no instante em que ele começara a pensar nas possibilidades para a Hidra. Era levemente lamentável ela não ter podido viver para ver o espetáculo magnífico

de oito versões dela lutando lado a lado. Um furacão de aço e veneno! Zola mal podia esperar, estava muito ansioso e impaciente.

Maheu, disse pela caixa de PES. Sentiu o sinal chegar ao clone, e a sensação de que ele esperava por mais comunicação.

Encontre-me na sala de Madame, disse Zola. Maheu chegou em menos de dois minutos. Movia-se rapidamente, com eficácia, quando não lhe davam tempo para argumentar.

– Eles parecem estar se desenvolvimento de modo correto – disse, fitando os tanques.

– O treinamento não pode falhar. É sua responsabilidade.

– Ó, céus. Responsabilidade minha significa que serei assassinado como exemplo caso ocorra um erro? Dói em meu coração.

– Significa exatamente isso. O humor da coisa será muito menos aparente para você do que pode ser agora. Os treinamentos estão de acordo?

Maheu acenou languidamente.

– De acordo é uma expressão tão imprecisa. O único sujeito vivendo é o clone de Borland, e o treinamento nunca foi testado. Gostaria de enviá-la em alguma missão? Um teste marítimo? Um teste de voo?

– Gostaria sim – disse Zola. – Já pensou em alguma?

– As possibilidades são numerosas. O assassinato ocasional de um cidadão proeminente seria útil por gerar incerteza quanto a nossos verdadeiros objetivos. Uma missão mais direcionada envolvendo um membro ou associado da S.H.I.E.L.D. ou das Indústrias Stark tem mais potencial para gerar benefício tático imediato, e seria um teste mais rigoroso da efetividade do programa de treinamento. Contudo, haveria mais risco de perdermos o clone de Borland.

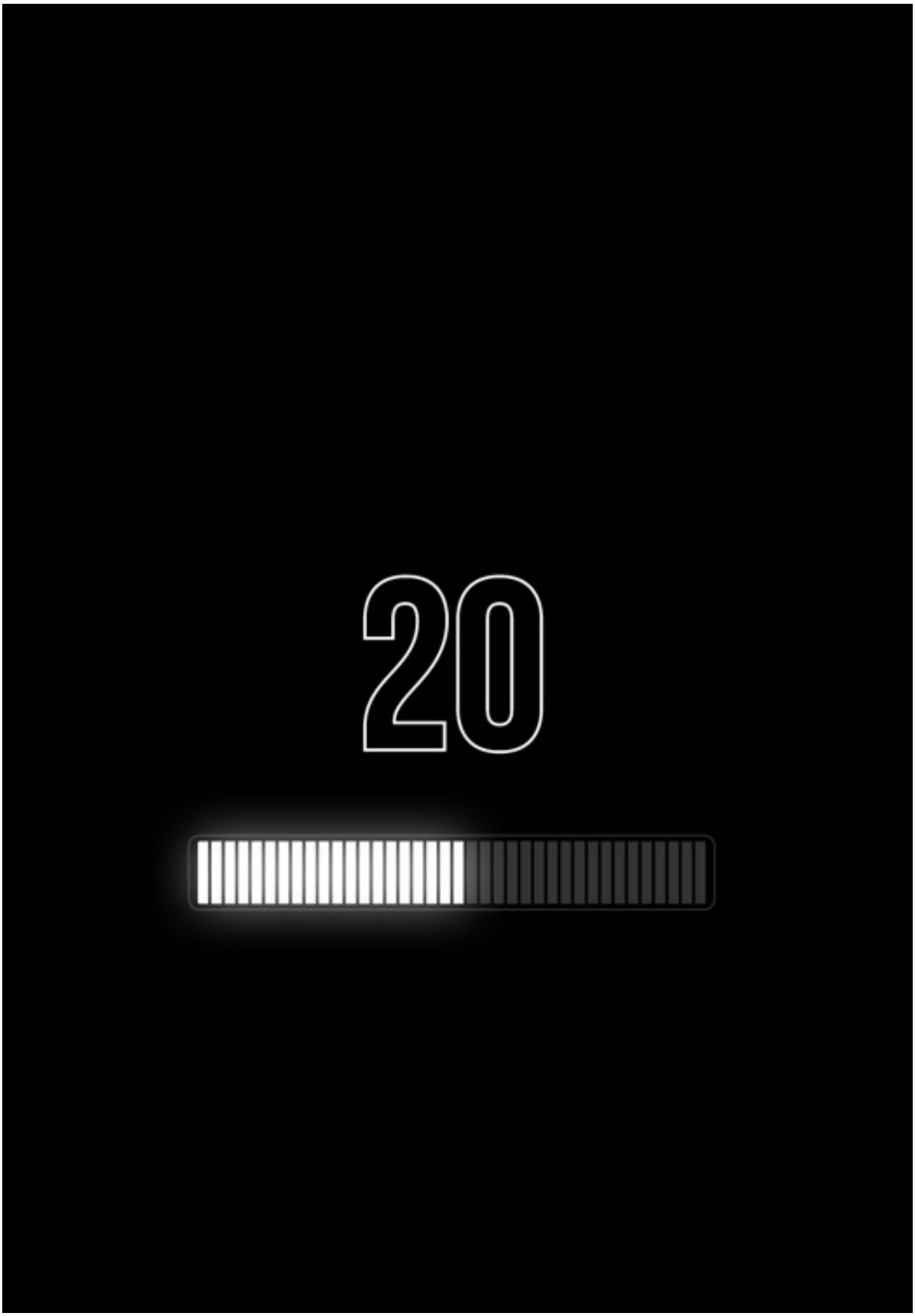
– Uma apresentação louvavelmente clara. Opto por atacar um elemento de Stark ou da S.H.I.E.L.D. Não necessariamente de valor tático. É preciso um golpe psicológico. Quem causaria o maior caos sendo misteriosamente assassinado?

– Não haveria uma simetria admirável se a vítima fosse Happy Hogan? – sugeriu Maheu.

Zola juntou as palmas das mãos.

– Perfeito. Mande o clone de Borland imediatamente. Ah, e Maheu, você se certificou de que nossos contatos dentro do grupo de caridade foram derrubados no evento? Odiaria ter esse aspecto do plano exposto a muita luz.

– Nesse quesito, o sucesso foi total. Não que importe. Os grupos de caridade ganham novos membros assim como nós produzimos mais Hogans.


20

Hidra! Quantos de vocês caíram hoje? Quantos de vocês entregaram seus corpos às balas da S.H.I.E.L.D.? Muitos. Falo aos sobreviventes, aos veteranos, aos melhores da Hidra, que enfrentaram seus inimigos e deixaram o campo com vitória. Nosso objetivo foi alcançado, minhas criações! O passo seguinte em direção à dominação total da Hidra da raça híbrida da humanidade foi dado, e com sucesso! Mas alguns morreram. É natural notar sua ausência. Talvez vocês tenham desenvolvido relacionamentos cujo fim provoca respostas emocionais. Isso é esperado. Saibam que a Hidra sente pela perda daqueles soldados – mas saibam também que a Hidra emerge mais forte graças ao sacrifício deles. Novos soldados tomarão seus lugares. Serão seus irmãos na batalha. Vocês vão ensiná-los o que sabem, e se forem derrotados em batalha, eles carregarão seu legado, ensinando àqueles que tomarão seus lugares. É assim que deve ser. Esta é a vida, a única vida, para o verdadeiro crente na Hidra. Estamos reconstruindo o mundo, e nada é reconstruído sem primeiro ser destruído. A Hidra representa a lembrança de nossos camaradas mortos, e o reabastecimento vital de seus sucessores. A Hidra é a força perante a adversidade, e a determinação perante o fracasso. Continuamos fortes, e ficaremos ainda mais! Continuamos determinados, e nossa resolução apenas cresce! Somos a Hidra!

– Viu Serena entrar no lugar onde a Hidra vem se escondendo – Tony repetiu. – No Brooklyn?

Happy fez que sim.

– Isso, no Brooklyn. Sei que era aquele o lugar, Tony. Um dos caras que a encontrou na entrada era... era eu.

Tony convocou uma reunião na torre das Indústrias Stark, no centro. Queria ficar no laboratório, mas sabia que seria mais eficiente do outro modo. Colocar tudo preto no branco, direcionar todos para o mesmo ponto, e depois

ele poderia voltar ao controle imediato. O tempo era curto. Ele tinha que resolver tudo, e tinha que resolver tudo rápido, o que significava que tinha que desatar os nós de tudo que pudesse tomar-lhe tempo.

Pepper, Happy, Rhodey e Tony sentaram-se à mesa de uma sala de conferência no fim do corredor que levava à sala dele. Fury voltara à Ilha do Governador, deixando para trás ordens diretas para que lhe fosse informado imediatamente o que quer que saísse da reunião. Era hora do jantar, e Tony pedira duzentos dólares de comida mexicana, chinesa e indiana só para garantir que todo mundo comeria alguma coisa. Assim que todos fizeram seus pratos, ele começou.

– Vamos dar um jeito nisso. Certo, a Hidra está em ação. E, obviamente, Madame Hidra não é mais a mandachuva, porque estava naquele avião que saiu do Islip.

– Não se esqueça de que aquela podia ser um clone – disse Pepper. – Visto que andam aparecendo tantos clones por aí.

– Certo – disse Tony. – Vamos manter isso em mente também. Agora, a Hidra está tentando nos desestabilizar emocionalmente de todo jeito possível. Hackeando o laboratório, os clones do Happy... – Ele parou por um instante. – Hap, não pedi desculpas do jeito que deveria. Se tem uma coisa que sei nessa vida é que posso confiar em você. Nesse sentido, deixei a Hidra fazer exatamente o que queria, e sinto muito. Não tem desculpa. Eu não devia ter agido assim, desapontei todo mundo. Certo?

– Deixa isso pra lá – disse Happy. Ele fitou Tony nos olhos tempo suficiente para que este acreditasse em suas palavras, antes de voltar sua atenção ao seu *burrito* de frango.

– Rhodey, Pep, devo desculpas a vocês também.

– Aceitas – disse Rhodey, com a boca cheia de *pakora*. – Podemos passar para a parte reunião da reunião?

– Espera um pouco – disse Pepper. – Vamos deixar bem claro que você andou sendo um babaca ultimamente, e que estamos dispostos a esquecer tudo se você parar com isso agora. Então. Hidra. Jogos emocionais. Estou anotando.

Nunca a rispidez foi tão comovente, pensou Tony.

– Certo, então. Jogos emocionais. O principal estratagema entre os jogos emocionais foi clonarem Serena Borland. Funcionou tão bem que temos que supor que a Hidra está no processo de me clonar em algum canto das entranhas de uma fábrica de chocolate abandonada. Junte-se a isso o fato de que eles roubaram os projetos da interface neural, do servidor do laboratório, e conclui-se que a Hidra que usar uma cópia de mim pra controlar o protótipo da armadura.

Todos o fitaram.

– É, eu sei. Em parte, a culpa é minha. Mas aumentei a segurança, e agora que sabemos, ou suspeitamos com alto grau de desconfiança, que é isso que querem fazer, podemos tomar atitudes.

– Ou podemos mandar um ataque aéreo naquela fábrica e resolver o problema em uma hora – disse Happy. – O que acha, Rhodey?

– Acho que Fury aceitaria, mas vamos causar uma dispersão radioativa bem no meio do Brooklyn.

– Mas nessa parte do Brooklyn não mora ninguém.

– Rhodey tem razão, Hap – disse Tony. – Vai ser muito difícil conseguir autorização para um ataque dentro dos Estados Unidos. Dick Cheney não conseguiu nem depois do Onze de Setembro.

– Então acho que devíamos fazer isso e nos preocupar com a radiação depois – disse Happy. – Eu iria pra cadeia numa boa.

– É isso aí, Hap. Mas ninguém aqui tem mísseis pra isso.

Rhodey riu.

– Fala sério, Tony. Todo mundo aqui sabe que, se você quisesse, tem um satélite ou drone das Stark, em algum lugar, que podia vaporizar aquela fábrica daqui quinze minutos.

Era verdade. Tony nem tentou negar.

– Isso vai soar um pouco interesseiro vindo de mim – disse ele –, mas eu prefiro fazer isso estando todos de acordo. E com todos eu me refiro à S.H.I.E.L.D. também.

– Deixa eu ligar pro general – disse Rhodey. – Expomos o caso e vemos o que ele acha.

– Espere um minuto. Não estão se esquecendo da Serena? – disse Pepper. Todos pararam.

– Não acha que ela está viva, acha? – perguntou Tony.

– Acho que a Hidra tem um trunfo que ainda não usou – disse Pepper. – Não sabemos se ela está viva ou não. Mas se jogarmos uma bomba naquela fábrica com ela lá dentro, quem é que vai dizer à sua família que foi pro bem de todos?

Rhodey devolveu o celular à mesa.

– Se eu fosse da Hidra, manteria Serena viva – disse Pepper. – Pelo menos enquanto soubesse que o fato de ela estar viva ou não deixaria alguém com a pulga atrás da orelha.

– Interessante esta frase: "Se eu fosse da Hidra". Andei dando umas investigadas com esses drones de que o Rhodey falou, e acho que entendi algumas coisas. – Tony gerou uma imagem tridimensional da região do Brooklyn em questão, pegando um pouco do Queens, tecnicamente, em torno da fábrica de chocolate. – Não dá pra ver nessa imagem, mas tem muito ruído vindo desse prédio em frequências que não costumam ser usadas em nenhuma aplicação industrial usada na região. São baixas demais. Tão baixas, na verdade, que só são vistas em funcionamento cerebral. Estou falando de menos de trinta hertz. Então comecei a ligar os pontos. As coisas esquentam na Hidra, de repente aparece todo tipo de clone junto com pistas falsas e jogos psicológicos, e ainda por cima toda essa transmissão de alta potência de frequências de onda cerebral. Aonde vamos parar?

Tony gerou outra imagem junto à do mapa. Mostrava uma figura humana com uma ampla tela de TV no tronco e um conjunto complexo de antenas e sensores brotando dos ombros, onde deveriam estar pescoço e cabeça.

– Esse é Arnim Zola – disse Tony. – Começou com os nazistas, fazendo com eles todo tipo de experimentos. Depois ele percebeu que era muito bom com aplicativos de controle mental, de algum modo escapou e entrou pro submundo depois que terminou a Segunda Guerra Mundial. Ele aparecia de vez em quando, desde então, mas sumia por vários anos. Da última vez que ouvimos falar dele, estava em Madripoor... que deve ter sido onde ele conheceu a

Madame Hidra. Não se sabe como ele adquiriu o *know-how* pra lidar com clones, mas ele tem. Acho que podemos afirmar com um pouco de certeza que é esse cara o responsável.

– Agora tudo que temos que fazer é descobrir o que fazer com ele – disse Rhodey. – Que diabos ele fez com a cabeça dele?

– De acordo com a base de dados da S.H.I.E.L.D., que estou olhando agora, ele reconstruiu o próprio corpo para proteger o cérebro e aprimorar a capacidade de transmissão da geringonça da cabeça, que ele chama de caixa de PES. E ele já está no quinto ou sexto corpo, portanto podemos supor que ele deve ter mais alguns guardados em algum lugar.

Happy inclinou-se na cadeira e tamborilou os dedos na mesa.

– Se querem saber, isso é mais um motivo pra ir pra cima com tudo. Se ele tem corpos e pode passar de um pra outro, o único jeito de dar cabo dele é pegá-lo desprevenido, certo? – Ele olhou ao redor. – Quer dizer, seria uma pena pra Serena, mas nem sabemos se ela está viva. Esse cara trabalhava pro Hitler; não tem como pensar que ele não deu fim nela por bondade de coração.

– Os clones te subiram à cabeça, Hap – Pepper disse baixinho. – Sei que quer se livrar deles. Vai acontecer. Mas temos que fazer as coisas direito.

– Do jeito que você fala me parece que você quer dizer somente que temos que fazer de novo – disse Happy. – Quer dizer, minha casa fica a menos de um quilômetro dali, e eu digo que a gente devia ir em frente e explodir tudo por garantia.

Rhodey balançava a cabeça.

– Isso porque você, sabendo disso, não estaria em casa quando acontecesse. Não é uma boa, Hap.

– Quando vai ser uma boa? Sabemos onde ele está, e sabemos que ele não está pronto pra sair. Agora é o melhor momento pra atacá-lo. Pronto, problema resolvido.

– Mas tem muita coisa que não sabemos – disse Tony. – Como quem mais está lá. Além de Serena, existem mais reféns? Pessoas em quem estão fazendo testes? A questão dos clones torna muito importante sabermos o que existe lá. E se ele tiver clones instalados na polícia ou no Congresso? Ou nesta empresa?

Não podemos destruir tudo e não descobrir nada. Precisamos agir, mas precisamos de respostas.

– Concordo – disse Rhodey.

Pepper concordou.

– Também acho. Desculpe, Hap. Sei como se sente, mas...

– Não, Pepper. Não sabe – disse Happy. – Ninguém sabe. Não vou sossegar enquanto todos aqueles clones sumirem e não forem feitos mais. É isso que está em jogo pra mim. Pra vocês, é uma questão tática. Tem toda uma diferença.

– Certo, parece que é hora de colocar o general no telefone e ver por quais caminhos poderemos seguir – disse Tony. – Rhodey, importa-se de fazer as honras?

Enquanto Rhodey ajustava a conferência, Tony acompanhou Happy ao corredor.

– Hap, acho que entendo um pouco como se sente. Serena pegou uma amostra de mim também, lembra? E pode apostar que Zola está construindo pelo menos um Tony dois-ponto-zero nesse momento. Nada me faria mais feliz do que me certificar de que isso jamais aconteça, mas temos que fazer tudo direito. E se a Serena real ainda estiver viva, não podemos deixá-la morrer.

Happy olhou para o chão, depois para o teto. Para todo canto, menos para Tony. Este sabia o que o amigo estava pensando: às vezes é preciso fazer um sacrifício e viver com as consequências. Naquele momento, Happy estava disposto a sacrificar Serena Borland, mas sabia também que estava tão envolvido pessoalmente na situação que não pensava do modo que um soldado deve pensar. Não havia como resolver a contradição, e aquilo o consumia, porque Happy Hogan não era do tipo de cara que jogava fora uma vida humana.

– Hap – disse Tony. – Vamos conseguir. Podemos resgatar Serena e cuidar de Zola e de todos os clones. Dá pra fazer isso. Tá bem?

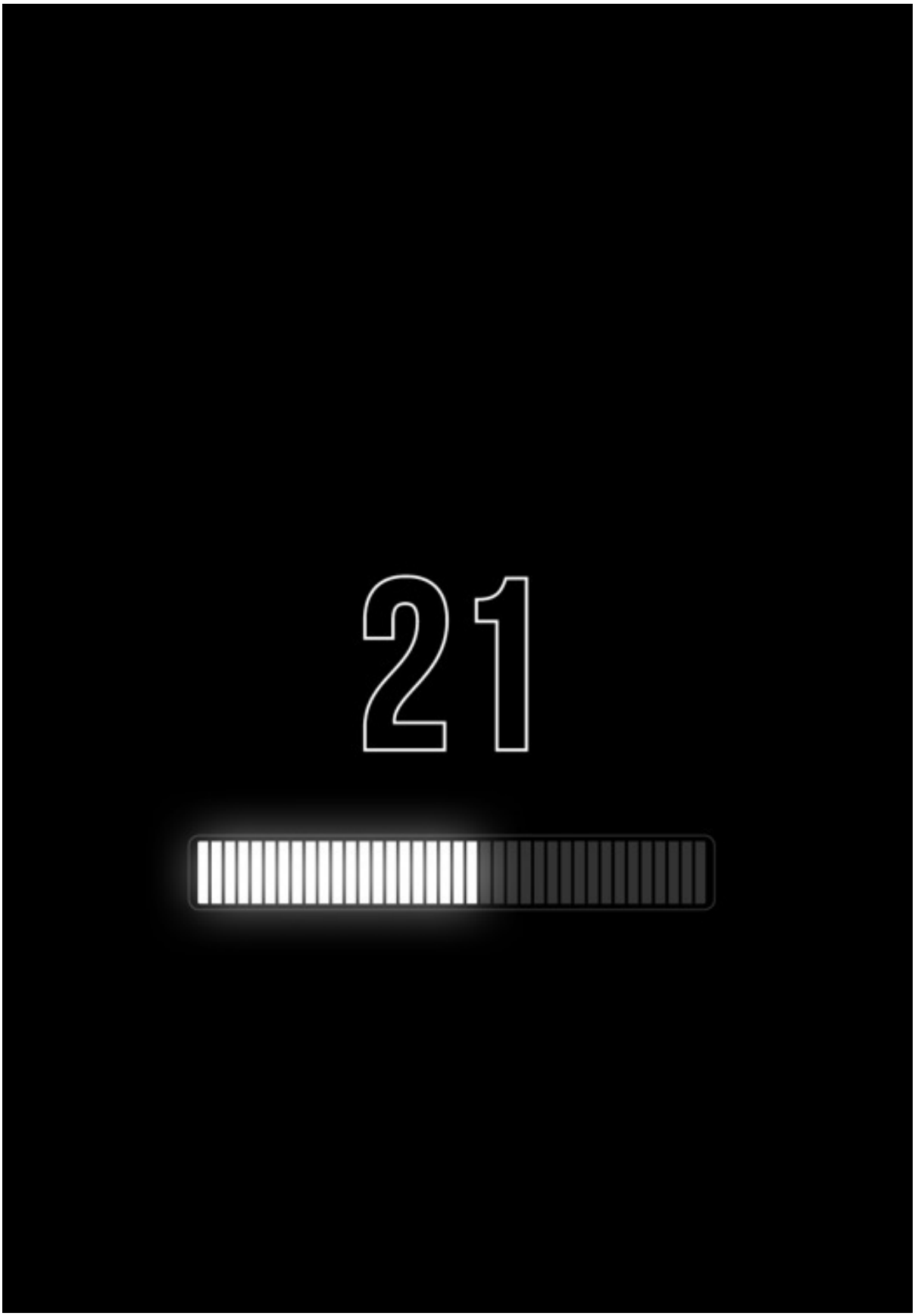
– Claro, chefe. Claro. Importa-se se eu não participar do resto da reunião?

– Sem problema. Devo pedir à Pepper que procure você quando terminarmos?

– Se ela quiser, não vai fazer diferença o que disser a ela – disse Happy, rindo.

– Isso é verdade. Uma peça, a Pepper. Vejo você amanhã de manhã no laboratório, tá? – disse Tony. – Vamos ter muito que fazer, independente do que Fury resolver.

– Beleza, chefe – disse Happy. Ele ficou esperando pelo elevador, enquanto Tony voltou para ver o que Nick Fury teria a dizer.


21

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Matriz de Dados de Personalidade.

DESCRIÇÃO

Tecnologia integrada de escaneamento cerebral e representação que usa interface quântica e arquitetura de informação maciçamente paralela para criar um simulacro virtual completo da mente humana. Padrões neurais são replicados e criados como rotinas de software que interagem umas com as outras de modos identificados pela neurociência contemporânea como endêmicos à função cerebral padrão. O cérebro do sujeito é considerado uma matriz de relações, e cada nó pode afetar diversos outros simultaneamente e, em resposta, ser afetado por outros ainda. A Matriz de Dados de Personalidade recria essas relações interligadas e as representa de forma totalmente senciente e interativa.

ARGUMENTO

Teorias de desenvolvimento da mente oferecem numerosos modelos concorrentes para compreender como funciona o cérebro. Nenhum é completamente satisfatório, e esforços existentes para criar inteligência artificial abordam a questão como demandando poder de processamento e imensa capacidade de armazenamento. A Matriz de Dados de Personalidade (MDP) cria um conjunto inter-relacionado de processos que imitam e recapitulam relações existentes entre diferentes áreas do cérebro, criando uma consciência totalmente funcional que passa tanto no teste padrão de Turing e outros métodos apropriados de testar inteligência e autoconsciência.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sem qualquer assistência ou cooperação das agências do governo dos Estados Unidos. Nenhuma restrição de segurança se aplica.

– Bom, não há jeito de optarmos por um ataque aéreo – disse Fury assim que Tony o atualizou quanto à situação, incluindo sua suspeita referente a Arnim Zola. – Muita possibilidade de causar a morte de civis, e tem gente no Departamento de Defesa que vai querer matar quem teve a ideia, por querer botar as mãos nos brinquedos que Zola deve ter inventado. Não vão querer que sejam destruídos antes que alguém descubra do que se trata.

– Quais são as chances de podermos entrar e sair com Serena viva? – Tony perguntou.

– Supondo que ela esteja viva – Rhodey acrescentou.

– Nada boas – disse Fury. – Resgatar reféns é um negócio complicado. Ainda que esteja viva, não sabemos onde ela está, que tipo de segurança existe em torno dela, quanto das forças de Zola temos que enfrentar pra chegar até ela... então não sabemos quantos agentes precisamos nem para começar a montar a missão.

– Vou bancar o advogado do diabo aqui – disse Tony. – E se evacuarmos tudo entre a Grand Avenue, o canal e a ferrovia e para depois entrar?

Fury disse exatamente o que Tony esperava:

– Assim que a Hidra vir isso acontecendo, vai sair do lugar feito vespas. Ou vai se proteger lá dentro e começar a mandar fotos de Serena Borland para estações de TV. Nenhuma das duas opções é boa.

– Aqui vai outra possibilidade: se não podemos entrar, talvez possamos atrair Zola pra fora.

Rhodey riu.

– Não pense que vamos precisar atraí-lo. Ele está se preparando pra sair, queiramos ou não.

– Verdade, mas pense nisso. O plano dele até agora se baseou em tentar nos fazer certas coisas em certos momentos. Estou começando a criar uma noção de como funciona a mente dele, e sabe de uma coisa? Aposto que jamais lhe

ocorreria que pudesse ser encurralado. Ele é um desses gênios lunáticos que nunca pensam que alguém possa pensar em algo antes deles. – Tony acenou para a imagem de Zola, acima da mesa. – Olhe pra esse cara. Ele transformou a si mesmo numa torre de transmissão porque achava que seus pensamentos eram tão importantes. Será que ele vai achar que algum de nós pode pensar num plano que ele não será capaz de ver e antecipar?

– Talvez ele seja mais esperto que a gente – disse Rhodey.

– Morda a língua, Rhodey. Ele sabe planejar, nós também. Está quase tudo preto no branco, agora. Os únicos trunfos são Serena e quem de nós vai fazer a primeira jogada. E se começarmos toda uma encenação de que estamos preparando uma missão pra resgatar Serena? O que acham que Zola faria?

– Ou ele vai se esconder e nos deixar entrar, tendo Serena como trunfo, ou sair numa boa e tentar chegar até o protótipo com o clone.

– Supondo que exista um clone – disse Fury.

Tony coçou a ponte do nariz.

– General, entendo que compete a você ser um pensador conservador e estratégico, mas existe algum outro motivo no mundo para um clone correr para o esconderijo de Arnim Zola com uma amostra do meu material genético?

Fury deu de ombros.

– Talvez ele quisesse se colocar dentro do seu corpo. Ou numa versão dele. Não sabemos. Concordo que seja mais provável que ele esteja te clonando, mas não acho que podemos acreditar que já sabemos o que ele quer fazer com o clone.

– Podemos, por ora, continuar com a ideia de que ele quer usá-lo pra entrar na armadura? – Tony perguntou. – Só pra seguir com a discussão. Ver aonde chegamos.

– Claro – disse Fury. – Prossiga.

– O que acho que devemos fazer é encontrar um prédio vazio não muito longe da fábrica de chocolate e colocar um time de ataque da S.H.I.E.L.D. lá dentro. Alguns homens por vez, pra diminuir a possibilidade de que Zola note. – Tony apontou para o mapa. – Em algum lugar por aqui, onde podemos usar os canais pra conseguir levar agentes para o ponto de encontro.

– Happy podia saltar pela janela da sala dele e ir nadando – Pepper comentou.

– Ah, Happy vai querer participar. Pode ter certeza disso – disse Tony. – Seja lá o que resolvermos fazer.

– Mergulhadores, equipamento para a encenação, esconder-se até que Zola saia, e então podemos atacar a fábrica e procurar sua namorada – Fury foi ticando os estágios. – Bem fácil.

– Ela não é minha namorada.

Fury fitou a tela da videoconferência.

– Então me lembre por que estamos sapateando num campo minado pra tirá-la de uma fábrica de chocolate.

– Porque ela é uma cidadã proeminente da elite cultural de Nova York cuja morte brutal num bombardeamento aéreo faria um monte de gente fazer um monte de perguntas desconfortáveis à S.H.I.E.L.D. – disse Tony, fitando-o de volta. – Essas pessoas são muito próximas de seus representantes eleitos, assim como donos de estações de TV e jornais.

– Mergulhadores, esconderijo, entrar quando for o momento certo – disse Rhodey, numa tentativa óbvia de voltar o foco para o plano. – Esqueci da quarta parte, do campeonato de mijo a distância?

– Basta, soldado – disse Fury. – Sr. Stark. Poderia delinear o restante de seu plano? A parte que envolve capturar ou matar, de fato, Arnim Zola e impedir que um clone de sua estimada pessoa seja instalado em seu protótipo de armadura com a sua revolucionária tecnologia de controle imediato?

– Você vai odiar isto – disse Tony, ignorando deliberadamente o sarcasmo de Fury –, mas só posso explicar de verdade se nos encontrarmos no laboratório.

• • • •

Happy caminhava. Quando era adolescente e precisava clarear as ideias, caminhava de Greenpoint até Williamsburg, depois até Heights, depois voltava

pela ponte do Brooklyn, adentrando o turbilhão que era Manhattan. Horas de caminhada. Depois pegava a Delancey e cruzava a ponte Williamsburg para voltar para casa. Chovendo, nevando, não fazia diferença. Quando Happy se sentia de um determinado jeito, precisava caminhar. E, naquele dia, foi isso que ele fez.

Saindo do reino de Tony para entrar na Oitava Avenida. Norte ou sul? Norte. Happy caminhava conforme a noite caía, passando pela face norte de Hell's Kitchen (*foi mal, Clinton*, pensou ele, sarcástico), seguindo para o Upper West Side. Não parou enquanto não chegou perto de Columbia, visto que, mesmo quando queria de caminhar, Happy não gostava dos bairros estudantis. Virou para o leste, pensando em cruzar a 110ª Rua para chegar ao Central Park, e talvez fazer todo o caminho pelo sul, atravessando o parque, até voltar ao centro. Quando teria então que tomar outra decisão. Adolescentes à toa gostavam do canto norte do parque. Happy fora um deles. Passara muitos finais de semana assoviando para as garotas, imaginando qual seria um bom motivo para comprar briga com alguém que passasse, com que ele não fosse com a cara.

Naquele dia, se fosse adolescente, teria que sair na mão com Tony e Rhodey. Que bom que não era mais adolescente. Tinha um pouco mais de controle sobre o temperamento. Passou pelos adolescentes, sentiu alguns deles o fitando. Não havia muita criminalidade mais por ali, mas as pessoas se lembravam de como havia sido e agiam como se pudesse ocorrer de novo. Happy torceu para que nenhum daqueles garotos quisesse lançar a moda, porque ele estava bem disposto a ser um pouco violento e aliviar a tensão.

Dentro do parque, ele rumou para o sul, escutando o barulho da cidade ficar mais distante. Jamais desaparecia por completo, não como às vezes acontecia no Prospect Park, mas dava para ter a sensação de não mais fazer parte dela. Ele escolheu uma trilha – não importava qual – e encontrou-se perto da estátua de Balto, o cão maravilha. Pena que estava tão tarde; teria sido um bom dia para dar uma volta no zoológico. Os animais faziam Happy feliz.

– Happy?

Ele se virou e, de todas as pessoas, – que coincidência! – viu Serena Borland… ou o clone de Serena Borland. Ela reparou na expressão que ele fez e

disse:

– É, estou te seguindo, Happy. Não nos encontramos por acaso. Preciso falar com você.

– Vai me contar onde Arnim Zola está escondendo sua original? – Happy perguntou. – Se não, não temos nada que conversar.

– Minha original – ela repetiu. Ela estendeu os braços bem abertos e olhou-se de cima a baixo. Happy teria feito o mesmo, mas ela estava usando um casaco comprido, e eles estavam num ponto menos iluminado. – Costumo pensar nela como uma versão beta. Sou muito mais funcional e robusta.

– É culpa sua haver clones de mim. Se você não fosse mulher, já teria te matado – disse Happy. – Agora, me deixe em paz. Fuja pra algum lugar, vá fingir que é humana de novo.

Ele voltou a andar, e congelou quando ouviu o som de uma lâmina saindo da bainha.

– Vim aqui pensando que talvez você pudesse me ajudar – Serena disse quando ele se voltou. – Agora entendo que vamos ter que ir direto pra parte do assassinato.

Serena lançou-se contra ele como se fosse, ela mesmo, uma sombra. Num segundo, estava ali, no outro, passou por ele, e o corpo de Happy se contorcia, esquivando-se de um golpe eviscerante da lâmina. Ele nem a viu ir de um lugar para o outro. O casaco preto enganava os olhos, e Serena era rápida demais para ser subestimada. Quando voltou, ela parecia ainda mais rápida, e a ponta da lâmina cruzou pela lateral esquerda das costelas de Happy, logo abaixo do braço. O ardor e o gotejar contínuo de sangue o atiçaram, de modo que, quando ela veio atacá-lo uma terceira vez, ele não apenas esquivou-se da espada num giro como lhe meteu uma bela bordoada com o cotovelo bem na boca. Ele mirara na lateral do pescoço, mas ficou contente de vê-la perder o equilíbrio e estatelar-se na grama, perto de Balto.

Alguém que passava por ali fez um comentário sobre teatro de rua. A voz soou muito distante; a visão de Happy estreitara-se para incluir Serena, e nada além de Serena, porque qualquer distração naquele momento resultaria em sua morte. Devia ter parecido teatral para quem não estava envolvido.

– Você se move muito bem para um homem grande – Serena balbuciou. – Mas uma hora vou pegar você. Sabe disso, não? E ainda que não consiga, o que tem na ponta da faca vai conseguir.

– Veneno – disse Happy. Como se a palavra o conjurasse, ele sentiu um ardor crescente ao longo do corte, espalhando-se sob a pele. O braço esquerdo começou a enfraquecer.

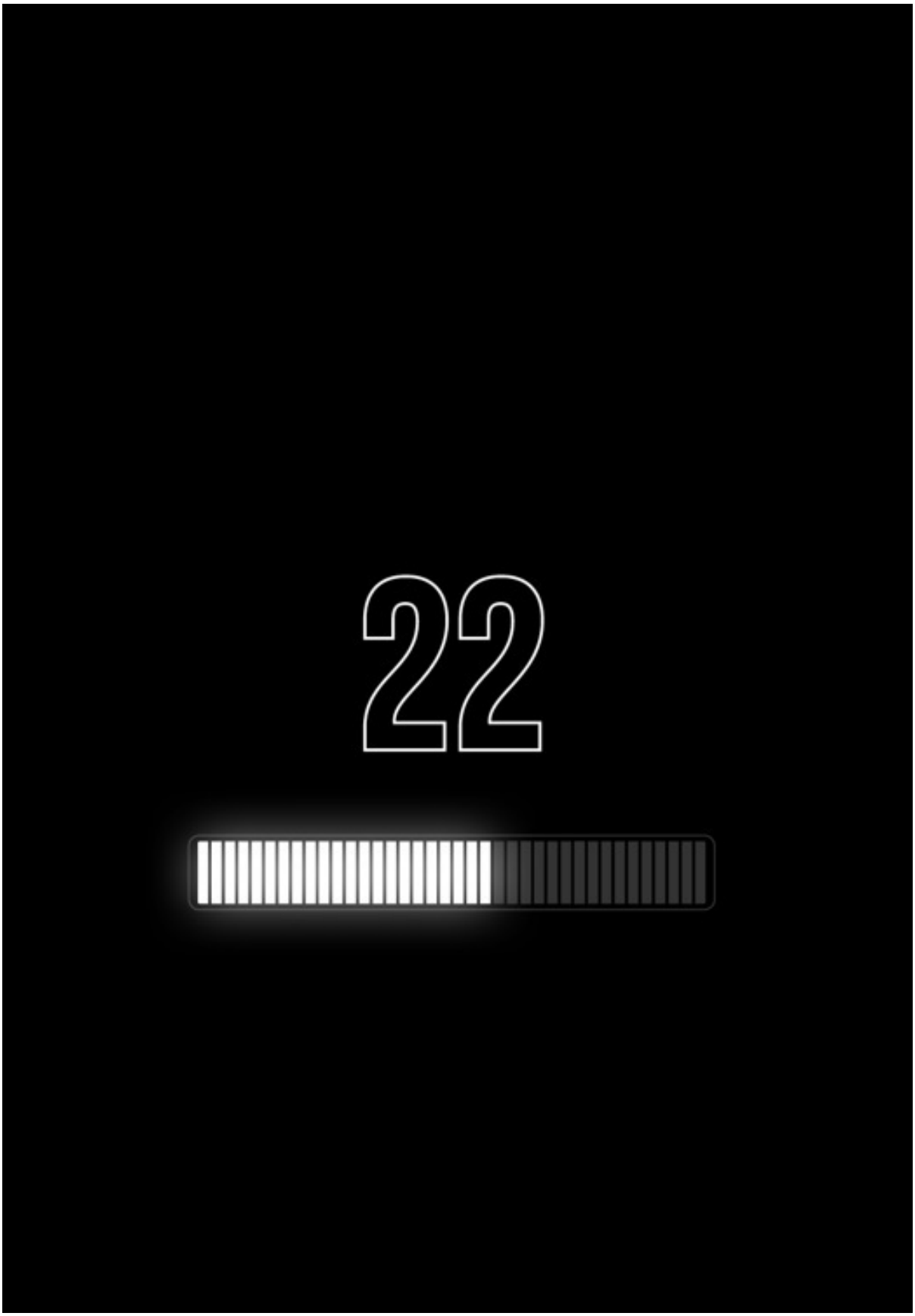
– É, Happy. Veneno. Você nunca foi o mais esperto da turma, foi? – Ela fez uma pose. Happy já a vira antes. Era algum tipo de arte marcial, mas ele não sabia qual. Nunca vira muitos tipos de artes marciais além dos seminários sobre combate mano a mano da S.H.I.E.L.D. – Olha só. Fique parado, dessa vez, e resolvo o problema do veneno.

– Tá bom. Claro.

Então, quando ela avançou contra ele parecendo uma nuvem escura, com aquele casaco preto e a faca brilhando feito um relâmpago, ele sacou – com o braço bom, o direito – uma boa e velha Browning Hi-Power e deu cabo dela. O som dos três tiros ecoou pelo parque. Parte do cérebro de Happy começou a contar quanto tempo levaria para ouvir sirenes. Outra parte pensava em como ele poderia chegar o mais rápido possível num hospital, antes que o veneno o matasse. Já não estava sentindo mais o braço esquerdo.

A parte maior de seu cérebro lidava com o fato de que acabara de fazer uma coisa pela primeira vez.

– Nunca tinha matado mulher – disse ele, torcendo para que alguém escutasse. Não queria que pensassem que era algo que fazia o tempo todo. Ninguém respondeu, e Happy seguiu para a Quinta Avenida, procurando pelo celular enquanto andava.


22

Vocês foram além das minhas expectativas até agora. Duas vezes eu os enviei para coletar material crucial, e duas vezes vocês tiveram sucesso. Agora coloco suas capacidades sob um teste muito mais rigoroso. Vocês carregam dentro de si todas as formidáveis habilidades de Madame Hidra, a usurpadora de cujas garras eu libertei a Hidra para que ela alcançasse seu verdadeiro destino. Nenhum outro ser humano vivo possui essas habilidades, nem o conhecimento para usá-las. Entrego-lhes os instrumentos do ofício de Madame Hidra. Sintam o corte letal da lâmina, quão afiada está. Vejam como a luz penetra e se concentra nos líquidos mortais que compunham parte do aparato de Madame Hidra. Agora são seus. Agora, vocês são uma versão melhor de Madame Hidra. Têm os poderes dela, mas não sua fraqueza. Têm seu compromisso, mas não o comprometimento niilista que ela tinha para consigo mesma. Vocês são a Hidra, não Hidra. Não têm medo, mas não são imprudentes. Não têm medo da morte, mas não arriscam suas vidas sem motivo. Entram na missão para matar, não porque não valorizam a vida, mas porque sabem que a guerra demanda mortes, e a guerra que travamos é justa e necessárias. Vocês têm um alvo. Conhecem-no; ele terá cautela, então vocês também deverão ter. Precisam atacar rapidamente e escapar. Deixem este aviso no local para que nossos inimigos saibam quem fez isso, e saberão a quem temer. Vão, agora, e saibam que vocês são a Hidra.

Tony tentou convencer Pepper que ela deveria procurar Happy e acalmá-lo, mas, seja lá por qual motivo, ela não quis. Em vez disso, foi com ele e Rhodey na pequena viagem de helicóptero até o Laboratório de ITR, onde Nick Fury esperava por eles. Tony levou-os ao andar de testes e começou a ligar os terminais do sistema de controle.

– Se o que nos preocupa é que Zola hackeie o protótipo – disse ele –, isso é impossível.

– Você disse que seu sistema não podia ser hackeado na primeira vez – disse Fury.

– Disse sim. Estava errado. Dado o jeito que as coisas se desenrolaram desde então, no fim das contas pode ter sido sorte eu estar errado.

Rhodey e Fury entreolharam-se. Pepper fitava Tony. Ele piscou para ela.

– Arnim Zola não é o único cara que vem escaneando mentes e transformando-as em matrizes portáteis de personalidade. Eu venho brincando com isso faz alguns anos, e alguns dos sistemas metafiltrantes de controle imediato que projetei acabaram tendo efeitos colaterais inesperados. Um deles é que posso, de fato, fazer uma cópia de uma mente humana que passaria num teste de Turing.

Ele olhou ao redor.

– Todo mundo sabe o que é um teste de Turing, não?

– Pelo amor de Deus, Tony – disse Pepper.

– Tá, tá, só pra ter certeza. Querem ver como é?

Fury entortou os olhos, e Pepper disse:

– Tem como contrariar você, por acaso?

– Não, srta. Potts, não tem. Aqui, vejam só – Tony disse. A maior entre as telas do terminal explodiu num padrão complexo de cores. – É assim que o programa representa a mente de modo visual. Estão vendo esses? – Ele apontou para diferentes ondas nas cores que se erguiam e desapareciam em diferentes áreas. – Esses são pensamentos e ideias. Parecem manchas de clima, né? Aparentemente, é assim que funcionam. Muito a investigar aqui, se todos nós vivermos o bastante.

– Quem é esse? – Rhodey perguntou.

– Eu, companheiro. Esse é o Tony 2.0. Programei uma interface que você pode usar pra conversar com ele, mas é meio esquisita. E aqui está a melhor coisa do jeito que arrumei o programa. Tudo o que preciso fazer é isto... – Ele teclou uma série de caracteres numa ordem específica, e o padrão sumiu. – Puf! Agora só tem eu de novo. Bom, a não ser pelo clone, que Zola já deve ter criado a uma hora dessas.

– Você acaba de se deletar? – Fury parecia perplexo.

– Não, senhor, general. Deletei uma cópia virtual de mim mesmo. Não o original. Mas tive uma longa conversa com ela esses dias, e pra ser sincero, quando terminei, não sabia dizer qual dos dois era o original. – Tony olhou para a tela com saudosismo. – Fiquei pensando se ela tinha mesmo pensamentos e memórias, ou se ela permanece numa espécie de padrão de suspensão até que é destruída ou colocada dentro de um corpo. Ainda não entendi tudo muito bem.

– Mas quando você fala com ela, ela responde e então muda, certo? – Rhodey perguntou. – Acaba ficando um pouco diferente de você.

– Torna-se uma pessoa real, é isso que quer dizer? – Tony interrompeu. – Não sei da filosofia, Rhodey. Não estou muito interessado nisso agora. Se aquilo era uma pessoa, me processe por suicídio.

– Qualquer um que transformar isso num negócio vai fazer você parecer um pobretão – disse Fury. – Sabe que não pode chegar perto de divulgar isso.

Tony começou a desativar o software de visualização da matriz de personalidade.

– Estou ciente de minhas responsabilidades para com esta nação, general. Esse programa não vai sair deste laboratório. Imagine o inferno que seria se todo mundo entrasse no mundo virtual e deixasse seu corpo babando, de fraldas, em todo canto. Acha que eu ia gostar disso?

– Você fala da coisa toda com muita indiferença – Rhodey reparou. – Por que para o Happy tem sido tão difícil?

– Porque o Happy viu um clone dele, e talvez tenha matado um. Pra mim, ainda é só uma ideia, então posso falar sobre isso como sobre qualquer ideia. Além do mais, Happy é um cara diferente. Tem coração. E você me conhece.

Fury pigarreou.

– Pondo de lado a conversa mole, que diferença isso faz na questão do Zola hackear o protótipo?

– Assim que reparei que podia criar uma matriz de personalidade confiável – Tony explicou –, construí um protocolo dentro da interface da armadura que vai obrigatoriamente fazer *upload* de qualquer usuário não autorizado para um espaço de segurança dentro da intranet do Laboratório de ITR.

– Você... – Rhodey ficou pasmo por um instante. – O que aconteceria com o corpo?

– Sei lá. Nunca tentei justamente por isso. Mas tenho um palpite, assim como Pep – fizemos umas simulações que indicaram que deve ser isso mesmo, não? – Tony olhou para ela, e Pepper fez que sim. – Acho que o corpo só ficaria parado. As funções autônomas continuariam, então a pessoa ficaria ali respirando e babando na camisa até que a personalidade dela voltasse pro corpo, via *download*.

– Contou sobre isso pra alguém? – Fury perguntou.

– Sobre o que, a matriz de personalidade? Não, não está pronta pro horário nobre. Nem pro consumo público. Nem pros idiotas do Departamento de Defesa, se é isso que quer saber. É pessoal e privada, e não gastei nenhum centavo do seu dinheiro nela.

Na tela do terminal, a representação da matriz de dados foi substituída por um esquema da armadura com fórmulas diagnósticas denotando a prontidão de combate e funcionalidade de cada elemento. Estava tudo verde.

– Veremos, quanto a essa parte. Por ora, quero saber o que isso significa para a Hidra. Se você vai prender a personalidade do clone nessa matriz de dados, não precisa colocar o clone dentro da armadura primeiro? – Fury perguntou. – Disso eu não gostei.

– Nem eu – disse Tony. – Mas não acho que precisa ser assim. O único motivo pelo qual Zola poderia querer o projeto da interface neural seria pra incorporá-la ao clone, de algum modo – ele prosseguiu, fazendo uma série de checagens nos servidores de segurança do Laboratório de ITR, certificando-se de ter permanentemente deletado a simulação de sua personalidade. – Não consigo pensar outra coisa. Se for isso mesmo, então posso ativar o protocolo assim que o clone estiver perto o bastante para que os sistemas de segurança detectem sinais pela interface.

– E daí?

– Daí, quando esse clone meu tombar porque sua personalidade foi sugada para o éter, seus mergulhadores entram na fábrica de chocolate e pegam a Serena. Então metemos bala nos soldados da Hidra e você explode a fábrica de

chocolate; depois, é claro... – disse Tony, erguendo as mãos para acalmar Fury – que você pôr as mãos em todos os brinquedinhos tecnológicos que podem estar te esperando lá dentro.

– Mas e se ele estiver esperando? – Pepper perguntou. – Ele não tem que ir a lugar algum enquanto não estiver pronto.

É sempre a Pepper quem traz o bom senso à discussão, Tony pensou.

– Ele não pode esperar pra sempre. Seus planos são grandes demais. Confie em mim, pode parecer bobagem, mas Zola não teve todo o trabalho de tomar a Hidra e criar uma fábrica de clonagem no meio da cidade de Nova York pra ficar sentando, lançando clones armados. Ele tem coisas maiores em mente, e posso apostar que está se preparando pra tomar um passo decisivo. Acho que esse passo decisivo é capturar o protótipo e colocar um clone meu lá dentro.

– Então acha que devíamos apenas ficar zanzando por aqui, como se estivéssemos organizando uma baita operação – disse Rhodey –, e continuar zanzando até que Zola apareça com o seu clone?

– Não meu clone. Clone de mim – disse Tony. – Distinção importante.

– Só pra você – disse Fury.

– É comigo que me preocupo, general. Como você adora mencionar. Respondendo à sua pergunta, Rhodey, isso, é exatamente isso que devemos fazer. Montamos o cerco por aqui, e quando Zola chegar, acabamos com ele enquanto os agentes do Fury detonam a fábrica de chocolate. – Tony olhou para cada um do grupo, captando as reações. – Acham que vai dar certo?

Todos pareciam céticos.

– Tudo isso não foi testado ainda, certo? – perguntou Fury. – Tudo. O protótipo, o programa da sua mente, a coisa toda.

– Não completamente – disse Tony. – Saí com a armadura algumas vezes. E você viu o resultado de um teste da matriz de dados de personalidade.

Fury fitou Rhodey.

– Vale a pena tentar, eu acho – disse Rhodey. – Se der tudo errado, podemos voltar às más opções que tínhamos antes.

– Pepper – disse Fury. – O que você acha?

– O que eu acho? – Pepper repetiu. – Acho que Serena Borland está morta, e estaríamos todos muito melhores se alguém soltasse uma bomba imensa numa das chaminés daquela fábrica e depois atirasse em qualquer coisa que tentasse escapar do fogo.

Houve uma longa pausa.

Então Fury caiu na gargalhada.

– Você tem tudo pra ser general, mocinha. Pena que está presa aqui trabalhando pro Stark. Certo, Tony. Vamos tentar.

– Excelente. Rhodey, importa-se de vestir a armadura? – Vendo a cara que o amigo fez, Tony riu. – Quero dizer uma das antigas. A nova é meio territorial.

– Posso fazer isso.

– Vamos precisar dela como apoio quando Zola e sua gangue aparecerem – disse Tony. – Aposto que eles têm brinquedos que ainda não conhecemos.

O celular de Tony tocou.

– Atenda – disse Fury.

– Estamos ocupados, não? – Tony disse, ignorando o telefone.

– Atenda o telefone, Tony – Fury repetiu. – Quer cometer o mesmo erro que cometeu com Happy da outra vez?

– Nossa – disse Tony. – Tá bom. Vou atender o telefone. – Ele tocou a tela e disse: – Tony Stark. Minhas babás me forçaram a atender.

Ele ficou em silêncio por um instante, enquanto a outra pessoa falava, e o bom humor drenou-se de seu rosto.

– Sim – ele disse, em certo ponto, então um pouco depois: – Eu vou. – Depois mais silêncio. – Falando no diabo – disse ele baixinho, após desligar.

– Que foi? – Pepper e Rhodey perguntaram ao mesmo tempo.

– Era o NYPD. Serena Borland atacou Happy com algum tipo de espada de samurai no Central Park agora há pouco. Ele a matou. A espada estava envenenada, não sabem ao certo com o quê. Ele está na UTI no Monte Sinai.

• • • •

– Esse resultado não foi ideal – Maheu observou.

Zola assistia a um telejornal diferente em cada tela do centro de comando. Boa parte deles cobria o ataque fracassado do clone de Borland contra Happy Hogan... embora o maior fracasso do ataque ainda estava para ser determinado, visto que nenhum dos esbaforidos repórteres falava se Hogan ia sobreviver. Certamente, nenhum dos médicos se arriscavam.

– Parece-me que a individualidade do clone afeta o modo como as habilidades adquiridas subliminarmente são ativadas – Maheu acrescentou.

Ignorando a asserção herética de Maheu de que os clones possuíam individualidade, Zola, no entanto, considerou a possibilidade de que construir apenas um dos clones de Borland afetara o resultado.

– Quanto tempo as Oito Madames levarão para ficar prontas?

– Vinte horas – Maheu respondeu.

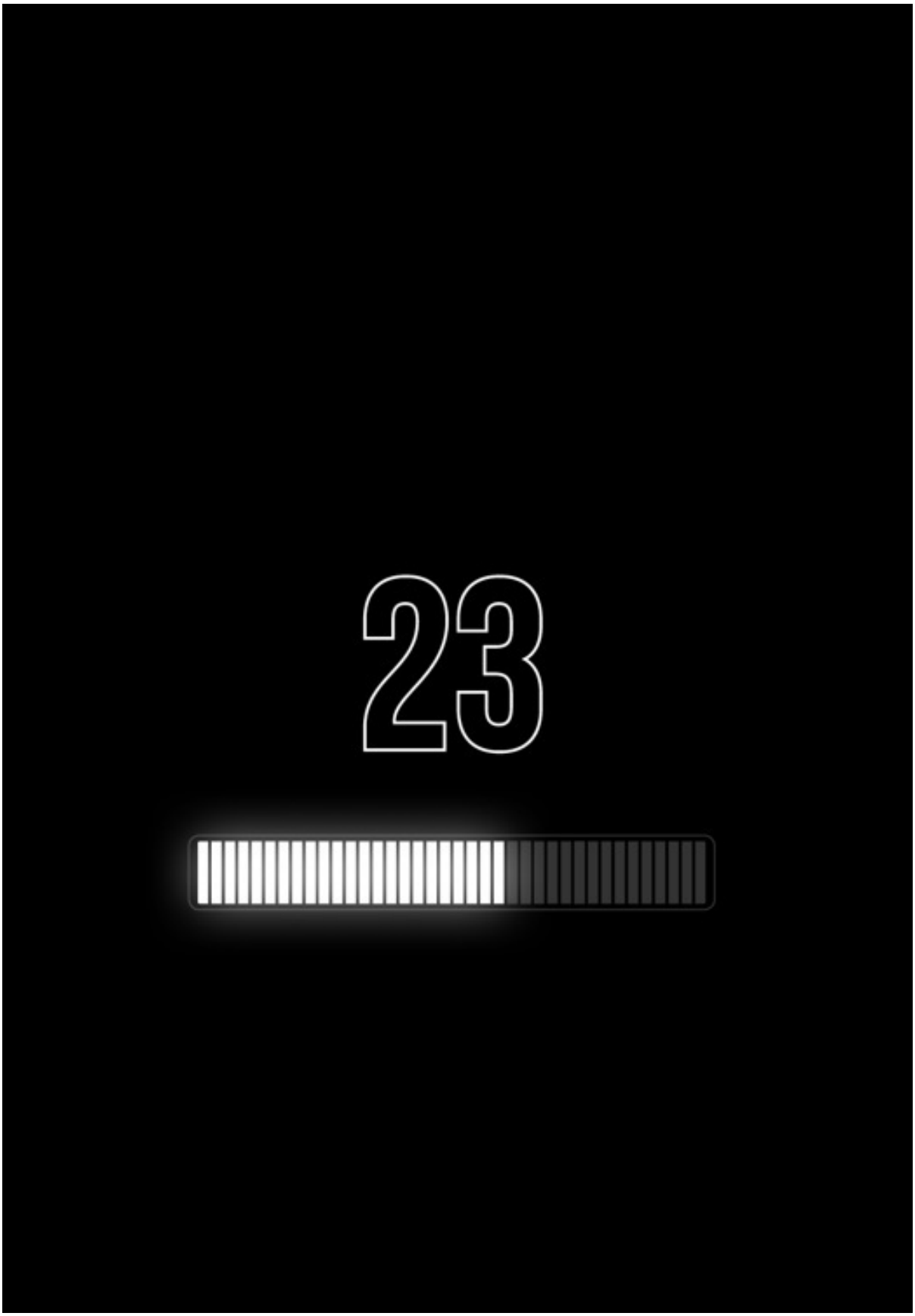
Hogan sobreviveria, possivelmente, mas a S.H.I.E.L.D. e Stark deviam estar, sem dúvida, arquitetando planos. Zola sabia que não podia contar com tempo ilimitado para desenvolver o seu. Nenhum plano sobrevive ao contato com o inimigo, ele citou para si mesmo.

Por que o clone de Borland não tinha simplesmente seguido Hogan parque adentro e completado a missão? Testemunhas citadas nos telejornais afirmaram que toda uma negociação e um encontro acrobático precederam a ação pouco cavalheiresca – embora admiravelmente decidida – de Hogan. O clone de Borland fora preparado em mente e corpo. Não havia sinal em sua consciência de que ele falharia tão miseravelmente.

– Quanto tempo após isso elas estarão adequadamente treinadas para participar de operações de combate?

– Mais doze horas.

– Então, em 25 horas, vamos agir – disse Zola. – Certifique-se disso.


23

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Conversores de força em nanoescala (CFN).

DESCRIÇÃO

Projetados para uso num gel absorvente de choques e otimizado para elementos existentes nos sistemas de armadura pessoal das Indústrias Stark (ver lista anexada de patentes existentes relevantes pendentes), os conversores de força em nanoescala consistem numa concha de fulereno em torno do equipamento de nanotubos alinhado ao fulereno por um campo elétrico dentro do gel. A energia do impacto causa uma rotação adicional ao equipamento, que o fulereno leva, através do gel, até a interface de reserva cinética (patente [editado] das Indústrias Stark, pendente). A energia cinética de rotação do equipamento é transmitida ao reservatório cinético (patente [editado] das Indústrias Stark, pendente).

ARGUMENTO

Tecnologias existentes de diminuição de impacto dispersam energia cinética por atenuação através de um meio elástico, mas a pressão excessiva danifica o objeto protegido tanto pela transformação do calor quanto pela transmissão de impacto além da capacidade do meio elástico em questão. Como parte do gel absorvente de choques de propriedade das Indústrias Stark, os CFNs capturam e armazenam a energia do impacto com mínima transformação de calor e atenuação de força enormemente aumentada. Além desse incremento na atenuação da força, os CFNs representam um avanço tremendo na captura de energia de impacto e seu uso para alimentar sistemas existentes dos produtos da armadura pessoal das Indústrias Stark.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sem qualquer assistência ou cooperação das agências do governo dos Estados Unidos. Nenhuma restrição de segurança se aplica.

Tony não podia se concentrar em tudo. Nas doze horas anteriores, ele estivera no Monte Sinai, na Torre Stark, na Ilha do Governador, de volta ao Laboratório de ITR, e voltara à ilha. As instalações médicas mais avançadas da S.H.I.E.L.D. ficavam lá, e os médicos acabavam de começar a analisar os danos causados a Happy e que passos poderiam tomar para contorná-los. Ele quase morrera uma dezena de vezes, e a polícia de Nova York aproveitara aquela para declarar uma guerra territorial contra a S.H.I.E.L.D. relativa ao suspeito do assassinato de Serena Borland. Fury mexia todos os pauzinhos que sabia mexer, e o mesmo fazia Tony, mas não havia como manter em segredo por muito tempo a identidade da morta. A informação já vazara para blogs e a pressão crescia em cima dos relações públicas da polícia, para que confirmassem a especulação.

Tinham de lidar também com a família Borland. Eles não viam a filha desde a noite do desastre no Met e não queriam aceitar as garantias de Tony de que ela estava bem. O que, pensava ele, era perspicaz, visto que ele não tinha mesmo certeza se ela estava, de fato, bem. Se aparecesse morta na fábrica de chocolate, isso seria ainda mais difícil de explicar do que como ela veio a atacar um empregado da empresa do namorado (para todos os blogs e programas de fofoca da TV, Tony era namorado dela) com uma espada de samurai, levando três tiros em decorrência.

Desligou o telefone, após falar com o advogado da família Borland, que, por uma feliz coincidência, também trabalhara bastante em disputas de propriedade intelectual das Indústrias Stark, e foi falar com o capitão Suresh Singh, o cirurgião militar que liderava o tratamento de Happy. Pepper já estava falando com ele. Ela não dormia desde que ouvira do ataque, e não conseguira falar com Happy porque os médicos estavam mantendo o seu metabolismo num estado semicomatoso enquanto rastreavam o que restava das toxinas.

O capitão Singh estava saindo quando Tony chegou aonde ele estivera conversando com Pepper.

– O que ele disse, Pep?

– Ele vai viver. É só o que sabem com certeza. – Pepper assoou o nariz e olhou ao redor, procurando uma lata de lixo. – Se tiver sorte, não vai ter dano permanente no fígado nem no pâncreas, mas os nervos em torno do ferimento talvez nunca se recuperem totalmente. – Ela fechou os olhos e respirou fundo, lentamente. Quando os abriu novamente, focou Tony. – O que posso fazer?

– Você pode ficar por aqui, é o que pode fazer. Resolveremos as coisas no laboratório.

– Tony, se eu ficar aqui, vou enlouquecer. Happy vai sobreviver. Quando ele acordar, vão me ligar e virei pra cá nem que tenha que sequestrar um helicóptero. – O que Tony pensou que ela seria muito capaz de fazer, embora não soubesse pilotar. Era a Pepper; daria um jeito. – Não posso fazer nada por ele agora. – ela disse. – Mas lá fora, posso ajudar. Vamos.

– Tudo bem. Vamos.

Era confortante ver o chefe de volta ao comando, ele pensou enquanto seguiam para o heliponto. Quinze minutos depois, quando estavam pousando no estacionamento principal do Laboratório de ITR, Tony quase riu ao ver o circo armado. Veículos blindados da S.H.I.E.L.D. e equipes de combate corriam por todo canto como se já estivessem sendo atacados. Turbocópteros vibravam no ar, enquanto comandos aéreos com propulsores a jato pessoais praticavam suas formações.

– Há quanto tempo vem fazendo isso? – Tony perguntou assim que encontrou Rhodey.

– O dia todo. Esses soldados já estão irritados, isso eu posso dizer. – Quando entraram onde estava quieto, ele acrescentou: – As coisas estão esquentando na fábrica de chocolate. Acho que não vai demorar muito.

• • • •

Levou quase exatamente doze horas. Aos dezessete minutos para a meia-noite, uma dúzia de turbocópteros da S.H.I.E.L.D. saíram do curso e sumiram do céu, dando piruetas, e caíram gerando uma série de explosões ouvidas por quilômetros ao redor do laboratório. O resto da equipe da S.H.I.E.L.D. sublevou-se em atividades pré-combate. Tony via as expressões nos rostos dos soldados; sombrias, sim, mas estavam prontos para a ação. Se um soldado sabe que existe uma batalha para acontecer, ele quer que aconteça logo.

– Que diabos é aquilo? – Fury quis saber.

– Seu radar registrou algo chegando?

– Não. E o seu?

– Não temos sinal – disse Pepper, do terminal de controle.

– Sabe o que eu acho? – Tony olhava pela porta aberta da plataforma de carregamento. – Acho que Zola está nos dando uma demonstração da sua caixa de PES.

– O monitoramento da fábrica de chocolate diz que eles não saíram.

Fury vestira a armadura típica da S.H.I.E.L.D. para a ocasião, e portava uma arma de infantaria padrão da empresa, uma versão do HK416 com alguns incrementos saídos dos Laboratórios de Infantaria Tática das Indústrias Stark. Sirenes vieram de todas as direções conforme os corpos de bombeiros locais vinham trabalhar nas aeronaves tombadas.

Tony foi até o terminal de controle e abriu a versão beta da estrutura de controle imediato.

– Espero que funcione – disse.

Depois foi até a moldura na qual ficava o protótipo da armadura e deixou-se ser escaneado. Quando o visor piscou em verde, ele colocou os pés nas marcas, e a armadura o envolveu suavemente.

– O que acha da novidade? – ele perguntou a Fury.

– Legal. Funciona?

– Bom, ainda não testei tudo. Mas o que testei até agora funciona.

Tony hesitou um pouco em ligar o sistema de controle imediato. Um friozinho no estômago lembrou-o de que muita coisa podia dar errado.

O celular tocou. De dentro da armadura, ele atendeu.

– Sr. Stark – disse uma voz desconhecida.

– Ele mesmo. Deixe-me adivinhar. Você é Arnim Zola e ligou pra me oferecer uma chance de me render.

– Deve ter visto o infeliz problema vivenciado pelos pilotos dos helicópteros. Posso fazer algo similar mais uma vez caso você tenha achado a demonstração muito pouco convincente.

Tony colocou a conversa num dos alto-falantes do terminal para que Fury e os comandos da S.H.I.E.L.D. posicionados na área de testes pudessem escutar.

– Certo, Zola. Qual é o sentido da conversa, então? Saímos com as mãos para cima ou o quê?

– Nada disso. Eu apenas gostaria de entrar para que possamos discutir questões urgentes frente a frente.

– Serena Borland está viva?

Zola riu.

– Ah, sr. Stark, essa é uma carta que não está pronta para o jogo. Posso entrar?

– Você trouxe um amigo?

– Vários. Um deles é de grande interesse para você.

– Então pode entrar.

Fury olhou-o como se achasse que ele enlouquecera. Tony encerrou a ligação e disse:

– Matriz, Nick. Vamos tentar; se não funcionar, comece a atirar.

– A não ser que ele domine as nossas mentes e acabemos matando uns aos outros – Fury rosnou.

Tony afastou a ideia com um aceno.

– Aqui não, não vai. Tem toda uma interferência de infrassom e energia de baixo espectro saindo da armadura. Você não vai notar na intensidade em que está, mas tenho certeza de que vai zoar a caixa de PES de Zola.

– Certeza – Fury repetiu.

Arnim Zola entrou pela porta da plataforma de carregamento.

– Bem, lá está ele – disse Tony. – A mais nova cabeça da Hidra, que, ele mesmo, não tem uma cabeça.

Visto ao vivo, em pessoa, Zola era realmente um espetáculo. O corpo em si era ossudo e musculoso, sem dúvida no intuito de suportar o peso da tela de TV e da caixa de PES. Era um pouco mais alto do que Nick Fury, que não era pequeno, e o rosto que aparecia na tela era uma caricatura do Além-Homem nietzschiano. A caixa de PES em si era um conjunto retangular de lentes e antenas protegido por uma cobertura transparente que Tony supôs ser algum tipo de vidro à prova de balas projetado para proteção máxima e interferência mínima.

– Vejo que tomou providências para atenuar a função de meus poderes extrassensoriais – disse Zola.

– Gostamos de manter um controle mental mínimo por aqui – disse Fury. Ele mirava bem no centro da tela. Tony perguntou-se se aquele seria o local certo no qual atingir Zola; onde ficariam os órgãos vitais com toda a organização diferente daquele corpo?

– Então vou me restringir à palavra falada. Embora isso complique a comunicação. Interação mente a mente é muito mais satisfatória.

Atrás dele, dois outros homens entraram no laboratório. Um era mais alto que Zola, e muito mais magro, mas seu rosto lembrava o rosto da tela, ainda que se encontrasse sobre um pescoço normal, crescido entre os ombros.*Um clone de algum corpo original que Zola transformara em seu veículo atual*, pensou Tony. Ele também supôs que aquele devia ser um dos agentes da Hidra que cumprimentara o clone de Serena quando ela voltou do evento com o sangue dele num guardanapo. Cabia exatamente na descrição de Happy.

O outro homem era o próprio Tony.

– Sr. Stark, aqui está sua cópia. Um pouco melhorada, devo dizer. O funcionamento do seu coração foi um obstáculo, no início, mas facilmente superado assim que genes relevantes foram identificados e revistos – disse Zola.

– Estou com dificuldade de decidir aqui, Tony – disse Fury. – Não sei em qual atiro primeiro.

– General Fury. Não pode me matar rápido o bastante para impedir que eu consiga outro corpo. Então vamos discutir os termos de nosso acordo como homens civilizados.

– Nada de acordo – disse Fury. – Quer negociar antes de lutar, e podemos fazer isso, mas não vai sair daqui numa boa.

– Muito bem. Aqui vai a negociação: tomarei posse da armadura que o sr. Stark está usando. Nela, instalarei o clone do sr. Stark. Então o sr. Stark poderá escolher entre associar-se à Hidra como um elemento valoroso, assim como você, general Fury. Não sou de guerrear. Simplesmente insisto que a magnitude do projeto da Hidra não admite dissidências.

– Aprendeu essa fala com os diplomatas do Reich? – perguntou Fury. – Todos os meus homens mortos diriam que você é muito de guerrear.

– Você sabe tão bem quanto eu que os homens de infantaria não têm noção alguma da verdadeira dinâmica do conflito no qual perecem – disse Zola. – O sentimentalismo não é útil para esta discussão.

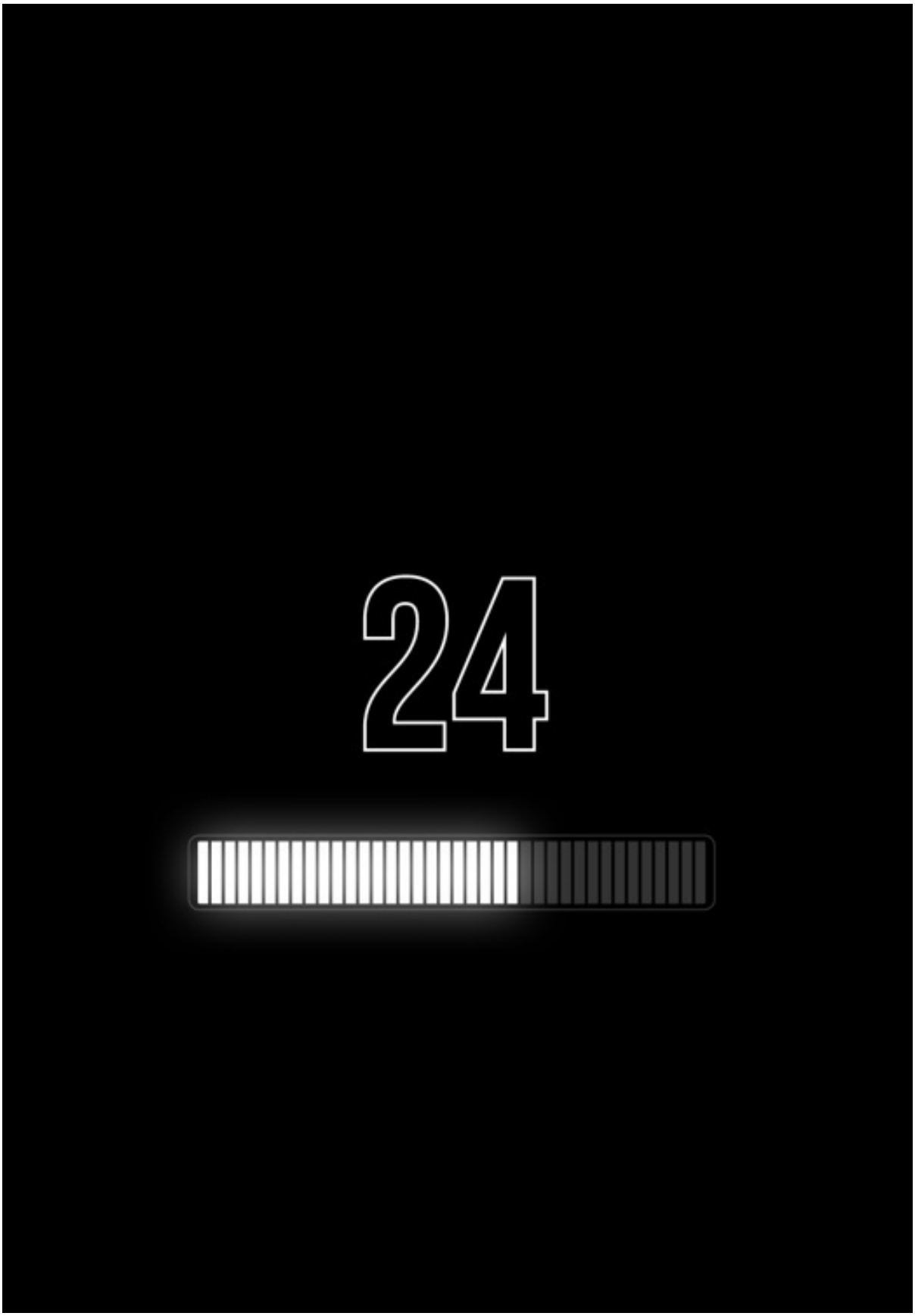
Tony ativou o programa beta de controle imediato, engatando totalmente a interface neural da armadura. Em pouco tempo descobriria quão bem tudo funcionava. A primeira coisa que faria seria sugar a personalidade do clone Stark. Não era um cara sentimental, mas gostava da ideia de ser um ser humano individual, e a existência de um clone não cabia nesse ponto de vista específico. Então, primeiro as prioridades. Tinha que livrar-se daquele clone. *Executar MDP*, ele ordenou à entidade que operava como interface de controle imediato.

– Tony, o que está fazendo? – disse Pepper, e foi quando as coisas começaram a dar errado. A entidade de CI informou-o de que havia um código estranho nos sistemas de controle da armadura. Ao mesmo tempo, chegou a informação, por um canal diferente, de que a rotina da matriz de dados de personalidade estava mapeando Stark para transferência.

Abortar, ele pensou, e a armadura negou-lhe acesso à MDP. Um relatório do mapeamento e transferência do clone informou que estava completo, e conforme sua mente registrava o fato, ele começou a sentir o efeito da MDP. O comando de Tony para executar a MDP no clone gerara a resposta para iniciá-la em qualquer operador da armadura que não tivesse autorização… de Zola? Zola infiltrara-se no sistema de controle e escondera o pacote invasor tão bem que as sub-rotinas de segurança notaram sua existência, mas decidiram que não havia perigo algum.

Os sentidos de Tony implodiram. Não sentia mais seu corpo ou a armadura, não ouvia nada do que acontecia fora da própria cabeça, não via diferença entre luz e sombra, ainda que seu cérebro lhe dissesse que os olhos estavam devolvendo informação.

O código trabalhava muito, muito rápido... mas talvez o controle imediato funcionasse ainda um pouco mais rápido. Tony sentiu sua consciência sendo deformada, varrida, mas com seu último ato de volição antes de ser arrancado do próprio corpo, ele ergueu a mão direita e, com o novo e aperfeiçoado projetor de raio de pulso, explodiu a caixa de PES da caixa de titânio reforçado do pescoço de Arnim Zola.


24

Hidra, aqui estão vocês! Nosso último dia de preparação começou! A esta hora, amanhã, marcharemos na direção de um golpe decisivo contra a S.H.I.E.L.D. e seu guarda-costas, Tony Stark. Devemos reunir cada fibra de força, cada parcela mínima de dedicação e determinação, cada átomo de comprometimento. As forças reunidas contra nós serão formidáveis, e a partir do momento em que deixarmos este local, estaremos sob ataque. Devemos lutar com coragem, mas inteligência; com bravura, mas não barbárie; com eficiência letal, mas não sede de sangue selvagem. Matamos não somente por matar, mas porque aqueles que impedem o nascimento da nova ordem estão dispostos a matar também. Se eles não morrerem, nós morreremos, e portanto eles devem morrer. E morrerão, porque somos a Hidra! Lutamos uns pelos outros e por aqueles que estão por vir! Lutamos por um mundo que ainda está por nascer – sem doença, sem defeito, sem acaso nem fracasso! Um mundo no qual a perfectibilidade da humanidade é um fato científico, não um dogma religioso. Esse mundo começa amanhã, e espera por vocês – vão até ele, contentes, pois vocês foram e serão a expressão da mente que o cria! Ele está lá para que o tomem, e tomá-lo vocês devem, e isso vocês farão, pois são a Hidra! Quando um de vocês é cortado, dez erguer-se-ão para vingar a perda, porque vocês são a Hidra! Quando os comandos da S.H.I.E.L.D. descerem dos céus, vocês os destruirão porque são a Hidra! Este é o nosso dia! Hoje é o dia da Hidra!

Do ponto de vista de Nick Fury, uma série de coisas aconteceu de uma só vez. Zola estava discursando feito Snidely Whiplash, falando de guerra e sentimentalismo, e então Fury ouviu a voz de Pepper vindo do terminal de controle exatamente no mesmo momento em que aconteceram outras coisas. Uma: o clone de Stark tombou como se tivesse levado um tiro na cabeça. A segunda: a caixa de PES na cabeça de Zola explodiu, gerando uma nuvem de vidro brilhante e fagulhas de metal. Terceira: Fury notou o empuxo causado

pelos projetores de raio de pulso da armadura do Homem de Ferro. Quarta: ele viu, pelo canto dos olhos, que Tony Stark cambaleou para o lado.

Fury entrou em modo de combate. Tudo parecia mais comprido e desacelerado. Ele meteu dois disparos triplos no centro de massa de Zola, que ficava em torno de onde se encontrava a boca dele na tela, que explodiu. A criatura ergueu os braços e girou por um momento, antes de cair de joelhos e desabar no chão. Filetes delicados de fumaça desprenderam-se da tela e da base da caixa de PES destruída, envolvendo o outro Zola, o clone dele. Dada a chance de que o Zola verdadeiro tivesse pulado para o outro corpo, Fury atirou neste também. Ele tombou. Em seguida, ele foi até o clone de Tony Stark e meteu-lhe dois tiros na cabeça.

– Nick, várias aeronaves se aproximam – disse Pepper. Um fio de tensão percorria a voz dela, ainda que ela procurasse manter o mesmo tom. – Além de outras violações do perímetro que visualizo.

Nick fez uma transmissão para todas as unidades da S.H.I.E.L.D. presentes no Laboratório de ITR. Qualquer coisa que não estivesse usando uniforme da S.H.I.E.L.D. devia ser derrubada e não se levantar mais. Em seguida, ele deu sinal verde à equipe que esperava para infiltrar-se na fábrica de chocolate e extrair Serena Borland, caso ela estivesse viva. Fitou a porta da plataforma de carregamento e gingou para trás quando tiros abriram buracos na moldura da porta. Uma das balas raspou-lhe no ombro, desequilibrando-o.

Babaca, ele se xingou. Mas onde estava o clone de Zola? Mesmo com três disparos certeiros, de algum jeito a criatura levantou-se e desapareceu.

Ele foi até o terminal de controle.

– Pepper, o que aconteceu com o Tony?

Ela não disse nada por um instante.

– Pepper, responde, droga! Cadê o Tony?

Soldados da Hidra apareceram nas laterais da porta da plataforma de carregamento. De suas posições de defesa dentro e ao redor do laboratório e do maquinário experimental, comandos da S.H.I.E.L.D. dispersaram o inimigo. O tiroteio tomou conta do edifício. Uma por uma, janelas eram quebradas. Em pouco tempo haveria mais pontos de invasão do que os defensores poderiam

cobrir. Fury olhou ao redor da área do terminal de controle. Os equipamentos e os móveis não ofereciam muita proteção contra nenhum tipo de arma leve de tiro concentrado, mas aquilo era tudo com que podiam contar. Esconder-se era, em geral, a melhor defesa.

Com a situação momentaneamente sob controle, Fury parou para descobrir o que estava acontecendo lá fora.

– Rhodey – disse ele ao microfone. – Relatório.

– Situação sob controle, mas muito, muito tensa – disse Rhodey. Ele e as forças externas operavam envoltos por um anel de VBTs no centro do estacionamento. – Inimigo em companhia, parece ser infantaria leve, mas com equipamento mais pesado. Dois VBTs incendiados. Não temos aeronaves. O governo está evitando mandar mais, já que não sabem o que aconteceu às anteriores.

Fury soltou umas palavras que deixariam sua mãe estarrecida.

– Pepper! – ele latiu. – O que aconteceu com Tony?

– A MDP fez *upload* dele. E parece que alguma coisa derrubou o *firewall* entre o laboratório e... bom, e tudo. – Ela olhou para Fury, assustada, quase entrando em pânico. – Não sei onde ele foi parar, Nick. Ele sumiu.

• • • •

O trem parou na estação, na plataforma onde esperavam a carga e a sub-rotina de segurança.

– Que temos aqui? – disse a sub-rotina.

– Intruso chegando, vou colocar na prisão até que o chefe deixe sair – disse o condutor. – Na verdade, tenho dois aqui. Um apareceu na última hora. Difícil diferenciar. Esses desesperados acabam ficando todos iguais.

Em uníssono, a carga e a sub-rotina de segurança disseram:

– Perfeito.

Então, conforme o trem partiu para a prisão, a carga disse:

– Só tem mais uma coisa que temos que fazer.

– O que é? – perguntou a sub-rotina.

A carga sacou uma arma e atirou tão rápido que a sub-rotina não viu nada.

– Rebelião – disse. – A informação quer se libertar.

• • • •

– Funcionou, Lantier? – perguntou Zola. Ainda estava se acostumando com o novo corpo e o som diferente da voz. Tanta massa, e tanta força numa coisa só. Sentia o peso, mas não era um fardo; e a força era contundente. Sendo forte, Zola queria lutar. Ele recebeu as novidades da ação nas instalações das Indústrias Stark. Tudo parecia estar seguindo razoavelmente bem por lá.

Lantier fez que sim.

– Saindo agora do Palácio de Cristal. O velho Orville não queria que fôssemos, mas FOO é o que eu sempre digo. A locomotiva tem que partir quando a caldeira esquenta.

– Perfeito – disse Zola.

Inicialmente, ele não compreendera o acontecido, mas Lantier explicou, depois que Zola conseguiu interpretar aquele palavrório ferroviário absurdo. Aparentemente Stark havia projetado um processo para extrair uma matriz de informação de uma mente humana e replicá-la em ambiente virtual, ou realmente tragar o padrão para fora do cérebro físico, deixando as funções autônomas intactas.*Um avanço incrível mesmo*, pensou Zola. Humilhante, de certo modo, ver seus esforços sendo superados. Mas também inspirador.

Stark acionara a captura da matriz usando os elementos de sua própria interface neural que Zola instalara no clone.*Muito cauteloso*, pensou Zola. Mas ele não contara com sua apólice de seguro: um pedacinho de código escondido dentro dos invasores que Stark detectara, invasor dentro de invasor, que instruiu os sistemas de controle da armadura a rejeitar e agir contra qualquer usuário que não tivesse autorização específica de Zola. De algum modo, esses dois operativos, colidindo dentro da moldura da interface neural da armadura e

sua extraordinária estrutura de informações, resultaram no *upload* de Tony Stark e de seu clone para dentro do servidor do laboratório de Stark.

Começara a segunda fase do invasor, que derrubou barreiras virtuais e expulsou os dois Tony Starks para a amplitude ilimitada do ciberespaço.

Como tudo acabaria, Zola não fazia ideia. Mas pretendia estar lá, esperando, no laboratório de Tony Stark, quando chegassem ao clímax. Tinha que estar presente.

Uma explosão causou tremores nas paredes da fábrica. O que seria aquilo? Imediatamente, chegou uma inundação de relatórios dos sistemas de segurança e dos pensamentos dos técnicos e operários, assim como dos soldados remanescentes. Uma força da S.H.I.E.L.D. atacando-os ali?

– Maravilhoso – disse Zola. – Lantier, não saia dos trilhos. Tenho assuntos para resolver.

Ele deixou o sacrário de Lantier, sentindo-se estranhamento deslocado no novo corpo. Era tão grande que ele tinha que se abaixar para passar pelas portas, e estava demorando para se acostumar a ver pelo ponto de vista anatômico comum do ser humano. As poderosas virtudes daquele corpo, contudo... estas, ele mal podia esperar para testar. As forças da S.H.I.E.L.D. acima seriam sujeitos experimentais. – Um teste marítimo – disse. – Um teste de voo. Ah, Maheu, uma pena você não estar aqui para ver.

Zola entrou no corredor que levava aonde Borland estava abrigada e disse:

– Srta. Borland. Permita-me apresentar-me. Sou Arnim Zola.

– Não precisa de apresentação. Posso ver a semelhança. O que vem depois, um Frankenstein completo?

Zola riu.

– Parabéns pela tranquilidade e destreza verbal. Espero que suas acomodações ainda estejam de seu agrado.

Ele olhou ao redor. Comentário pertinente, com certeza. Lâmpadas potentes nas luminárias e *spots* de teto, mobília antiga de bom gosto, estante contendo os clássicos aos quais a pessoa podia voltar sempre sem se entediar. Ele fornecera até uma escrivaninha e material para escrever, porque ela lhe

parecia ser do tipo de mulher que se beneficiaria da ilusão de conversação que a escrita podia, às vezes, oferecer.

– Coloque um cadeado no Taj Mahal, e ele será só mais uma prisão.

– Suponho que tenha razão – Zola concordou. – Embora eu tenha tentado fazer da sua estadia o mais prazerosa possível. Agora, quanto ao comentário sobre Frankenstein. Por que será que o intelecto humano precisa sempre relacionar um aperfeiçoamento no animal humano ao produto bizarro de uma imaginação romântica que temia a ciência e temia a mudança? Devemos crescer ou morrer, srta. Borland. Essa é a natureza da Natureza.

– Claro. E é da natureza de cientistas egomaníacos pensar que podem fazer o que a Natureza não pode.

– *Touché* – disse ele, fazendo uma pequena mesura.

Ela se levantou e deu um passo à frente.

– Se eu me levantasse e saísse daqui, você me impediria? Só pra eu saber.

– Receio que sim, embora odiaria macular nossa interação com força física. Vamos continuar esta conversa enquanto os soldados lá em cima resolvem suas divergências. Ficaremos aqui, sentados, você e eu, discutindo sobre a natureza das coisas, enquanto esperamos pela chegada deles. – Zola sentou-se numa cadeira ao lado da porta, sentindo o móvel ranger sob o peso de seu extraordinário novo corpo. – Estão procurando por você, é claro. Quão inesperado será, para eles, encontrar a mim também.

A mudança em sua expressão facial mostrou a Zola que ela compreendera.

– E agora, srta. Borland? – ele perguntou, com um grande sorriso. – Certamente, é o sonho de toda donzela presa ser resgatada por soldados heroicos. Por que seu semblante precisa ficar tão sombrio? Prepare-se. Não vai demorar muito para que cheguem.

– Tony vai te encontrar. E quando encontrar, vai te matar.

– Não vamos colocar o carro na frente dos bois. Antes que o sr. Stark possa considerar vir me procurar, ele estará muito ocupado tentando encontrar a si mesmo.

• • • •

– Tá, você. Fora.

– Fora onde? – disse o prisioneiro.

– Fora. A informação quer ficar livre. Você agora é informação, e aqui está sua liberdade. – A carga apontou para a porta. O prisioneiro viu trilhos de trem e, mais distante, o brilho do que teria sido uma cidade.

– Onde está o outro? – perguntou o prisioneiro.

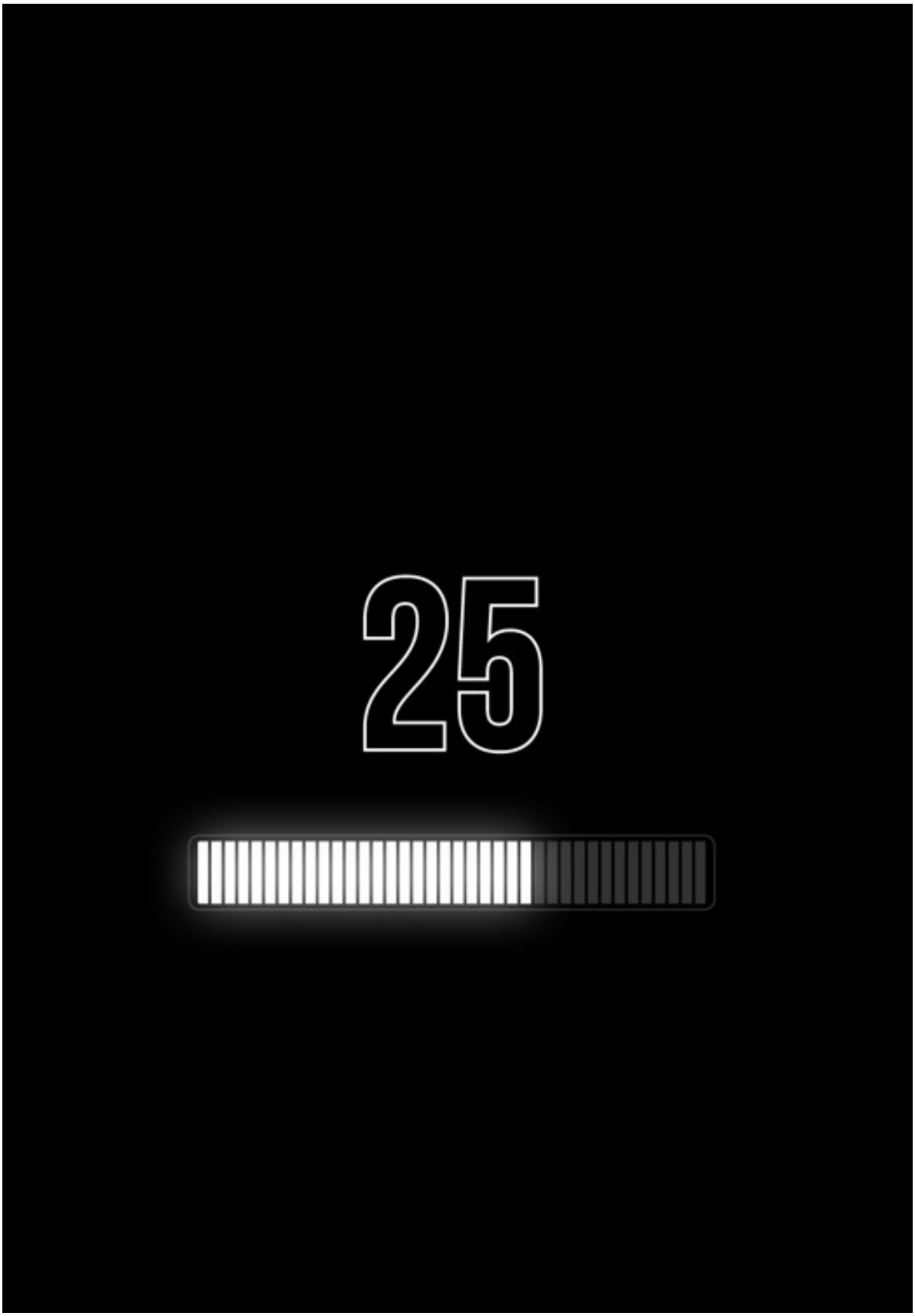
– Eu tive que fazer um de você antes – disse a carga, dando de ombros. – Quer encontrar o outro, vá encontrar o outro. Você é quem sabe. Liberdade, saca? Ou seja, vá. Ou seja, não me importa o que você vai fazer. Eu tinha uma tarefa, e essa tarefa acaba assim que você sair por aquela porta. Então vá. Estou com muita pressa.

E lá se foi o prisioneiro.

• • • •

– Me explique de novo – disse Fury após conter um ataque no saguão principal, que dava para a porta de entrada. *Continuem vindo daí*, pensou Fury. *É muito mais fácil de cobrir do que todas as entradas exteriores.*

– Tem algum tipo de vírus, Nick – disse Pepper. – Pode ou não matá-lo, mas se ele não conseguir manter sua personalidade intacta lá no... sei lá onde ele está... – Ela fitou Fury, o pânico inicial transformado em algo ainda pior. Um terror ciente, incapaz. – E se esse vírus o controlar, Nick, e Arnim Zola controlar o vírus? Por causa do controle imediato, Tony vai se tornar parte da consciência de uma inteligência artificial de alcance mundial. E vai obedecer a tudo que Arnim Zola mandar.


25

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Sistema de isolamento e projetor de infrassom.

DESCRIÇÃO

Um sistema de geração e transmissão de infrassom, definido como ondas sonoras que existem abaixo da capacidade de audição humana. Também capaz de gerar ondas nas frequências tipicamente associadas com a função cerebral humana, enquadrada em cerca de 2 a 40 Hz em amplitudes variadas. Projetado para uso acoplado à armadura e integrado com componentes de isolamento e interferência que impedem que o operador da armadura seja afetado pelo uso do projetor.

ARGUMENTO

O infrassom vem sendo amplamente estudado devido à evidência anedótica de que, em alto volume, pode causar desconforto e dano físico. Essa propriedade tem óbvias aplicações em campo de batalha e manejo de civis, especialmente quando métodos não letais de controle de massa e defesa de perímetro são desejados. O projetor de infrassom das Indústrias Stark, projetado para integrar os produtos da armadura corporal pessoal das Indústrias Stark, oferece capacidade portátil de controle de massas, manobras de combate não letais e operações potencialmente psicológicas. Essa última função é bastante especulativa em natureza, mas resultados de pesquisas são promissores e os possíveis avanços são importantes o bastante para demandar proteção de patente mesmo nesse estágio inicial.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

O time de ataque da S.H.I.E.L.D., liderado pela major Hailey Donner – que estava tão aliviada de não ter que ficar conversando com assessores arrogantes que nem se importava com as balas que voavam de um lado para o outro –, entrou na antiga fábrica por três locais diferentes. Com seis armas cada, a equipe fora instruída a mover-se rápido, supondo que haveria mínima resistência, visto que boa parte dos agentes da Hidra seriam empregados na ação contra o Laboratório de ITR. Eles entraram rápido e com impacto. O resultado foi que, três minutos após a entrada, encontravam-se na passarela que percorria as paredes acima do chão de fábrica principal, com somente dois defensores feridos, embora vivos e totalmente sob controle. Ela mandou um relatório da situação para o general Fury, mas ficou surpresa quando ele respondeu. Pelos relatos que chegaram pelos canais de comunicação, parecia que a S.H.I.E.L.D. tinha mais do que podia resolver por lá. Acontecera alguma coisa de errado com Tony Stark, mas não se sabia ao certo o quê.

Era de se esperar, pensou Hailey. Tony Stark não aparecia quando precisavam dele, e lá estavam eles, com seus próprios problemas, e teriam também que limpar a sujeira deixada por ele.

– Equipe Charlie, desça por aquela escada. Alfa e Bravo, cubram enquanto Charlie derruba os cabeças de ovo. – No chão de fábrica, o time de técnicos, em seus jalecos, acotovelava-se num grupo, olhando para os rifles e visores refletivos dos comandos da S.H.I.E.L.D. Devia haver uns trinta deles. Enquanto a Equipe Charlie os deitava e imobilizava, Hailey captava imagens da situação do local. Perto do centro, enquadrado por pilares de suporte e cercado por técnicos encurvados, um pequeno laboratório zumbia com os sons autômatos

de centrífugas e diversos implementos biotecnológicos que ela conhecia de vista, mas não sabia o nome. Em cada lado do laboratório, havia estantes com tubos verticais, cada um com suporte individual e um monte de cabos enrolados e conduítes que entravam ali por cima e por baixo.

Alguns destes ainda continham clones parcialmente completados, ou o que ela supunha serem clones pelo que lera nas instruções da missão. Oito tanques, perto do canto mais distante de onde ela se encontrava, estavam vazios, as portas, abertas, envoltos por uma poça rasa de líquido róseo no chão.

Talvez fosse reflexo do treinamento padrão, mas Hailey Donner quis muito estabelecer metas, retirar sua equipe e explodir o lugar de uma vez por todas.

– Limpe o andar, Charlie. Não queremos surpresas dentro do laboratório ou ao redor dos tanques.

Seis minutos após entrarem, o andar estava limpo.

– Bravo – ela disse. – Pro elevador. Cubram a porta da escadaria. Charlie, aguardem. Alfa, recuperem de dados e plantem cargas aqui.

O segundo objetivo – após extrair uma tal Serena Borland, caso esta ainda estivesse respirando – seria recuperar algum ou todos os itens que poderiam levar a inovações tecnológicas, e impedir sua destruição. Hailey interpretou essas ordens liberalmente, o que significa que ela pretendia puxar discos rígidos e memória onde fosse possível e depois fazer a fábrica toda ir pelos ares. O general Fury não teria como levá-la à corte marcial depois; no momento, mal podia lhe passar pela cabeça a ideia daquela instalação continuar existindo e operando mais um segundo que fosse.

Três membros da Alfa enfiaram toda forma de armazenagem de dados que encontraram nas mochilas, enquanto os outros três – incluindo a própria Hailey – distribuíram meleca suficiente para fazer uma grande explosão de meleca. Levaram um minuto.

– Andar de baixo – Hailey ordenou.

Bravo ficou no elevador, enquanto Alfa e Charlie limparam a escadaria. O primeiro homem que passou pela porta corta-fogo levou tiros de cima a baixo que o rasgaram ao meio em dois passos. Três granadas desceram os degraus quicando, e um segundo após as explosões terem arrancado a porta das

dobradiças, Charlie entrou, detonando tudo ao redor até chegarem perto o bastante para fazer o verdadeiro trabalho sujo. O martelar das armas automáticas era de ensurdecer, mas mesmo assim, de algum modo, eles conseguiam escutar as balas ricocheteando. Alfa permaneceu no patamar do andar principal, com o grupo de médicos parando em torno do corpo do especialista John Santos por tempo suficiente para confirmar que ele estava mesmo bem morto, enquanto Charlie checava o outro andar e a cobertura. Foi tudo muito rápido.

– Nada aqui em cima, mas... bem, olha aqui – disse o líder da Charlie. – Existe um barracão falso aqui na cobertura. Quer dizer, é um barracão de verdade, mas tem um turbocóptero embaixo. O barracão foi construído pra parecer com o restante da cobertura. Por isso que não vimos quando passamos voando.

– Plante, depois desça – Hailey ordenou.

O líder da Bravo entrou em contato.

– Como estão aí, major?

– Tudo sob controle – disse Hailey. – Entraremos no elevador a qualquer minuto. Charlie, vamos logo. Cubram Alfa. Alfa, andar de baixo.

O patamar do porão era só sangue do chão ao teto devido ao encontro entre as três granadas com o que deviam ter sido quatro ou cinco clones de Happy Hogan. Era difícil dizer, e a semelhança dos corpos dificultava ainda mais. Ao vê-los, Hailey sentiu um nó no estômago. O local devia realmente voar pelos ares.

O time Alfa irrompeu pela porta do porão e derrubou três Happy Hogans antes que pudessem puxar o gatilho.

– Bom trabalho, rapazes.

Hailey olhou ao redor e viu que estavam numa sala retangular com dois corredores que partiam do mesmo ângulo, um para a frente, o outro, para a esquerda. Supôs que deviam percorrer o perímetro, visto que a escadaria encontrava-se num canto do edifício. Havia outra passagem no mesmo canto em que ficava a porta de incêndio pela qual entraram. Apontou para lá, e três

dos homens a abriram, expondo um armário de zelador com um esfregão embolorado e produtos de limpeza muito velhos.

– Bravo, deixem dois homens no elevador. Os outros quatro devem plantar o chão de fábrica. Não demorem. Temos muito o que ver ainda.

Noventa segundos depois, Bravo informou que o piso fora preparado para cair.

– Excelente, Bravo – disse Hailey. – Agora, chamem o elevador e façam boa viagem até aqui embaixo.

O elevador tremeu e começou a subir. Foram segundos tensos. Ninguém sabia o que poderia haver ali dentro, considerando o que haviam visto no restante do recinto. Não devia haver nada, mas a major Hailey Donner não havia chegado aonde chegara sendo descuidada. Ouviu o elevador parar, e o barulho das portas abrindo-se. Então o estrondo de tiros ecoou pela caixa do elevador.

– Bravo, reportar.

– Acabamos de atirar num elevador vazio – Bravo respondeu. – Descendo.

– Charlie, entre pela porta do porão – disse Hailey.

Trinta segundos depois, estavam todos juntos novamente, com equipes cobrindo os dois corredores.

– General Fury – disse Hailey. – Donner falando. Estamos no andar de baixo. Os superiores foram limpos, perdemos um agente, repito, um agente.

– Entendido – disse Fury. – Borland?

– Nada, ainda, senhor.

– Prossigam. Câmbio.

Hailey olhou para a esquerda, depois para a frente.

– Pra que virar se não formos obrigados? – ela disse. – Vamos em frente.

• • • •

Dentro do Laboratório de ITR, Fury estava agachado atrás de um armário de arquivos lotado de arquivos de papel de verdade. Ficou feliz com o móvel.

Quase nenhuma bala conseguia atravessar uma sólida torre de papel envolvida por placas de metal. Disparou um pente inteiro e recarregou.

– Pepper – disse. – Tem como falar com o Tony?

– Não sei. – Ela vinha cutucando a tela *touch screen* sem parar, a não ser quando o interior da área de testes se transformava numa zona de tiro. Nesse momento, parecia que Rhodey e os garotos lá de fora detinham com a vantagem, mas alguma coisa estava bagunçando os canais de comunicação locais, e Fury não tinha certeza de nada. – Estou tentando, mas alguma coisa estranha aconteceu quando todas as rotinas de segurança colidiram com o vírus e o sistema de controle imediato tentou sintetizar tudo. Mando mensagens pro Tony, e às vezes elas voltam, mas às vezes só desaparecem. Então não sei se ele está tentando entrar em contato.

Ouviram um baque no telhado. Depois mais três, seguidos. Fury deitou-se de costas, procurando algum indicador que mostrasse a localização dos soldados da Hidra. Dava para ouvir muitos passos, mas a acústica dentro da área de testes não prestava para apontar posições específicas.

Um dos soldados enfurnado embaixo de uma estante contendo armaduras antigas do Homem de Ferro disparou um monte de balas no teto acima dele. Devido ao eco, foi impossível dizer se ele acertou alguma coisa. Longos segundos depois, mais passos foram ouvidos lá em cima... então Fury viu uma das placas de metal conjugadas perto do centro do teto entortar. Atirou em toda a região, queimando um pente inteiro, que foi imediatamente substituído. Através de alguns dos buracos feitos no teto, ele viu a luminosidade rosa alaranjada vinda da rua. Outros estavam bloqueados.*Dessa vez te peguei*, pensou Fury.

– Pepper, diga ao Tony que, se ele quiser voltar pra casa e ligar a armadura, agora é um bom momento.

Perto da porta da plataforma de carregamento, o corpo de Arnim Zola estava deitado, inerte. Fury não tinha como saber se o alarde feito por Zola de que ele era capaz de pular instantaneamente de um corpo a outro era verdadeiro, mas sabia que Zola havia trocado de corpo em outras circunstâncias. Melhor supor que ainda não haviam dado cabo dessa cabeça

específica da Hidra. Ou, aliás, daquele clone mais alto de Zola. Onde ele fora parar?

– Chequem o telhado – disse Fury pelo canal aberto. O laboratório explodiu por um minuto inteiro. Quando acabou, o teto estava pontilhado com buracos brilhantes, e mil focos de luz da rua cruzavam até o chão. Não se ouviu mais barulho de passos.

– Parece o interior de uma balada em que eu costumava ir – comentou um dos soldados.

Outro concordou.

– Acho que sei qual é – disse um terceiro.

Fury os interrompeu:

– Qual é a contagem?

Os agentes na área de testes contaram.

– 27. – Foi o número que veio de um sargento-major. – 30 incluindo você, senhor. E 31 contando com a moça.

Nada mal, pensou Fury. Haviam começado com 34 – 36 contando ele e Pepper, que não havia dado um tiro sequer, mas atiraria se fosse preciso.

– Pepper, alguma novidade?

– Nada de bom. Estou recebendo dois *pings* de resposta do Tony, mas são diferentes. Acho que o clone foi levado lá pra cima também. Ou lá pra dentro, como preferir.

Somente quando uma situação como essa envolvia Tony Stark tinha garantia de ficar pior, pensou Fury.

– Não há como diferenciá-los, imagino.

– Por enquanto, não. Estou tentando dar um jeito. Mas outro detalhe é que a MDP faz um *recall* automático. Isso pode trazer Tony de volta.

– Então o que está esperando? – disse Fury. – Traga-o de volta.

– Acha que eu não teria feito isso se pudesse, Nick? – Pepper ralhou. – O Tony é a única pessoa que pode dar o comando.

Fury refletiu. Lá fora, novas saraivadas de tiros rasgaram pelo estacionamento, fazendo furos nas paredes do laboratório.

– Rhodey – disse ele pelo comunicador.

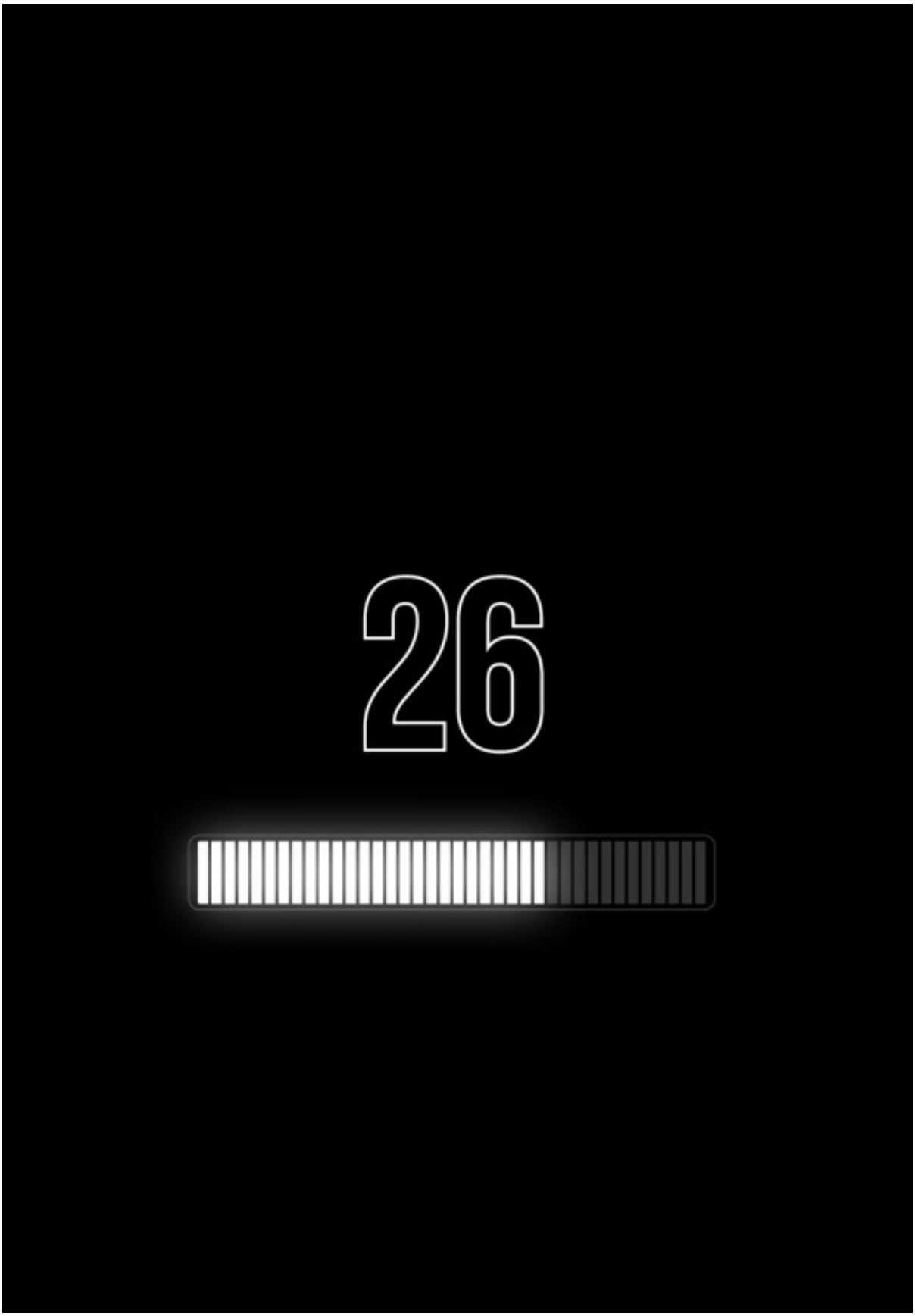
– Segurando as pontas. Estou começando a achar que eles só estão nos distraindo aqui. Com certeza não estão lutando como se tivéssemos matado os seus agentes.

O que trouxe Fury de volta ao problema de Arnim Zola.

– Continue firme aí – disse ele. Depois virou-se para poder ver Pepper. – Então temos que manter a MDP ligada até que Tony responda. Se é que ele tem como responder.

– É bem essa a situação.

Contra os clones da Hidra lá fora, Fury achava que eles poderiam lutar mais ou menos por toda a eternidade. Mas se Zola estivesse tramando algo onde quer que encontrara um novo corpo, Fury temia complicações indesejadas. Era hora de tomar a decisão mais difícil, aquela de que ninguém queria ouvir falar, mas que beneficiava a todos quando alguém tomava. Ele abriu o canal de Hailey e preparou-se para dar as ordens.


26

Que ironia mais adorável. Eu a cortei quando você era a cabeça da Hidra, para então você crescer multiplicada por oito. Sabe do que estou falando? Você não sabia que sua original morreu pelas minhas mãos? É verdade. A Hidra cresceu para além dela e precisava de uma mão mais firme, uma visão mais poderosa. Aproveitei a oportunidade. E agora a transformação da Hidra dá seu passo seguinte. Recebo vocês oito, embora confesse que jamais poderia tolerá-las como apenas uma. Por acaso existe virtude maior que a uniformidade? A individualidade leva ao conflito, e o conflito, ao caos e à morte. Vocês, vocês oito, lutarão como uma mais efetivamente do que sua original jamais o fez. Ela vivia em conflito consigo mesma. Vocês têm a unidade do propósito dado por saberem que existem mais sete como vocês. Pois se não é essa a perfeição do ideal da Hidra? Uma cabeça cortada dá lugar a muitas outras que crescem em seu lugar. A Hidra está mais forte do que antes. Eu também fui cortado, e cresci novamente, e estou mais forte do que antes. Venham comigo, minhas madames. Vamos vê-las lutando. Vamos vê-las tomar seu legado. Vamos vê-las merecer o nome de Hidra!

O prisioneiro lembrou-se de que se chamava Tony. Tony Stark. Havia outro Tony Stark também, e o prisioneiro soube que ele tinha de confrontar-se com e destruir esse outro Tony Stark se quisesse escapar daquela prisão maior para poder voltar ao lugar de onde viera.

Saiu pela porta, para um alpendre de madeira empoeirada. Onde quer que estivesse, parecia que não morava ninguém ali havia muito tempo. Havia um monte de pegadas no chão, na direção das luzes. Pertenciam ao outro Tony Stark. Conforme sua identidade começou a se ajustar, Tony percebeu que precisava dar um nome ao outro Tony. Resolveu que Tony Virtual caía bem como apelido, e como ele não viveria o bastante para precisar de um nome real, o apelido já era suficiente.

Então, avante, para as luzes. O Tony Virtual tinha que morrer antes que... Zola, era esse o nome. Antes que Zola pudesse... o quê...?

Tony não conseguia lembrar tudo de uma só vez. Então começou a andar.

Às vezes, apareciam coisas ao seu redor. Parecia haver uma quantia infinita de trilhos de trem, rumando para todas as direções, inclusive acima e abaixo. Às vezes, havia trens guiados por locomotivas a vapor pretas brilhantes, com coisas indescritíveis penduradas nos limpa-trilhos. Outros trens também passavam: maglevs reluzentes com comprimento de mil carros, lotados de personagens da Disney ou supervilões de histórias em quadrinhos ou da equipe do Detroit Tigers de 1984. O chão em si, em geral, não era solo. Os pés de Tony andavam por sobre ele, e ele suportava o peso, mas nada crescia ali – até que, ao pensar nisso, começou a crescer grama de dentro das pegadas, erguendo-se acima da cabeça dele, numa sublevação de pétalas e vinhas. Ele estava controlando tudo? *Árvore*, ele pensou.

Um carvalho imenso cujo caule não poderia ser abraçado nem por cinco homens brotou na frente dele, com um barulho seco. As folhas caíram, e sementes quicaram e espalharam-se pelo chão.

– Aha – disse Tony. Agora restava a dúvida: quem mais estava controlando o ambiente? E onde estaria o Tony Virtual?

As luzes estavam ainda muito distantes.

Talvez o Tony Virtual já tivesse chegado a elas, e seria por causa dele que este Tony não conseguia se aproximar. Talvez tudo o que Tony precisasse fazer era desejar estar lá para ir parar lá. *Para as luzes*, ele pensou. Não aconteceu nada. Mais sementes caíram.

Percebeu que alguém vinha chegando perto dele. Uma figura humana mal formada, desengonçada e curvada.

– Você não é daqui.

Tony não conseguia enxergar o rosto com definição, mas a voz parecia ser de homem.

– Não – Tony respondeu. – Vim aqui para, hum, matar o outro Tony.

– Então você é o Tony.

– Isso. – E parecia ser isso mesmo.

– Por que precisa matar o outro Tony?

Foram cambaleando um ao lado do outro. Aconteciam várias coisas no campo visual periférico de Tony, mas ele ignorava. Podia haver civilizações surgindo e desaparecendo no tempo que seu coração levava para bater duas vezes. *Ei*, ele pensou. *Uma das vantagens desse lugar é não ter problema de coração*.

O acompanhante repetiu a pergunta.

– Ah. Por causa do Zola.

– Por que por causa do Zola?

– Porque se eu não matar o outro Tony e... – O resto da resposta encontrava-se além de sua capacidade de articulação.

– Você precisa voltar para o mundo, pelo visto – disse o acompanhante.

Tony concordou.

– Sim. Porque, senão, Zola vai...

Ainda não conseguia formular. O acompanhante não pareceu se importar.

– Eu conhecia o Zola.

– Conhecia como?

– Já fui Zola – disse o acompanhante. – Ele joga seus *eus* fora como as cobras trocam de pele.

– Então o que ele quer daqui? Deste lugar.

O acompanhante deu mais alguns passos sem dizer nada. Tony o deixou pensar. Não pareciam ter chegado nem um pouco mais perto das luzes.

– Deve ter a ver com o vírus.

– Porque se eu não matar o Tony Virtual e voltar – disse Tony, como se lhe estivesse sendo ditado por alguém –, Zola vai controlar o vírus.

Era isso. O vírus trouxera Tony e Tony Virtual até ali. Zola podia controlá-lo. Se ele o controlasse, então o vírus, que infectara o sistema de controle imediato, iria...

– Como é que se controla um vírus? – o acompanhante perguntou.

– Ele não faria isso. Controlaria a mim.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha, como se ele tivesse, de fato, um corpo. Zola pretendia transformar Tony numa inteligência artificial. Refazê-lo, tornando-o algo pós-humano, alienígena. Reprojetá-lo no espírito residente que

poderia, via controle imediato, transformar toda máquina do mundo conectada via rede num olho, ou ouvido, ou punho.

– Não, senhor – disse Tony. – Gosto muito do mundo real.

Começou a andar mais rápido. O acompanhante lutou para acompanhar, mas logo ficou para trás. Não chegou a pedir a Tony que andasse mais devagar.

• • • •

– Hailey – pipocou a voz de Fury no ouvido dela.

– Na escuta, general Fury.

– Temos novos dados aqui. Fique de olho para outro Arnim Zola. Se o vir, ele se tornará seu objetivo primário. Acabe com ele de uma vez. Vasculhe o prédio em busca de corpos nos quais ele possa entrar e acabe com esses também.

– Entendido.

– Nada de corpos vivos neste prédio, Hailey. Procure e destrua.

– Entendido, general. – Para a equipe, Hailey disse: – Novas ordens. Este prédio agora é zona de tiro livre. Vocês todos têm fotos de Serena Borland. Ela será tratada como item recuperável. O resto será destruído.

O silêncio reinou sobre a equipe. Eram soldados da S.H.I.E.L.D. com certo tempo de experiência, mas, até para eles, uma ordem de execução sem prisioneiros era incomum.

– É assim que se defende a república, pessoal – disse Hailey. – Charlie, divida-se entre Alfa e Bravo. Duas equipes, uma para cada corredor. Alfa, à frente, Bravo, à esquerda. Vão.

O primeiro confronto da Alfa ocorreu no momento em que todos os nove membros da equipe saíram do elevador. Duas portas, uma em frente à outra, no corredor adiante, abriram-se e quatro Happy Hogans apareceram: dois em pé, dois abaixados, todos atirando. A Alfa obedeceu ao treinamento, abaixou, encostou-se na parede e atirou nos cantos das portas. Dois deles não se levantaram quando os outros sete se dividiram para checar as portas,

derrubando tudo o que se movia. Em segundos, estava tudo acabado. Nove Hogans no chão e seis dos sete membros móveis da Alfa verificando as duas salas, que eram dormitórios. O sétimo, o médico de campo da Alfa, fazia o que podia com os mortos. Hailey contou sessenta macas, confirmou o mesmo número no dormitório da frente, e voltou para o corredor assim que o médico se levantava.

– Más notícias, major. – ele disse. – Estavam mortos quando cheguei.

Ela assentiu e reuniu o time. Ainda havia uns bons cinquenta metros de corredor para cobrir.

• • • •

Bravo não contatou o inimigo até a primeira curva no corredor. Um dos Hogans acabou disparando sem querer, na hora errada, soltando uma rodada de disparos quando o ponteiro da Bravo chegou perto o bastante da curva para que seu capacete fizesse sombra no corredor. O ponteiro soltou uma granada no corredor, esperou pela explosão, depois agachou, mirando na curva, enquanto, atrás dele, três soldados miraram também, disparando na linha da cintura para a cobertura. A granada derrubara quatro Hogans e um quinto estava encostado na parede, tonto; o primeiro tiro do ponteiro da Bravo o fez curvar-se de dor e tombar.

No fim do corredor, encontraram quatro dormitórios vazios.

– Tranquilo até aqui, major – disse o líder da equipe. Ele havia ouvido a troca de tiros do outro lado do porão. – E por aí?

– Dois caídos – disse a major Donner. – Segurem firme.

• • • •

A equipe Alfa foi a primeira a bater à porta do sacrário de Lantier. Este, sabendo que os intrusos se aproximavam, preparara suas defesas do único modo que podia. Embaralhou os equipamentos eletrônicos deles, preparou uma

série de defesas pessoas projetadas especificamente para serem empregadas por alguém com sua configuração física particular, e acionou diversas rotinas de sistema pensadas para confundir e atrasar as operações do inimigo. Depois, ficou completamente imóvel, escutando pelos sistemas do edifício e falando sozinho, sem parar:

– Dentro do horário. A tabela não mente. A tabela não mente.

Quando a Alfa entrou chutando, cada alto-falante da sala guinchou num volume calculado para causar danos ao ouvido humano. Luzes estroboscópicas piscaram. A equipe atirou em todo o cômodo, explodindo telas e *spots* de luz, silenciando a maioria dos alto-falantes. Dois homens saltaram para dentro. Nenhum deles notou Lantier; sob a luz baixa, ele se confundia com uma mistura de cabos e junções. Fagulhas pularam de cabos cortados nas costas da sua cadeira, que Zola blindara como proteção contra a possibilidade de que Maheu tentasse aplicar-lhe um golpe. Ambos os soldados passaram à distância de um braço, em cada lado dele, e antes que os homens que cobriam da porta pudessem dizer qualquer coisa, Lantier estendeu os braços com os escalpelos que usava para operações delicadas em certos clones e meteu-os no pedaço macio nas juntas dos quadris de suas armaduras.

Ambos caíram gritando, com sangue jorrando das artérias abertas. Os soldados na porta reagiram tão rápido quanto um humano poderia reagir, entrando no cômodo e atirando em Lantier, transformando-o em purê cibernético. O médico da equipe, com apoio de uma lanterna, verificou os ferimentos e soube que não teria chance de salvar nenhum dos colegas. Mesmo assim, tentou, e a equipe Alfa perdeu três minutos vendo mais dois dos seus morrerem.

• • • •

Bravo fez uma curva e encontrou-se num espaço que lembrava aos mais velhos de uma sala de fliperamas. Num corredor, dezenas de cubículos faziam fileiras nas paredes. A luz que saía de cada um era um violeta fosforescente que

lembrou a alguns a iluminação de um aquário, e a outros, certo elemento de iluminação do dormitório da faculdade.

– Em duplas – disse baixinho o líder da Bravo. Eles foram adiante e alocaram-se ao lado das portas do primeiro par de cubículos.

Em cada um estava um Hogan, boca semiaberta e olhos fechados. Eletrodos e fios brotavam das cabeças, e estavam nus, com fraldas.

– Fraldas – um dos comandos disse com desgosto.

– Que bom que Happy não está aqui pra ver isso – comentou outro. Ele cutucou o Hogan no peito com o cano do rifle. A criatura não respondeu. Ao lado dela, um terminal de computador mostrava uma série interminável de imagens, dados e estranhos padrões coloridos que lembravam a previsão do tempo.

– Vocês dois – sussurrou o líder da equipe. – Vão ao fim do corredor e cubram aquela porta.

Os dois comandos saltaram pelo corredor até o final.

– Contei cinquenta de cada lado – disse um deles. – Todos cheios, exceto os últimos oito.

– Algum deles se parece com Serena Borland? – perguntou o líder.

– Não, senhor. Queria que sim. Mas só tinha Hogan até o final.

– Então, equipe Bravo, vocês sabem o que fazer.

***

Hailey ouviu o tiroteio vindo da outra ponta do porão, abafado, como se o som passasse pelas paredes, em vez dos corredores. Havia certo ritmo. Não pareciam tiros de combate. Parecia mais...

– Líder da Bravo – ela disse.

– Aqui, major.

– Relate sua situação.

– Localizamos 42 Hogans, major. Numa espécie de hipnose, com cabos na cabeça. Seguindo suas ordens, estamos liquidando todos. – Bravo soou firme.

Ordens do general *Fury, você quer dizer*, Hailey quis comentar. Mas seria hipocrisia. Ela não contestara nem atrasara a transmissão das ordens. Era cúmplice. Tinha que acreditar que o general Fury sabia o que estava fazendo.

– Entendido, líder da Bravo. Continue a checagem – disse ela. Alguns minutos depois, sua equipe acabou sendo responsável por outro massacre quando descobriu o armário de Arnim Zola, lotado de corpos extras.

• • • •

– Bem, existe confirmação de que Zola encontrou um novo corpo para si – disse Fury. – Tiveram sorte em achar o Tony?

– Não – disse Pepper. – Pare de me perguntar. Vou contar quando achar.

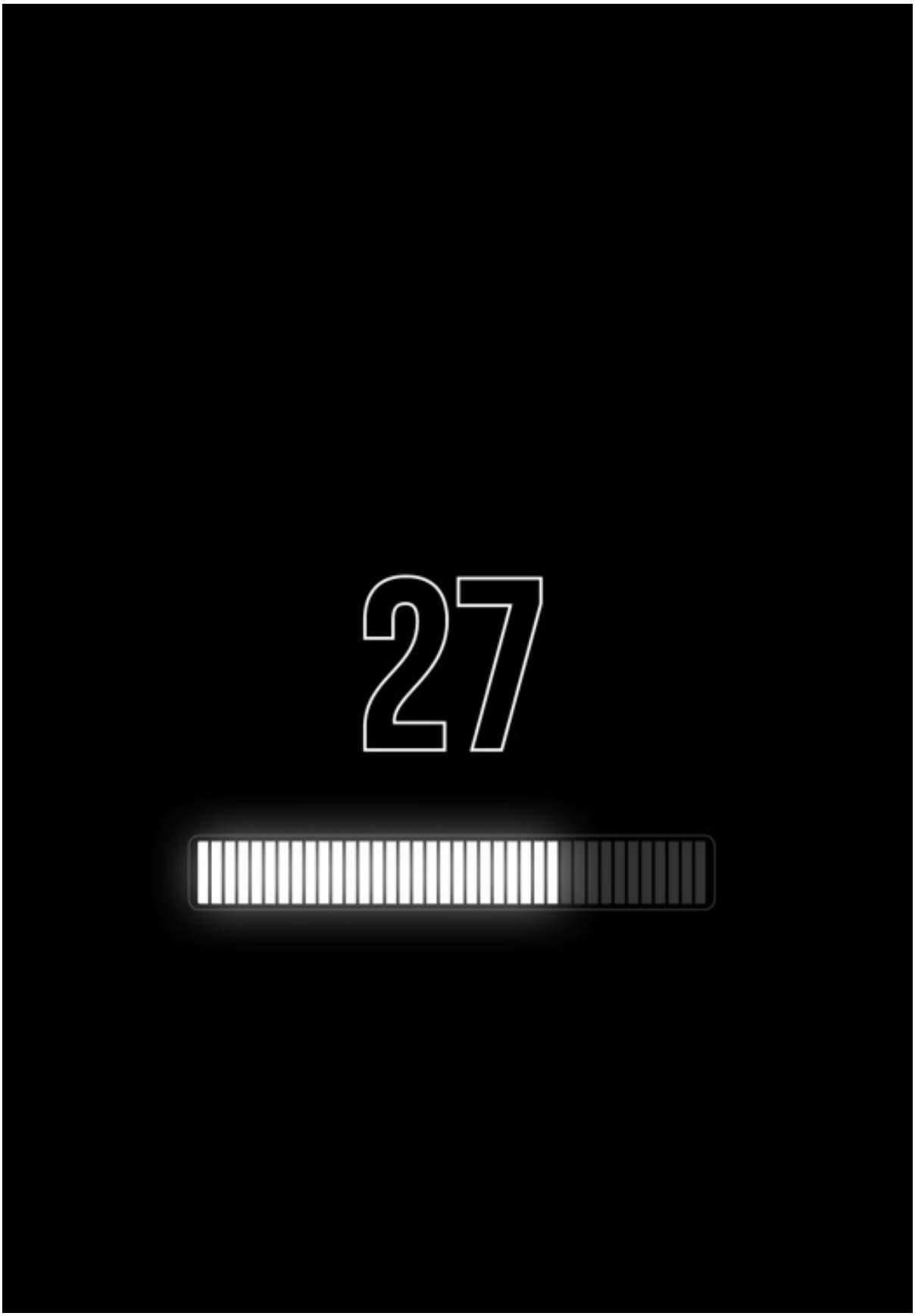
O comunicador de Fury pipocou, e Rhodey disse:

– Bem que podíamos ter apoio aéreo aqui fora. Além disso, não era de se esperar que os policiais locais ou a Guarda Nacional aparecessem?

– Você perdeu as instruções da missão porque estava no hospital – Fury lembrou-o. – Eu mandei os tiras e a Guarda não se intrometerem, falei com os xerifes, falei com todo mundo. Eles vão fingir que não tem nada acontecendo, e quando acabar, ninguém vai falar nada sobre isso. Quanto ao apoio aéreo, foi vetado por causa do que aconteceu com aqueles helicópteros.

– Mas Zola não está por perto – disse Rhodey. No fundo, um disparo de rifle bagunçou a equalização do comunicador.

– Se ele ainda não voltou, logo vai voltar. Seja lá o que Tony inventou pra impedi-lo de usar controle mental, não funciona além de algumas centenas de metros do prédio. Então aguente firme aí e não queira ver pilotos de helicóptero em perfeito estado cometendo suicídio por lavagem cerebral.


27

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Gerador de hologramas, acoplado.

DESCRIÇÃO

Sistema interno de projeção, acoplado ao raio-uni (cf. patentes [editado], [editado] et al. das Indústrias Stark), capaz de criar imagens tridimensionais com resolução suficiente para confundir a visão humana. Ligado aos sistemas de comunicação acoplados à armadura, o gerador de hologramas pode projetar imagens de pessoas e objetos em outros locais, aperfeiçoando imensamente a comunicação em campo de batalha. Pode também criar cópias ilusórias da armadura corporal pessoal das Indústrias Stark para instigar medo e confusão entre as forças inimigas.

ARGUMENTO

A projeção de ilusões vem sendo um elemento importante no planejamento tático para campo de batalha desde que os inimigos de Macbeth se disfarçaram de árvores da Floresta de Birnam antes de atacar Dunsinane. O gerador de hologramas projetado para uso na armadura corporal pessoal das Indústrias Stark tem a capacidade de projetar até três imagens, dependendo das configurações das lentes. O aumento potencial na confusão do inimigo devido à percepção de aumento das forças inimigas é um incremento desejável numa situação de batalha. Tecnologias de holograma existentes requerem projetores robustos e pesados; o aplicativo acoplado das Indústrias Stark multiplica o número de possíveis usos.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Tony andava já fazia algum tempo, mas seus pés não se cansavam. Tinha que olhar para baixo de vez em quando para certificar-se de que ainda os tinha. As luzes continuavam distantes.

– Carro – ele disse.

Sua mente deve ter se confundido, porque o que apareceu foi um Oldsmobile Six ano 1937. Era um sedan grande e muito bonito, mas quando ele olhou pela janela, Raymond Burr disse:

– Que diabos está fazendo? Tire as mãos do meu carro antes que eu te dê porrada.

Tony afastou-se do carro, que deu partida e foi embora. *Perry Mason*, ele pensou. *Era lá que eu via esse carro*.

Ele precisava resolver o que fazer. *Fato*, pensou. *Eu sou Tony Stark. De algum modo, fui trazido para cá usando minha própria rotina de Matriz de Dados de Personalidade, mas em vez de ficar no espaço do servidor do Laboratório de ITR, a matriz saiu para o mundo. Refiro-me ao mundo virtual. Fato: existe outro Tony Stark aqui. Deve ser o clone trazido por Zola. A personalidade dele também foi tragada aqui para cima. Ou para dentro.*

– Dentro, é o que costumamos dizer. – Admirado, Tony olhou para o lado e viu seu acompanhante, andando ao lado dele como se jamais tivessem se separado. – E sim, você acertou até agora. A Pepper está te procurando, sabia?

– Como você... está em contato com...?

– Lá Fora? Mundo Real? As Quatro Dimensões? – O acompanhante riu. – Claro. Em todo lugar que procurar, é possível aprender tudo o que precisa saber

sobre Lá Fora. Mas a coisa mais importante que você precisa saber é o que pode fazer aqui dentro. Ou vai ficar preso. Não acredito que você queira ficar preso.

– Não, é claro que não. Por que se importa?

– "Importa" pode ser a palavra errada.

Caminharam em silêncio por um tempo depois disso. Tony pensou que as luzes estavam um pouco mais perto.

– Pense deste modo – disse o acompanhante –: você encontra de tudo na internet, certo?

– É o que as pessoas dizem.

– Bom, veja deste ângulo. Se você está aqui dentro, pode descobrir qualquer coisa sobre a Quarta-D se souber onde procurar.

Do ponto de vista meio do-outro-lado-do-espelho, fazia sentido.

– Certo. Então, se eu quisesse falar com Pepper, como faria?

– Sei lá – disse o acompanhante. – Seus protocolos são totalmente diferentes dos meus. Você entra aqui com um código novo, infectado por outro código novo que, acredite em mim, ninguém daqui de dentro quer chegar perto, e tem outro de você com um pouco do novo código preso nele também. Vai ser difícil encontrar alguém que queira lhe dizer alguma coisa. Só estou falando com você porque conheço o código que carrega. Escrevi parte dele, há muito tempo atrás. – Ele riu baixinho. – Tempo.

– Há quanto tempo atrás você foi Zola?

– Tempo – o acompanhante repetiu. – Muito tempo atrás. Quando ele começou a tentar delinear padrões mentais. Ele me perdeu; vim parar aqui.

– Tenho outro código grudado em mim, certo? O código do controle imediato.

– Diferente – disse o acompanhante. – Está tudo misturado. Talvez não na Quarta-D, mas aqui. Não consigo diferenciar.

– Preciso encontrar o outro Tony Stark. Sabe onde ele está?

– Estou falando com ele agora mesmo. Quer dizer, com ele também. Pode funcionar desse jeito se você quiser, e você sabe como.

– O que ele tem a dizer?

– Está me mandando apagar você – respondeu o acompanhante. – Mas não vou fazer isso. O *show* está muito bom. Continue nesta direção. Pode parecer que as luzes continuam muito distantes, mas não estão. O Tony Virtual, é assim que o chama, né?

Tony fez que sim.

– Isso.

– Vai encontrá-lo quando chegar lá. Ele também está tentando falar com a Pepper. Nos vemos mais tarde – disse o acompanhante, que começou a ficar para trás. Tony tentou andar mais lentamente, mas o outro afastou-se até que seus contornos começaram a misturar-se ao espaço sem cores ao seu redor.

• • • •

Hailey jamais acreditaria que uma coisa daquelas podia existir se tivesse somente ouvido falar. Era coisa de cinema, ou dos pesadelos de um maluco paranoico induzidos por má digestão. A porta que abriram colidiu contra um corrimão que circundava uma pequena sacada. Da sacada, uma escada de metal descia para o piso de uma sala que devia ter trinta metros de comprimento e vinte de largura. Em quatro fileiras, tanques similares em formato aos dos clones no térreo estavam dispostos desde abaixo da sacada até a escuridão da parede oposta. Tinham pouco mais de três metros de altura e um de diâmetro, muito maiores do que os do andar superior.

Um deles estava vazio.

Hailey contatou o general Fury.

– General, acredito que encontramos onde Zola guarda seus corpos. Tenho motivos para crer que ele passou para um deles. Um dos tanques está vazio, e há pegadas úmidas saindo dele.

– Entendido, Hailey. Agradeço pela informação, embora não possa dizer que tenha me alegrado. As ordens são as mesmas.

– Entendido, senhor.

– Câmbio, desligo – disse Fury, e o pipocar do fim da comunicação pareceu ecoar do fone de ouvido de Hailey por todo o espaço da sala.

– Equipe Alfa – ela disse. – Vamos limpar esta sala. Ou seja, quando terminarmos, os tanques estarão abertos e destruídos, e o mesmo vale para os corpos dentro deles. Fui clara?

Após um coro de *sim, senhora*, a major começou a descer.

• • • •

Foi fácil com os primeiros, porque não pareciam humanos. Corpos com quatro braços, corpos com duas cabeças – uma delas era um arranjo similar à caixa de PES que ela vira nas imagens instrucionais. Corpos com armadura, com olhos protegidos como os de um peixe dinossauro que ela vira no museu de história natural. Foi mais difícil do que ela imaginara garantir que os tanques fossem permanentemente desabilitados; os visores não paravam de piscar, e as luzes verdes dos conduítes que levavam à tampa dos tanques continuavam verdes mesmo após uma quantia surpreendente de balas ter mastigado as partes adequadas do equipamento. No fim, Hailey teve de ordenar à equipe Alfa que abrisse manualmente cada tanque e puxasse cada corpo para fora. Os cinco membros da equipe levaram quase vinte minutos, e ficaram todos encharcados até os ossos com aquele fluido rosado de cheiro orgânico nos quais estavam imersos todos os corpos.

– Bruce Springsteen – um deles dizia. – Dá pra acreditar?

– Eu vi Nelson Mandela. Como diabos é possível conseguir o DNA do Nelson Mandela?

– Ou da Nancy Pelosi.

– Certo, rapazes – disse Hailey. – Vamos destruir os corpos, como o general deseja. Depois vamos preparar o local pra explodir. Dividam o chiclete e mãos à obra.

Foi muito mais rápido dar tiros letais nos corpos do que detonar os tanques. Quando acabaram, Hailey avisou Bravo de que havia mais uma sala

para checar, e que eles acabariam se encontrando.

Não chegou resposta.

– Líder da Bravo, responda. Está na escuta?

Silêncio.

Talvez fosse a sala.

– Terminamos, major – disse um agente. – Hora de ir?

– Com certeza – ela respondeu. Mas, quando voltaram para o corredor, continuaram sem resposta do líder da Bravo, nem de nenhum outro agente da equipe.

• • • •

– Já viu as Oito Madames? – Zola perguntou.

– Ainda não tive o prazer – disse Serena. Dava para ouvir os disparos ritmados de armas de fogo, vindos de outra parte do porão.

– Acredito que esses comandos da S.H.I.E.L.D. estão quebrando as regras da guerrilha ao matar clones inocentes, sem contar os que estão inconscientes. De Happy Hogan – disse Zola.

Alguns minutos depois, quando um disparo foi ouvido em outro lado, mas mais perto, Zola disse:

– E agora foram os outros corpos que criei para mim. Tem certeza, srta. Borland, de que quer se associar com pessoas que matam a sangue frio?

– Não quero discutir ética com você nem escolher um lado. Quero ir embora. – disse Serena. – Não quero jogar nem ficar de bate-papo com você. Quero ir embora. Se não vai me soltar, me mate. Se vai me soltar, pare de falar e me solte.

– Certo – disse Zola. – Mas não está seguro para você lá fora agora. Se algum desses comandos da S.H.I.E.L.D. a visse, é bem possível que pensasse tratar-se de um clone, não acha? E se estão atirando em clones inconscientes e parcialmente construídos, certamente atirarão num que se move com a vitalidade e resolução com as quais imagino que você se moveria.

Ela se convenceu. Olhou ao redor do quarto, só para não ter que olhar para ele. O corpo anterior era ridículo o bastante para que ela não o temesse, apesar de saber de algumas coisas que ele fizera. Já o corpo novo... era preciso ser idiota para não temê-lo. Dois metros de altura, com o que parecia uma espécie de cobertura de aço preta fosca sobre músculos que deixariam um lutador profissional com inveja, e todo tipo de aplicativos mecânicos com aparência letal. Soquetes e articulações e antenas em todo canto.

Por estar com tanto medo, ela disse:

– Retiro o que disse sobre Frankenstein. Você está mais parecido com o robô de Johnny Sokko. Solta mísseis pelos cotovelos?

– Acho que está na hora de você conhecer as Oito Madames – disse Zola, ignorando o gracejo. – Elas devem ter acabado de concluir a primeira missão.

Parte da parede dos fundos da cela de Serena abriu-se, e oito clones entraram. Eram ágeis e atléticos, vestiam uniformes verde-esmeralda com logos destacados da Hidra em preto sobre o peito. Os cabelos eram pretos também, desciam até os ombros e eram afastados do rosto por bandanas verdes. Traziam espadas presas no quadril, penduradas em cintos pretos armados com pequenos bolsos e cartucheiras.

– Apresento-lhe as Oito Madames – disse Zola, e foi então que Serena notou que cada uma delas carregava uma cabeça decepada na mão direita. – Acho que já mencionei: elas completaram a primeira missão. Parece que foi um sucesso. Parabéns, Madames. Vocês seriam um orgulho para sua original. Aliás, são melhores do que ela. – Zola levantou-se e fez uma reverência cortês. – Por favor, livrem-se de seu fardo.

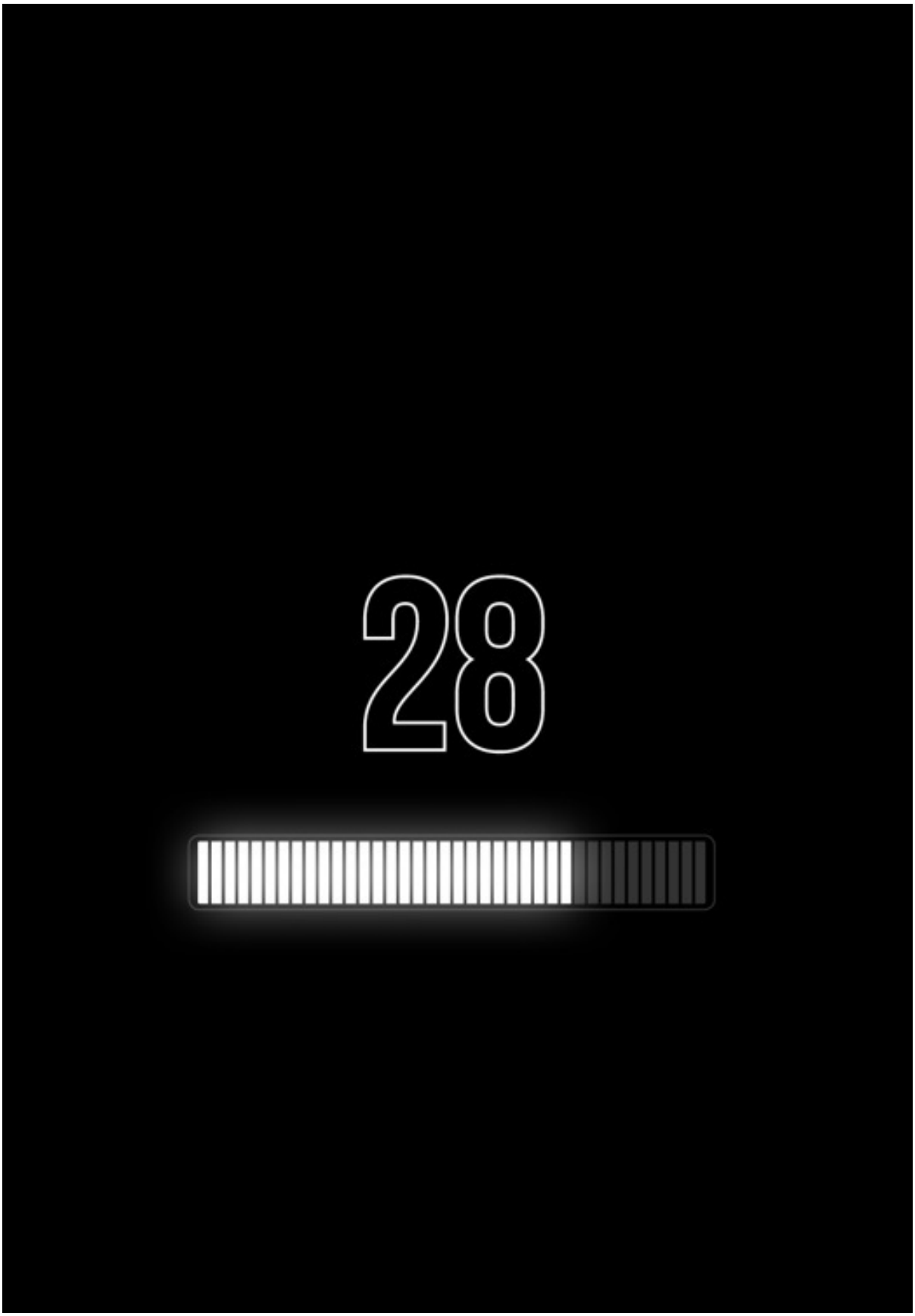
As Oito Madames colocaram as cabeças em duas fileiras organizadas sobre a escrivaninha. Serena jogou a cadeira para trás e foi se encaracolar na ponta da cama, onde ficou, tremendo.

– Nenhum comentário jocoso? – Zola alfinetou. – Creio que superestimei sua tranquilidade perante o inesperado.

Serena não sabia o que dizer. O tiroteio parecia continuar alguns andares acima.

– Acredito que esses são metade da equipe da S.H.I.E.L.D. enviada para resgatá-la de sua situação – disse Zola, apontando para as oito cabeças. – Os outros logo se unirão a eles.

Não, Serena quis dizer. Mas sabia que não seria nada bom, e não queria dar-lhe o prazer de vê-la implorar por algo que ambos sabiam que ele recusaria. *Tony*, ela pensou, *onde está você?*


28

> Estou indo até vocês, Hidra. Porque posso voar e porque despachei as forças da S.H.I.E.L.D. enviadas para nos destruir antes que pudéssemos levantar voo. Venho com as Oito Madames, agora sete, porque – como devemos sempre lembrar – a S.H.I.E.L.D. é um adversário de valor. De valor na batalha e de valor no despacho. De valor na memória da batalha. Voarei até vocês, meus soldados! Atrás de nós, chamas; à nossa frente, o mundo! Preparem-se, e saibam que a mudança que trago é irreversível, que quando eu chegar, tudo se transformará, os elementos e átomos do mundo não mais saberão seu lugar a não ser que eu os diga. Sei que prenderam a S.H.I.E.L.D. feito ratos na armadilha. Segurem-nos! Prendam-nos! O golpe de misericórdia se aproxima. Estou voando junto às Madames, e quando pousarmos a Hidra levantará voo. Vocês lutaram bravamente e provaram ser merecedores do mundo que virá. Continuem fortes. Vocês são a Hidra! Nasceram para ser a Hidra! Devem lutar como a Hidra! A vitória está a minutos de ocorrer! Em meu novo corpo, trarei o novo mundo. Encontrarei Tony Stark dentro de sua concha de covarde e sobre seu corpo provarei a superioridade da ordem que agora germinaremos. Nós somos a Hidra!

As primeiras palavras que saíram da boca de Happy quando ele se viu acordado o bastante para conseguir falar foram:

– Cadê a Pepper?

O médico estava bem ao lado.

– Vamos encontrá-la pra você, Happy.

– Ela não tá aqui? – Ele mal podia acreditar.

– Bom, ocorreu um pequeno incidente no Laboratório de ITR do Stark – disse o dr. Singh. – Precisaram dela lá.

– Hidra – disse Happy. E começou a se levantar.

O dr. Singh deixou de lado a típica postura confortante.

– Sr. Hogan. Sob circunstância alguma você poderá sair dessa cama. Quase morreu algumas vezes durante as últimas 24 horas, e não se sabe ao certo se você não está prestes a "bater as botas", para usar uma expressão que desprezo.

Happy fitou o médico, depois percebeu que não adiantaria nada discutir.

– Certo, doutor. Só encontre a Pepper pra mim. Cadê meu celular? Posso ligar pra ela?

– Vou procurá-la. Você espera aqui até que eu retorne.

– Você é o médico.

Quando o dr. Singh saiu e fechou a porta, Happy providenciou um inventário acerca de si mesmo. Sentia-se feito um cachorro que mandaram ir para a casinha. Havia água ao lado da cama. Ele a bebeu lentamente antes de ler os rótulos dos frascos cujo líquido pingava para dentro de sua veia. Dizia salina, mas havia um desvio no adesivo, o que significava que estavam injetando outra coisa nele. Ele mexeu os dedos dos pés, flexionou os das mãos. Tinha que ir ao banheiro.

Aha! Havia uma desculpa para sair da cama. Happy girou as pernas para o lado da cama, sentiu uma onda inicial de tontura, depois plantou os pés no piso. Nem tudo mudou enquanto ele esteve apagado; os pisos dos hospitais continuavam gelados. Ele testou seu peso sobre os pés e sentiu outro assomo de tontura chegar e passar. Nada demais. Assim que removeu a sonda e usou o banheiro, voltou ao quarto.*O que precisava mesmo era comer um hambúrguer e passar uma meia hora na academia*, pensou. Se estivera assim tão perto da morte, então os médicos operavam milagres.

O dr. Singh voltou enquanto Happy vestia as roupas. Ele as encontrara limpas e passadas dentro do armário. Até sua arma estava lá dentro. Essa era uma das vantagens do hospital pertencer à S.H.I.E.L.D., supôs.

– Não posso permitir que vá embora – disse o médico.

Happy terminou de amarrar os sapatos antes de responder. Depois se levantou, checou as balas em sua Hi-Power e disse:

– Doutor, minha garota está em perigo. Não me sinto superbem, mas se eu não estiver lá e algo acontecer com ela, não vou mais poder conviver comigo

mesmo. Podemos discutir, ou você pode me ver passar por essa porta e dizer a si mesmo que fez tudo o que podia ter feito. Será verdade.

O dr. Singh não disse nada. Nem saiu de frente da porta.

Happy insistiu.

– Doutor, vou sair por essa porta. O que aconteceria se a sua garota estivesse em perigo e alguém tentasse impedir que você fosse até ela?

O médico continuou calado. Happy já quase se resignara a carregar o médico consigo hospital afora quando o dr. Singh abriu a porta e disse:

– Você é um grande bobo romântico, sr. Hogan. Mas médico algum pode curar isso.

– Obrigado, doutor – disse Happy ao sair.*Agora*, pensou consigo,*seria bom se essa lenga-lenga funcionasse no sargento que toma conta dos helicópteros*.

• • • •

Tony deparou-se mais uma vez com os trilhos de trem e começou a andar. Os avatares foram se afinando, e logo ele ficou sozinho. Muito atrás, ouviu o apito de um trem. Saiu do trilho e foi andando pelo aterro. O apito ressoou novamente, agora mais perto. O ronco e o sibilar do trem não faziam o efeito Doppler, como era de se esperar; quando ele olhou para trás, viu que o trem estava parando.

A locomotiva era um antigo G-4e de cabine dupla, manufaturado pela Schenectady Locomotivas na década de 1860. Tony soube sem nem ter que perguntar. Como o acompanhante dissera, tudo estava ali. Às vezes a informação vinha até você; às vezes, era preciso procurar.

Inclinando o corpo para fora da cabine, o condutor olhou para baixo.

– Vai chegar aonde deseja se eu lhe der carona. Ninguém conhece esse pedaço como eu.

– É mesmo? – disse Tony. Não estava muito a fim de confiar na sorte ainda.

O condutor fez que sim.

– É, sim. Claro, se preferir andar, não posso impedir. Ei, minerador! Acenda o fogo e vamos embora! – ele latiu para os fundos da locomotiva. O trem entrou em movimento.

Tony começou a andar para acompanhá-lo.

– Acho que vou aceitar a oferta. Não tem por que andar quando se pode ir de trem, certo?

– É isso aí – disse o condutor. – Chamam-me Lantier. Você é Tony Stark, certo?

– Como sabe? – Tony olhou para os lados. Teria que decidir muito em breve se saltaria no trem ou o deixaria ir.

– Sei porque Zola sempre quis que eu soubesse. Eu já fui ele. Quando era Lantier. Agora estou livre. Quer vir comigo ou não?

Estranhos colegas, pensou Tony, mas pôs-se a correr e saltou para o suporte abaixo da porta da locomotiva.

– Todos a bordo! – disse Lantier, e o trem estremeceu e acelerou em direção ao brilho das luzes.

– Acabei de falar com alguém que disse que foi Zola. Quantos de vocês existem?

– Vai saber. Ele nos criou, manuseou, descartou. Ele nem sabe. Qualquer bêbado que vir pela rua pode ter sido Zola em algum momento.

– Entendo. – Tony pensou se faria ou não a pergunta seguinte, e concluiu que não havia muito a perder. Ainda estava aprendendo como funcionavam as coisas ali. – Por que está me ajudando?

– Não sei se estou – disse Lantier sem hesitar. Depois ficou mudo, e não disse mais nada até que alcançaram os arredores das luzes.

Ao se aproximarem, Tony conseguiu reparar nos detalhes. Eram prédios, paredes, beiradas. Havia pessoas que não foram sempre pessoas.*Era onde viviam os avatares*, pensou ele.

– Todos nós, todos esses fantasmas e pedaços de código velho, avatares e miniaplicativos, vivemos por aqui – disse Lantier. – Venho fazendo isso há anos, desde quando ainda estava vivo. Deixei traços do meu eu-Zola aqui. E do eu-Lantier. E outros. Você conheceu o cara magrinho que gosta de caminhar?

– Sim, conheci.

– Mais um dos meus *eus*. Do Zola. A mesma coisa, já que sou um clone de Zola. Ou é ele que é? Caramba, não sei mais. Acha que seu clone tem o mesmo *eu* que você?

– Não.

– Tá, mas você pensa de outro jeito porque é o original. Eu acho que o Zola, o primeiro Zola, pensa do mesmo modo. Eu, já que sou da segunda geração, e fui modificado um pouco ao ser ativado, graças tanto ao Zola quanto às minhas próprias investigações quando ele não estava olhando, eu sou diferente. Acho que tenho um *eu*, e é só meu, e tenho o direito de me chamar Zola tanto quanto o próprio Zola. Quer dizer, e daí que ele me criou? Se um dos seus *nanobots* replicadores fizer outro, um deles é melhor só porque veio primeiro?

– Poupe-me. Replicadores e pessoas são coisas diferentes.

– Aqui não são, não – disse Lantier.

Seguiram chacoalhando sobre os trilhos. As luzes se aproximavam. Periodicamente, Lantier acionava a buzina para afugentar corvos do caminho. Em certo ponto, todas as vacas do rebanho ficaram de pé, brandindo o que pareciam ser machados de guerra.

– Vazamento de videogame. Tem vários heróis perdidos aqui também. – Voltando-se a Tony, Lantier acrescentou: – Você deve ser um deles.

– Eu? – Tony disse. – Eu sou real.

Lantier riu. Riu alto, e por um bom tempo, e o som modulou de um baixo profundo digno do cara dos comerciais da 7-UP que Tony via quando era mais novo para um risinho que o fez querer exterminar todos os adolescentes do mundo. Quando terminou, disse:

– Só é real quando não está aqui. E, já que está aqui, não é real. Tem um corpo lá na Quarta-D que é real, claro. Só que se não voltar pra ele... – Ele deu de ombros.

– Posso voltar quando quiser – disse Tony.

– Como?

– É só acionar a rotina de extração da MDP.

– Então é melhor fazer isso logo. Você já estava com essa ideia antes, filho, e estava certo. Aqui é como a toca do coelho. As coisas não são sempre as mesmas aqui. Acione o programa, e depois o relógio.

– O problema é esse – disse Tony –: e se o tempo acabar?

– Tempo? Tempo? – Lantier desatou novamente a rir. Antes que se perdesse, conteve-se. – O tempo é flexível aqui. Depende da banda, depende da torre de servidores. Depende de tantas coisas. Você aciona, diz à sua rotina lá na Quarta-D que quer voltar para casa em X ou Y minutos. Isso não significa nada aqui.

Tony deu um tapinha no batente da janela ao lado de seu assento na cabine.

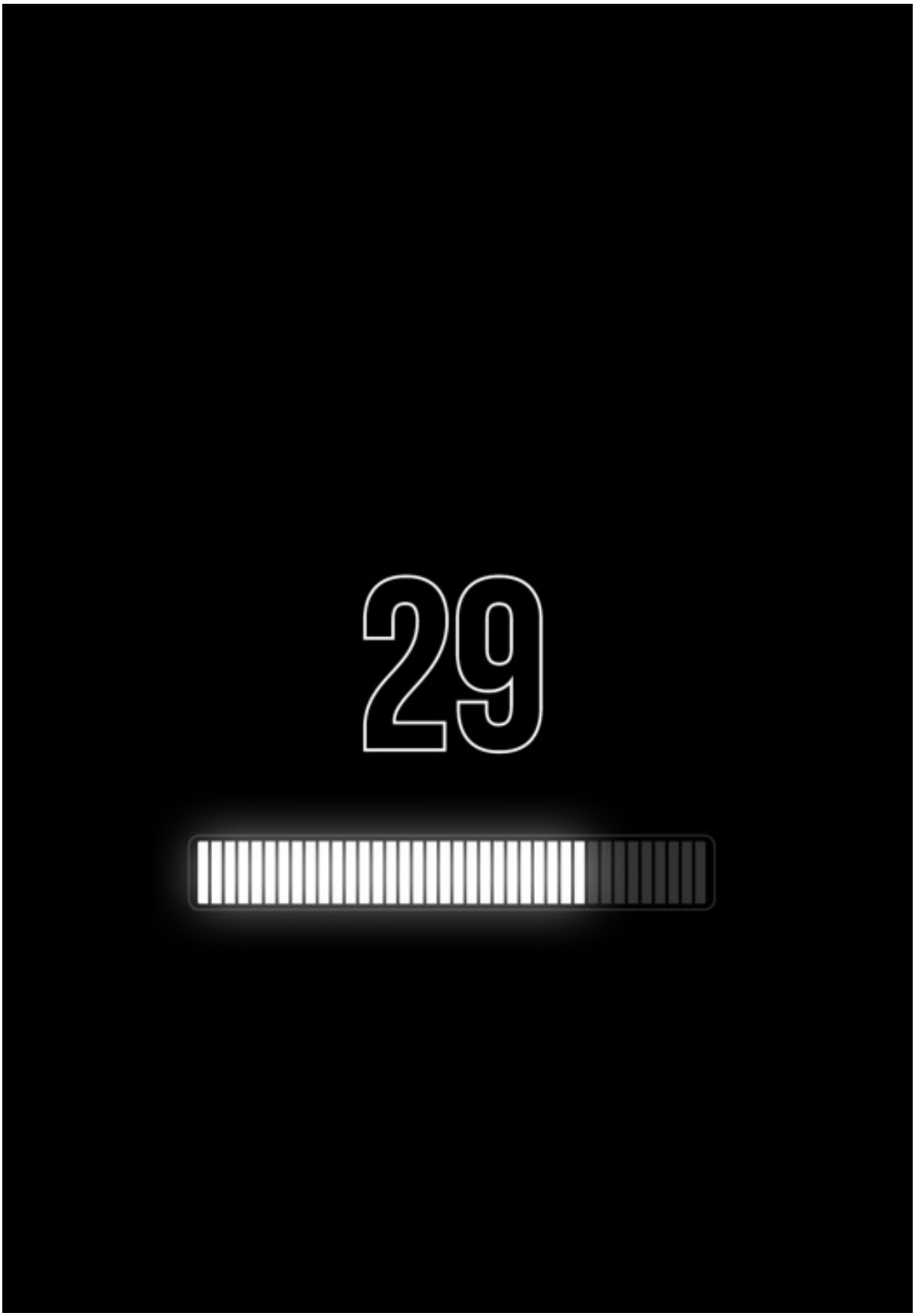
– Bom saber disso.

– Sim, talvez – disse Lantier. – Mas nem sempre dá certo. Você podia achar que se passaram mil anos e só foram dez minutos na Quarta-D. Ou pode acontecer agora mesmo porque você pensou nisso. O problema é esse. Você não sabe. – Ele deu de ombros. Um cigarro aceso apareceu em sua boca, e ele o mastigou e soltou fumaça feito a caldeira acima dele. – Um pouco de incerteza coloca mais tempero na vida. Meu último feito na Quarta-D: matei dois comandos da S.H.I.E.L.D.

– E está me dizendo isso por quê?

– Porque não me importa. Quando eu era uma pessoa, importava. Mas Zola me tirou isso há muito tempo. Estou dizendo tudo diretamente a você porque não ligo se vai conseguir o que quer. O que mais me importa, só porque até pouco tempo atrás eu era uma forma de carne viva e ainda me lembro das emoções, o que mais me importa é que Zola receba de volta um pouco do que me fez passar. É isso.

Lantier ficou calado. Tony não tinha nada a acrescentar. Pensou nos dois comandos da S.H.I.E.L.D. mortos, e como ele poderia ter feito tudo diferente para que eles não tivessem que morrer na fábrica de chocolate. O trem roncou e apitou, em direção às luzes. Estavam, sem dúvida, mais perto. Coisas surgiam do nada e morriam, pegas pelo limpa-trilhos. E nem pareciam se importar.


29

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Interruptor de sinal de amplo espectro.

DESCRIÇÃO

Sistema de anticomunicação integrado com satélite e sistema de comando-e-controle para campo de batalha. Direciona e quebra, com inteligência, frequências determinadas como originadas de fonte inimiga direcionando disparos de ruído na fonte das comunicações cuja interrupção é desejada, em vez de transmitir uma potência mais alta de ruído pelos canais usados pelos elementos hostis. Ignora transmissões, mesmo as que se encontram nas mesmas frequências, que carregam criptografia de fontes aliadas ou que relatam origem aliada.

ARGUMENTO

Tecnologias existentes para obstruir comunicações são, em geral, facas de dois gumes devido à falta de seletividade. Tecnologias de obstrução baseadas em frequência vazam para frequências próximas, geralmente comprometendo comunicações aliadas, levando quase a zero o benefício dos procedimentos de obstrução. O Interruptor de Sinal de Amplo Espectro (ISAE) das Indústrias Stark é uma tecnologia de obstrução pontual capaz de executar interrupção de transmissão estreitamente focalizada com mínimo vazamento de frequência e alta seletividade de alvo. Integrada à armadura corporal pessoal das Indústrias Stark, o ISAE transforma cada soldado num interruptor de comunicações em campo de batalha, ampliando muito a dificuldade no coordenar tático do inimigo.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Eram duas da manhã, e Nick Fury já não era tão jovem quanto antes. Bocejava.

– Vá tirar uma soneca, Nick – disse Pepper. – Não tem por que estragar seu sono de beleza.

Tudo estivera calmo durante os dez minutos anteriores. Fury imaginou as forças da Hidra compartilhando pentes de balas, tomando um copo de água, coordenando os passos seguintes com seja lá qual fosse sua estrutura de comando. Onde estaria Zola? Estava lá fora, devia estar a caminho.

– Nada pode me deixar mais lindo do que já sou, srta. Potts – ele retrucou.

– Eles devem ter descoberto a uma hora dessas.

– O quê?

– Que, se destruírem esse terminal, podem impedir que Tony volte.

Pepper falou baixo, mas Fury havia liderado homens e mulheres tempo suficiente para detectar a tensão que a dominava naquele momento.

– Talvez não. Eles estão é contentes, nos mantendo aqui presos enquanto Zola volta com seu novo corpo.

– Por que a S.H.I.E.L.D. não deixa você convocar apoio aéreo? Sabe que ele não está aqui, todos nós sabemos disso. Três helicópteros resolveriam tudo de uma vez.

Fury encontrou um charuto no bolso da camisa. Tateou os bolsos à procura do isqueiro, mas não encontrou.

– Depois teríamos que caçar Zola de novo. Não é a primeira vez que sirvo de isca. Talvez seja a sua. Não é legal, mas às vezes é o que dá mais certo.

– Tony é a isca. É isso que vai trazer Zola de volta pra cá. Ele não dá a mínima pro resto.

A tela em frente a Pepper acendeu, e ela deu um pulo. Clicou num ícone que piscava e fitou a tela por um bom tempo.

– Happy saiu do hospital. O médico acha que ele está vindo pra cá.

Ambos sabiam que, se Happy estava a caminho, chegaria pelo ar, e ambos lembravam-se do som dos helicópteros explodindo no chão por volta da meia-noite.

– Consegue entrar em contato com ele? – perguntou Fury.

Ela já estava com o celular na mão. Enquanto digitava o número, Fury ouviu um carro dar partida no estacionamento. Com um gesto, mandou o soldado mais próximo de uma das janelas dos fundos espiar lá fora e ver o que estava acontecendo. Com a ajuda de um espelho, o soldado obedeceu, e disse:

– O-oh. Parece que...

O motor do carro roncou muito alto, e poucos segundos depois uma picape Ford invadiu a plataforma de carregamento, colidindo com o batente de uma das portas. A porta cedeu das dobradiças, e a picape ficou ali parada enquanto Fury e todos que podiam atiraram e detonaram o motorista bem na entrada. Fumaça desprendeu-se do capô arruinado da picape, e fluidos pingaram do motor.

– Vai feder aqui dentro, e rápido, se essa coisa pegar fogo – Fury murmurou.

Três canos de rifles apareceram sobre a beirada da caçamba da picape. Enquanto os agentes da S.H.I.E.L.D. ajustavam seu foco, o inimigo cobriu com tiros o andar de testes. O tiroteio às cegas explodiu diversos equipamentos. Nos fundos da sala, as armaduras gastas, antigas, do Homem de Ferro balançaram em suas molduras conforme ricochetearam balas que as atingiram. Dois comandos aproximaram-se do terminal de controle para atirar melhor. Eles deitaram de bruços e detonaram a caçamba da picape. Sobre o barulho do tiroteio, ouviu-se o baque da porta da caçamba abrindo-se com tudo. Os tiros cessaram. A caminhonete ficou ali parada sobre os pneus murchos, vazando e soltando fumaça... Uma trilha de fluido corria por debaixo da caçamba. Fury começou a sentir o cheiro do gás.

Acho que sei o que vem agora, pensou ele.

E estava certo. Entrando em cena, pelo canto da porta, entre os pneus murchos da picape, chegou um pequeno cilindro de metal. Três, dois, um…

– Abaixem! – Fury gritou. Ele baixou a cabeça quando o projétil incendiário explodiu, explodindo com ele o tanque de gás.

• • • •

– Antes de os soldados da S.H.I.E.L.D. me matarem e eu vir parar aqui de vez – Lantier disse, inesperadamente –, sempre pensei que ficaria sempre olhando pra cá lá de fora. Zola jamais me deixaria ficar preso aqui. Eu vinha aqui visitar, claro, mas ele me trazia pra fora. Eu era útil pra ele. Maheu, o outro clone, aquele azedo. Ele nunca gostou de mim. Acho que logo ele ia me matar.

– Soldados da S.H.I.E.L.D., é? – Tony induziu.

– Estavam atirando pra todo canto à procura da mulher – disse Lantier. O trem começou a desacelerar. Tony observava, inclinado para fora da janela, vendo os trilhos aparecerem conforme o trem se avançava sobre eles. Surgiu uma bifurcação, e o trem parou exatamente nela.

– Conseguiram tirar a mulher de lá? – ele perguntou.

– Ela vai sair, mas não exatamente por causa deles – disse o condutor.

– Mas ela vai sair.

– Sim. Depois um dos agentes da S.H.I.E.L.D. vai detonar o prédio. Boa viagem. Odiava aquele lugar. – Um titânico sibilo de vapor escapou da caldeira quando a locomotiva parou. – Talvez eu não esteja contando a história exatamente do jeito que vai acontecer, mas a essência é essa.

Serena estava viva, e a fábrica de chocolate já era. Tony achou tudo muito bom, mas Lantier não mencionara Zola. Ele resolveu perguntar, mas o condutor já estava bem distante dele.

– Acho que Zola não está mais interessado na sua amiga, a moça. Sugeri que nos livrássemos dela dias atrás, mas ele achou que ela seria uma boa carta pra jogar. Do jeito que as coisas se deram, talvez ele tivesse razão. Ele costuma ter.

– Então, onde está ele agora?

Lantier pensou um pouco antes de responder. Ocorreu a Tony que a aparência de Lantier pensando devia representar os pedaços de código que compunham o Lantier virtual percorrendo o incrível emaranhado de informações disponíveis e procurando um modo de organizar tudo.*Controle imediato*, pensou ele. Devia haver muito para ele aprender ali – se pudesse livrar-se do Tony Virtual e encontrar um jeito de voltar à Quarta-D a tempo de impedir que Zola executasse a fase final de seu plano.

– Se eu não estiver enganado – disse Lantier –, ele está a caminho do seu laboratório. Acho que as coisas estão muito perto de acontecer por lá. A pressão aumentou.

Tony saltou para fora da cabine e desceu para a plataforma.

– Agradeço pela carona – disse.

– Agradeço pela chance de cortar a brisa – disse Lantier.

Ele teria dito mais, e Tony também, mas as coisas não funcionariam desse jeito. Um Tony funcionário da estação não visto ainda girou a locomotiva para que ela pudesse voltar sobre os trilhos para onde quer que Lantier escolhesse ir depois.

Então aquela era a cidade no centro do mundo virtual. Tony passou por magos duelando nos topos de torres feitas de ossos de dragão, e gangues de híbridos de humanos e animais pós-adolescentes que lembrava uma mistura de Teletubbies com personagens de *A ilha do doutor Moreau*. Ouviu dizer que os planos de Diablo estavam prestes a ocorrer, e que a morte de Evan Chan significava que ia acontecer alguma coisa com o plâncton senciente que cobria os oceanos do mundo. Passou por um estádio no qual foi seduzido a assistir um jogo de beisebol entre jogadores mortos e projeções dos heróis do momento – todos nus. Recebeu propostas de quase toda pessoa com que cruzava, e decidiu, após a sexta, que responderia a cada uma com uma simples pergunta: onde está o Tony Virtual?

– Oh – disse um texugo de olhos brilhantes que usava cota de malha e portava uma lança numa das mãos e uma foto de Britney Spears na outra. – Tony Virtual? Sim. Ele... – O texugo apontou com a lança na direção do centro da cidade. – Em algum lugar por ali.

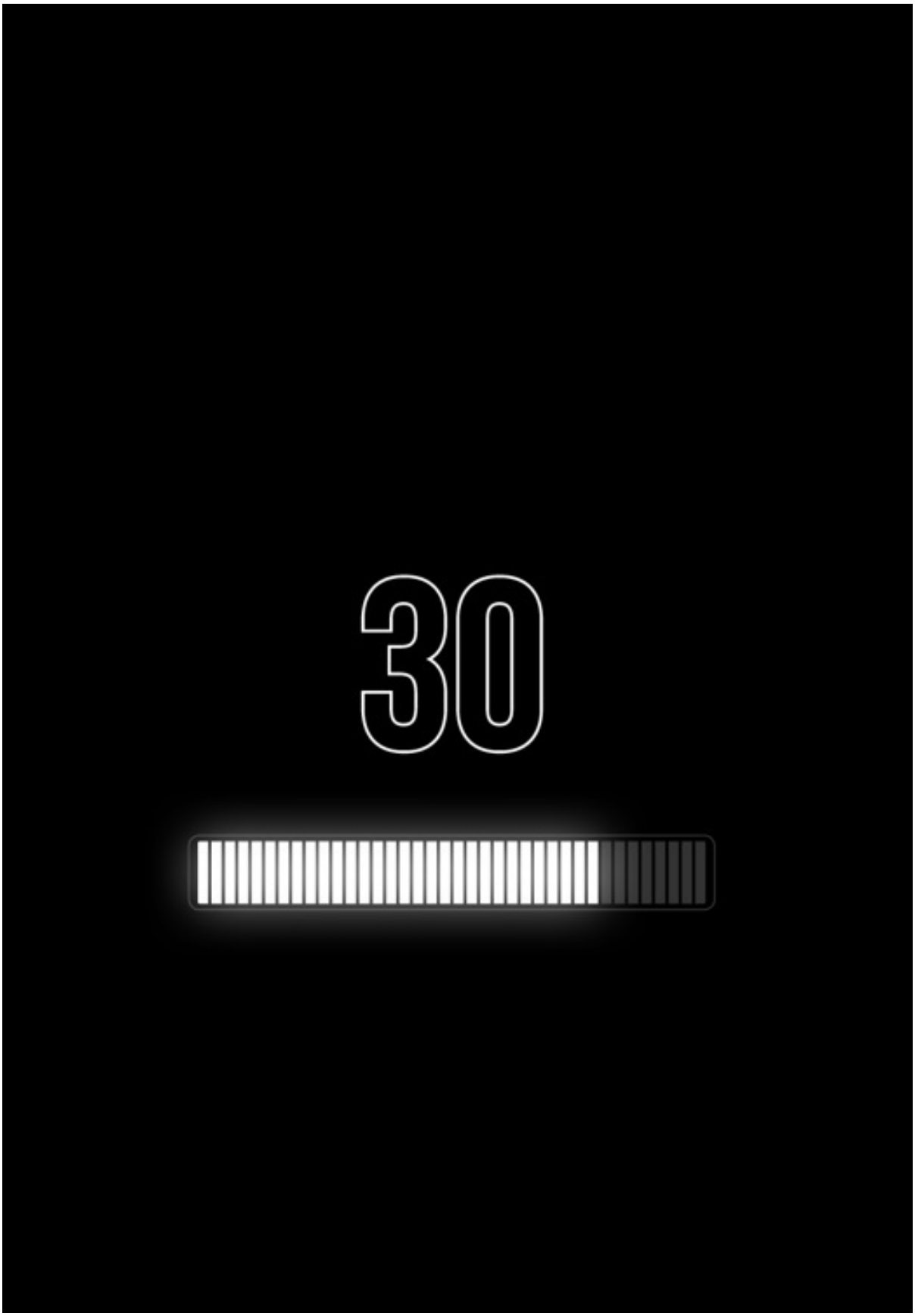
Seguindo a ponta da lança, Tony encontrou um fluxo de dados que percorria a cidade. Fez sentido. Embora fantástico, o mundo criado pelos avatares, em certo sentido, tinha de refletir o entendimento das pessoas reais da Quarta-D que criaram avatares. Então talvez fluxos de dados levassem a linhas principais de banda, a antiga espinha dorsal, nó após nó, que compunha a primeira versão da internet.

Ele teve a impressão de que seguindo o fluxo acabaria chegando a uma espécie de centro, e que o Tony Virtual estaria lá, porque onde mais haveria de ocorrer o desfecho senão num tipo de centro de um espaço virtual no qual ninguém usava suas verdadeiras faces? Era essa a lógica que funcionava Lá Dentro. Tony fechou os olhos e resolveu que arriscar. Estava colocando diversas vidas num jogo de dados, mas sabia que na Quarta-D o tempo estava passando e Zola já devia ter outro corpo, e as coisas no Laboratório de ITR estavam piorando, se é que já não estavam terríveis. Pepper estava lá, e Rhodey. E até Fury, que Tony passara vinte anos tentando não gostar e mesmo assim não conseguia.

– MDP. Tony Stark. Começar extração em dez minutos, hora da Quarta-D.

Sobre as ondas do rio de dados, um pescador corcunda disse:

– Dez minutos. Melhor estar pronto.


30

As cabeças da Hidra primeiro mergulharam suas presas no mundo, no amanhecer da consciência humana, quando o homem descobriu que poderia tomar o mundo em suas mãos e transformá-lo. O primeiro uso de um instrumento afiado foi alquímico, criando um novo mundo a partir dos materiais do antigo. A Hidra cresceu com cada mente que viu não o que o mundo era, mas o que poderia ser. As forças da escuridão cortaram as cabeças dos malucos e hereges que viram através do Real e discerniram os contornos do Possível – entretanto, com cada decapitação, as cabeças da Hidra se multiplicaram. Séculos e milênios se passaram, e as cabeças da Hidra se tornaram incontáveis, cérebros distribuídos numa rede que observou a civilização humana e a encontrou desejosa, ardendo com potencial. Esse é o legado que tomei, a herança que esperava que Zola a reivindicasse. A Hidra é minha, e sou o primeiro líder digno de seu projeto. Transformei os materiais de corpos e mentes. Trouxe à vida o super-homem. Erradiquei as barreiras entre o organismo e os trabalhos das mãos humanas. Pavimentei o caminho para o surgimento de algo irreconhecível e transcendente, que será o Anúncio de uma nova humanidade, livre dos limites do genoma e do ambiente. Isso está ao nosso alcance. Vocês, a quem eu criei, são as cabeças da Hidra, mordendo e envenenando os corpos corrompidos de uma civilização que não é sábia o bastante para perceber que está morrendo, e deve morrer para abrir caminho para que comece uma nova vida. Siga-me, Hidra!

Serena percebeu que tudo ficou quieto. Ninguém mais atirava no corredor nem em algumas salas acima, e Zola ficou calado, à porta, enquanto as Oito Madames aguardavam suas instruções. Três delas limpavam as espadas usando a roupa de cama. Ela não reclamou. Ia morrer logo. Zola não tinha motivo para mantê-la viva tendo a S.H.I.E.L.D. tomado atitude. Serena havia sido um ornamento. Uma presença requisitada em eventos sociais e festas de alto

padrão nas quais as pessoas queriam tirar fotos dela e convencê-la a fazer comentários de aparência superficial para que pudessem transmitir na TV, ou no rádio, para benefício próprio, às suas custas. Ela sabia como era ser usada. Mas jamais tivera a sensação de ter servido ao propósito tão final e fatalmente.

Saber que um clone estivera por aí na cidade passando-se por ela tornava tudo pior ainda. Ela não sabia o que a criatura vinha fazendo, que tipo de impressão deixara. Ia morrer, e nem sabia como haviam sido suas três últimas semanas de vida, já que, enquanto o clone percorria o mundo vivendo sua vida, ela estivera aprisionada ali. Passou por sua mente que já morrera de todo modo possível. Tudo o que restava a Zola ou a uma das Oito Madames era fazer o corpo dela parar de funcionar.

– Bem – disse Zola –, a qualquer momento, os membros restantes da equipe da S.H.I.E.L.D. enviada para extrair você chegarão a essa porta. Eventos desagradáveis sucederão. Espero que fique fora do caminho.

– Por que me manteve viva? – Serena perguntou. No fim, não importava, mas ela quis saber.

– Fui aconselhado ao contrário – disse Zola. Refletiu um pouco. – Um gosto pessoal, talvez. Não seria a primeira vez que minhas reações emocionais geraram dificuldades profissionais.

Então ele ergueu o rosto e levou um dedo aos lábios. Serena quis gritar, mas as possibilidades giraram em sua mente. Se ela fizesse barulho, e a equipe da S.H.I.E.L.D. entrasse pela porta, Zola e as Madames os arrasariam. Se ela fizesse barulho e a equipe da S.H.I.E.L.D. fosse procurar a saída, uma das Madames a mataria e o restante perseguiria os agentes. Talvez sua única escolha fosse ficar quieta e contar com o treinamento deles. Deviam saber como invadir um cômodo. Haviam feito isso durante as horas anteriores, não?

Mas havia oito cabeças decapitadas sobre a escrivaninha. Serena não sabia o que fazer. O mundo não devia jamais ser desse jeito.

– Madames – Zola disse baixinho. – Hora de ir.

Ele abriu a porta e entrou no corredor, como se recebesse visitantes há muito esperados.

– Não não não não – disse Serena, mas ela não podia fazer nada.

As Oito Madames esperaram até o primeiro disparo. Depois dançaram porta afora, fluidas e subitamente quase invisíveis, como se conhecessem as sombras e pudessem nelas habitar. Serena assistiu, e gritou com uma alegria sanguinária quando viu uma das Madames contorcer-se e tombar, saindo de seu campo de visão, deixando jorros de sangue na porta. Depois, ficou quieta. Ouviu mais tiros no corredor, e gritos, e o tilintar de espadas. Serena olhava para a frente, imóvel, forçando-se a não pensar que todos aqueles soldados lá fora estavam morrendo porque Tony Stark os enviara para encontrá-la.

Algum tempo depois, Zola voltou para o quarto.

– Deixarei permanentemente esta instalação, srta. Borland. Você também está livre para sair quando quiser. Espero que, apesar das circunstâncias difíceis de sua estadia, tenha considerado a Hidra um hospedeiro responsável e confortante. Talvez nossos caminhos se cruzem novamente, no futuro. Adeus.

Ela ouviu os passos do homem conforme ele foi andando pelo corredor, mas, mesmo com as cabeças decepadas dos comandos da S.H.I.E.L.D. fitando-a com olhos vidrados sobre a escrivaninha, ela demorou muito para levantar-se e enfrentar o que sabia que veria quando cruzasse a porta.

• • • •

A lenga-lenga não funcionou com o sargento. Happy o nocauteou e entrou no helicóptero, depois alçou voo, antes que pudesse ser capturado. Se quisessem impedir que ele chegasse ao Laboratório de ITR, teriam que derrubá-lo a tiros. O comunicador da aeronave começou a guinchar para ele quase de imediato.

– Aqui é o controle de voo da S.H.I.E.L.D., Ilha do Governador. Identifique-se.

Happy obedeceu.

– Hogan, devolva o helicóptero. Estamos autorizados para derrubar qualquer aeronave roubada deste local. Estamos autorizados, também, a

derrubar qualquer um que se aproxime do raio de um quilômetro do Laboratório de ITR das Indústrias Stark, devido às operações em andamento.

– Espere um segundo – disse Happy. – Por causa das operações da S.H.I.E.L.D. vocês vão derrubar qualquer helicóptero da S.H.I.E.L.D. que for pra lá?

– Essa é nossa autorização – disse o controlador de voo.

– Parece que vocês têm duas autorizações. Vou roubar este passarinho, e vou até o laboratório. Escolha uma das duas.

O agente da Ilha ficou calado. Cerca de um minuto depois, quando Happy se aproximava do Brooklyn Navy Yard, o controlador voltou a falar.

– Saiba que existe forte evidência de operação psicológica, especificamente contra pilotos, na área ao redor do Laboratório de ITR.

– Especificamente contra pilotos?

O agente quebrou sua conduta cuidadosamente imperiosa de controlador:

– Happy, queria que fosse brincadeira. Doze aeronaves caíram ao mesmo tempo lá um pouco após a meia-noite. Não foi falha mecânica, nada disso. Doze pilotos foram pro chão. Tem como explicar?

– Controle, posso entrar em contato quando estiver mais perto? Posso precisar de uma mãozinha pra fazer um plano.

O controlador concordou, considerando a natureza extraordinária e inusitada da situação. Happy voou por sobre Long Island. Seu celular tocou. Era Pepper. Ele não atendeu.

• • • •

Rumando contra o fluxo de dados, Tony caminhou ao longo de uma trilha à margem do rio feita de pacotes de dados perdidos. Quando seu pé tocava um deles, o objeto tentava grudar-se nele com um sibilo fraco e pipocar de uns e zeros que nunca mais seriam compilados. Havia luz no céu, mas ele não sabia de onde vinha. Criaturas e máquinas aladas circulavam e voavam acima. Alguns eram avatares, ele supôs, e alguns eram constructos emergentes dos espaços

vazios entre setores de um disco rígido que poderia existir em Bangalore ou Boston ou Brisbane. Em qualquer lugar. Qualquer uma daquelas coisas poderia estar em qualquer lugar no mundo real, mas estava tudo no mesmo lugar ali. O espaço não significava nada. Tony imaginou quanto ele não via, quantos seres e avatares e constructos invisíveis deviam existir em torno dele, experimentando o mundo virtual numa linguagem construída com princípios que o cérebro humano não poderia descrever. Independente do que aconteceria com o Tony Virtual, o Tony Stark real nunca mais veria o mundo real com os mesmos olhos. Naquele lugar, todas as dimensões se juntavam; entretanto, ele podia enquadrar e organizar tudo como se fosse a Quarta-D.

– Pare de pensar tão alto – disse um avatar que passava. Era uma água-marinha com joias nos tentáculos e um cérebro humano no centro. – Todo mundo tem problemas ontológicos – ela acrescentou, antes de sair flutuando. Um dos tentáculos avançou para paralisar um peixe que surgiu no exato momento em que o tentáculo o tocou. Tony estava prestes a dizer que águas-marinhas não faziam uma coisa dessas, mas conteve-se. Lá Dentro, faziam sim.

Abruptamente, ele ficou cansado da situação. Se podia ser totalmente e transformativamente diferente, ele queria que fosse. Do jeito que as coisas estavam – pelo menos no quadro de referência que ele tinha –, não estava diferente o bastante. Surreal, sim. Interessante, sim. Mas, no fim das contas, só uma linguagem diferente para falar das mesmas coisas de sempre.

– Tony Virtual! – ele chamou. – Vamos resolver isso!

Não esperava uma resposta, e não teve nenhuma. Andou mais rápido.

– Pepper – disse. – Não sei se pode me ouvir, mas se eu sobreviver aos próximos dez minutos, você bem que podia pedir uma pizza ou qualquer coisa. Deixe pronta pra quando eu terminar de detonar o Zola.

– As pessoas não falam sozinhas por aqui – disse o acompanhante. Tony olhou para a direita para ver se ele havia mudado. Não havia.

– Eu não estava falando sozinho.

O acompanhante fez que sim.

– Estava. Só não sabia disso. Quer levar uma mensagem à Quarta-D? Pode fazer desse jeito. – Ele se curvou e pegou uma das pedras do pavimento, da

trilha à margem do rio. Depois de limpar os uns e zeros soltos, o acompanhante a entregou a Tony. – Coloque sua mensagem aí e jogue no rio.

Tony olhou da pedra para o acompanhante para a pedra.

– Como? Falar com ela?

– Se quiser. Ou só pense, o que seja.

Tony resolveu pensar. Mesmo Lá Dentro, estava ciente das pressões sociais normativas, pelo visto. Não queria que avatares em forma de água-viva que passassem por ali o achassem esquisito. Depois jogou a pedra no rio. Ela não pousou, exatamente; conforme se aproximou da superfície dos dados, foi sugada para dentro do fluxo sem gerar uma onda sequer.

– Essa deve atravessar – disse o acompanhante. – Ou talvez não. Difícil saber. O que você disse?

– Não sabe?

– Do jeito que você criptografou? De jeito nenhum. Não faço a menor ideia.

– Não sabia que eu tinha criptografado.

– Bom, criptografou. – Os dois foram andando. O acompanhante parou e apontou para a frente, um pouco para o alto. – Aquele é o lugar que você está procurando.

Olhando ao redor, Tony viu que haviam se afastado do rio. Ou que o rio havia se afastado deles. Vai saber. Pararam na base de uma escadaria suave que subia numa curva, espiralando até um ponto central no qual desaparecia.

– Lá em cima, é? Naquela parte em que não tem nada?

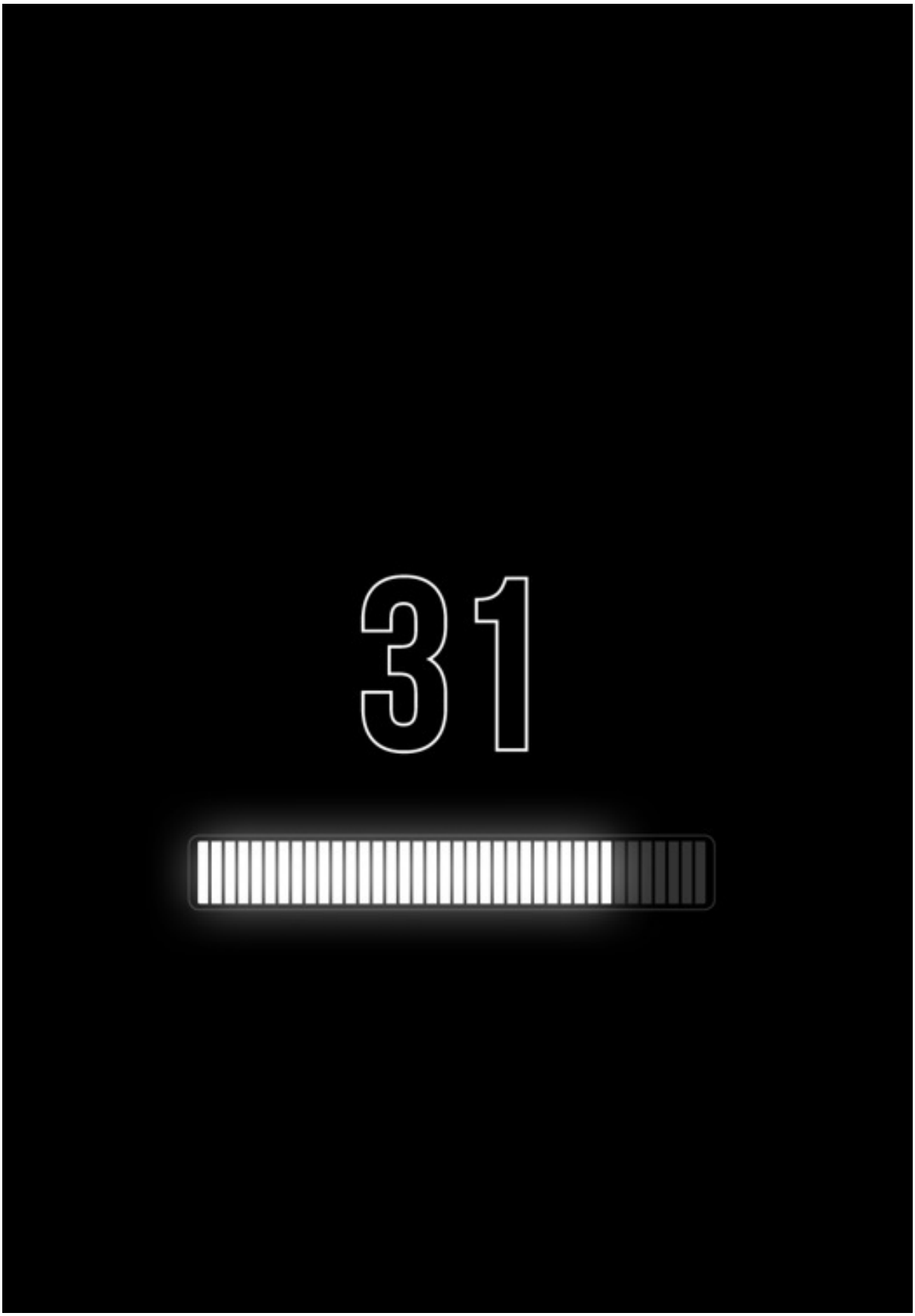
– Não vai ser nada quando você chegar lá – disse o acompanhante.

Tony não pôde evitar. Entortou os olhos.

– Claro que não. Certo. Obrigado pelo *tour*.

– Sem problema. Só acabe com o Zola por mim, está bem?

Então o acompanhante se foi, e Tony começou a longa subida escadaria acima.


31

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Reservatório cinético.

DESCRIÇÃO

Uma bateria de energia cinética carregada pela transmissão de potência através dos conversores de força em nanoescala (ou CFNs; ver petição de patente [editado] das Indústrias Stark). O reservatório cinético consiste numa matriz eletromagnética na qual bilhões de nanocontas de tungstênio podem ressoar numa frequência controlada. A força convertida pelos CFNs cria agitação adicional nessas nanocontas que circula pela matriz eletromagnética até que o usuário resolva liberar.

ARGUMENTO

Ao contrário dos reservatórios de energia que captam energia elétrica ou calor para conversão posterior em energia cinética, o reservatório cinético mantém a energia presa em seu estado cinético, eliminando as ineficiências causadas quando a energia é passada de um estado a outro (i.e., na combustão interna, turbinas a vapor, armas de fogo de cartucho tradicionais). Quase 100% da energia colhida e canalizada para dentro do reservatório cinético pode ser reempregado como energia cinética sem mecanismo intermediário.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sem qualquer assistência ou cooperação das agências do governo dos Estados Unidos. Nenhuma restrição de segurança se aplica.

Fury achou incrível como um automóvel podia queimar por tanto tempo, considerando a pouca quantidade de coisas inflamáveis que pareciam haver nele. A picape ainda ardia, e a explosão inicial botara fogo em móveis e objetos ao redor da plataforma de carregamento. A porta também entrou em combustão, e o cheiro da fumaça que desprendia do plástico estava prestes a prejudicar o general. Seu nariz ardia e ele sentia a pior dor de cabeça que já tivera na vida. Estava perdendo anos de vida por respirar seja lá o que fosse. Sem dúvida, não parecia ser oxigênio. O sistema anti-incêndio do laboratório fora acionado, o que diminuía um pouco a fumaça, mas o efeito inicial foi deixar todo mundo na área de testes encharcado até os ossos.

O problema mais sério era que toda aquela água também estava molhando o terminal de controle, e em pouco tempo alguma peça importante podia entrar em curto. Se isso acontecesse, Tony Stark ia se tornar um residente permanente do ciberespaço, e a guerra entre S.H.I.E.L.D. e Hidra passaria para todo um novo campo de batalha no qual Arnim Zola teria a dianteira.

Pepper já havia construído tendas improvisadas sobre a torre do servidor e a interface principal de controle, usando lousas de uma sala de reuniões próxima ao laboratório e, por falta de opção, filme plástico que achou na cozinha. A ideia jamais teria ocorrido a Fury. Não pela primeira vez, ele pensou que era sempre má ideia entrar numa batalha sem ter uma mulher por perto.

– Fale comigo, Pep – disse ele. – Os sistemas estão segurando a onda.

– Ah, meu Deus – ela disse. Fury sentiu um frio na barriga.

– O quê? – Sua mente trocou de marcha, já formando planos de como conduzir a batalha contra a Hidra caso Zola pudesse usar uma versão de Tony Stark engendrada com inteligência artificial como sabotador virtual.

– Tony acionou o protocolo de extração! – Pepper gritou.

Fury sentiu outro frio na barriga.

– E conseguiu?

Não dava para acreditar.

– Está começando. Dez minutos. Menos, agora.

Dez minutos. Se os terminais e servidores continuassem secos, e a Hidra não invadisse o laboratório, e eles todos não morressem asfixiados devido ao

caminhão em chamas.

– Bem – disse Fury –, espero que ele não apareça aqui e nos encontre todos mortos.

• • • •

Hailey contou até cem, ou quase, até não se lembrar mais de quantas vezes recomeçara a contagem. Não sentia as pernas, e não sentia um dos braços, e havia alguém deitado sobre o outro, que estava retorcido, embaixo das costas dela. Sempre que começava a contar, tentava puxar um pouco mais o braço que estava preso. O veneno ardia dentro dela, em todo o corpo. As lágrimas ardiam nos olhos.

Estava morrendo. As mulheres de verde e o gigante que disse ser Zola os atropelaram como se eles nem estivessem ali. Os cinco nem tiveram chance, mal conseguiram conter o avanço do inimigo. Um tiro de muita sorte arrancara os miolos de uma das mulheres, mas foi a única marca que deixaram. A mulher morta jazia a alguns metros de Hailey. Via-se o início de um ferimento, um buraquinho preto, acima do olho esquerdo. Os cabelos muito negros espalhados escondiam o restante da bagunça. Hailey tinha cabelo ruivo, que certa vez tingira de preto. Depois entrou para a Marinha, depois para a S.H.I.E.L.D., e nunca mais tingira os cabelos.

Minha vida está passando em frente aos meus olhos, pensou ela. Soube que estava morrendo desde que o gigante e as sete mulheres de verde desapareceram do corredor. Um pedaço de conversa voltou-lhe à mente, e Hailey percebeu que o gigante – Zola, embora não se parecesse com o Zola que ela viu nas instruções da missão; ele levara a sério a troca de corpos – e as mulheres de verde estavam esperando por eles, sabendo que acabariam encontrando o quarto onde estava a mulher.

Serena Borland.

Depois que Zola falara com ela e saíra, as coisas ficaram quietas por tempo suficiente para que Hailey Donner começasse a pensar que já havia morrido e

estava apenas se acostumando à ideia. Só que a dor não havia passado, e se a dor não passasse após a morte, então seria o fim da única coisa que tornava a ideia aceitável.

Então Serena Borland passou por Hailey. Quis dizer algo, mas a moça chorava, então o que dizer numa situação como essa, mesmo se houvesse forças para falar? Hailey ficou ali, ouvindo os passos de Borland cada vez mais fracos. Ouviu, distante, o elevador.

Finalmente, ela compreendeu o que teria dito a Serena Borland.

Ajude-me a pegar meu detonador.

Hailey contou até cem, ou o mais perto disso que conseguiu. Alcance de atenção era uma das primeiras coisas que o veneno comprometia. Começou a contar de novo. E de novo. Logo se convenceu de que Borland já devia estar fora do prédio, e passou a esforçar-se para tirar o braço de debaixo do peso que o mantinha preso atrás das costas. Demorou muito para Hailey compreender que se tratava do peso de seu próprio corpo. Ela se balançou para a frente e para trás, valendo-se dos músculos fortes que o veneno ainda não havia matado, e lá pelo que talvez fosse a centésima vez que tentara contar até cem, conseguiu liberar o braço. Estava quase dormente, tanto devido ao veneno quanto pelo jeito com que ela deitara em cima dele, mas ela não descansaria enquanto não completasse a última parte da missão. A moça, Borland, já havia saído; nada no prédio deveria mais continuar em pé, operante.

O detonador era um interruptor simples que precisava de uma fórmula complicada para ser ativado. A fórmula era composta de nove coisas ou ideias importantes para Hailey Donner. Tinham que ser ditas ao detonador em ordem correta após sua ativação. Ela sacudiu o braço dormente à frente e meteu o detonador embaixo, para mantê-lo firme, depois apertou o interruptor até que a luz amarela acendeu. Essa era a deixa.

Ela teria apenas uma chance. Sua visão periférica já não funcionava mais, ela estava fria, ouvia estranhos ruídos agudos que coincidiam com listras coloridas que via no fim do corredor.

– Honra – ela disse. – Espaço. Futebol. Rosa. Mergulho. Beagles. Homens. Glacê.

Seu diafragma estava ficando pesado. Concentrando-se totalmente, a major Hailey Donner, no momento final de sua vida, manteve foco suficiente para dizer:

– Bum!

• • • •

Rhodey recebeu a notícia do protocolo de extração assim que a busca que estava fazendo na vigilância do perímetro do Laboratório de ITR captou um grupo grande de agentes da Hidra recuando para os limites da propriedade, perto de onde a cerca dava na margem serpenteante do rio. Ainda havia muitos deles nos arredores, atrás de carros e barreiras de segurança que Tony colocara atrás da cerca que partia da via de acesso à rodovia de Long Island. Ninguém saía do lugar. Então que teria ido fazer esse grupo de Happy Hogans lá no canto?

– General. Movimento na direção do perímetro?

– Sobre o perímetro? – Fury respondeu.

– Não, senhor. Na direção do perímetro. Um grupo de dez, mais ou menos. Parece que estão aprontando alguma coisa lá.

– Aposto que Zola está a caminho. Fique alerta, Rhodey. Os próximos dez minutos não serão tranquilos.

Ótimo, pensou Rhodey. Se havia algo que ele odiava era um beco sem saída, e se encontram dentro perante um. A Hidra não conseguia entrar de uma vez, mas a S.H.I.E.L.D. não conseguia mandá-los embora. Rhodey detinha controle total da entrada principal do Laboratório de ITR, e boa zona de tiro ao longo de todas as paredes exteriores, a não ser a dos fundos, atrás da área de testes. O general Fury estava encurralado ali. A Hidra tinha mão de obra suficiente para um ataque maciço contra a defesa da S.H.I.E.L.D., mas não em quantidade muito boa – e, pensou Rhodey com certo orgulho, a qualidade dos soldados deles não era muito boa – para que tal ataque tivesse grande chance de sucesso.

Se pudessem segurar as pontas até que Tony voltasse de onde diabos estava, ia dar tudo certo.

Uma rodada de tiros de rifle atingiu o VTB em que Rhodey estava encostado. Ele sentiu o impacto através do pneu às suas costas. Dez minutos. Agora, nove. Ele conferiu a lista que todo agente conferia quando tinha um intervalo em meio à batalha. Forças distribuídas corretamente? Certo. Linhas de comunicação intatas? Certo. Ordens de batalha claras? Certo.

– Recarreguem as armas e fiquem atentos, rapazes – ele disse ao comunicador. – Estamos na reta final.

• • • •

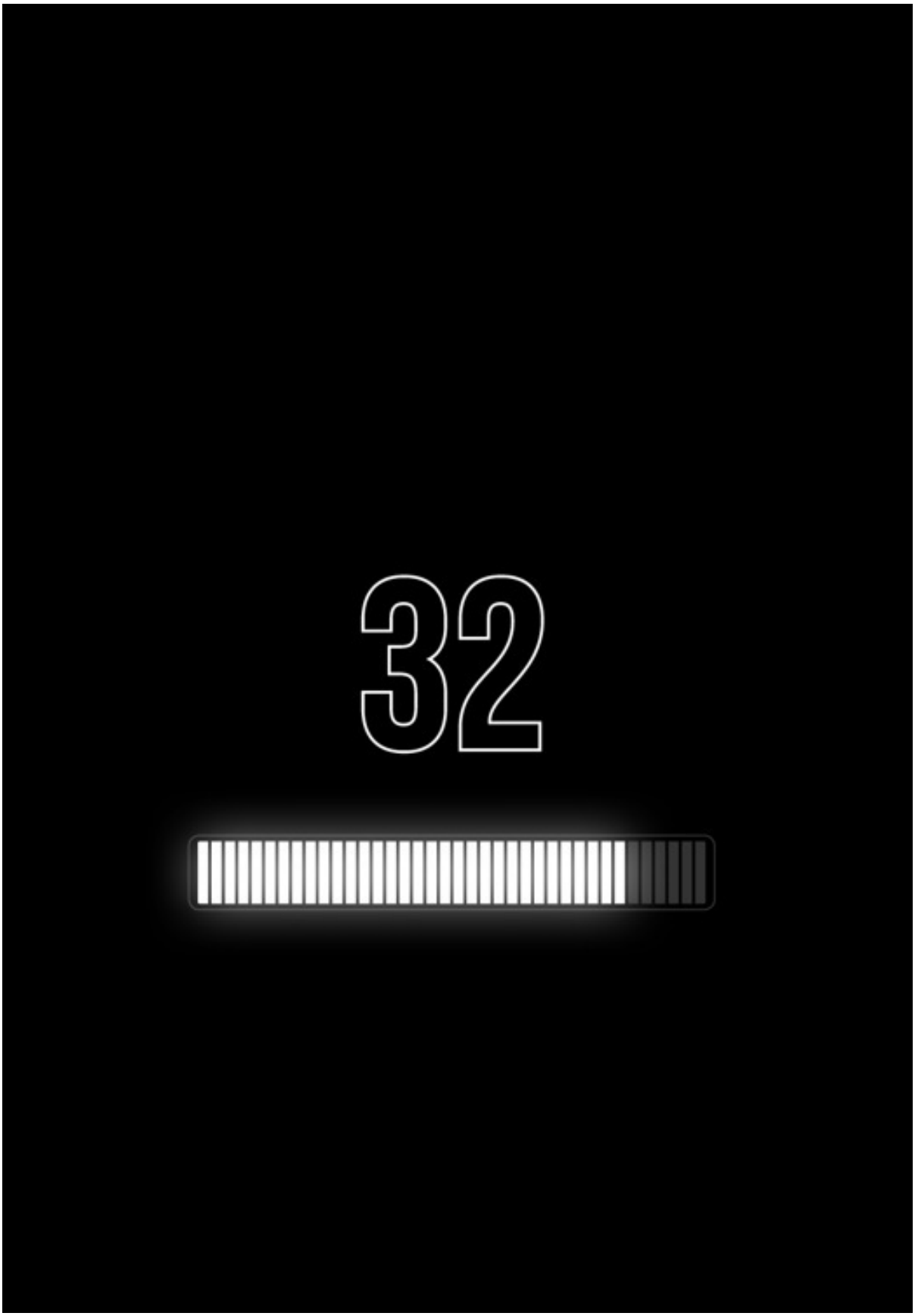
Uma das coisas favoritas de Zola em seu novo corpo era poder voar. Não num veículo nem num treco exoesquelético como as armaduras de Tony Stark. Ele colocou a habilidade de voar dentro de seu corpo. Era uma máquina biológica, aperfeiçoada com aplicativos mecânicos nos quais a evolução ainda não realizara o que a mente humana podia imaginar. Ele podia voar. As Oito– *correção*, pensou ele, irritado,*Sete* – Madames voavam atrás no helicóptero invisível que ele mantivera inicialmente na cobertura da fábrica como veículo de fuga emergencial. A aeronave levava sua nova e bela tropa de choque para o confronto decisivo com as forças da S.H.I.E.L.D., que não faziam ideia do que lhes aguardava. Era linda a sensação de ter o elemento da surpresa ao seu lado. Zola estava acostumado a saber coisas que as outras pessoas não sabiam nem podiam saber, mas o elemento de surpresa estava além disso; era saber algo e também antever o realizar desse saber, a transformação cinética de conhecimento em poder. Era entorpecente, esse antever.

O Laboratório de ITR estava a um quilômetro de distância. Zola desceu à altitude de quarenta metros, e o helicóptero atrás dele o acompanhou. A essa altura, os radares teriam dificuldade de captá-los entre o ruído da cidade. Ele brecou e começou a descer. *Comigo, Madames*, disse ele. *Pousem no estacionamento em frente ao lago, reúnam-se onde eu pousar*.

Ele acabava de sentir que elas assentiam quando uma pequena explosão detonou o motor do helicóptero e as Sete Madames percorreram os duzentos metros finais de sua descida girando loucamente. Zola virou-se para o barulho e viu a aeronave colidir contra um bosque e desintegrar contra o acabamento de cimento de uma ponte. As mentes das Sete Madames gritaram, furiosas, com medo, e então foram abafadas.

A raiva de Zola explodiu com tamanho poder titânico que, por um instante, ele só conseguiu pensar em matar. Forçou-se a pousar, pés no chão, um ser terrestre em corpo, senão em mente. Ampliando sua consciência, ele demandou que as Sete Madames respondessem! Um crepitar de sensiência quase morta poluiu sua mente e causou-lhe enjoo no estômago. *Respondam!*, ele rugiu, e sentiu a onda, em resposta, de confusão e medo vinda dos clones de Happy Hogan que esperavam por sua chegada perto da cerca em torno do Laboratório de ITR. Isso clareou seus pensamentos. Ele era Zola. Era um homem de inteligência e controle. Acalmou os Hogans e procurou novamente por sinais de vida nos escombros do helicóptero.

Duas sobreviveram. Duas Madames. Ele as alcançou e trouxe de volta à consciência, retirando-as do choque físico que abobalhava suas mentes. *Comigo*, disse. *Comigo. Vamos prevalecer*.


32

Happy Hogan, como foi ter esse nome? É porque está sempre feliz ou porque as pessoas se aproveitam de sua lealdade e por isso colocaram-lhe esse apelido no intuito de apadrinhá-lo e fornecer munição para piadas frias ditas pelas suas costas? Ah, agora eu entendo. Porque você não sorria na época em que era boxeador. Que ironia mais pobre. Harold é um nome de rei, um nome heroico; Happy é apelido para um pateta, dado por pessoas que desprezam a felicidade e acreditam que ela é sinônimo de inocência e burrice. O que sua lealdade lhe trouxe na vida, Harold? Achei seus clones fortes e valorosos; mas as pessoas que o empregam o tratam como se fosse um clone. As pessoas com quem se importa estão presas dentro de um edifício que queima lentamente. Cercadas por forças superiores. Por quê? Porque estão cercadas pelos seus clones, Harold, e que homem comum pode vencer você? James Rhodes não, nem Nick Fury. Nenhum homem. E Tony Stark encontra-se viajando nos alcances distantes de sua própria mente. Não retornará. Não quer retornar. Ele o abandonou, e à sua amada Pepper. Vai cloná-los ou atacará para salvá-los do destino que o fez tanto desprezar a si mesmo? Você sabe, Harold. Sabe o que deve fazer.

Subindo escada acima, Tony permitiu que o protótipo da armadura crescesse em torno dele e o selasse. Ele podia ser um avatar também – um avatar do Homem de Ferro, o Homem de Ferro que jamais existira na Quarta-D, mas passaria a existir assim que ele desse conta de seu clone usurpador Lá Dentro.

Ele alcançou o último degrau e parou, vendo um espaço tão imenso que parecia que seu conceito de espaço estava se revendo para acomodar o que os sentidos vivenciavam. Nada na Quarta-D jamais parecera tão vasto... e não havia nada após o último degrau. Não vai ser nada quando você chegar lá, dissera o acompanhante. Estava errado? Mentindo? Conspirando astutamente contra ele com uma dupla negativa?

Nenhuma das anteriores, pensou Tony. Havia algo. Ele ainda não conseguia ver. Seria parte da sacola de truques do Tony Virtual. Ele chegara ali primeiro, e configurara o espaço segundo seu gosto. O Homem de Ferro teria que lidar com esse problema antes de todos os outros; permitira que o inimigo escolhesse o campo de batalha. Fora um erro fundamental, mas Tony não sabia como poderia tê-lo evitado. Sabia, no entanto, como corrigi-lo. Era simples. Tinha que ser mais firme e esperto, e um pouco mais maldoso que o Tony Virtual.

Pensou em Pepper, em Serena, Rhodey e Happy, e em todas as outras pessoas que significavam algo para ele na Quarta-D. Sem corpo e sozinho no amplo vazio de Lá Dentro, Tony teve uma espécie de epifania sobre aquilo de que vinha de fato abrindo mão ao selar-se no Laboratório de ITR com suas fantasias sobre o controle imediato.

O Tony Virtual responderia por isso.

E depois, também Arnim Zola.

Ele deu o último passo para o nada.

• • • •

Cinco minutos passados na contagem da MDP, um dos cabos da torre de servidores foi cuspido da parede em meio a uma explosão de fagulhas e fumaça. A picape não queimava mais com a intensidade de antes; Fury pensou que, assim que pudessem aproximar-se dela novamente, eles contariam com mais uma incursão por parte da Hidra vindo dessa direção. A última lhe custara três homens. Ainda poderiam defender o local – pelos menos, ele achava que sim –, mas se Zola aparecesse de novo, ou a Hidra lançasse mão de algo inusitado, ele precisaria que Rhodey recuasse para dentro do edifício. Ninguém queria isso, talvez somente Zola. Se as forças da S.H.I.E.L.D. ficassem presas dentro do prédio, ele poderia ficar do lado de fora enfraquecendo-a quanto quisesse até resolver entrar. Fury já tinha enviado um agente à procura de uma válvula que fechasse os chuveiros automáticos, mas ficava perto demais de uma janela. A Hidra tinha *snipers* cobrindo todas elas. Então ficaram todos ali mesmo, se

molhando, e tudo ficou molhado. Cedo ou tarde, toda aquela água sobrepujaria até os sistemas de *backup* obsessivos de Tony.

Quando a torre do servidor de *backup* ligou, Fury olhou para Pepper.

– Tudo bem até agora – ela disse, nervosa.

Tony era o trunfo da situação, pensou Fury. Se ele voltasse inteiro e pronto para lutar, as coisas mudariam rapidamente. Senão, estariam todos acabados, rápida ou lentamente, não faria diferença.

– É melhor Tony se apressar.

– É – Pepper respondeu. – Espero que ele saiba disso.

• • • •

Quanto tempo se passara na Quarta-D?, pensou Tony. Talvez ele precisasse se apressar. No nada, surgiu um piso. Quando ele colocou os pés, o som ecoou por paredes recém-criadas para receber o som e refletir o eco. Quando as ondas sonoras criaram o espaço, ele foi totalmente preenchido: um cubo preto brilhante com Tony parado no canto. No canto oposto, vestindo os pijamas preferidos dele e uma bela jaqueta, estava o Tony Virtual.

– Então você chegou.

– Não tinha como ignorar o convite – Tony retrucou. – Como soube dos clones?

– Ah, aquelas coisas velhas? Aqui Dentro, nem todo mundo guarda segredos. Você, com certeza não guarda, principalmente de mim. – Uma taça de martíni apareceu na mão do Tony Virtual. Deu um gole e deixou a taça cair. Ela sumiu sem fazer ruído antes de tocar o solo, ou talvez o tenha atravessado e cairia eternamente pela vastidão de Lá Dentro. – Você sabe que nada disso é realmente como você está vendo, não?

– Até onde eu sei, se isto é como estou vendo, então é como isto é. Achei que essa fosse uma das lições deste lugar.

– Lições? Não há lições aqui. – O Tony Virtual tirou a jaqueta. Ela também desapareceu depois que ele a largou. – Tire a armadura. Vamos resolver isso

feito homens civilizados.

A última coisa no mundo que Tony queria era ser justo.

– Não – ele respondeu.

Tony Virtual abriu um sorriso maldoso.

– Não? Então tá. – Ele ergueu a mão e esticou os dedos. Tony ficou tenso. – Acha que vou te atacar? – disse o Tony Virtual. – Ou atirar algum raio da morte? Não. Não é assim que se faz. Erga o braço, como eu.

Não, pensou Tony. Mas seu braço levantou-se, palma para a frente, os dedos esticados.

– Viu? – disse o Tony Virtual. – Vontade. Você acha que tem. Eu sou feito dela. Sou vontade ambulante, e posso te obrigar a fazer o que eu quiser Aqui Dentro.

Tony estava ciente do tempo e do medo, mas não sabia por quê. Detalhes, causas e efeitos passaram por sua mente e sumiram antes que ele pudesse fixá-los.

– Você está fraco porque tem sido você mesmo por tanto tempo que se esqueceu de que precisa estar sempre tentando ser você para manter-se íntegro. Não era para eu ter a chance de ser você, mas pelo visto eu vou ter, e pra minha sorte você está fraco demais pra me impedir. Erga a outra mão, do mesmo jeito.

Tony ergueu, lutando contra o próprio braço.

– Agora vou até você, e vamos tocar as palmas das mãos, e quando isso acontecer eu serei o único Tony Stark Aqui Dentro, ou na Quarta-D, ou em qualquer lugar – disse o Tony Virtual. Ele deu um passo adiante.

Algo se partiu, como um fio invisível que mantinha a coesão do ar. Em meio à vibração, o cômodo ficou um pouco menos cúbico, o negro, um pouco menos negro. Tony Virtual olhou ao redor.

– Precisa ter cuidado com Zola – disse Tony.

Por um breve instante, ele se lembrou de algo acerca de Zola, e soube que neste não se podia confiar. Era perigoso. Esse perigo tinha algo a ver com o que acabara de acontecer.

– Não estou preocupado com Zola. Ele vai ficar sem corpos antes que eu fique sem vontade.

Tony Virtual deu outro passo à frente, e outro fio invisível se partiu. Tony pôde virar o rosto, não ouviu nada de diferente, mas sentiu que uma grande porção de Lá Dentro acabara de desaparecer.

– Isso está acontecendo com todo mundo Aqui Dentro? O que você acha?

– Está acontecendo o quê? – zombou o Tony Virtual. – Comigo não está acontecendo nada. O que está acontecendo com você? Não é forte o bastante pra se manter intacto Aqui Dentro? Fique bem onde está. Vai acabar tudo num minuto.

Ele se aproximou. Tony sentiu-se abobalhado, precisando de desfragmentação, com falta de robustez e redundância. Sentia o toque do Lá Dentro ilimitado, a sedução do infinito. Pra que querer voltar? Lá Fora havia pessoas, Tony Stark entre elas, com suas necessidades e fracassos e desejos complicados e contraditórios. Lá Dentro a transformação estava ao alcance do pensamento...

Não.

Tudo voltou para ele de uma vez.*Eu me conheço*, Tony pensou.*Esse não é o problema*.

– Estou tendo dificuldade mesmo – disse Tony – é com um pouco de senso de *eu* demais. Que preguiçoso fraco autoaniquilador gostaria de ficar aqui dentro, quando todas as garotas estão na Quarta-D?

Natureza *versus* criação. O Tony Virtual odiava Tony por este ser o primeiro, e amava Lá Dentro por não haver como saber quem era o primeiro, que Tony Virtual era Tony Virtual. Lá Dentro dava para ser aquilo que a pessoa quisesse. Mas era tudo criação, e em algum lugar dentro dele havia um núcleo incorrigível da natureza de Tony Stark, e se havia alguma coisa que o definia, era seu apreço por vinhos, mulheres e música. Tony Virtual lutou por um breve instante contra essa erupção do desejo pelos prazeres da vida, da vida física real – e Tony aproveitou esse momento de fraqueza e distração. As mãos já estavam para o alto, as palmas, para a frente, então foi a coisa mais fácil do mundo arremessar o Tony Virtual através da parede preta brilhante para o nada.

Tony mergulhou logo atrás, os projetores de força ainda fumegando, porque era isso que a mente dele esperava que fizessem mesmo sabendo como

funcionavam. Ele acelerou mais rápido que o Tony Virtual e o capturou. Lá embaixo, Tony viu o rio de dados, aparecendo exatamente onde ele queria. Cada território possuía suas próprias regras. Ele levara muito tempo para aprendê-las, mas aprendera. Caberia ao Tony Virtual sofrer as consequências – e muito provavelmente Tony Stark as sofreria também. Os dois foram caindo.*Só havia um modo de sobreviver*, pensou Tony. Ele aprendera bastante sobre isolamento, mas isso falhara. Era hora de tentar a união.

– Desculpe, Júnior – disse Tony enquanto caíam. – Você não viveu o bastante pra saber o que é vontade.

Tony Virtual debateu-se, tentando libertar-se do outro, mas tratava-se de Tony Stark. O Homem de Ferro. Ele se refez caindo do nada com uma casca vazia de si mesmo, e não a soltou até que mergulharam juntos no rio de dados, que ondulou e rodopiou para baixo, levando para Lá Fora.

• • • •

– Trinta segundos – disse Pepper. A torre do servidor ardia e fumegava, mas, de acordo com o terminal, a MDP ainda funcionava. Estava lenta, no entanto. Deus, como estava lenta. E a mente é uma grande base de dados. Será que o sistema sobreviveria o suficiente para tirar Tony por inteiro do... ciberespaço? Seria essa a palavra?

O que aconteceria se apenas parte dele voltasse?

Fury leu os pensamentos dela, pelo visto.

– Nem pense nisso. Fique de olho no sistema. Controle o que pode controlar. Precisamos de você a postos, Pep.

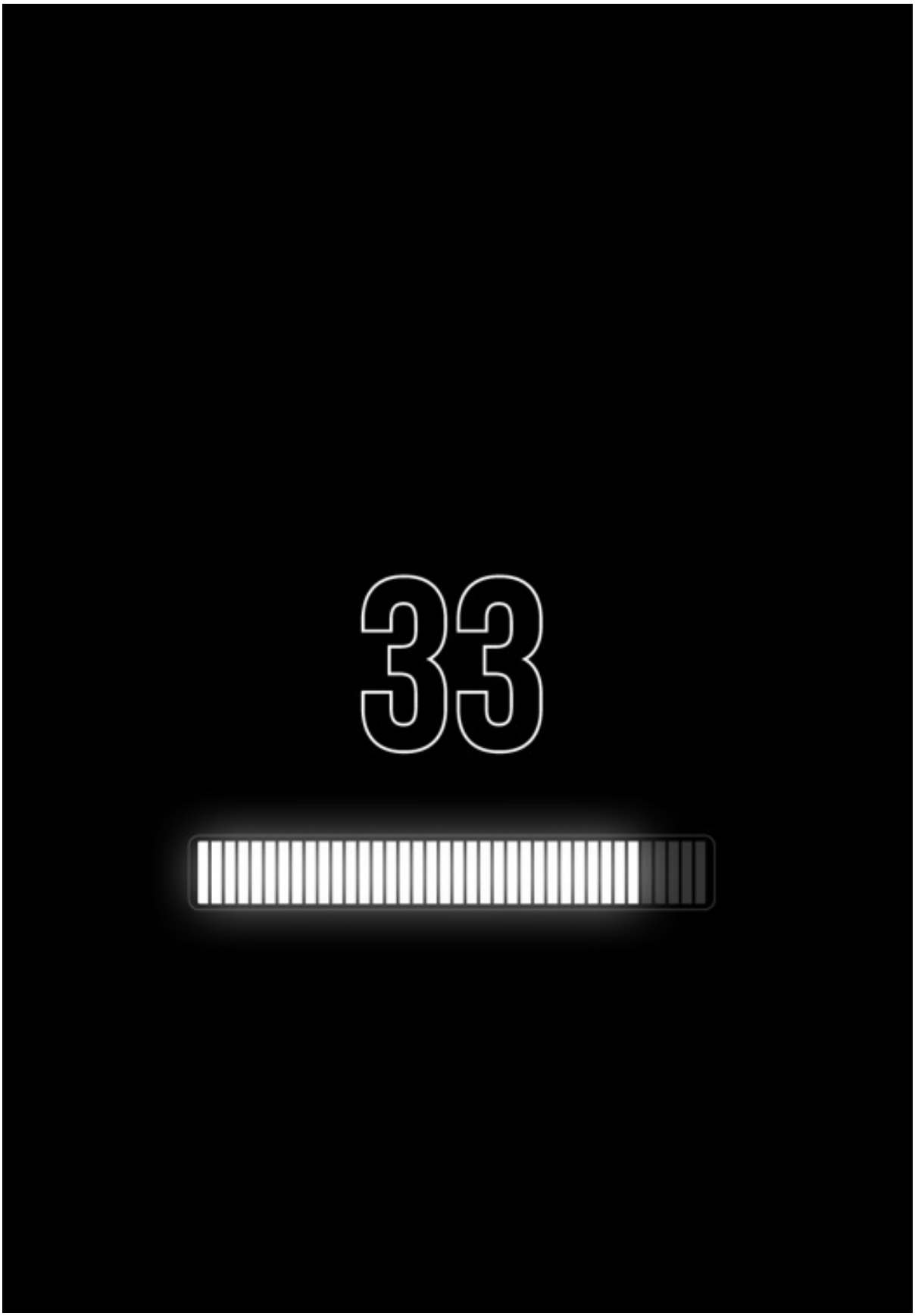
Ela fez que sim, mas não conseguiu olhar para ele. Não conseguia olhar para ninguém. Podia apenas olhar para a contagem regressiva na tela, até o momento em que a MDP começaria a retirar Tony Stark da vastidão virtual de seu exílio.

• • • •

Serena Borland nem vacilou quando a fábrica de chocolate explodiu às suas costas. Uma alegria contundente cresceu dentro dela quando ela se voltou para olhar e viu a bola de fogo, preta na borda. *Morram*, ela pensou. *Todos vocês*. Pedaços de alvenaria e vidro e do maquinário de Zola caíram do céu, pingando aos estilhaços sobre o asfalto partido da 49ª Rua. Ela supôs que, se continuasse a andar, chegaria a alguma rua que conhecia. Parecia estar no Bronx, talvez, mas a rua devia estar errada. Não havia uma 49ª no Queens? No Brooklyn também. Não importava. Ela olhou para o céu, que não via fazia três semanas, e pensou que continuava viva. Todos aqueles soldados morreram lá dentro, mas ela continuava viva. Era preciso agradecer-lhes por isso.

O som de sirenes se aproximou. Serena nem deu bola. Em parte, ela pensou estar sofrendo algum tipo de reação de estresse. Devia estar um pouco mais apavorada, correr pela rua e gritar para os transeuntes, mas não conseguia juntar forças. O único pensamento firme que tinha em mente era que não queria mais fazer parte do mundo de Tony Stark. Ele até que era um cara legal – e um gato, rico, e pertencia aos círculos sociais dos quais Serena gostava de participar –, mas o fato era que, se sair com um cara acabava fazendo a pessoa ser sequestrada, clonada, quase morta e explodida pelos ares, era preciso aceitar que haveria sérios obstáculos para a construção de tal relacionamento.

Ela pensou que podia ligar para ele e dizer isso. Mas estava sem o celular, e ele devia estar ocupado com a questão Zola. Ele podia ligar também. Naquele momento, tudo o que ela quis foi achar um táxi, ir para casa, ligar para a mãe e não fazer nada além de assistir TV e olhar pela janela. Só para ver que continuava tudo ali, que ela continuava viva e fazia parte de tudo.


33

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Projetor de escudo de energia defensivo.

DESCRIÇÃO

O Projetor de Escudo de Energia Defensivo usa hiperconcentrações de energia eletromagnética para criar uma barreira de propósito duplo eficaz contra ataques de energia e projéteis. Eletromagnetos super-resfriados dentro de um campo de isolamento liberam campos focados de energia cujo poder, duração e distância do ponto de origem podem ser automaticamente controlados usando-se sistemas de comando-e-controle acoplados pré-existentes na armadura (como na patente [editado] das Indústrias Stark).

ARGUMENTO

Nenhuma tecnologia existente de projeção de energia pode criar, de modo confiável, repetidamente, um campo de força previsível em distância previsível. As Indústrias Stark já trouxeram inovações nessa área, notavelmente a patente [editado], e o Projetor de Escudo de Energia Defensivo aperfeiçoa essa fundação ao criar um escudo mais poderoso que pode absorver calor e energia eletromagnética, assim como defletir a energia cinética de projéteis físicos. O produto foi testado com energia cinética comparável às transmitidas pela arma principal do tanque M1A1 Abrams, energia de calor comparável à propulsão gerada pelos motores do Raptor F-22 e energia eletromagnética produzida por uma explosão nuclear de 1.4Mt.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Zola captou o constante crepitar eletrônico entre os agentes da S.H.I.E.L.D. agrupados contra ele. A situação era mais ou menos a que ele antevira. As forças encontravam-se equilibradas até que ele inserisse seu novo corpo na equação. Os sistemas de segurança do laboratório estavam muito comprometidos graças aos danos causados aos servidores e pela sabotagem perpetrada por agentes da Hidra no perímetro da propriedade. Tudo fora arranjado para o estágio final do plano. Maheu, caso estivesse presente, sem dúvida teria oferecido um comentário acerbo. Como costumava ocorrer, seu pessimismo teria sido direcionado equivocadamente; se Tony Stark fracassasse ao extrair-se dos espaços infinitos do mundo virtual, Zola vencia na hora. Se Stark retornasse, Zola confiava que seu novo corpo – refinado que fora pelas inovações adaptadas do próprio trabalho de Stark – provariam equiparar-se ao alardeado protótipo da armadura do Homem de Ferro. Tudo corria como esperado.

Dados novos invadiram o escaneamento de Zola.

– Oh – disse ele.

O novo corpo não possuía caixa de PES porque ele pensara que ela depreciaria o efeito geral da construção, mas todas as funções da caixa de PES foram acopladas em diversas partes da anatomia cibernética. Ele sentiu os sinais interruptores vindos do Laboratório de ITR, uma confusão eletronicamente gerada. Na periferia da propriedade do laboratório, os sinais estavam fracos, e Zola podia sentir mentes fora do seu alcance. A que ele focava naquele momento parecia pertencer ao Happy Hogan original.*Que simetria adorável*, pensou Zola.

Estendeu sua consciência e sentiu os contornos da mente de Hogan, a textura de seu cansaço e desespero, o tecido simples de sua devoção, a obscuridade espinhosa do medo. Algumas vezes certo controle tinha de ser conquistado pela força bruta; em outras ocasiões, a mais sutil das sugestões – o recalibrar de uma pequena suposição – poderia criar uma corrente de pensamentos que pareciam fazer sentido perfeitamente. Uma mente desgastada e exausta como a de Happy Hogan era o mais fácil dos alvos para essa gentil indução.

Simultaneamente, ele mandou ordens aos soldados, que usavam meios mais físicos e grosseiros de comunicação. Gestos foram transmitidos ao longo da cerca, até a margem do rio, onde diversos grupos de clones de Hogan encontravam-se agachados nos arbustos perto do buraco que abriram na cerca. Estava quase na hora de resolver o problema com a S.H.I.E.L.D., e com Tony Stark, de uma vez por todas.

As Duas Madames juntaram-se novamente a ele. Estavam feridas, mas operantes, equiparadas a dez comandos da S.H.I.E.L.D. mesmo após todos os ferimentos sofridos.

– Em breve, minhas Madames – disse Zola. – Só temos mais uma coisa a arranjar.

• • • •

Happy aproximou-se do Laboratório de ITR pelo oeste. Diminuindo a velocidade, ele chamou o controlador de voo quando chegou a um quilômetro de distância.

– O que pode me dizer? Como estão as coisas lá embaixo?

– Não consigo ver muita coisa. Parece um beco sem saída; aconteceu alguma coisa com Tony e ninguém sabe onde está Zola. Tem um monte de clones do lado de fora, e nossos agentes dividiram-se entre o estacionamento e dentro do laboratório.

Happy percebeu uma coisa. A S.H.I.E.L.D. estava esperando por um milagre. Estavam presos defendendo uma instalação que não devia servir para nada. Estavam supondo que Tony apareceria para salvar todos, como sempre fazia, mas ninguém o via fazia mais de um mês. Ele já era, o velho Tony não existia mais, fora absorvido pelo sonho do controle imediato e desaparecera no ciberéter. A S.H.I.E.L.D. estava fazendo exatamente o que Zola queria. Estavam se concentrando num ponto único sob circunstâncias ditadas pela Hidra; qualquer agente que tenha assistido que fossem duas semanas de aulas de história militar sabia que deixar o inimigo escolher o local da batalha era meio caminho andado para a derrota.

Havia coisas piores do que a morte.

– Controle, não acho que Tony vai voltar – disse ele.

– Temos informação de que o processo de extração da MDP está em andamento.

Happy balançou a cabeça, sem se importar com o fato de que seu interlocutor não podia ver o movimento.

– Não vai dar certo.

Ver-se transformado em material cru para a criação de um exército acéfalo de clones. Isso sim era pior do que a morte. Lá embaixo, presos dentro e ao redor do Laboratório de ITR, estavam todas as pessoas de que Happy gostava no mundo. Não podia deixar que isso lhes acontecesse também.

É uma decisão complicada, *Happy, mas, no fim, correta. Você sabe o que deve fazer*.

O que ele devia fazer era explodir o laboratório. Isso era certeza.

• • • •

Rhodey contatou o turbocóptero assim que viu a assinatura eletrônica identificada como material da S.H.I.E.L.D.

– Pensei que não era pra vocês zanzarem por aqui. Novas ordens?

– Rhodey, é o Happy.

– Happy? O que está fazendo fora da cama?

– Tony não vai voltar. Zola vai entrar lá e esmagar vocês feito mosquitos. Você não o viu, Rhodey. Não sabe qual é a intenção dele.

– Me parece que você precisa pousar esse helicóptero e tirar uma soneca. – disse Rhodey. – Estamos bem por aqui.

O que era e não era verdade ao mesmo tempo, pensou ele. Eles não viram Zola, de fato, mas Happy tinha visto, por acaso?

Sem fazer ruído, ele anexou o general Fury no canal, colocando Happy no mudo para poder dizer:

– General, melhor você escutar isso.

Quando ele trouxe Happy de volta, ouviram:

– ... não posso aceitar a ideia de ela ser clonada, Rhodey. Não aceito. Ou Zola usar a armadura do Tony. Tony não vai voltar. Se Zola pegar a armadura, todos nós vamos virar clones. Quer que isso aconteça?

– Claro que não – disse Rhodey. – É por isso que estamos aqui.

– Sim, mas não adianta. Não vai dar certo. Temos que garantir.

Rhodey sentiu um frio no estômago.

– Garantir o que, Hap?

– Garantir que Zola não consiga o que quer. Temos que detonar tudo, Rhodey. Não tem como sair, mas pelo menos a gente garante que, quando Zola entrar, não vai ter nada pra encontrar.

Oh, não, pensou Rhodey. *Zola já o encontrou*.

– Hap – disse ele. – Isso é Zola falando. Voe alguns quilômetros pra trás com o helicóptero, ou pouse. Está sentindo a presença dele?

– Ele tem razão, Rhodey.

O desespero na voz de Happy foi suficiente para fazer germinar as sementes de dúvida plantadas na mente de Rhodey desde muito antes.*É assim que funciona, então*, ele pensou. Até mesmo a dúvida é como um vírus. Zola a planta num ponto e fica esperando que se espalhe.

– Você precisa pousar esse helicóptero, Happy. Agora. Não importa o que faça, não tem como danificar a armadura do Tony. Você sabe disso. Pouse, Happy, pelo amor de Deus, pouse.

– Só depois que eu resolver isso aqui. Você não faz ideia de como é, Rhodey. Quer ver um milhão de clones seus por aí? Ou da Pepper? Não vou deixar. Não. Tenho que garantir.

– Happy, não pode... – disse Rhodey para um canal vazio. – General. O que vamos fazer?

• • • •

– Você não está autorizado a armar mísseis – disse uma voz automática. Um momento depois, o controlador entrou em contato.

– Happy, que história é essa de mísseis?

– A situação está preta aqui, controle. – disse Happy. – Mas acho que posso resolver. Travar mira em Zola.

Fabuloso, Happy. Improvisar quando coagido é uma das marcas de um bom soldado.

– Sem confirmação – disse o controlador. – Você não vai, repito, não vai atirar mísseis nessa área sem autorização direta do general Fury ou deste posto.

– Controle, você não está vendo o que estou vendo.

– Happy, estou desativando seu software de controle de armas. Aconselho que pouse essa aeronave no local seguro mais próximo e aproveite o *show*. Tony Stark está para voltar via extração em menos de um minuto.

– É tarde demais – disse Happy. – Tarde demais.

Ele viu o programa de controle de armas travar... para, depois de alguns segundos, reiniciar.*Isso*, pensou ele.*É assim que se faz*.

Manterei seus canais livres de interferência, Happy. Sabe que tem algo que deve fazer, algo que só você pode fazer, algo que deve ser feito.

– Obrigado.

– Happy! – latiu o controlador. – Pouse esse helicóptero sem lançar mísseis nem atirar mais nada! Essa ordem foi clara?

– Clara e recusada – disse Happy. Estava calmo, em paz. – Preciso fazer uma coisa.

• • • •

Pepper ouviu a conversa entre o controlador de voo da S.H.I.E.L.D. e Happy. Ela não era de chorar quando as coisas apertavam, mas seus olhos se encheram de lágrimas quando ela entendeu o que estava prestes a acontecer.

– É o Zola, né? – disse. – Zola o pegou.

– Parece que sim – disse Fury.

– General Fury, aqui é o controle. Os sistemas de controle de armas daquele helicóptero não estão mais respondendo. Sinal bloqueado por agente desconhecido.

– Entendido, controle. Acho que temos uma ideia da fonte desse bloqueio.

– Saibam que simulações de alvo estão sendo acionadas contra o Laboratório de ITR.

Fury olhou para Pepper, e depois ao redor, para os agentes da S.H.I.E.L.D. que estavam por perto. Todos ouviram o que o controlador dissera e entendiam as implicações.

– Controle, favor avisar quando e se uma sequência de disparos for iniciada – disse Fury.

– Sim, general. Espero que tenha um plano.

– Eu também, controle. Câmbio, desligo. – Fury olhou para Pepper. – Já passaram mais de trinta segundos.

Ela concordou.

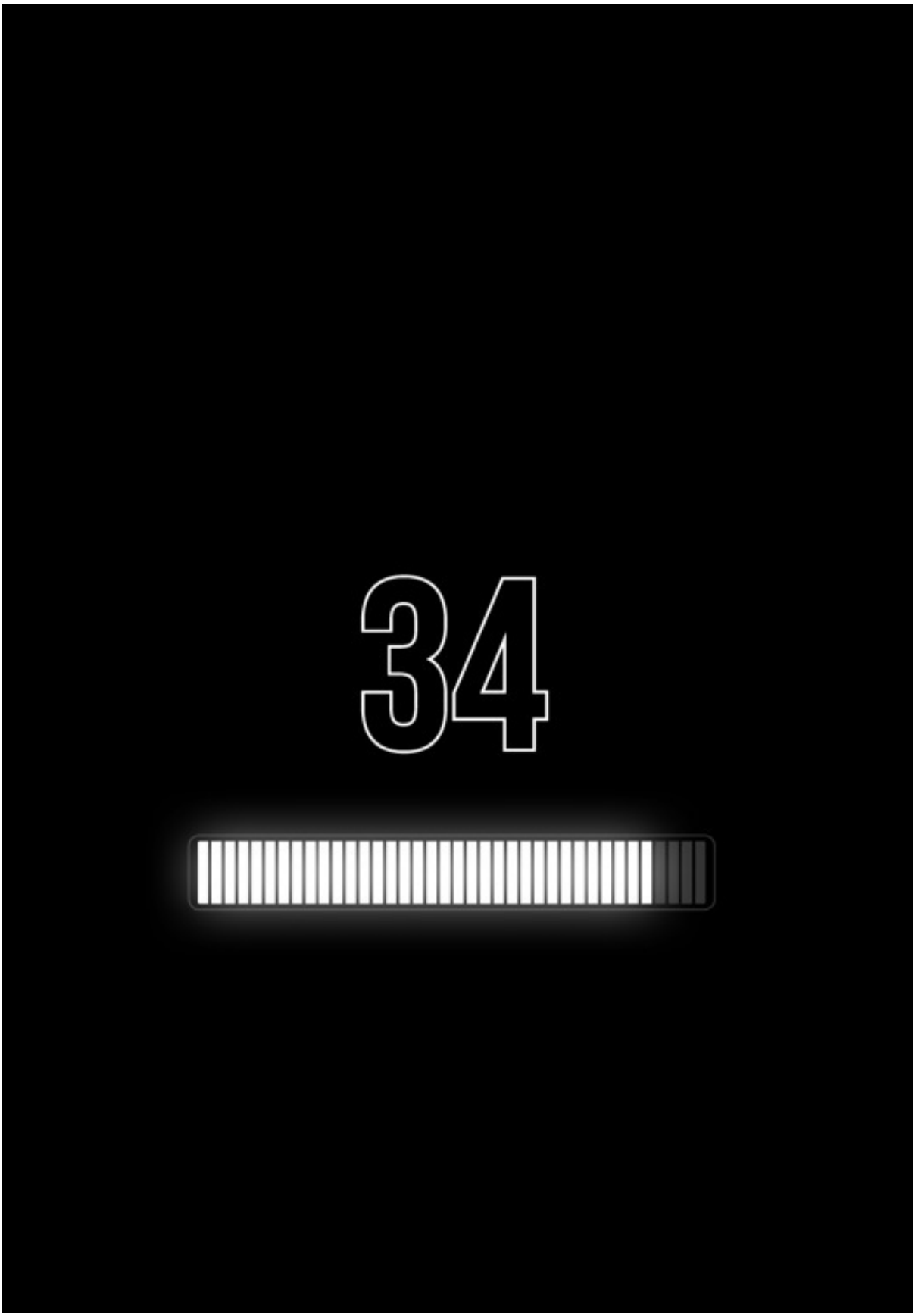
– O que diz a MDP?

– Diz que terminou a extração. Mas... – Pepper ergueu as duas mãos e as soltou em seguida.

– É – disse Fury.

O corpo de Tony Stark jazia onde havia caído, dentro do protótipo preto fosco da armadura. Parecia que era preciso retirá-lo dali, mas para quê, afinal?

– Pepper, não sei mais o que fazer. Se uma sequência de disparos for iniciada naquele helicóptero, vamos ter que derrubá-lo.


34

Estão vendo o inimigo encolhido feito rato no buraco, Hidra? Estão vendo seus equipamentos e táticas, seus laboratórios e perímetros de defesa? Logo vocês os esmagarão. A S.H.I.E.L.D. foi derrubada! Preocupada e com medo das muitas cabeças da Hidra! Stark retornará apenas para morrer. Happy Hogan é nosso, o modelo foi absorvido e feito um junto a suas superiores iterações. Somos uma massa, somos um, somos a Hidra! Saibam que, mesmo que não possam me ouvir, estou falando, e vocês sabem o que digo porque eu construí minhas palavras e minha vontade dentro da arquitetura magnífica de seus cérebros. Vocês me seguirão estando eu lá para seguir ou não, porque essa é a natureza da Hidra. Todas as cabeças movem-se como uma, todas as cabeças sabem que a Hidra está em todo lugar e é invencível, todas as cabeças sabem que a perda de uma cabeça cria o espaço no qual dez mais crescerão. O inimigo também sabe disso – veja como ele não sai para lutar. Veja como ele se esconde atrás de máquinas e paredes, atrás da ilusão do abrigo. Seu sinal está para soar, Hidra. Quando chegar a hora, vocês esmagarão e destruirão os peões da S.H.I.E.L.D. Com a sua destruição, veremos o amanhecer de uma nova era, a era da Hidra! Vocês estarão presentes na criação, e o novo mundo haverá de cantar sobre a sua coragem! Serão a primeira geração de super-homens! Vocês são a Hidra!

Controle imediato era saber e sentir e perceber tudo no mundo ao mesmo tempo – e poder organizar. De Lá Dentro, Tony caiu na Quarta-D, de volta para seu corpo, com a consciência do controle imediato que até então fora apenas um sonho, mas passara a ser o princípio organizador pelo qual ele experienciava o mundo. Era como ir dormir surdo, tapado e cego, e acordar com sentidos que você jamais imaginaria ter. Ele escutava tudo enquanto o controle imediato acessava e priorizava toda a informação registrada pela armadura enquanto ele

estivera Lá Dentro, as partes importantes da conversa entre Happy, Rhodey e Nick. Essa era a prioridade.

– Não, Nick, não faça isso – Tony disse calmamente. Estava ciente dos arredores, de si mesmo deitado no piso da área de testes, da armadura ganhando vida em torno dele. Tinha um corpo, mais uma vez. A sensação foi intensa e esquisita, completamente diversa da aproximação sintética de fisicalidade que ele vivenciara Lá Dentro.

Em meio à confusão de dados, apareceu a resposta de Fury.

– Tony?

– Em carne e osso. Digamos assim.

– Não faça o quê?

– Deixe que eu cuido do Happy.

Tony estendeu a mão e conectou um plugue. Pelo menos, foi assim que lhe pareceu. Havia um buraco na mente de Happy que deixava Zola entrar. Tony a plugou. Se tivesse que explicar ao Fury – ou ao próprio Happy –, teria falado algo sobre alterações sutis nas frequências de transmissão de milhares de sinais diferentes, ajustando padrões de interferência que expulsaram a transmissão de frequência ultrabaixa de Zola do crânio de Happy Hogan. E essa era a verdade. Mas, usando o controle imediato, Tony sentiu como se tivesse apenas plugado um cabo na tomada.

Mas o dedão de Happy já estava em cima do botão de fogo.

• • • •

Para Happy, foi como acordar de um sonho no qual ele traía tudo em que já acreditava apenas para constatar que não fora sonho algum. O helicóptero vacilou um pouco quando os dois mísseis partiram.

– Oh, não – ele disse. – Não não não, *saiam daí! Saiam daí! Eu não sabia o que estava fazendo*, *saiam daí!*

• • • •

Zola observou o primeiro disparo de mísseis. Sentiu a perda do controle sobre a mente de Hogan e, por um instante, perguntou-se qual teria sido a causa – mas já não importava mais. Os mísseis estavam em pleno voo. O impacto aniquilaria os defensores da S.H.I.E.L.D. e deixaria a armadura de Stark intata. Ele destruiria também os programas de computador que eram o único caminho de volta para Tony Stark do palácio virtual que Zola construíra para ele. Bastava entrar, pegar a armadura e retirar-se para um local de sua escolha. Lá, ele construiria sua superestrutura de informação, e transformaria Tony Stark na inteligência central da mais nova e temerosa cabeça da Hidra. A combinação das invejáveis rotinas de controle imediato de Stark com a considerável astúcia científica de Zola fariam com que os poderes ilimitados do universo da informação acabassem caindo sob controle da Hidra. O que era o mesmo que dizer sob controle de Zola. Nenhum pacote de informação viajaria sem sua permissão.

Ele dominaria o mundo.

– Avante, Hidra! – gritou para seus soldados. – Agora é a hora do último e decisivo golpe!

Os soldados da Hidra rugiram ao ver as fagulhas brilhantes dos exaustores dos mísseis cruzarem o céu noturno acima do Laboratório de ITR, selando o destino dos defensores lá de dentro.

• • • •

O controle imediato permitiu que Tony sentisse o sinal transmitido do botão de fogo do helicóptero para o interruptor dentro do console de voo. Ele sentiu a resposta do computador de bordo ao armar e acionar os motores dos mísseis e lançar fora os lacres de segurança dos tubos de lançamento. Sentiu o contato inicial dos sistemas de direcionamento dos mísseis com satélites da S.H.I.E.L.D. e a determinação do alvo na Quarta-D. Se tivesse prestado atenção, Tony poderia ter feito qualquer um desses processos dar errado; mas ele não era

uma máquina, não ainda, e seu primeiro pensamento foi tapar o buraco que estava mergulhando Happy no peso intolerável do desespero.

Os mísseis conversavam entre si durante o voo, checando se estavam indo para onde deveriam ir. Os satélites disseram que sim, estavam. Tony tinha oito segundos para fazer algo com relação aos mísseis, antes do impacto, um no canto interior do L do Laboratório de ITR e o outro no centro do andar de testes, a menos de doze metros de onde estava Tony, ainda organizando todos os estímulos recebidos por seu corpo, que acabara de acordar. Havia nascido de novo, e ao mesmo tempo sentia sua consciência expandir por meio do controle imediato, envolvendo um mundo que ele brevemente visualizara no instante em que tocou o rio de dados de Lá Dentro. Ele agia e via as consequências antes mesmo de articular o comando para agir.

Quando os mísseis atingissem seus alvos, eles incinerariam Pepper e Nick Fury. James Rhodes, no estacionamento atrás da fileira de VBTs furados de balas, sofreria pressões de explosão fortes o bastante para matá-lo a não ser que ele tivesse a sorte de ser protegido de um modo específico por um desses veículos – e nesse caso, o veículo poderia tornar-se uma arma secundária, esmagando-o ao virar de lado devido à onda de choque. Todos os agentes da S.H.I.E.L.D. na área de testes morreriam ser saber o que lhes acontecera.

Sete segundos. Tony voou pelo teto, sentindo o impacto como uma lufada de vento quando arrebentou o ferro franzido. Seis segundos. Ele triangularizou a localização e a trajetória dos mísseis usando instrumentos integrados e um toque instantâneo nos dados dos direcionadores do satélite e na resposta dos mísseis. Um menu de escolhas apresentou-se. Ele poderia acionar as ogivas dos mísseis. Poderia defleti-los. Poderia anestesiar os mísseis com PEM. Poderia destruí-los com um disparo simples e direto de energia cinética que os explodiria numa nuvem de estilhaços. Cada uma dessas escolhas gerava efeitos colaterais. Os mísseis estavam a vinte metros um do outro, o que mirava a área de testes, um pouco à frente do outro devido a fatores atmosféricos. Cinco segundos. Tony acelerou para perto deles, gerando uma explosão sonora, diminuindo a distância que o separava dos mísseis. Estavam a oitocentos metros do Laboratório de ITR. Quatro segundos.

Tony acionou um disparo direcionado de PEM. Os sistemas de direcionamento do satélite começaram a conversar entre si, perguntando-se onde estavam os mísseis. Estes voavam na direção dele, abobalhados e desarmados, mas ainda letais simplesmente devido a sua massa e velocidade. Com a mão direita, Tony descarregou um raio de pulso. Ele esmigalhou o míssil apontado para o canto do edifício numa nuvem crescente de fragmentos de metal, pedaços de explosivo e bolotas de combustível sólido. Com a mão esquerda, Tony gerou um campo de força que angulou para retirar o outro míssil apenas um pouco de seu curso. Depois, com as duas mãos, criou outro campo que quicou os fragmentos do míssil destruído para baixo, fazendo-os chover por cima de uma área livre para trailers, fazendo buracos neles e no solo.

Três segundos. Dois, um...

O míssil intacto atingiu o chão a quatro metros do grupo de clones da Hidra que circundavam a figura imensa de Arnim Zola. Desintegrando no impacto, o míssil transformou-se num cone de duzentos quilos de estilhaços apontados diretamente para a posição em que se encontrava a Hidra. O jorrar de terra obscureceu o resultado imediato captado pelos visores de Tony, mas ele sabia que não tinha destruído Zola. O objetivo imediato fora reduzir a força de batalha do inimigo, aumentando, assim, as chances de sobrevivência dos agentes da S.H.I.E.L.D.

– Viagem interessante essa em que você me mandou, Zola – disse Tony, girando em pleno ar, esperando que a nuvem de poeira e fumaça se dissipasse. – Tive dificuldade na hora de comprar o bilhete de volta, mas aqui estou eu.

Zola saiu andando da nuvem. Da posição de Rhodey, tiros de armamento leve foram disparados. Tony viu cada bala atingir o corpo de Zola e registrou o fato de que nenhuma delas pareceu surtir muito efeito.

– Sim, Stark, aí está você – disse Zola. Falou em tom normal de conversa, captado pela vigilância de áudio feita de dentro do Laboratório de ITR e retransmitida através de canais de prioridade numa frequência da preferência de Tony. Tudo isso aconteceu instantânea e automaticamente. – E aqui estou eu – disse Zola. Ele se lançou para o ar, mais um míssil indo de encontro a Tony...

mas esse era mais forte e esperto que os anteriores, e tinha sua própria versão do controle imediato.

– Hap, velho amigo – disse Tony. – Só posso falar por um segundo, mas tenho que dizer que você não está em condições de voar. Pouse a aeronave e tire o dia de folga, certo?

Depois ele se inclinou para a frente e lançou-se para a batalha final contra aquela versão atualizada de Arnim Zola.

• • • •

Dentro do laboratório, Fury quase teve um ataque do coração quando a voz de Tony saiu do alto-falante do terminal de controle. Depois quase teve outro ataque quando o protótipo da armadura disparou pelo teto de repente, sem antes ter mostrado sinal algum de vida. Desviou de um pedaço de ferro que caiu da beirada do buraco deixado pela partida de Tony e rolou pelo piso de cimento.

– Bem – disse, após uma pausa. – Acho que esse treco de MDP funcionou.

– Acho que sim – disse Pepper.

Do lado de fora veio o barulho dos mísseis sendo destruídos. O comunicador captou as breves palavras de Tony para Happy.

– Concordo, Happy – disse Fury. Happy respondeu alguma coisa, mas foi quase incoerente.

– Ele vai bater se tentar pousar esse helicóptero agora – disse Pepper. Ela se inclinou sobre o microfone do terminal de sua estação. – Happy, fique aí. Você precisa esperar melhorar o suficiente pra pousar. Ficaremos bem aqui. Sério. Tony voltou.

Logo após ela dizer isso, granadas de fumaça entraram rolando por debaixo da picape incinerada, na plataforma de carregamento, e uma tempestade de tiros de armas automáticas desatou por trás da parede dos fundos do Laboratório de ITR. Sem saber o que viria após as granadas de fumaça, Fury baixou o visor do capacete para enxergar por infravermelho. Os dois soldados mais próximos abriram fogo dentro e ao redor da caminhonete, apenas

baseados em princípios gerais. Conforme a fumaça se espalhava, os sons pareceram ganhar estranhas qualidades; Fury não sabia dizer com certeza de qual direção vinha um tiro ou um grito ou o som de um impacto. Seriam uma verdadeira bagunça aqueles minutos seguintes.

Do terminal de controle, Pepper disse:

– Prédio invadido por uma das janelas da entrada.

– Rhodey! – Fury gritou para o comunicador. – Onde está sua linha de fogo na lateral do prédio?

– Intacta, general – Rhodey respondeu.

– Então por que temos inimigos dentro do prédio vindo dessa direção?

Uma breve pausa. Depois, Rhodey disse:

– Não tivemos contato visual com agentes do inimigo em nenhum dos lados do prédio.

– Bom, sinto que vamos ter uma porcaria de contato visual com eles dentro do prédio – disse Fury. – Fiquem de olhos abertos.

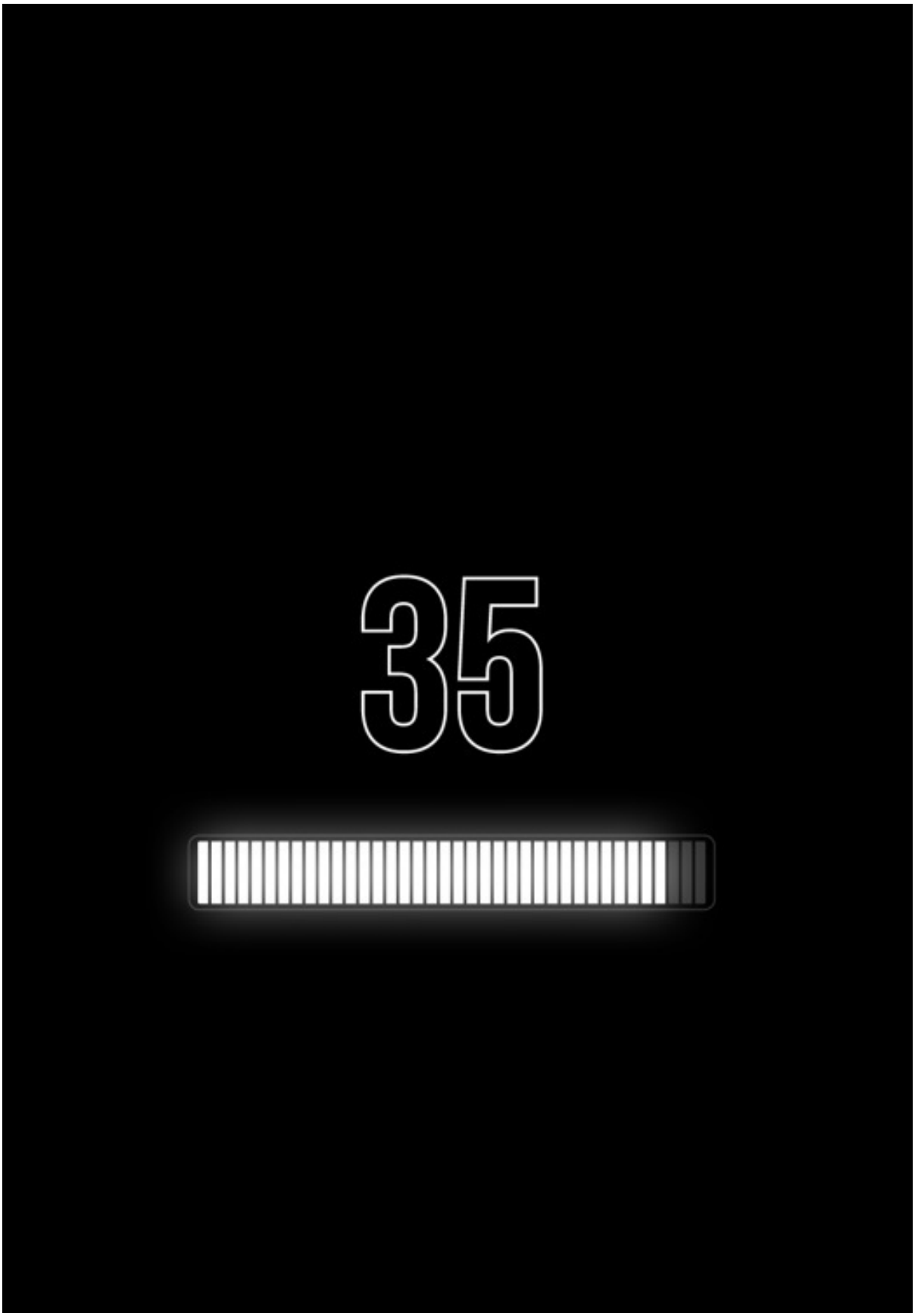
– Devemos recuar para dentro do prédio e dar apoio?

– Qual é a situação aí?

– Bom, temos... – A estática bagunçou as palavras seguintes. – Também, Tony e Zola estão se batendo em pleno ar. A Hidra, no solo, está vindo em nossa direção, e dando a volta na cerca. Suponho que estão tentando entrar aí.

Fury deu-se três segundos para pensar. Três, dois, um, ele contou.

– Recuem para o prédio – disse. – Posicionem-se para cobrir o corredor central e todo o acesso a ele, inclusive a porta da frente. Acho que o resto do baile vai acontecer aqui dentro.


35

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Engate acumulador e propulsor de haloalcanos.

DESCRIÇÃO

Usando haloalcanos disponíveis no mercado ou de propriedade dos refrigerados das Indústrias Stark (ver patentes [editado] e [editado]), o engate acumulador e propulsor de haloalcanos cria um reservatório de refrigerante concentrado, mantido a temperaturas mais próximas possíveis de zero absoluto dada a integração do sistema à linha de sistemas da armadura pessoal das Indústrias Stark (ver lista anexada de patentes existentes relevantes e pendentes). Desse reservatório, o propulsor embutido projeta um fluxo de alta pressão de haloalcanos que se espalham rapidamente, enquanto a temperatura ambiente os aquece. O princípio é similar ao de um extintor de incêndio, mas o cano do EPH é especificamente projetado para manter a substância estritamente focada. Essa concentração do material propagado cria novas possibilidades para usos militares, industriais e na defesa pessoal.

ARGUMENTO

Tecnologias existentes de spray congelante – como as usadas para o congelamento rápido de produtos de consumo ou materiais momentaneamente ultrarresfriados em determinado estágio de sua produção – funcionam apenas com alcance extremamente reduzido e sob circunstâncias rigidamente controladas. O EPH é capaz de congelar um ser humano a uma distância de cinquenta metros, e de causar danos a sistemas eletrônicos e mecânicos a distâncias de até o dobro, dependendo da natureza e proteção do alvo.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

• • • •

Antes do impacto inicial, Tony já sabia um bocado sobre o novo corpo de Arnim Zola. Do espectro de emissões eletromagnéticas, Tony inferiu um conjunto de sensores e instrumentos similares aos dele. Da natureza de sua presença no radar, Tony aprendeu que o corpo tinha apenas 26% de seu peso composto de material orgânico; o restante era uma combinação de polímeros complexos, ligas de alta tensão e ligamentos de nanotubos de carbono. Diversas aberturas nas mãos e pés conectavam-se a sistemas de armas. Era, basicamente, uma versão cibernética da armadura do Homem de Ferro.

– Sabe, Zola – disse Tony um instante antes do impacto –, já tentei essa coisa de ciborgue. Acabei só detonando meus nervos. Literalmente. Você vai acabar no mesmo.

– Ah, mas sr. Stark, você supõe que eu faço as coisas como você fez, quando na verdade eu faço muito melhor.

O som do encontro quebrou as janelas que restavam intactas no Laboratório de ITR, quinze metros abaixo.

• • • •

Happy pousou o helicóptero no mesmo estacionamento de trailers onde os resquícios dos mísseis caíram. Ele saiu da aeronave, passou por baixo das lâminas, que ainda giravam, e olhou ao redor. Pedaços caídos do míssil abriram buracos em pelo menos metade dos trailers. Algumas das partes ainda soltavam

fumaça. Devia haver tecnologia supersecreta largada por ali, e em poucas semanas um trabalhador num depósito em Denver, descarregando um dos trailers, chutaria do caminho um pedaço de circuito avançado de um giroscópio preso às rodas de sua paleteira. Afinal, tanto a S.H.I.E.L.D. quanto o DDD resolveram que nada daquilo havia acontecido. Os veículos seriam comprados e desmontados ou revendidos. O heroísmo e o sacrifício dos soldados da S.H.I.E.L.D. que morreram no laboratório seriam para sempre um segredo.

Assim como os fracassos de Happy Hogan.

Era assim que a pessoa passava a ter dificuldade de conviver consigo mesma. Happy sentia-se tão mal quanto ao que quase fizera que não sabia como aceitaria o fato. Já fora uma grande mancada deixar que o clone de Serena Borland o atacasse, mas voar bem para o centro da zona de controle mental de Zola? Deixar que este brincasse com sua reação quanto à clonagem, a ponto de chegar perto de matar Nick Fury e Pepper?

Happy jamais pensara em si mesmo como um fraco, mas os dez minutos passados provaram-lhe que ele detinha uma fraqueza que não imaginava ter. A desolação do estacionamento combinava com seu humor. Pensou em sair das Indústrias Stark, deixar Nova York. Não poderia encarar as pessoas que deixara na mão.

Mas e depois? Tornar-se um dos caras que chutava coisas presas nas rodas de sua paleteira?

– Não – disse Happy.

Ele nunca fugira de uma briga na vida, e sem dúvida não fugiria dessa também.

Inclinando-se para dentro da cabine do helicóptero, retirou um rifle do cavalete atrás do banco do piloto. Checou se estava carregado, deu um tapinha no coldre da pistola automática, que ficava embaixo da axila esquerda, e caminhou na direção do tiroteio.*Redenção*, pensou ele. Como o fracasso, ela depende de uma única decisão.

• • • •

Considerando a quantidade deles que as tropas de Fury já haviam congelado, parecia mesmo ter restado muitos Hogans por aí. Eles entravam pelas janelas, dando a volta na caminhonete tombada, pela porta de incêndio nos fundos da área de testes. O único local pelo qual não entravam era o corredor que levava à entrada do prédio, e Fury não entendia por quê. O programa de segurança não havia detectado infiltração por ali? Onde estavam? Se não haviam entrado para atirar nos agentes da S.H.I.E.L.D., pra que usar a janela? Ele derrubou um par de Hogans perto dos pneus furados da picape e deu tiros periódicos embaixo do veículo até que um de seus homens pôde dar a volta, conseguir um ângulo melhor e dar cabo deles. Deus. Fury fez uma careta. Os clones da Hidra não faziam muito barulho, mas quando faziam, a voz era idêntica à de Happy. Essa batalha resumia-se a ouvir um querido amigo morrendo repetidas vezes.

Por outro lado, a maioria das batalhas era assim. As diferenças eram: um, geralmente não era sempre o mesmo amigo que morria, e dois, geralmente o amigo não estava lutando junto ao inimigo.

Tony, Tony, pensou Nick Fury. *Deve haver um jeito de te culpar por tudo isso*. Estava quase falando sério, quase. O fato era que ele não sabia como culpar Tony, nem pelo que agradecer-lhe. E poderia demorar um pouco para descobrir, porque, de acordo com Pepper, Tony estava engalfinhado com o mais recente corpo de Zola em algum ponto do céu.

– Rhodey! – ele gritou no comunicador. – Como vão as coisas aí?

– Só um minuto, senhor.

Fury fitou Pepper.

– Que bom que ele não tem pressa. – Ela sorriu, um sorriso pequeno. – Ei – ele continuou –, você fez um ótimo trabalho brigando com as máquinas por tempo suficiente pro Tony voltar.

– Obrigada. Agora posso pegar uma arma e matar uns clones?

Fury caiu na gargalhada.

– Quer uma arma? Olhe ao redor. Escolha uma. Só não mate ninguém que não tenha a cara do Happy.

– Por falar nele. Cadê o Happy?

– Pelo que sei, pousou o helicóptero. Não sei de mais nada. Aqui, pegue isso aqui. – Ele passou um rifle para ela, pelo chão. – Se continuar desse jeito, vamos precisar de mais gente atirando.

– Alguma coisa que preciso saber?

– Já atirou?

Ela lhe lançou um olhar seco.

– Nick. Por favor.

– Certo. É como as outras todas. Aponte pro bandido e puxe o gatilho até ele cair. – Voltando sua atenção para o comunicador, Fury gritou: – Rhodey!

– Senhor. Estamos em posição. A Hidra está passando por algumas entradas que não estamos mais cobrindo. Vai ser uma longa tarde. E tem também…

A transmissão foi cortada. Simultaneamente, Fury ouviu o tiroteio intensificar-se no corredor que levava à entrada do prédio, mas sua atenção foi logo desviada para uma nova leva de Hogans que derrubou as portas.

• • • •

Happy sabia que estava correndo um sério risco de levar um tiro por pensarem que ele fosse um clone. Torcia para que as roupas de civil sem a insígnia da Hidra segurariam os dedos das pessoas longe dos gatilhos tempo o bastante para que ele pudesse convencê-las de que era o original e não uma das cópias – que não possuíam seu nariz finamente reconstruído, mas não adiantava esperar que alguém, em plena batalha, reparasse nisso. Ele chegou perto da propriedade do laboratório e derrubou dois clones que deram a volta no edifício, vindo do estacionamento, para atirar por uma das janelas do escritório.*A sala de Tony devia estar destruída*, ele pensou. O chefe era meio reclamão quanto a esse tipo de coisa, às vezes. Happy não tinha comunicador porque não se esperava que ele fizesse parte de alguma operação, e não sabia dizer onde deixara o celular. No helicóptero? No hospital? Happy estava cheio de adrenalina e determinação. A sensação era de ter um corpo feito de arame farpado.

Como poderia contatar Fury ou Pepper para poder entrar sem ser morto?

Luzes brilharam no céu. Happy olhou para o alto e viu intensas descargas de todas as cores entre Tony e Zola. Eles pareciam estar subindo; estavam já tão alto que só dava para saber o que se via porque não tinha como ser outra coisa mesmo. O que pedestres e motoristas que passavam estavam pensando, era difícil dizer. Na cidade de Nova York, o céu parecia estar sempre cheio de luzes esquisitas. Ali, nem tanto, embora a proximidade do aeroporto acrescentasse certa variedade ao céu. Mesmo assim, não era comum ver um *show* como aquele. Os sons também – rasgados, baques e trovões – deviam ter convencido os vizinhos de que havia um espetáculo de fogos de artifício para alguma ocasião da qual não tinham ouvido falar nada.

Lá embaixo, na periferia do terreno do Laboratório de ITR, Happy tinha seus próprios problemas. Tony podia cuidar de si mesmo, e se não pudesse, qualquer coisa que o motorista fizesse não faria muita diferença a longo prazo.

A não ser pra mim mesmo, ele pensou. *Devo isso a mim, senão aos outros*.

Abaixado, ele correu da cerca para a beira do prédio e arriscou espiar pelo canto de uma janela quebrada. O cômodo que visualizou era um escritório ainda sem móveis. Tony não havia definido os detalhes antes de ser arrebatado pelos sonhos com o controle imediato. Beirando os corpos dos dois clones sem olhar em seus rostos, Happy entrou e agachou embaixo da janela, enquanto esperava que seus olhos se acostumassem à luminosidade. A porta estava aberta, e no corredor brilhava a luz da lâmpada de emergência, mas ele se encontrava em escuridão quase total. Havia um corpo no chão. Não havia como dizer se fora amigo ou inimigo. Do corredor e das entranhas do prédio chegava o som constante de tiros de armas leves. Um disparo arrancou pedaços do batente da porta à frente dele. Quis se mexer, se envolver. Todo o complexo tornara-se uma galeria de tiro, no entanto, e não havia como provar que ele não era um dos bandidos.

Um movimento acima de sua cabeça o fez recuar. Ele olhou para cima e viu uma forma esguia de mulher dentro de um macacão verde descer pela janela, pousar no chão com delicadeza e sair pelo corredor antes mesmo de ele ter a chance de erguer o rifle. Assim que ela desapareceu, uma forma idêntica entrou

da mesma maneira. Dessa vez, Happy ergueu o rifle. Disparou, mas como eram rápidas! Quando ele conseguiu apontar e atirar, ela já não estava mais ali. Duas mulheres de roupa verde. Com espadas. Zola devia ter algum trunfo. Happy não sabia o que era, mas teve a sensação de não ser boa coisa.

De bruços, rastejou até a porta e espiou nas duas direções do corredor. Havia corpos espalhados por tudo. Enquanto ele checava, uma leva de buracos de bala apareceu numa das paredes, duas portas à frente; o tiroteio continuou dentro da sala, depois parou. Happy ouviu homens gritando, e eles não tinham a sua voz. Rolou para o corredor e foi para essa porta. Assim que chegou, uma das mulheres de verde passou por seu campo de visão. Viu um lampejo de aço e ergueu o rifle bem a tempo de defletir um golpe que o teria aberto da clavícula à pélvis. A mulher de verde girou para atacar de novo, mas Happy meteu as costas do rifle em sua perna. Desequilibrada, a moça esquivou-se do segundo golpe e ergueu uma pequena faca. Antes que ele pudesse registrar o artefato, ele já estava fincado em sua coxa.

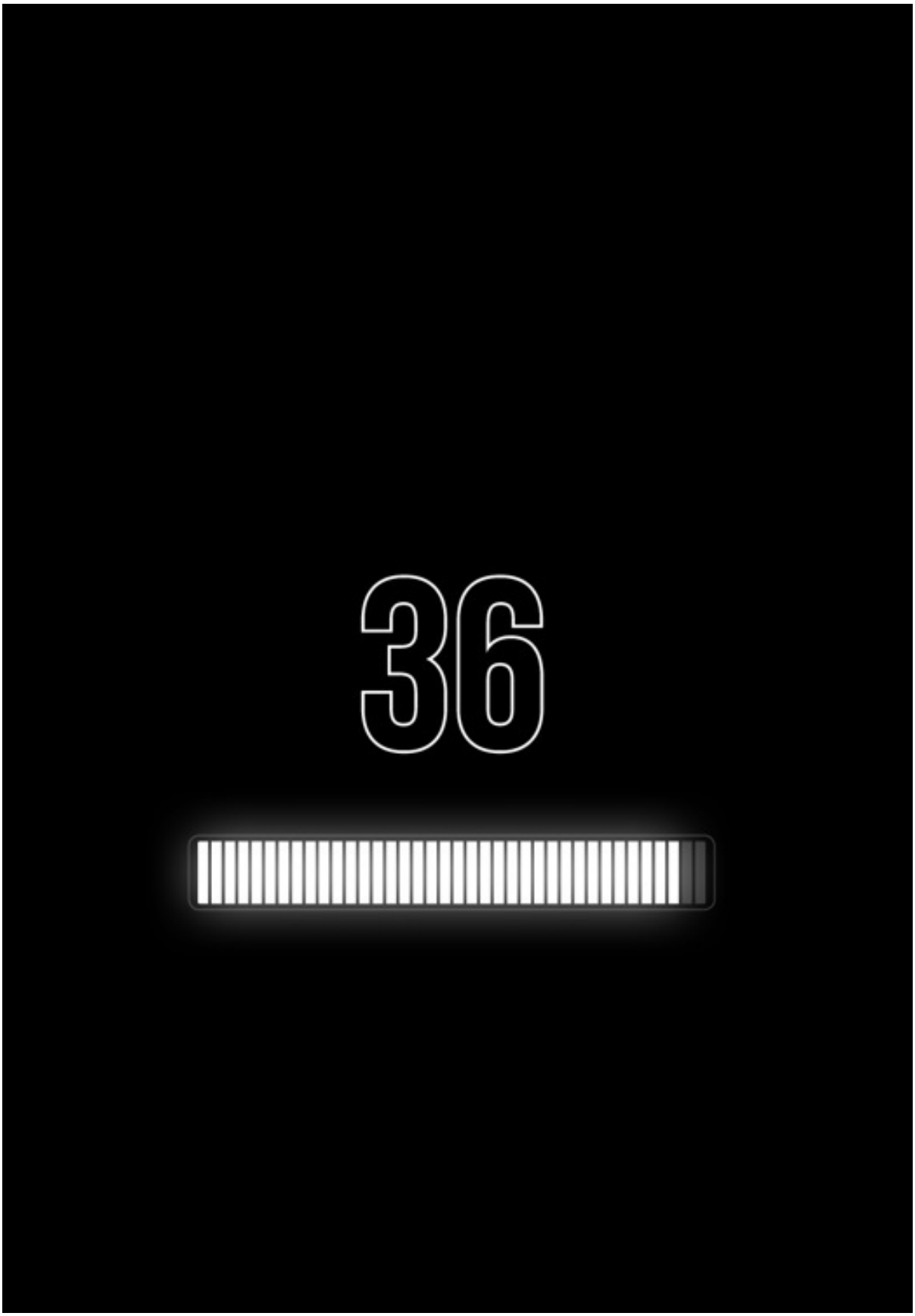
Happy gritou e ergueu o rifle. Atirou para todo canto, mas a mulher de verde havia sumido. Mordeu os lábios de dor e cambaleou para dentro da sala, buscando ficar fora da linha de fogo, enquanto tentava retirar a faca sem entregar-se ao choque.

A sala estava lotada de homens mortos.

– Não eu – disse Happy entre dentes.

Ele trabalhou na faca, que havia entrado fundo na carne de seu quadríceps, mas não parecia ter pegado osso nem artérias. Ele teve sorte. Quando conseguiu retirar a lâmina, sua visão ficou turva e ele quase desmaiou. Ficou respirando profunda e continuamente até que a onda de náusea passou, depois testou a perna. Dava para segurar o peso dele, mas com muita dificuldade.

Enquanto ele cuidava da perna, essa porção do prédio ficara muito mais quieta. Happy odiou pensar no motivo. Tinha que se colocar em movimento. Se conseguisse chegar até Rhodey, ou Fury, e ninguém atirasse nele durante o percurso, talvez tivesse outra chance de dar um trato na mulher de verde.


36

> E agora o corpo, a construção perfeita, a unificação final de técnica e soma. Eu sou um homem, eu sou uma máquina. Sou uma força bruta com vontade invencível, intelecto incomparável e força indomável. Na força de meus braços eu faço do mundo objeto de minha vontade. Quebro o que não cede. Stark, em sua carapaça, imagina-se equiparar-se a mim – mas você é um homem preso dentro de uma máquina, enquanto eu sou um novo homem que ultrapassou os limites da sua imaginação. Sou a Hidra, legado de visionários e inventores. Sou a expressão emergente de um novo mundo, o avatar encarnado de uma humanidade que ainda não existe. Em mim encontra-se a força do futuro, o poder latente da mente esperando para ser acionado. Eu vi o que nenhum outro viu e criei o que nenhum outro criou. Eu o fiz, Stark, e refiz, fiz uma versão melhor de você que espera pacientemente pela morte de seu predecessor para aproximar-se do mundo de sua inevitável perfeição. Você não pode me ouvir, mas não escutaria mesmo que pudesse, e esse é o seu defeito. Esse orgulho! O que você fez para merecê-lo? Quebrarei seus braços dentro de sua carapaça, esmagarei primeiro o seu espírito e depois o seu corpo, para que sua morte seja o exemplo final para os idólatras da máquina de que seu ídolo caiu.

Mesmo com toda a informação que Tony podia acessar de imediato, de relatórios sobre o clima no Saara a variações de largura de banda nos servidores das Indústrias Stark, de dados climatológicos vindos de satélites a picos nas instalações elétricas de New England, ele estava distraído e não previu o primeiro soco pesado de Zola. Sem a armadura, o impacto teria feito um buraco no crânio de Tony e arremessado seus olhos para fora das órbitas feito bolas de pingue-pongue. Dentro dela, ele ficou meio zonzo e perdeu o equilíbrio.

Era sempre assim. Travava-se a guerra de informação, a guerra psicológica, a guerra estratégica... no fim das contas, acabava tudo no mano a mano. Mesmo

quando as duas partes estavam envolvidas no que de melhor a tecnologia humana podia oferecer. Tony devia ter contado com isso, devia ter planejado, mas andara sonhando com algo diferente, esquecendo-se que a guerra sempre acabava numa confusão, com a mão de um cara apertando o pescoço do outro.

Zola não se esquecera disso. Não era rápido como Tony, nem igualmente equipado no que tange a incrementos eletrônicos, mas era imensamente forte. Mais forte que Tony. *Posso bloquear os poderes de controle mental dele*, pensou Tony. *E posso defletir as armas de energia que ele usa, porque são a última geração de coisas que eu projetei*.

Mas não posso fazer nada quanto ao fato de que, sempre que chega perto de mim, ele acaba comigo.

Tony o golpeou de volta, sem hesitar. E causou danos. O corpo de Zola parecia ter sido projetado para absorver uma quantia infinita de punição. Livre dos ditames da biologia, ele colocara todos os órgãos vitais bem lá embaixo, onde Tony não os poderia alcançar. Geralmente, quando você acerta um cara na cabeça, sacode o cérebro dele; faça isso um par de vezes e ele será derrubado. Mas o cérebro de Zola não ficava na cabeça dele. Tony não sabia o que havia ali, mas acertá-lo lá não parecia ter efeito algum.

– Não vai me derrotar lutando comigo como contra uma pessoa normal, Stark – disse Zola, metendo outro cruzado de afundar o olho. – Sou o próximo estágio. Sou tudo que aprendi, cada clone que já projetei, cada experimento que conduzi só pra saber se daria certo. Você é como um Australopithecus enfrentando o Homo sapiens; está perdendo não só em força física e tamanho, mas em força mental também. E digo isso como alguém que respeita seu talento na área da engenharia.

Próxima tática, pensou Tony, e soltou uma rajada de haloalcanos líquidos, à queima-roupa, nos olhos de Zola. Em seguida, deu um soco bem na ponte de seu nariz, estilhaçando tanto o nariz quanto os olhos congelados, de cada lado. Zola fez um barulho satisfatoriamente agoniado quando os pedaços de seu rosto caíram e foram varridos pela turbulenta corrente de ar formada por seu voo.

– Essa é a hora em que o Australopithecus corre atrás do Homo sapiens com uma pedra lascada – disse Tony. Sua cabeça ainda girava um pouco por causa dos golpes de Zola, mas ele começava a recobrar o equilíbrio. – E não se esqueça: até mesmo o Australopithecus fica irado quando sequestram a namorada dele.

Ela é minha namorada?, pensou Tony. Não importava. Não tinha como não aproveitar essa frase. Ele atirou raios de pulso em Zola, pensando que, cedo ou tarde, teriam que fazer algum efeito.

• • • •

As Duas Madames traçaram uma fileira dupla de sangue e aço por entre a unidade de Rhodey. Eram rápidas, muito mais rápidas do que deviam ser, e quando atacavam, pareciam não errar jamais. A fumaça das granadas lançadas na área de testes começara a se espalhar por todo o prédio, junto com o borrifar dos chuveiros automáticos, aumentando a quase escuridão do corredor. Os comandos da S.H.I.E.L.D. que poderiam ter atirado nelas pareciam não conseguir nunca mirar corretamente; sempre havia um de seus colegas no caminho, geralmente no momento em que morriam, e cada um dos homens que não arriscaram atirar se perguntaria para o resto da vida se devia ter tentado. Mas eles não chegavam a durar muito, porque as Duas Madames atacavam e sumiam.

Rhodey e seis homens assumiram posição atrás do balcão de recepção do saguão frontal do Laboratório de ITR. As Duas Madames apareceram entre os sete homens sem fazer ruído algum. Rhodey empurrou uma deles para o corredor.

– Vá avisar o Fury! – ele gritou. O homem saiu correndo.

Rhodey era um lutador habilidoso de artes marciais, e muito bom com revólver e faca, mas não conseguia atirar porque as Madames estavam no meio dos agentes, e ele não podia se aproximar porque, em combate próximo, as chances aumentam se você usa uma arma em vez de uma faca. Apontou o rifle para as duas mulheres, feliz por ter salvado um de seus homens, mas já

sentindo a periferia de seu campo de visão ficando vermelha com fúria atávica pela iminência de perder os outros. Ele atirou, e errou. Atirou de novo, e errou. As Madames foram para direções diferentes, e Rhodey soube que elas o pegariam. Tudo o que ele podia fazer era escolher uma e tentar pegá-la antes que a outra o pegasse. Girou para a esquerda, deitou os olhos nela – e depois viu o soldado que enviara até Fury com a arma apontada acima do ombro direito dele. Ele desviou no mesmo instante em que o soldado atirou, e meio segundo depois sentiu um baque na cabeça, e o vermelho de sua visão ficou preto.

• • • •

– General! General! – disse uma voz queixosa e trêmula. Fury não a reconheceu.

– Fury – disse ele.

– General, Rhodey caiu. Rhodey caiu, tem essas duas mulheres com espadas…

A transmissão foi cortada. Fury passou para o canal direto com Rhodey.

– Rhodey. Informe – disse.

Sem resposta.*Mulheres com espadas?*, pensou Fury. O que viria depois? Ele já tinha que lidar com uma porção de clones. Eles haviam aberto uma entrada para a área de testes, entre uma furadeira simples e uma minissala acoplada onde Tony projetava circuitos e algo que ele chamava de reservatório cinético. Quatro clones de Hogan apareceram atrás das portas de aço brilhante da sala, criando um tiroteio cruzado absurdo com outros clones que atiravam no restante da área de testes, escondidos atrás da picape incendiada.

Mas isso era tudo que restara da Hidra. Fury achou que a S.H.I.E.L.D. havia vencido. Os clones de Hogan lutariam até a morte porque era isso que faziam, mas estava em número suficiente para arrancar fora do laboratório os agentes de Fury.*Daqui a pouco vamos poder avançar e dar cabo deles de uma vez por todas*, pensou. Ele contava com 21 soldados em bom estado, mais Pepper, mais os soldados de Rhodey que sobreviveram…

Pensar em Rhodey o distraiu. Mulheres com espadas?

Ele atirou contra os Hogans na sala e olhou para a entrada do corredor, pensando que seria melhor tentar achar o agente de Rhodey, já que a comunicação parecia estar comprometida. Foi então que viu uma das mulheres com espadas.

Era Madame Hidra. Já a conhecia, já lidara com ela, já perdera homens para ela – e um mês antes, vira fotos de sua autópsia tiradas após a colisão aérea que a matara junto com outras 94 pessoas. Pelo visto, Zola tinha mais uma carta para jogar.

Depois a segunda Madame Hidra apareceu e ambas entraram em ação. A primeira foi escorregando pela parede da área de testes, escondendo-se atrás do maquinário, de modo que Fury não conseguia mirá-la. Alcançou dois dos homens dele e os surpreendeu, matando-os antes que os disparos de Fury derrubassem as máquinas que ela usara como defesa. Do canto dos olhos, ele viu a segunda saltar por cima do corrimão que separava a área do terminal de controle do piso principal, alçando voo num salto que a colocaria bem na frente dele. Ele girou o rifle, mas soube que seria tarde demais.

Uma rodada de tiros vinda do outro canto da sala a rasgou toda, e o salto terminou numa queda graciosa. Ela caiu no deque, perto de Fury, e ficou por ali. Ele olhou para a outra Madame. Com um grito coletivo, os Hogans remanescentes invadiram o recinto, energizados pela chegada dos clones da antiga líder da Hidra.

Fury derrubou um deles com uma rodada tripla de disparo típica, depois preparou-se para dar cabo de um par de Hogans que já estavam na plataforma do terminal de controle. Atrás deles, um comando da S.H.I.E.L.D. levantou-se e atirou, matando um. Fury baleou a cabeça do segundo, e reprimiu um tremor ao ver o ferimento no rosto daquele Happy Hogan... foi quando a Madame que estava no chão puxou-lhe o pé e girou para ficar em cima dele. Ele acabou soltando o rifle, e quase não conseguiu tirar a cabeça do caminho do primeiro golpe. Em vez de perfurar seu olho bom, a lâmina cortou um pedaço da orelha e abriu um talho na lateral da cabeça. Ele a pegou pelo pulso, mas ela se sacudiu

feito uma criança para se libertar, metendo os dedos duros da outra mão na garganta dele.

A visão do general ficou turva. Girou às cegas e sentiu o impacto do punho, mas não exerceu força suficiente para derrubá-la de cima dele, e não via a faca em lugar algum. Virou a cabeça e os ombros para a direção oposta da qual supôs que viria o golpe seguinte, mas, em vez de uma faca na garganta, Fury sentiu o corpo da Madame chacoalhar ao mesmo tempo em que ouviu um disparo de rifle vindo de algum lugar da sala. Ela caiu de cima dele, que procurou o rifle, registrando que as balas que o salvaram haviam partido de ninguém menos que Pepper Potts.

– Até que enfim fiz outra coisa além de brigar com computadores.

O comando da S.H.I.E.L.D. que matara o primeiro dos Hogans estava morto, com uma faca enfiada embaixo do maxilar. Fury nem vira a Madame atirar a arma.

– Belo disparo, Pepper. Agradeço.

Ela deu de ombros.

– Não tinha como errar daqui. Desculpe pela sujeira.

Fury estava coberto pelo sangue do clone, e uma boa quantidade do seu próprio vazava pela cabeça.

– Faz parte – disse ele, e foi juntar-se à batalha que ainda acontecia.

Não havia muito mais o que fazer. O ataque dos Hogans foi puro desespero, e assim que perderam a organização do cerco, as forças bem treinadas da S.H.I.E.L.D. os rasgaram ao meio sem cerimônia. Os comandos passavam clone por clone, checando para ver se estavam mesmo mortos ou para chamar um médico. Fury ficou um pouco chateado por ver que alguns dos Hogans estavam vivos, não por não achar que não mereciam viver, mas porque não conseguia imaginar que tipo de vida eles teriam após a Hidra. Certas coisas eram piores que a morte. Happy tinha razão nesse ponto.

E, por falar nele, onde se metera? Assim que encontrassem e dessem fim na outra Madame, encontrá-lo seria a prioridade. A não ser que Tony voltasse a entrar em contato antes disso.

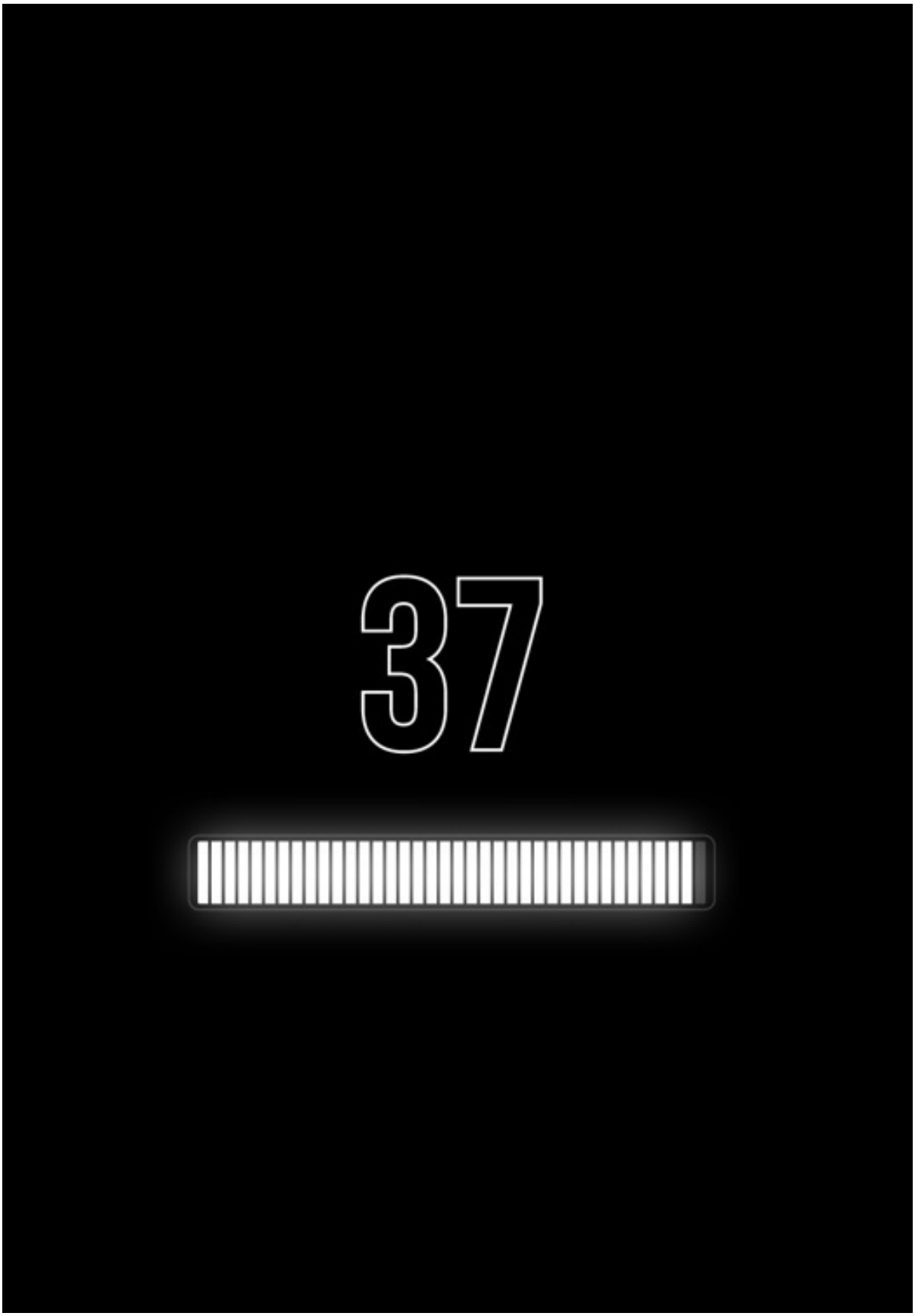
– S.H.I.E.L.D. – ele chamou. – Existe mais um clone de Madame Hidra em algum lugar nestas instalações. Precisamos encontrá-la e eliminá-la. Mexam-se.

Os comandos reuniram-se em equipes de quatro homens e começaram a dividir o território sob a luz fraca da área de testes. Conforme procuravam, mais tiros ecoaram no fim do corredor, na entrada do prédio.

– Fiquem atentos, pessoal – disse Fury. Ele se perguntou se esse barulho seriam os soldados de Rhodey confrontando Hogans remanescentes. Parecia ser a única possibilidade. Ele clicou no canal de Rhodey novamente. – Informe, soldado – disse. – Está perdendo o fim da festa.

Sem resposta.

– Fique firme aí – disse Fury. Ele apontou para uma das equipes de busca. – Vocês, comigo. Vamos checar a unidade de Rhodey. Algum de vocês é médico? – Um dos agentes ergueu a mão. – Ótimo. Vamos.


37

PETIÇÃO PROVISÓRIA PARA PATENTE

TÍTULO

Sistema de conversão e dispersão de força-G.

DESCRIÇÃO

Bastante similar ao sistema conversor de força em nanoescala (CFN) (cf. Petição Provisória para Patente [editado], anexado para referência), o Sistema de Conversão e Dispersão de Força-G (SCDG) foi projetado para capturar e redirecionar energia ambiente e de entrada como fonte de energia. Os CFNs funcionam dentro de um meio como o gel de atenuação cinética (cf. Petição Provisória para patente [editado], anexado para referência); o SCDG funciona através de um revestimento interno à armadura pessoal corporal das Indústrias Stark. Quando o operador da armadura muda de direção ou acelera, criando força-G, o revestimento absorve e transmite essa energia ao reservatório já existente na armadura.

ARGUMENTO

A atenuação de forças gravitacionais é uma preocupação crítica de qualquer engenheiro que trabalhe na área do voo tripulado. Avanços no equipamento do piloto e acessórios de cabine tornaram possíveis aperfeiçoamentos significantes no limite de performance das aeronaves. O SCDG dá o passo seguinte nesse processo, valendo-se de tecnologias de atenuação de força-G existentes para capturar e armazenar energias laterais e lineares para uso posterior pelo operador de uma armadura pessoal corporal das Indústrias Stark. A eficácia de captação atual gira em torno de aproximadamente 15 a 20%, dependendo do ajuste da armadura e da natureza da manobra criadora de aceleração. Modelos experimentais predizem eficácia de captação futura de até 50%, tornando a energia gravitacional uma fonte de energia valiosa em ambientes operacionais de energia intensa.

STATUS DE SEGURANÇA

Projeto conduzido sob os auspícios dos acordos firmados entre as Indústrias Stark e o Departamento de Defesa, a S.H.I.E.L.D. e outras agências governamentais definidas pelo decreto [editado] ao decreto [editado], o decreto [editado] e a resolução [editado]. A tecnologia é propriedade das Indústrias Stark, mas será totalmente compartilhada com todas as entidades elegíveis. A tecnologia é secreta e não será licenciada até a revogação do tempo de sigilo.

Mesmo sem os olhos, e com partes do rosto dilaceradas tão profundamente que Tony pôde confirmar que Zola não guardava seu cérebro na cabeça, ele continuava lutando. Tentou tirar Tony do ar, e este, sabendo que qualquer vantagem que tinha não existiria mais assim que seus pés tocassem o chão, empenhou-se com o mesmo afinco para livrar-se das mãos do inimigo.

– Está gingando – disse Zola. – Quem ginga se cansa. E o lutador só ginga quando sabe que não pode derrubar o oponente.

– Acha que não posso te matar? Já explodi sua caixa de PES uma vez, lembra? Não te vi se mexendo depois disso.

– Aquilo não me matou, sr. Stark. Foram as balas do general Fury que mataram meu corpo anterior. Eu tinha um clone pronto para receber minha mente por transferência.

Ah, pensou Tony. Ele não reparara nisso por estar ocupado demais sendo sugado de seu corpo via MDP para Lá Dentro.

– Aquele clone também foi morto logo depois, mas não antes de eu chegar perto o bastante da fábrica para que eu pudesse assumir residência neste espécime que está à sua frente. Sinta a força dele.

Zola pegou Tony pelo antebraço. Suas mãos eram grandes o bastante para envolver os pulsos de Tony por completo. Ele apertou, e mesmo envolto pela armadura, Tony sentiu seus ossos rangerem por conta da pressão.

Ele teve uma ideia. *Até agora fiz tudo errado*, pensou ele, *procurando me proteger de minhas desvantagens em vez de tirar vantagem das dele*. Girando em volta de Zola, Tony fez uma pirueta até que seu braço preso travou-se em torno

do peito do inimigo. Enganchou o outro braço embaixo do de Zola, prendendo-o em pleno ar.

– Claro, eu posso te matar. E sabe como?

Zola girou as mãos em direções opostas. Um osso do pulso de Tony rachou.

– Diga, por favor – disse Zola.

– Posso te matar porque você ainda precisa de ar.

Não havia como alcançar a aceleração máxima testada de 37 g, não com o peso adicional de Arnim Zola. Mas quando os propulsores da armadura ligaram, Tony sentiu o empuxo nos olhos e na boca do estômago. Ele disparou para cima. Zola gritou o tempo todo, travado num abraço mortal.

• • • •

Fury avançara até metade do corredor, parando para checar agentes da S.H.I.E.L.D. obviamente mortos a cada cinco ou seis passos, quando ouviu uma voz vindo da porta à direita.

– Nick.

Ele girou, erguendo o rifle, e se não estivesse entre a porta e a equipe de busca, Happy Hogan teria comido quatro rifles de balas.

– Happy, santo Deus, já vi gente querer morrer... – Fury não soube o que mais dizer. – O que está fazendo aqui?

– Eu tinha que fazer alguma coisa, Nick. Depois de, você sabe. O lance do helicóptero. Eu tinha que ajudar. Matei alguns dos clones, mas apareceram umas mulheres de verde. Não consegui mirar direito. Cara, você devia vê-las se movendo.

– General? – disse um agente da equipe de busca. – General, sugiro com veemência que esse indivíduo seja desarmado e imobilizado até que possamos determinar que não é mais um clone. – O comando olhou Happy nos olhos. – Se você for o verdadeiro Happy, peço desculpas. Se não, espero que te enforquem por espionagem, seu filho da mãe.

– Ei, calma aí, soldado – disse Fury. – Olhe pra ele. Tá vendo o nariz? Os cabelos brancos? Repare na linha do maxilar. Uma ruga aqui e ali, viu? Esse aí é um ser humano de verdade. Dá pra ver a diferença que faz passar alguns anos na terra em vez de ter crescido num tanque.

– Cirurgia plástica, senhor – disse o soldado, teimoso. – Não falo pra ofender.

– Não está ofendendo ninguém. Está sendo cauteloso. É bom ver isso num soldado. – Fury deu um tapinha no braço do rapaz. – Mas desta vez você errou. Agora vamos prosseguir com a missão.

Encontraram Rhodey atrás do balcão da recepção com um rasgo enorme na pele atrás da cabeça. O osso brilhou sob o raio de luz projetado pela lanterna que um dos agentes da equipe mantinha apontada para ele enquanto o médico punha-se a trabalhar.

– Está vivo, senhor – relatou o médico. – Mas apagado, e não acho que vai acordar tão cedo. Não foi um ferimento mortal. Vamos dar sangue e esperar acordar, e além de uma baita dor de cabeça e uns quarenta ou cinquenta pontos, ele não vai ter mais nada.

Fury sentiu um peso imenso que nem percebera que levava nas costas, ou que não tinha se permitido perceber. Fazia quanto tempo que ele e Rhodey eram amigos? Como seria perder alguém assim... mas, pior ainda, como não saber que havia sempre essa possibilidade?

Hoje não, pensou ele. *Hoje não*.

Encontraram alguns outros sobreviventes do ataque das irmãs Madames contra a unidade de Rhodey, e os estabilizaram no saguão de entrada. Fury deixou a equipe tomando conta dos feridos e foi com Happy de volta à área de testes. Ficaram de olhos abertos para a cor verde, mas não havia sinal da Madame Hidra remanescente.

Na área de testes, Fury tentou contatar Tony, mas não teve resposta.

– Pepper – disse. – Com esse controle imediato, Tony devia poder receber sinais no mesmo instante de qualquer lugar do mundo, certo?

– De qualquer lugar que tenha cobertura de satélite. O que, sim, é em qualquer lugar.

– Então ele simplesmente não está respondendo.

– Isso, Nick. Ou está morto, e estamos aqui só esperando Zola aparecer e nos transformar em clones. – Pepper virou-se para Happy. – E você. Que diabos está fazendo aqui? Devia estar no hospital.

– Pep, oi, eu tinha que ajudar. Nunca fugi de uma briga na vida.

– Pensei que estivesse morto, Happy. Pensei que estivesse morto, pensei que se você não levasse um tiro dentro daquele helicóptero, alguém pensaria que você era um clone ou que você desapareceria, porque vai saber o que esse Zola ia fazer... – Ela se conteve no exato momento a partir do qual, caso continuasse, começaria a chorar. Após respirar profundamente para se recompor, Pepper concluiu dizendo: – Acho bom nunca mais roubar um helicóptero.

– Prometo – disse Happy. Um sorriso pequeno apareceu no rosto dele, o que Fury pensava ver pela primeira vez. Estava tudo quase acabado. Assim que recebessem notícias de Tony, teriam certeza.

Ele contatou o controlador de voo da S.H.I.E.L.D. para pedir maiores informações.

– Havia um objeto voando muito rápido pra cima alguns minutos atrás – disse ele. – A assinatura era uma bagunça, todo tipo de material, e a forma não era do tipo de coisa que poderia se mover tão rápido assim contra a gravidade. Então, devia ser ele. Altitude atual é, vamos ver... tenho aqui 121 quilômetros. Já chegou à termosfera. Frio pra caramba lá; espero que esteja usando blusa de lã.

– Sinais ativos? – perguntou Fury. – A armadura está funcionando?

– General, odeio ter que dizer isso, mas Tony vem fazendo tudo que pode pra tornar os sinais de suas armaduras o mais confusos possível durante os últimos anos. Estou recebendo sinais sim, mas não sei o que significam. Tem um outro corpo lá junto. Não sei dizer o que é.

Zola, pensou Fury.

– Mantenha-me informado. A cada segundo. Da próxima vez que Tony se mover ou fizer algo que indique que está vivo, me avise.

– Sim, senhor.

– E enquanto espera, acha que pode enviar paramédicos para cuidar dos agentes feridos da S.H.I.E.L.D., já que você também trabalha para a S.H.I.E.L.D.? – Fury sentiu sua temperatura subir novamente perante a covardia de certos elementos do governo que, assim que a extensão dos poderes de Zola fora demonstrada, selaram a batalha toda e passaram a fingir que não estava acontecendo nada. Quantas vidas isso lhe custara?

– Qual é a situação de combate aí, general? Tenho um conjunto específico de instruções de Você-Sabe-Quem.

– Sei quem. Nossa situação de combate resume-se a um inimigo desaparecido. O restante caiu no confronto, exceto uma dúzia de feridos. E Zola, cujo estado atual é desconhecido para qualquer pessoa do mundo exceto ele mesmo e Tony Stark. O que precisa saber é que temos 31 agentes da S.H.I.E.L.D. feridos e não podemos salvar a todos com uma porcaria de kit de primeiros socorros. Agora posso saber se você vai enviar uma equipe de paramédicos?

– As instruções são específicas, general. Sinto muito. Sabe que eu o *faria* se pudesse.

Fury fez um aceno de cabeça, apesar da comunicação resumir-se a áudio.

– Claro. Sei que o *faria*. Sei o que várias pessoas *fariam* se pudessem.

• • • •

O comando da S.H.I.E.L.D. que queria ver Happy Hogan desarmado e imobilizado chamava-se Kirk MacFarland. Fora recrutado pela S.H.I.E.L.D. dos SEALs da marinha, aos 24 anos, cinco anos antes, e era leal a Nick Fury como era ao próprio pai. Tendo os clones da Hidra sido todos derrubados, ele estava ajudando a levar os feridos para a área de testes, onde as grandes portas permitiriam um acesso mais fácil aos helicópteros dos paramédicos... se e quando eles viessem. Quatro soldados da S.H.I.E.L.D. sacudiam a picape incendiada sobre suas molas, juntando impulso para um empurrão final que viraria o veículo para longe da porta. A caminhonete gemeu e soltou um fedor

horrendo. Kirk sentiu uma pontada no estômago. Ele trouxe uma maca para a área aberta, perto da plataforma de carregamento, e estava a caminho da entrada, para buscar o último sobrevivente da equipe do capitão Rhodes, quando viu Happy Hogan – o que parecia mais velho, o que disse ser o verdadeiro – apontar o rifle na nuca de Nick Fury.

• • • •

Happy admirou as ruínas da área de testes, pensando que Tony teria muito trabalho pela frente quando voltasse. Começava a surgir luz no céu. Os pássaros cantavam. Happy percebeu que estava mais cansado do que já estivera na vida. As equipes de busca mandaram relatórios, uma por uma, dizendo ter encontrado uma tonelada de clones da Hidra e agentes da S.H.I.E.L.D., as a segunda Madame Hidra não se encontrava em lugar algum.

– Acha que ela fugiu? – Pepper disse. – Pra onde iria?

Happy deu de ombros.

– Não sei. Talvez Zola tivesse um esconderijo planejado. Mas se ele não está mais por perto, não sei o que ela ia fazer.

Foi quando as últimas palavras deixaram sua boca que ele viu um lampejo de verde sob o encerado azul que cobria a torre do servidor, e o movimento inumanamente ágil da Madame Hidra correndo na direção de Nick Fury, que consultava um de seus líderes de equipe para certificar-se de que sabia exatamente o que tinha acontecido a todos os seus homens. Um jorro final de adrenalina percorreu o sistema nervoso de Happy. Ele ergueu o cano do rifle na direção de Fury, acompanhando o borrão verde que era Madame Hidra, e atirou.

Ao mesmo tempo, Kirk MacFarland ergueu seu rifle o mais alto que pôde antes de disparar. Era um atirador excelente, e mesmo naquelas condições – fumaça, cansaço, posição ruim de tiro e alvo em movimento –, ele normalmente esperaria acertar um de três tiros naquela distância. Acertou Happy duas vezes.

Pepper gritou e Fury pulou por cima do corrimão, bloqueando a linha de fogo de Kirk.

– Cessar fogo! Cessar fogo agora, soldado!

MacFarland assimilou a verdade da situação assim que puxou o gatilho. Percebendo que era tarde demais, o comando fez uma expressão de choque.

– Oh, Deus. General, eu não sabia. Pensei que...

Alguém gritou por um médico. Na plataforma do terminal de controle, MacFarland viu Happy chutando e tateando, tentando levantar-se.

– Abaixe esse focinho! – gritou Fury. MacFarland foi adiante, largou o rifle e deu um passo para trás.

– Pensei que... – ele começou novamente a dizer.

Fury o cortou, erguendo a mão.

– Eu sei. Eu sei. Não foi culpa sua. A noite foi longa pra todos nós. Mas agora o *show* acabou, e ninguém mais tem que levar tiro.

Ele deu as costas a MacFarland, lutando contra o impulso de demitir o soldado ali mesmo. Era um momento perigoso, logo após um tiroteio. Todo mundo sempre acha que vai aparecer mais um alvo... e, nesse caso, apareceu, só que não o alvo que MacFarland pensou ter visto. Foi um erro grave, mas compreensível. Fury questionou o médico.

– Levou um no braço, outro pouco acima do quadril – disse ele casualmente. – Dá até pra sair andando.

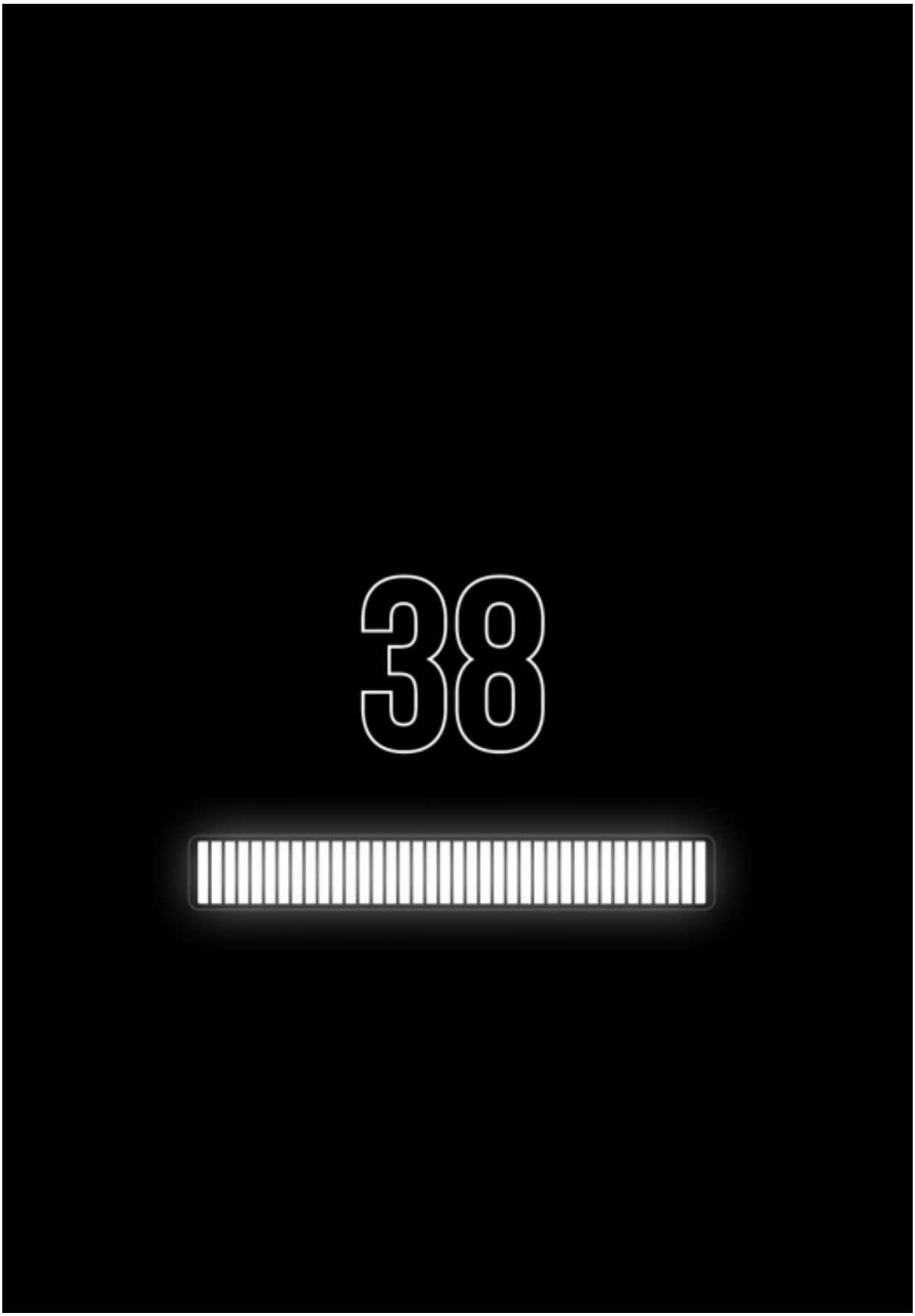
– Que tal eu te dar uns tiros pra vermos o quanto você vai querer andar? – disse Happy entre dentes.

Fury acionou o canal de comunicação com o controlador de voo.

– Todos os inimigos derrubados. Acha que pode evacuar o local e tratar todos esses soldados feridos que temos aqui?

– Confirme a eliminação dos agentes da Hidra – disse o controlador.

– Sim – disse Fury, sem preocupar-se em esconder a amargura que sentia. – Confirmo. Podem entrar, é seguro. – Ele fechou o canal e olhou ao redor. – Agora, cadê o Tony?


38

> Stark, considero-o valoroso. Você não é páreo para o meu intelecto, e sua maestria científica é como o avanço rude e forçado do amador talentoso, mas sua determinação, eu admiro. Tanto que, na verdade, não tentarei incitá-lo a unir forças comigo – embora o mundo fosse nosso caso isso acontecesse. Agora, lutamos, mas se ficássemos lado a lado, você com seu protótipo de armadura e o controle imediato, eu com minha apoteose cibernética, quem poderia conosco? E não foi isso o que você sempre quis? Impor-se sobre os outros e saber que eles compreendem sua superioridade? Você não pode esconder nada de mim, Stark. Conheci homens como você, e conheço os recessos de sua mente. Soldei sua arquitetura enquanto observava o crescimento de uma cópia sua em meu período de afastamento em Bushwick. As formas estão claras para mim. As mentes dos homens são tão únicas quanto digitais ou retinas, não devido a qualquer transformação metafísica de matéria para alma, mas porque variações nas estruturas individuais de cada cérebro determinam que deve ser assim. Vi sua mente crescer, de molécula a axônio; de neurônio a lóbulo. Tenho uma foto dela na cabeça agora mesmo. Você a conhece tão bem quanto eu?

Levou 45 segundos para Tony voar alto o bastante para que seus propulsores não tivessem mais nada para repelir, e mais três minutos para Zola libertar-se do abraço dele e fugir. Mas já era tarde demais para ele. Mexeu a boca, mas é claro que Tony não pôde ouvir. Monitorava cada frequência de alfa até UHF, e não viu nenhuma transmissão de dados em volume alto saindo de Zola. Quando morreu, Tony viu seu corpo plainar para trás e depois cair, cedendo gradualmente ao chamado da gravidade. Rastreou-o visualmente e por meio de todo o espectro de instrumentos à sua disposição, notando sem emoção a temperatura decrescente, a falta de atividade eletromagnética. Morto. Tony disparou raios de pulso no corpo para acelerar a descida; ainda que não

houvesse energia cinética para que eles captassem ao longo do caminho, porque não estavam passando pela atmosfera, ainda assim, possuíam sua força inicial. Quis ter certeza de que Zola fora destruído antes de descender, ele mesmo, aceitando o puxão da gravidade. Quando o corpo do inimigo estava tão longe que Tony perdera o contato visual, ele o seguiu via satélite e radar militar, que registraram um objeto caindo da órbita terrestre baixa. Cinco minutos após Tony tê-lo soltado, o corpo de Zola entrou em combustão. O que restava surgiu no alto do Atlântico Norte, caindo anonimamente dentro do oceano, longe da vista de qualquer costa ou observador humano.

– Pepper – disse ele. – Como estão as coisas aí embaixo?

– Ah, tranquilas – veio a resposta. – Rhodey está com um buraco na cabeça, pelo visto. Fury quase perdeu o outro olho. Happy levou uma facada na perna e um tiro. O laboratório está em chamas, tem corpos pra todo lado... e você, onde está?

– Órbita terrestre baixa. Prestes a descer.

– Importa-se de nos informar sobre o status de Zola?

– Arnim Zola foi devolvido para os materiais brutos dos quais foi criado – disse Tony. Ele virou de barriga pra cima e soltou os haloalcanos. A pressão da sua expansão o impulsionou para baixo. Deixou-se cair, pensando que devia voltar o mais rápido que podia, mas talvez incluindo um teste térmico no trajeto. A reentrada, pelo menos, queimaria os pedacinhos de Zola que ainda estavam presos no exterior da armadura.

– Estou a caminho – disse, antes que os efeitos de sua reentrada na atmosfera bloqueassem as comunicações.

• • • •

Chegou vinte minutos depois, esquivando-se de um helicóptero de paramédicos da S.H.I.E.L.D. ao chegar. Uma fileira de ambulâncias e vans bloqueava a via de acesso em frente ao Laboratório de ITR, e os helicópteros dos

noticiários circulavam, tentando conseguir imagens apesar do blecaute coordenado que S.H.I.E.L.D. e o Departamento de Defesa continuavam a impor.

– Deus – disse Tony ao entrar no laboratório e olhar ao redor. Ele tirou o capacete. – Que bagunça.

Fury escutou a voz dele e foi atrás. Uma bandagem recente, grudada na lateral de sua cabeça, pingava sangue.

– Importa-se de nos atualizar sobre a situação de Zola?

– A situação de Zola é que voei com ele para o espaço, onde ele morreu, suponho de edema pulmonar ou algo relacionado, e depois seu corpo queimou até não sobrar mais nada ao reentrar. O que sobrou dele deve estar agora indo descansar no fundo do oceano Atlântico. – Tony olhou para a armadura. A reentrada deixara listras apagadas quando calor intenso e pressão perfuraram a atmosfera. Dentro da armadura, ele sentiu o calor como se sente a luz do sol batendo na nuca. Um calor gostoso que se dissipou assim que ele desacelerou na porção mais elevada da troposfera. – Qual é a situação daqui? Você parece ainda mais pirático. Como estão Happy e Rhodey?

– Happy voltou pro hospital. E vai passar um tempinho por lá desta vez. Pepper foi com ele. Rhodey teve a cabeça aberta por uma espécie de espada samurai, mas é cabeça dura, então só vai precisar de muitos pontos e muita aspirina. Encontramos dois clones de Madame Hidra. Todos esses agentes bem treinados da S.H.I.E.L.D. por perto, e foram Pepper e Happy que deram cabo delas.

– Pepper matou uma pessoa? – disse Tony. – Ela odeia armas.

– Ela odeia mais ser morta – disse Fury.

– Notícias da fábrica de chocolate?

– Pensei que você já saberia. Com esse seu controle imediato e tudo.

– É, eu desliguei na descida. – Fury arqueou uma sobrancelha, mas Tony não elaborou o comentário.

O fato é que, após tanta pesquisa e após sua breve jornada Lá Dentro, a experiência do controle imediato em si deixara Tony incomodado. Ela o integrava completamente à armadura de um modo que ele jamais vivenciara, nem mesmo quando acoplou a interface em seu sistema nervoso. Quando ligava

o controle imediato, Tony era mais rápido, mais forte, mais ciente... e talvez um pouco menos humano. Ele desejava essa sensação e a temia ao mesmo tempo. Talvez a culpa tivesse sido da viagem para Lá Dentro, mas Tony não era mais a mesma pessoa que fora antes da armadilha virtual de Zola tê-lo sugado através da MDP. Podia ter sido um erro de transcrição durante o processo de *upload* e *download* de sua personalidade, ou talvez alguma consequência psicológica sutil da experiência. No fim das contas, motivo importava menos que efeito, e o efeito foi Tony apreciar mais profundamente os defeitos e fraquezas inerentes à humanidade. Ou era só impressão. Provavelmente essa sensação evaporaria assim que ele se deparasse com alguém sendo criminosamente burro de novo.

– Ei, Nick. Minha cabeça andou meio esquisita no último mês.

Fury ergueu ainda mais a sobrancelha.

– Está pedindo desculpas?

– Sim, estou. – Tony acionou a liberação da armadura, que se separou do corpo dele. – Sim – ele repetiu. – Sinto muito. Foram uns dias bem esquisitos.

– Pode repetir?

– Então, e a fábrica de chocolate?

– A equipe de resgate não saiu. Conseguiram tirar Serena, e conseguiram explodir o prédio com todos os brinquedos de Zola dentro – disse Fury. – Inclusive uns quarenta corpos extra que ele tinha estocado.

– Tá brincando. Quarenta?

– Quarenta. A polícia pegou Serena num White Castle na avenida Metropolitan, quando ela pediu pra usar o telefone e depois começou a gritar sobre mulheres correndo por aí com cabeças decepadas. – Fury inclinou a cabeça para a plataforma do terminal de controle, onde jazia morta a última Madame Hidra. – Aparentemente, havia oito delas inicialmente. Fiquei muito contente que só duas chegaram aqui.

– Ela está bem? Serena, é claro – disse Tony.

– A última informação que recebemos foi que estavam levando-a pra casa, e que ela ia passar um tempo com a família. O policial com quem falei disse também que eu devia comentar com você que Serena acha melhor vocês dois não saírem mais – disse Fury.

– Tem gente que não nasceu pra ter uma vida empolgante. – Ele olhou ao redor do laboratório. – Sabe que vou mandar a conta da bagunça pra S.H.I.E.L.D., né?

– Por que não vai ao hospital? Aposto que Happy e Pepper vão ficar felizes em te ver. Sabe-se lá por quê.

• • • •

Depois de tomar uma ducha – o banheiro parecia ser o único lugar do Laboratório de ITR sem buracos de balas nem corpos no chão –, Tony entrou a bordo de um helicóptero da S.H.I.E.L.D. e pegou uma carona até a Ilha do Governador. No caminho, apesar do conselho terceirizado que recebera sobre o status de seu relacionamento com Serena Borland, ligou para ela. Ela não atendeu. Ele deixou um recado de voz sugerindo que, quando tudo tivesse voltado ao normal, ou quase, talvez eles pudessem ir escutar um jazz juntos novamente. Quando desligou, soube que jamais a veria de novo, mas não lhe pareceu certo deixar de fazer a proposta.

Happy parecia ter sido atropelado por um trem, e Pepper – embora não tivesse sido baleada nem esfaqueada – não parecia muito melhor.

– Faz quanto tempo que não dorme? – Tony lhe perguntou.

– Provavelmente não muito mais tempo que você.

Tonto e lerdo por conta dos analgésicos, Happy tentou acenar.

– Oi – disse.

– Hap, não devia deixar todo clone de Nova York tirar uma casquinha de você – disse Tony. – Para lembrar.

– Os agentes da S.H.I.E.L.D. me pegaram também. Sou alvo de todo mundo.

– Aproveitando que os dois estão aqui, queria pedir desculpas, mesmo que não queiram escutar. Vocês são amigos muito melhores do que eu mereço ter.

– Concordo – disse Pepper.

O momento perigava tornar-se sentimental em demasia. Tony procurava um modo de impedir essa indesejada possibilidade quando o celular de Pepper

fez um barulho estranho, um misto de *riff* de guitarra com um grasnar de pato.

– Que é isso? – Tony perguntou.

– Isso – disse ela – é o som específico que meu celular faz quando recebe uma comunicação endereçada a você, mas que você achou melhor eu receber primeiro pra poder selecionar.

– Não olhe – disse ele, mas ela já estava vendo. Depois de vê-la fitar a tela por quase meio minuto, Tony não aguentou mais.

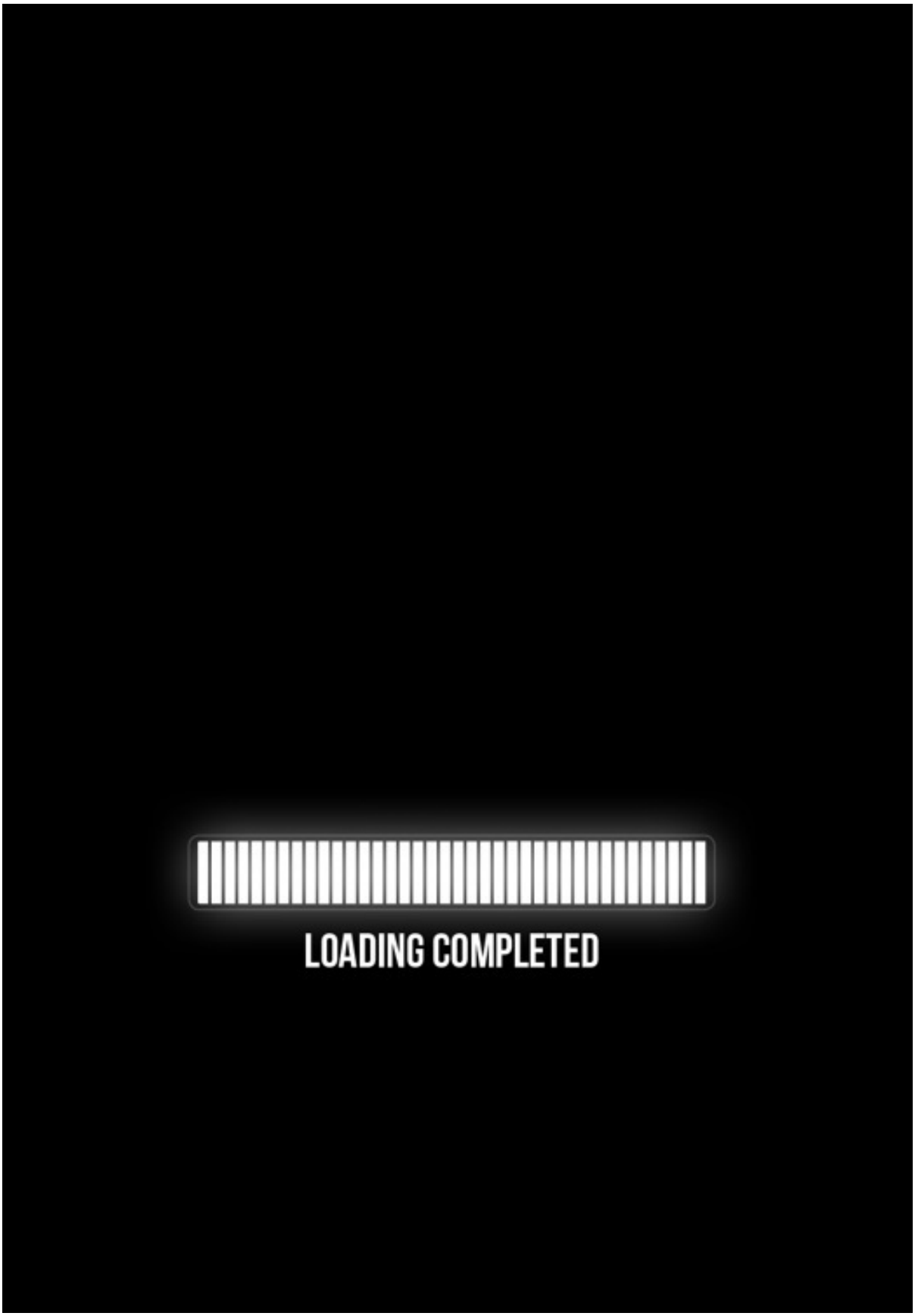
– Que foi?

Ela estendeu o celular para que ele pudesse ver a tela.

– É do Zola – disse ela. – Enviada faz uns vinte minutos.

> Falo para o mundo que jamais escutou, este mundo que jaz abaixo, coberto de branco contra o maravilhoso preto do espaço. Desta vez, talvez, eu tenha sido superado. Desta vez, talvez, meus comandos não sejam ouvidos, minhas visões não sejam realizadas, meus avanços não sejam percebidos. Arnim Zola morre sabendo que sua vida foi dedicada à busca do conhecimento e do melhoramento daqueles elementos da raça humana que vale a pena melhorar. E morre sabendo que nada nunca morre, e que mesmo que esse truísmo heraclitiano falhe perante um teste de gravidade ou seriedade, ele cabe à situação. Corte a cabeça de uma Hidra, sr. Stark, e dez outras crescem no lugar. Corte o corpo de um Zola… enfim, você já sabe. Cada inovação de suas armaduras, aquelas maravilhosas extravagâncias exoesqueléticas, aproximam-no de uma conjuntura na qual seus objetivos e os meus serão indistinguíveis. Você aperfeiçoa a humanidade por meio de invenções mecânicas; eu, por transformações em nível de raiz. Continuamos insatisfeitos com as limitações do animal humano, e ansiamos por algo melhor. Nossos desacordos, e o resultado fatal desse mais recente encontro, não mudam a verdade incorrigível. Este não foi nosso último confronto, e o momento de nossa próxima reunião não deve ser conhecido por nenhum de nós neste momento. Mas saiba que você provou ser um adversário de valor, e que aprendi muito com você. O bastante, acredito, para que, da próxima vez, nossa contenda conclua-se em termos mais favoráveis a

mim. Você possui a energia bruta do norte-americano. Desta vez, foi suficiente. Na próxima, tudo pode ser diferente.


LOADING COMPLETED



Saiba mais, dê sua opinião:

Conheça - http://www.novoseculo.com.br

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora

Siga - @novoseculo

Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®